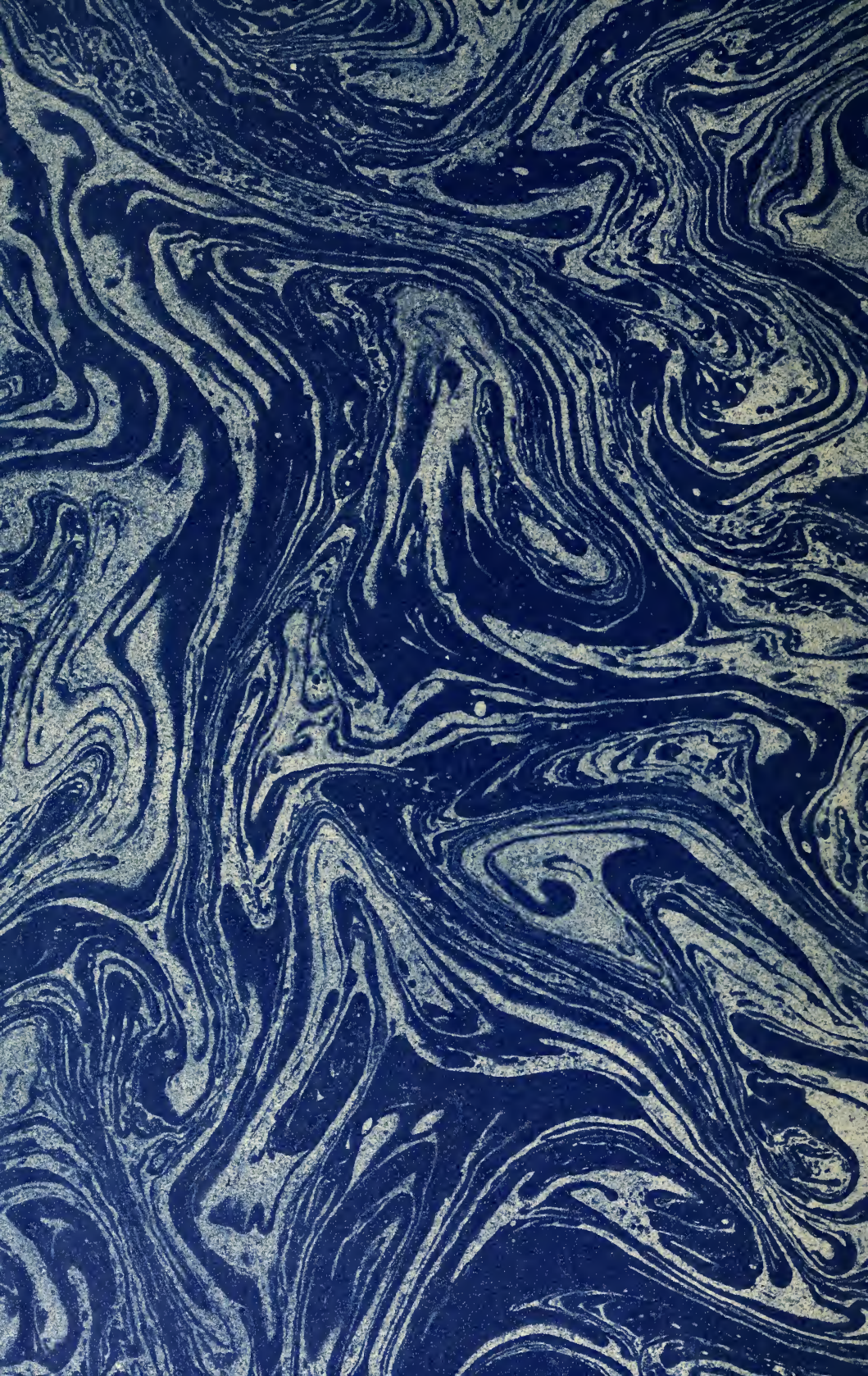
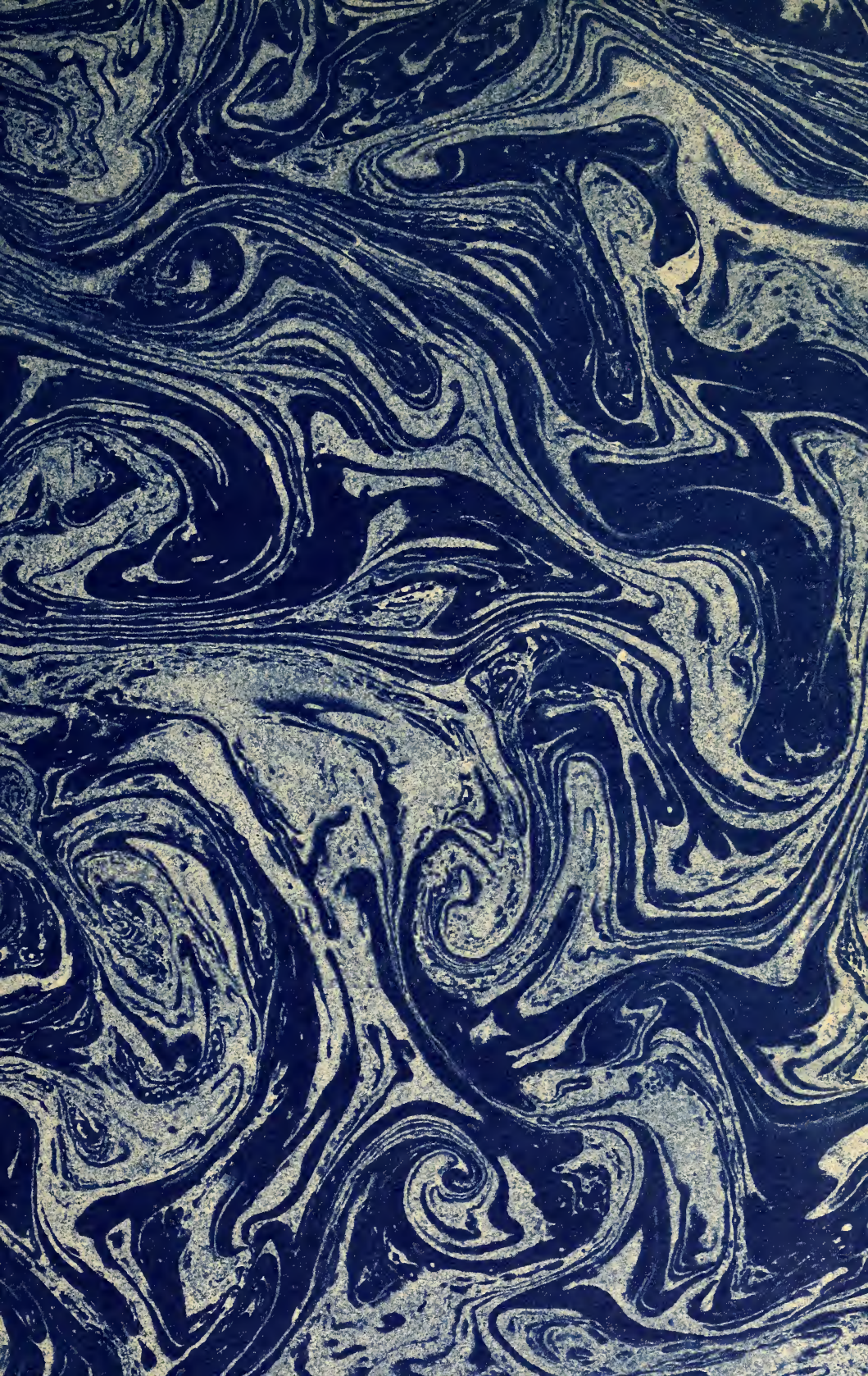




Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/albrechtdureresu00vasc

# ARCHEOLOGIA
# ARTISTICA

VOLUME I—FASCICULO IV

PUBLICADA

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA

MDCCCLXXVII

A Lord. Martin Lennox
Esq. ob.

# ARCHEOLOGIA ARTISTICA

TIRAGEM, 200 EXEMPLARES

---

N.º

---

N.º 1 — LUIZA TODI.
N.º 2 — A IMPRENSA PORTUGUEZA NO SECULO XVI. *(Ordenações do Reino.)*
N.º 3 — ENSAIO CRITICO SOBRE O CATALOGO D'EL-REY D. JOÃO IV.
N.º 4 — ALBRECHT DÜRER E A SUA INFLUENCIA NA PENINSULA.

RENASCENÇA PORTUGUEZA

ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES ARTISTICAS DE PORTUGAL
NOS SECULOS XV E XVI

---

I

# ALBRECHT DÜRER

E A SUA INFLUENCIA NA PENINSULA

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

*PORTO*
IMPRENSA PORTUGUEZA

MDCCCLXXVII

Sociedade Martins Sarmento

Damos hoje mais um pequeno ſubſidio para a *Hiſtoria da Arte* em Portugal. Os factos apreſentados foram, ſó em parte, deſcobertos por nós; a minucioſa indicação das *fontes* e as numeroſas *notas* darão o ſeu a ſeu dono. Fazemos eſta declaração, porque entendemos que a primeira condição de um eſcripto qualquer é a probidade litteraria, couſa que anda eſquecida entre a noſſa gente de lettras; ſe fizermos meia duzia de excepções teremos talvez excedido o numero. O publico anda deſconfiado, e com razão, da ſciencia *omnium rerum,* da multiplicidade de tomos, e dos pompoſos titulos, que ornam as capas dos volumes e os catalogos dos noſſos editóres. Os noſſos eſcriptores vão tomando o caracter de encyclopedicos; no fim do ſeculo XIX não haverá ſenão *encyclopedistas* em Portugal; ſeremos então completamente originaes e haver-nos-hemos emancipado de toda a tutela extrangeira, em ſciencias, artes e lettras. Até que chegue eſſa aurea edade iremos ſeguindo o noſſo ſyſtema — que nos dá o direito de ir applicando aos outros, *nolens, volens,* a maxima franqueza de critica.

Ha apenas quatro annos não havia ſenão um ou outro escriptor ſobre *Arte* em Portugal; o terreno ficára inculto, por

aſſim dizer, deſde que o Conde de Raczynski ſe callára em 1847. Quatro annos foram o baſtante para fazer brotar d'eſte abençoado ſolo de Portugal uma *legião de entendedores,* de eſpecialiſtas que, ſem terem aprendido o *abc* da ſciencia, aqui, ou lá fóra (onde ella ſe criou), vieram dizer-nos o que nós ignoravamos e aquillo que nem lá fóra ſe ſabia.

Se eſſes eſcriptores ſe dedicaſſem ao menos ao trabalho de informar o publico dos reſultados a que a ſciencia extrangeira chegou hoje; de compulſar e explorar os immenſos materiaes que a Allemanha, Italia, França, Belgica, Hollanda, Inglaterra e Heſpanha tem trazido á luz ſobre a Hiſtoria da Arte em geral; de extrahir d'elles o que diz reſpeito a Portugal; de fazer dos livros d'enſino boas traducções, e bons reſumos dos livros mais eſſenciaes de hiſtoria da arte! Tudo iſto daria, porém, mais ou menos trabalho; não offereceria occaſião para fazer eſtylo, amenifar o diſcurſo com anecdotas picantes e até meſmo duvidoſas, realçal-o com paradoxos abſurdos, não daria *para fazer fumo ſem fogo.*

Preferem antes continuar no officio de paraſitas, conſumindo o trabalho alheio.

Temos eſpecial prazer em rehabilitar um pouco eſſa ſciencia extrangeira, tão calumniada. Se não foſſe ella (n'eſte caſo a allemã, que mais deu para eſte trabalho) não ſaberiamos nem uma palavra dos factos que vamos contar. Foi ella que os deſcobriu, pela maior parte — já o diſſemos; o trabalho, que nos pertence, é a coordenação, a ligação dos factos debaixo de um certo e determinado ponto de viſta philoſophico: o da *Hiſtoria da Renaſcença portugueza no ſeculo XVI.*

Os factos andavam diſperſos por livros publicados, deſde o ſeculo XVI até hoje, em paizes diſtantes uns dos outros. Um viajante do ſeculo XVI, eſquecido, quaſi ignorado, vinha completar uma affirmação de um eſcriptor contemporaneo; n'eſte ſe achava a explicação de um phenomeno que aquelle não

comprehendêra, ſe occultava uma lei hiſtorica, cuja percepção aquelle não alcançára. Aproximámos as duas fontes: o facto completou-ſe, a luz fez-ſe. Eſta aproximação, e os reſultados novos e importantes, que ella deu, ſão noſſos. O leitor intelligente poderá avaliar qual foi a difficuldade de achar a affinidade nos innumeros factos apontados, de os agrupar em volta de um principio ou de um perſonagem, de modo que um e outro adquiriſſem vida propria.

Um certo numero de factos — e não pequeno — pertencenos, excluſivamente. Tudo quanto fica dito ácerca da influencia de Dürer em Portugal e Heſpanha é noſſo; e n'eſta parte completamos as indicações de Thauſing, que ignorou eſſas relações. Algumas affirmações de eſcriptores allemães ſobre certos pontos (1) da biographia de Dürer talvez ſoffram modificação em virtude de certas noticias que deſcobrimos nos escriptos de Pacheco.

Para rehabilitar os auctores nacionaes baſta lêr a 1.ª Parte do Cap. v e conhecer-ſe-ha quantos ſubſidios ſe podem colher d'elles ſobre a hiſtoria do enſino artiſtico em Portugal. Alguns d'eſſes auctores fornecem dados valioſos para a hiſtoria dos coſtumes publicos. A *collecção de Memorias,* por exemplo, é um eſpelho do ſeculo XVIII em Portugal; eſtá alli a hiſtoria da côrte portugueza na ſegunda metade do ſeculo paſſado (2), para quem ſouber lêr e reconſtruir. Uma citação

(1) Por exemplo, a queſtão relativa aos retratos de Carlos V (V. *Addenda,* p. 143) e de Goes *(ibid.,* p. 145-150), e a que ſe refere ao livro de deſenhos de Filippe II (p. 70).

(2) Iſto é, a *hiſtoria das feſtas da côrte;* o quadro tem o ſeu complemento indiſpenſavel no eſtudo da *Hiſtoria da Opera* em Portugal. (Vide os noſſos trabalhos: *Muſicos Portuguezes,* vol. I, p. 172-187, biographia de D. Joſé I; *Enſaio critico ſobre o Catal.,* p. 74 e ſeguintes, e J. J. Marques: *Chronologia da Opera em Portugal,* na *Arte muſical* de 1875.) A muſica foi metade da civiliſação do ſeculo XVIII, não ſó em Portugal, mas na Italia, Allemanha, França e Heſpanha.

de Machado dá-nos a hiſtoria da *allegoria* (1) em Portugal; uma citação de um anonymo (Volkmar Machado) a origem da *chinoiſerie* (2) na arte.

Sabem os noſſos entendedores, em materia de arte, ao menos, o que vae pela propria terra, o que teem em caſa?

Os noſſos auctores ſobre arte não ſão lidos entre nós, apeſar de ſerem pouquiſſimos, e ſão ainda em cima calumniados. Quantos eſcriptores portuguezes, que fallam de arte nacional, leram a *Deſcripção analytica,* ou os *Artefactos ſymetriacos* (3), o *Problema de architectura civil,* de Mathias

(1) É a hiſtoria da introducção da *allegoria* nas obras de arte (em Portugal), que tão grande influencia (infelizmente deſgraçada) exerceu entre nós. A theoria de Laireſſe devemos eſſa influencia, *Deſcripção analytica,* p. 177-190.

Machado de Caſtro *(Diſcurſo ſobre as utilidades do deſenho,* p. 22), dá-nos noticia de um facto capital, que até hoje paſſou deſapercebido: a creação do *Muſeu dos geſſos* para a Academia de deſenho, que D. João v pretendeu crear em Lisboa:

... «quiz eſtabelecer-lhes Academia; para o que, chegou a mandar vir de Roma os geços extrahidos das melhores Eſtatuas que ha n'aquella Capital do Mundo.» A morte de D. João v embargou o projecto.

(2) *Converſações ſobre a Pintura, Eſculptura e Architectura,* Lisboa 679, c. iv, p. 124; e Luiza Todi em Lisboa, *Arch. art.,* i, p. 135.

(3) Machado de Caſtro chama-lhe *compilação de deſvarios (Deſcripção,* p. xii). Iſto é mais do que injuſto, é uma calumnia. A expoſição da *Symetria* (livro i) eſtá tão bem tratada como nos melhores livros eſtrangeiros da meſma época; a parte relativa á *Geometria* (livro iii) eſtá expoſta com clareza e methodo. O *Tratado das cinco ordens* (liv. iv) é uma boa compilação dos melhores auctores (Vitruvio, Palladio, Serlio, Vignola, etc.), e vale bem mais do que o magro Tratado do heſpanhol Patricio Caxes *(Regla de las cinco ordenes,* etc. Madrid, 1702, fol. de 58 pag.; ed. princ. 1593).

A parte relativa ás *Figuras das Fabulas* (livro ii) é, para o ſeu tempo, um bom elucidario de mythologia applicada á arte; é miſter notar que nada tinhamos então n'eſte genero; a *Iconologia,* de Ripa, era um volume raro em Portugal (apeſar de numeroſas edições, deſde 1602). As illuſtrações dos *Artefactos* ſão excellentes e excellentemente gravadas; em ſumma, comparando o livro com uma obra heſpanhola contemporanea, que foi auctoridade na peninſula, no ſeculo xviii *(Arte y uſo de arquitectura,* de Fray Lorenzo de San Nicolas, Madrid 1736, 2 vol., fol. de viii-344 e vi-387-iii) podemos decidir muito favoravelmente a reſpeito dos *Artefactos.* Innocencio (Dicc. Bibl., vol. iii, p. 414) reproduz inconſcientemente o deſarrazoado de Machado de Caſtro.

de Eça (1), ou a excellente *Memoria inedita* (2) ſobre a Batalha de Mouſinho de Albuquerque?

. . . . . .

Nas *Fontes de conſultas* acham-ſe os volumes que mais conſultámos para eſte trabalho; no texto vão os titulos apenas em abreviatura, para evitar repetições. Muitas outras obras correlativas, que foram neceſſarias, incidentemente, para alargar o quadro até ás ſuas proporções actuaes, vão citadas no corpo da obra, uma vez, pelo menos, em extenſo. *Tudo o que vae citado foi viſto e lido,* e eſtão as obras á diſpoſição de quem queira conferir as citações.

Trabalhos noſſos anteriores contribuiram, directa e indirectamente, para eſte eſtudo, que não poderiamos haver feito ſem eſſes precedentes, embora tiveſſemos as meſmas fontes, o meſmo numero de factos á noſſa diſpoſição; eſſes trabalhos anteriores ſão os degraus da eſcada; ſem ſe vencer um certo numero d'elles não ſe ſobe á altura, de onde é poſſivel o ponto de viſta hiſtorico.

Tudo iſto é esboço, ſem duvida, fragmento, nem podia deixar de ſer n'uma queſtão tão complexa. Nem todos os pontos da expoſição eſtão em equilibrio; iſto é apenas a conſequencia da novidade do aſſumpto.

O leitor, que ſe dér ao cuidado de percorrer eſte trabalho com attenção, achará que ſomos exigentes, mas a exigencia começa pela applicação directa, a nós meſmo, antes de penſarmos no noſſo meio, no noſſo mundo ſcientifico e litterario. Um paiz, onde os eſtudos hiſtoricos ſão lettra morta, onde nem

(1) Lisboa, 1777 — 8.º de VIII-391. Obra excellente, a todos os reſpeitos, para a época em que foi eſcripta, e que já figurou dignamente como livro de enſino.

(2) *Mem. ined. ácerca do edificio monumental da Batalha.* Leiria, 1854.

ſequer o grande periodo das conquiſtas e deſcobertas eſtá estudado nos ſeus elementos; que não tem uma *unica* cadeira de hiſtoria nas ſuas eſcholas ſuperiores (1); que não tem um compendio *decente* de hiſtoria, nem patria, nem geral; um paiz, emfim, que não explora os ſeus archivos — que elementos póde offerecer ao que eſtuda n'elle a hiſtoria?

A exploração ſyſtematica dos archivos ſó uma corporação ſcientifica a póde fazer bem, diſtribuindo a cada um uma parte da tarefa, coſteando as deſpezas conſideraveis das publicações, e reunindo o immenſo material de eſtudo, que abſorverá quantias muito mais conſideraveis.

Todo o trabalho individual, iſolado, ſerá aſſim ſempre fragmento. Confeſſado iſto, importa ſaber ſe os materiaes disponiveis (materiaes excluſivamente noſſos) foram explorados methodicamente, ſe ſe tirou d'elles tudo quanto podiam dar.

Trabalhou-ſe nas fontes primitivas onde foi neceſſario, ſobretudo para illucidar o movimento da Feitoria de Flandres, cuja chronologia temos hoje fixada por documentos, que em breve apparecerão á luz. A Torre do Tombo deu-nos uma notavel ſomma de documentos ineditos, que não foram aproveitados no fim (como ſe havia promettido) por motivos especiaes (V. p. 142). Eſſes documentos formam hoje o nucleo de uma publicação eſpecial futura, que preparamos, ſobre a *Feitoria,* e para a qual ſe eſtá fazendo uma exploração ſyſtematica dos noſſos archivos. O noſſo amigo, o ſnr. Graça Barreto, ao qual tinhamos incumbido o trabalho de verificar na Torre alguns documentos, que lhe apontámos, preſtou-nos ſerviços valioſos; as ſuas intelligentes inveſtigações levaram-n'o a deſcobrir uma ſerie de documentos, cuja importancia excede em muito o que nós lhe haviamos apontado.

(1) Mas tem a de — philoſophia da hiſtoria — no *Curſo ſuperior de Lettras...*

As provas do que dizemos ſerão dadas em breve. Entretanto, já n'eſte eſtudo eſtão os factos ligados a eſſas importantes deſcobertas, que não ſão mais do que a confirmação do que eſcrevemos em 1873, no noſſo *Enſaio*. A theoria e a demonſtração que démos então com relação a uma arte, verifica-ſe n'eſte eſtudo com relação a todas as quatro. O movimento de emigração é o meſmo, as influencias das eſcholas ſeguem-ſe na meſma ordem, e até a influencia dos nomes é quaſi parallela na chronologia.

Não nos foi poſſivel, infelizmente, explorar a Memoria tão intereſſante do benemerito Mr. de Reiffenberg: *Coup d'œil ſur les relations qui ont jadis exiſté entre la Belgique et le Portugal,* nas *Memorias da Academia Real da Belgica,* 1841, vol. XIV, p. 1-75, gr. in-4.º, e o ſuppl. no *Bulletin,* vol. XIV, p. 231-240. Quando alcançámos eſte intereſſantisſimo eſtudo, por obſequioſa amiſade de Mr. F. Denis, já estava a impreſſão d'eſte trabalho quaſi concluida. Notámos, comtudo, com muitiſſimo prazer, que os noſſos reſultados estão em plena concordancia com os que Mr. de Reiffenberg apontou. Os noſſos ſão differentes, porque o ſabio belga conſiderou as relações commerciaes de per ſi ſó, ſem relação com a arte, e ſem a conſequencia ulterior d'eſſas relações; o commercio com as provincias do Baltico, ao Norte; do Rheno, da Franconia e Suabia no centro da Allemanha. A influencia das deſcobertas portuguezas ſobre o commercio das republicas italianas; os principios da Feitoria portugueza, apenas ſe acham esboçados na memoria belga (1); as noſſas fontes de

(1) Mr. de Reiffenberg aponta a data de 1503 para a fundação da Feitoria portugueza (p. 39), mas a noſſa é de 1488. Notaremos ainda que não foram os belgas, nem meſmo os italianos, que obtiveram o privilegio da navegação para a India em navios proprios, mas ſim os allemães de Augsburgo (V. adiante p. 10).

O commercio de eſpeciarias eſtava no meado do ſeculo XVI (por 1550) quaſi excluſivamente nas mãos dos allemães (Carta de D. João de Borgia

conſulta ſão differentes, na maior parte, e repreſentam os estudos hiſtoricos de 1846 até hoje, iſto é, 50 annos de trabalhos novos.

Pelo meſmo motivo (o do atraſo na remeſſa) (1) não pudemos aproveitar os factos que Lopes de Mendonça collecionou (*Annaes das ſciencias e lettras,* 1858, 2.º anno, vol. II, junho-agoſto) do proceſſo de Goes. O auctor paſſou por alto pela queſtão da arte e das relações artiſticas de Goes; em alguns pontos das relações litterarias ha concordancia; todavia, n'eſſes meſmos reſervamos os noſſos direitos, porque não tivemos de Lopes de Mendonça uma linha (2); por via indirecta fomos achar, ainda que com mais trabalho, o que L. de Mendonça tirou, directamente, dos documentos originaes do proceſſo. Folheámos eſte ultimo quando reviamos as ultimas provas em Lisboa.

Para o trabalho do benemerito Mr. de Reiffenberg, cuja falta mais lamentavamos, valeu-nos o trabalho do não menos benemerito Viſconde de Santarem, que tirou d'elle o mais eſſencial para o ſeu *Quadro elementar* (vol. III).

O leitor extrangeiro achará muita referencia que ſeria escuſada lá fóra, mas que é indiſpenſavel aqui; os parallelifmos hiſtoricos nunca ſerão demaſiados n'um paiz, onde meſmo lit-

ſobre os negocios de Portugal. Santarem, II-421): «... deixou elle (El-Rei D. João III) o trato de mandar eſpeciarias a Flandres por eſcuſar gastos d'armadas, e pela meſma razão as náos que trazia na carreira da India deo-as a partido a mercadores...» Era o enſaio do ſyſtema que levou ao abandono dos logares d'Africa: Arzilla e Alcacer, depois de Safim e Azamor!

(1) O trabalho de expediente da *Academia real das Sciencias* eſtá abaixo de toda a critica. Apeſar de repetidas inſtancias, por eſcripto, do agente official da Academia n'eſta cidade, não foi poſſivel obter a encommenda; eſperamos 6 (ſeis) mezes... e não a obtivemos; a final, foi lá um noſſo amigo de propoſito, e fez o milagre.

(2) Iſto não ſignifica menosprezo do eſtudo do auctor, que temos na devida conta; ſignifica apenas que, aſſim como nunca roubámos o fructo do trabalho alheio, deſejamos que reſpeitem o noſſo.

teratos de nota difficilmente ſaberão indicar, nem de leve, os ſucceſſos hiſtoricos parallelos da Renaſcença; onde as tabellas hiſtoricas ſão luxo deſconhecido, onde os livros com datas ſão quaſi tão raros como os livros com factos.

O leitor encontrará copia de uma e outra couſa n'eſte trabalho.

. . . . . .

Póde ſer que alguem ſe admire, entre nós, da importancia que damos ás evoluções, propriamente economicas, das nações mercantes dos ſeculos XV e XVI, n'um eſtudo d'eſta especie. Entretanto, a connexão d'eſſas evoluções com o deſenvolvimento da arte é intima.

Os noſſos principes pagavam aos artiſtas, que trabalhavam em Portugal, com eſpeciarias. Lourenço Fernandes, meſtre das obras de Belem, recebia em 1511, pelas deſpezas da conſtrucção, 50 quintaes de pimenta (Raczy., *Dict.*, p. 91).

Raczynski cita frequentes vezes outros pagamentos em especiarias, feitos a artiſtas nacionaes e extrangeiros.

Para Flandres iam milhares de quintaes de eſpeciarias, ſobretudo de pimenta, com que ſe pagava (como ſe foſſe ouro) as encommendas da côrte.

Adiante provaremos que era pelas vias commerciaes que ſe fazia a importação das obras d'arte. Os centros eſtavam em Flandres: Gand no ſeculo XIV, Bruges no ſeculo XV, Antuerpia no ſeculo XVI. D'eſſes tres centros foram as joias da arte flamenga para a Italia (1), e para a Sicilia, para as cidades hanſeaticas do Norte (2), para a Inglaterra (3), para a Heſpa-

(1) É ſabido que Antonello da Meſſina ſe reſolveu immediatamente á viagem a Flandres, quando viu em Napoles uma das obras primas dos Van-Eyck.

(2) Crowe & Cavalcaſelle, *op. cit.*, p. 388.

(3) Laborde, *op. cit.*, vol. I, Introd., p. XLIV.

nha (1) e para Portugal — fecundando d'eſte modo a Europa inteira (2).

Crowe e Cavalcaſelle pôem a deſcoberta de Vaſco da Gama e as conquiſtas dos portuguezes em eſtreita relação com a hiſtoria da pintura flamenga; as noſſas deſcobertas ajudaram (3) a arruinar o commercio de Bruges, e, ſendo eſta cidade o foco da antiga eſchola flamenga no ſeu periodo mais brilhante, faltou á arte, com a ruina do commercio brugenſe, o poderoſo auxilio que d'elle (4) recebeu ſempre.

A deſlocação do commercio de Bruges para Antuerpia, no principio do ſeculo XVI, de um centro genuinamente flamengo para um centro coſmopolita, para um grande porto de mar, alterou tambem as condições de exiſtencia da arte nacional.

A pintura flamenga, tal como ella foi depois cultivada em Antuerpia, não proſeguiu na tradição nacional, que Bruges cultivára com fervor; ſeguiu logo, deſde o principio do ſeculo XVI (Bruges decahiu completamente de 1500-1503) a influencia italiana, que ſe generaliſou rapidamente.

Eſte facto é capital para a apreciação da Hiſtoria da Arte em Portugal; as obras d'arte importadas de Flandres no reinado de El-Rei D. Manoel, já não podiam ſer as da antiga eſchola flamenga dos Van-Eyck; eram os já ſaſonados fructos da eſchola italo-flamenga dos Van-Orley e Mabuſe.

Por qualquer lado que ſe eſtude a Hiſtoria de Portugal nos ſeculos XV e XVI, ſerá neceſſario o conhecimento ſeguro

(1) A Heſpanha foi inundada por pinturas flamengas. Vide Crowe & Cavalcaſelle. *Op. cit.*, p. 96, 147, 150, 153, 162, 232, 239, 240, 258, 262, 325, 326, 349, 351, 360, 361, 382, 403.

(2) *Op. cit.*, p. 407.

(3) Sobre as outras cauſas vide p. 96, nota 4.

(4) A obra prima de toda a arte flamenga, o polypticho de Gand foi encommendado a Hubert Van-Eyck pelo rico negociante Iodocus Vydts da meſma cidade. (Vide o que dizemos a p. 16 ſobre o negociante do ſeculo XVI.)

das relações internacionaes; no que diz reſpeito á Hiſtoria da Arte, eſſe conhecimento é condição *ſine qua non*. Iſto ainda não foi comprehendido até hoje; os auctores que ſe teem occupado com eſtudos d'arte entre nós, incluſive o Conde de Raczynski, não ſeguiram o methodo indicado, aliás teriam partido da ideia: que a Hiſtoria da Arte em Portugal eſtá ligada, nos ſeculos XV e XVI, á Hiſtoria da Feitoria de Flandres, e que meſmo os factos artiſticos anteriores, dos ſeculos XIII e XIV, eſtão em relação mais ou menos intima e em parallelo com o noſſo trafico commercial das meſmas eras. Só d'eſte modo ſe chegará a determinar a *Hiſtoria das emigrações artiſticas para a peninſula,* da qual apontamos hoje algumas das phaſes mais importantes.

Os agentes d'eſſas emigrações eram (como ainda hoje o ſão) os mercadores, as feitorias, e por iſſo vemos feitores portuguezes ſubindo o Rheno deſde Colonia até Baſel, e deſcendo o Danubio deſde Ulm até Regensburg, para penetrar na Italia pela via antiga do Brenner e valle do Adige (Innsbruck, Brixen — Botzen — Trento — Verona) (1).

Ao lado d'eſtas tres eſtradas acham-ſe os centros commerciaes e artiſticos mais importantes da Edade-Media (2) e da Renaſcença, alimentados pelas duas grandes arterias flu-

(1) A via do Rheno bifurcava-ſe em Baſel; um ramal ia por Genebra ao valle do Rhône para França (Lyon — Marſelha); outro ia em direcção a Luzern pelo Saint-Gotthard e deſcia á Italia por Bellinzona até Novara (pelo *lago Maggiore).*

(2) A exiſtencia dos grandioſos monumentos romanicos de Colonia, Aachen, Bonn, Trier, Mainz, Worms, Speier, ſão, por aſſim dizer, os marcos artiſticos do commercio da Edade-Media nas provincias do Rheno e Palatinado, aſſim como os explendidos monumentos gothicos de Freiburg, Ulm, Augsburg (Nürnberg), Ingolſtadt, Regensburg, Vienna, ſão os marcos artiſticos do commercio do Danubio até fins do ſeculo XV. O contacto conſtante em que eſtavam eſtas duas vias commerciaes explica a miſtura de elementos gothicos e romanicos nos monumentos principaes das duas linhas (Freiburg, Strassburg na cathedral, Augsburg, etc.).

viaes que faziam affluir ao coração da Europa as riquezas do Occidente e do Oriente (1).

Eſtas eram as vias fluviaes para o centro da Europa, tendo como ponto de partida Antuerpia. A via terreſtre directa (mais uſada pelos diplomatas) ia de Badajoz, como ponto de partida, por Talavera a Madrid; depois por Calatayud a Barcelona, até Junqueras (nas faldas dos Pyreneus), entrando em França por Perpignan; ſeguia a Avignon, cortando o *Dauphiné* em Embrun, para penetrar, atravez dos Alpes (em Oulx), no Piemonte. O caminho ia depois a Suſa, Turim, Alexandria e Milão. Foi eſta a via que ſeguiu, por exemplo, o noſſo Gaſpar Barreiros, na ſua viagem a França e Italia (1546) (2).

A via maritima abria-nos os portos hanſeaticos do Mar do Norte (Hamburgo) e do Baltico (Lübeck, Danzig); o Elba franqueava-nos os mercados de Hamburgo e de Magdeburg, e abria-nos o caminho da Bohemia até Prag, um dos centros mais importantes dos ſeculos XIII e XIV. A Wiſtula (Weichſel) dava paſſagem por Danzig, e levava o mercador a Warſovia e Cracovia, raſgando uma larga via pela Polonia dentro. Em todos eſtes pontos vamos achar feitores e agentes portuguezes!

A *emigração artiſtica* para a peninſula eſtá intimamente ligada a eſte movimento.

A exiſtencia de certas e determinadas obras d'arte em Portugal, vindas de longinquas terras, ſó aſſim ſe explica (3).

(1) O Danubio era a arteria do commercio do centro da Europa para Byſancio então, com Kaffa e Trebizonda, o trifolio do commercio aſiatico: chinez, perſico e indico.

(2) *Chorographia de alguns logares* que ſtam em hum caminho que fez Gaſpar Barreiros em o anno de M. XXXXVI comecãdo, etc. Coimbra por João Aluarez 1561-4.º (tivemos á viſta o exemplar da Bibliotheca municipal do Porto).

(3) As encommendas de D. Manoel ao artiſta polaco Veit Stoss de Krakovia, em que Goes ſerviu provavelmente de intermediario.

Com eſte methodo de inveſtigação pôr-ſe-ha côbro a uma ſerie de hypotheſes abſurdas, que já andam por ahi com as pretenções de factos hiſtoricos (1).

Os noſſos esforços, os noſſos trabalhos, concentraram-ſe, pois, na *Hiſtoria das emigrações artiſticas para a peninſula* pelas vias commerciaes (2), unico methodo ſeguro para reſolver o problema nacional. Os reſultados obtidos juſtificam-o plenamente (3).

Porto, Junho de 1877.

(1) Alludimos ás claſſificações abſurdas ſobre o *puteus aquarum viventium,* o chamado *Holbein da Bempoſta,* hoje nas Neceſſidades.

Na grande expoſição collectiva das obras de Holbein, que ſe fez em 1871 em Dreſden (a propoſito das duas Madonnas de Dreſden e de Darmſtadt) nem o *puteus aquarum viventium,* que tambem lá eſtava, entrou na liſta das obras a diſcutir; foi deſde logo reconhecido como de Michel Coxie ou Cocxyen (1497-1592), aliás Miguel de Malino ou Miguel Fiammingo, que trabalhou em Heſpanha. (C. Bermudez, I-369.)

Ha mais de cinco annos que ſe encerrou a expoſição de Dreſden, e comtudo ainda correm por ahi atraz da fabula.

De reſto o nome de *fons vitæ* que ſe dá ao quadro da Bempoſta é duplamente falſo, porque o quadro traz o diſtico: *puteus aquarum viventium* (excellente gravura in-folio em Förſter. *Denkmale deut. Bauk. Bildn. u. Malerei)* e porque a verdadeira *fons vitæ* eſtá no Porto, no grande quadro da Miſericordia, e lê-ſe: *fons vitæ, fons miſericordiæ, fons pietatis.*

Eſte ultimo quadro tem dado logar a identicas phantaſias ſobre Holbein! A noſſo vêr eſtá alli um trabalho capital de Quintin Maſſys ou Mesſys (1460-1530).

Sobre a expoſição Holbeiniana em Dreſden vide, além das fontes já citadas por nós (Raczynski, p. 52): Ambros. *Bunte Blätter, Skizzen und Studien,* 1872, p. 242-274.

(2) Sobre as vias officiaes, da côrte, vide p. 85 e ſeg. até 90.

(3) A ultima hora (11 de Janeiro de 1876) chega-nos uma carta do noſſo venerando amigo Mr. F. Denis, que nos dá a noticia que o ſr. Franklin Ramiz Galvão, digno Bibliothecario da Bibliotheca publica do Rio de Janeiro, deſcobriu n'um canto do eſtabelecimento, confiado á ſua guarda, um certo numero «d'amirables épreuves des gravures d'Albrecht Dürer» — mais umas precioſidades que perdemos com a paſſagem do Senhor D. João VI para o Brazil. Ahi temos pois, no Rio, talvez os reſtos dos preſentes de Dürer aos feitores de Portugal! (Vide p. 37-40.)

# FONTES

---

Obras mais citadas, que tivemos prefentes:

Moritz Thausing: *Dürers Briefe, Tagebücher und Reime.* Wien, 1872, 8.º (é o vol. III das *Quellenfchriften für Kunftgefchichte,* etc.).

E' a melhor edição das cartas de Dürer, do feu Diario de Viagens, e das fuas Poefias.

Do mesmo auctor: *Dürer. Gefchichte feines Lebens und feiner Kunft.* Leipzig, Seemann, 1876, 8.º gr. de XVI-537 paginas (1).

Efta monographia é a digna rival da monographia de Woltmann fobre Holbein, de que acaba de apparecer o vol. II (o vol. I é de 1874, 2.ª

(1) O eftudo dos dois trabalhos de Thaufing (Monographia, — Cartas, Jornal de viagem e Rimas) é tanto mais neceffario, em vifta do mal que podem fazer os tres livros abaixo citados, que, por eftarem efcriptos em duas linguas mais fabidas em Portugal do que a allemã, podem fer confultados de preferencia. São:

Ch. Narrey. *Albert Dürer à Venife et dans les Pays-Bas:* Autobiographie, Lettres, Journal des voyages, etc., traduit de l'Allemand avec des Notes et une Introduction. Paris, 1866, 8.º gr. A traducção do allemão é menos que mediocre, inexacta a muitos refpeitos e incompleta, com córtes, motivados pela difficuldade da traducção; a relação das obras de Dürer efpalhadas por toda a Europa, que o auctor affirma fer feita com uma *fcrupuleufe exactitude* (fic), eftá femeada de erros. As cartas eftão incompletas. Na parte illuftrativa, compofta de 30 illuftrações, em que gaftou tanto efmero, ainda fão mais graves os erros commettidos. As reproducções foram feitas não por gravuras em madeira ou em cobre de Dürer mefmo, como toda a gente deve fuppôr, mas fim por variantes e imitações mediocres de Wierx, Marcantonio, etc.! (Vide, para mais, *Zeitfchrift f. bild. Kunft.* Vol. I, p. 147 e 148.) A fegunda e terceira obras fão inglezas:

Mss. Charles Heaton. *The hiftory of the life of Albrecht Dürer.* London, 1869. — W. B. Scott. *Albert Dürer, his life and works,* etc. London, 1869.

Ambas as obras foram motivadas pelo livro de Narrey; o livro de Mss. Heaton é muito preferivel ao de Scott, miferavel a todos os refpeitos, e ainda em cima petulante e atrevido; o primeiro dá uma compilação de baftantes trabalhos allemães, mas dá-a incompleta, com conhecimento infufficiente da lingua allemã; a parte illuftrativa do livro nada tem de notavel; reproduz apenas em *photographias* e phototypias gravuras em madeira e em cobre já mil vezes reproduzidas; nada traz de inedito, poffuindo a Inglaterra tanta producçao de Dürer efcondida nas fuas collecções. (V. *Zeitfchrift.* Vol. V, p. 157 e 158.)

edição). O editor Murray, de Londres, já publicou uma traducção ingleza da obra de Thauſing! Eſtá-ſe tratando de uma traducção franceza, encarregada a Mr. G. Gruyer. (Vide o *compte rendu* de Müntz em *Gazette des Beaux-Arts,* numero de Septembro de 1876, p. 255-272.)

Ch. Ephrussi: *Jacopo de' Barbarj.* Notes, etc., na *Gazette des Beaux-Arts* de 1876, p. 363-382; e 529-551. *Le triptyque,* etc.

C. von Lützow: *Zeitſchrift für bildende Kunſt.* Leipzig, 1866-1876; 11 volumes. Continúa a publicação; materiaes valioſiſſimos de Thauſing, Lipmann, Roſenberg, Bergau, Allihn, etc., poſtoque condenſados na maior parte por Thauſing.

F. Verachter: *Albrecht Durer in de Nederlanden.* Uitgegeven door F. V. Stadt-Archivarius. Antewerpen, 1840, 8.º de 86 paginas.

Dr. J. Stockbauer: *Die Kunſtbeſtrebungen am bayeriſchen Hofe* unter Herzog Albert v und ſeinem Nachfolger Wilhelm v. Wien, 1874, 8.º (é o vol. viii das *Quellenſchriften f. Kunſtgeſch.).*

Dr. G. W. K. Lochner: Des Johann Neudörfer Schreib-und Rechen meiſters zu Nürnberg *Nachrichten von Künſtlern und Werkleuten daſelbſt.,* etc. Wien, 1875, 8.º (É o vol. x das *Quellenſchriften;* a edição é feita ſegundo o manuſcripto de 1547, pertencente á Bibliotheca municipal de Nürnberg.)

R. von Rettberg: *Nürnberg's Kunſtleben.* Stuttgart, 1854, 8.º, xii-232 paginas.

Crowe & Cavalcaselle: *Geſchichte der altniederländiſchen Malerei.* Leipzig, 1875, 8.º gr.

Eſta edição, ſahida da mão de um meſtre: *Anton Springer,* não é uma ſimples traducção; é uma nova edição allemã, ſuperior á ingleza, corrigindo-a e completando-a em muitos pontos.

Vasari: *Le vite de' più eccellenti pittori,* etc. Firenze, 1846-1870, 14 vol. (é a edição Le Monnier).

Vicente Carducho: *Diálogos ſobre la pintura.* Madrid, 1865, 8.º, ed. Villaamil, *ſegundo a de 1633.*

Francisco Pacheco: *Arte de la Pintura.* Madrid, 1866, 2 vol., 8.º, ed. Villaamil, *ſegundo a de 1649.*

Diego Lopez de Arena: *Carpinteria de lo Blanco y tratado de alarifes.* Madrid, 1867, 8.º, ed. Mariategui, *ſegundo a de 1633,* com o ſupplemento de Santiago Rodriguez Villafañe.

W. Stirling: *Velaſquez und ſeine Werke.* Berlin, 1856, 8.º

J. D. Passavant: *Die chriſtliche Kunſt in Spanien.* Leipzig, 1853, 8.º

Lodovico Guicciardini: *Deſcrittione di tvtti i paeſi baſſi.* Anverſa, 1588, fol. (a ed. 1.ª é de 1567).

Schott: *Hiſpaniæ illvſtratæ ſev rervm vrbivmq; Hiſpaniæ et ſcriptores varii.* Francofvrti, apud Claudium Marnium, 1603-1606, 4 vol. in fol.

O. Peschel: *Geſchichte des Zeitalters der Entdeckungen.* Stuttgart, 1858, 8.º

W. Kiesselbach: *Der Gang des Welthandels,* etc., *im Mittelalter.* Stuttgart, 1860, 8.º

E. Buchele: *Geſchichte des Welthandels.* Stuttgart, 1867.

F. Kunstmann: *Afrika vor den Entdeckungen der Portugieſen.* München, 1853, 4.º gr.

Dr. Schmeller: *Ueber Valentī Fernandez Alemā und ſeine Sammlung von Nachrichten,* etc. München, 1845, 4.º gr.

G. da Orta: *Colloquios dos Simples e drogas e couſas medicinaes da India,* etc. Ed. 2.ª (Varnhagen), 1872, 8.º, pela de 1563.

Gaspar Fructuoso: *As ſaudades da Terra.* Hiſtoria das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Deſertas e Selvagens. Manuſcripto do ſeculo xvi, annotado por Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal, 1873, 4.º gr.

Damião de Goes: *Chron. do ſereniſſimo ſenhor rei D. Manuel.* Ed. de Coimbra, 1790, officina da Univerſidade. 4 Partes, com paginação ſeparada.

Visconde de Santarem: *Quadro elementar* das relações politicas e diplomaticas de Portugal, etc. Paris, 1842-1853, vol. i-viii, in-8.º; e Paris, 1853-1859, vol. xiv a xvii, continuado por Rebello da Silva.

Comte de Laborde: *Les Ducs de Bourgogne. Études ſur les lettres, les arts et l'induſtrie pendant le XVe ſiècle.* Seconde partie, *Preuves.* Paris, 1849-1852, 3 vol., 8.º gr. (A 1.ª Parte: *Texte,* 2 vol., não foi publicada, infelizmente.)

Renan: *État des Beaux-Arts au XIVe ſiècle,* em *Hiſtoire littéraire de la France.* Vol. ii.

Os trabalhos do Conde de Raczynski, de Taborda, Volkmar Machado, Machado de Caſtro, Biſpo Conde, Cean Bermudez e varios outros, que vão citados para o fim d'eſte trabalho.

# I

## INTERVENÇÃO DE PORTUGAL NA SCENA EUROPEA

(1499)

Começo das noſſas relações com Flandres; caſamento da infanta D. Izabel; a côrte de Borgonha, e os ſubditos portuguezes ao ſeu ſerviço. Marinha mercante portugueza no ſeculo XIII. Bruges no ſeculo XV; ſua decadencia. Antuerpia, floreſcente. Noticia da viagem de Vaſco da Gama; panico no *Rialto;* carta de Macchiavelli. Feitoria italiana em Lisboa (1502). Commercio italiano antes das noſſas deſcobertas; diminuição rapida até 1512; queixas do Sultão do Egypto; contracto da Republica de Veneza com El-Rei D. Manoel (1522). Queda de Veneza —Flandres levanta-ſe! Commercio de Allemanha no ſeculo XVI; contracto das tres caſas de Augsburgo com a corôa de Portugal; contrario anterior da caſa Rechtergem. O *Fondaco de' Tedeſchi* fecha as ſuas portas. Flamengos em Ulm e Augsburg no ſeculo XIII. Curta duração da gloria de Lisboa; cauſas d'iſſo; falta de induſtria nacional; a noſſa inercia.

Noſſas relações com os paizes de Flandres começaram principalmente deſde a embaixada official (1) de Meſſire Jean de Roubaix et d'Erzelles a Lisboa (15 de Dezembro de 1428), que vinha acompanhado de outros ſenhores flamengos, e do celebre Jehan Van-Eyck pedir a mão da infanta D. Izabel, filha de El-Rei D. João I, para o Duque de Borgonha, Filippe o Bom. O embaixador flamengo havia eſtado antes em Heſpa-

(1) E por delante delos quales algunos delos otro dia de manhana, algunos otros dias ſeguintes el negoçio fue mas en particular, en diverſas vezes abierto y traido adelante, y en concluſion fue delho ablado hecha una ciedula por eſcrito, y iunta miente coneſto los ditos enbaxadores hi-

nha, onde fôra pedir a mão de Izabel de Aragão para o feu foberano; mal fuccedido n'efta empreza, dirigiu as fuas viftas para a côrte de Portugal. A uma recufa (1) da côrte de Aragão devemos pois o feliz acafo da vifita de Jehan Van-Eyck ou João de Yel (2), como nós lhe chamavamos no feculo xv. *Son arrivée... eft tout un événement.* (Laborde, I-cxxix.)

Com a infanta Izabel foram por certo fidalgos ou fidalgas portuguezas para a côrte de Borgonha (3), foram pelo menos

zieron pintar muy al natural la figura de la dita dama infanta dona Ifabel por un honbre llamado maeftre Juan de yel, moço de camara del dito mufignor de Borgoigna, eçelente maeftro en arte de pintura.

Efto echo los ditos enbaxadores cafi alos xij de ebrero feguinte enbiaron al dito mufignor de Borgogna quatro menfaieros, dos por mar i dos por terra, conviene a faber: por mar Pedro de Baudri, efcudero copero del dito fenhor, y un porfuivant d'armas llmado Tre enti. Y por terra Aiuan de Varfi, efcudero, i un otro porfuivat d'armas, llamado Porteioya. Por los quales menfaieros, i por cada uno dellos ellos efcrevieron al dito mufignor de Borguona todo lo que avian alhado, i lo que hafta eftonçes avia fido hecho tocante la materia del dito cafamiente, afimifmo le enbiaron la figura de la dita dama hecha por la pintura, como dito es. (Laborde. *Les Ducs de Bourgogne,* vol. I, pag. xxxi.)

(1) Efte facto foi paffado em claro, mefmo por Laborde, Raczynski e todos os mais; por elle fabemos que a embaixada flamenga eftava na peninfula *defde o principio do anno de* 1428, embora ella chegaffe a Lisboa fó a 26 de Dezembro.

(2) Van-Eyck defempenhou a fua miffão de 1428 muito a contento do Duque, que o mandava frequentemente a miffões fecretas, mefmo antes da fua viagem a Portugal (affim em 1425; Laborde, documento n.º 741), e depois d'ella (em 1435; Laborde, doc. n.º 1186). A fua viagem a Portugal foi remunerada do feguinte modo:

«A *Johannes de Eck,* varlet de chambre et paintre de MdS, que icellui S luy a donné tant pour confidération des fervices qu'il lui a faiz, fait journellement et efpoire que encor fera ou tamps à venir ou fait de fondit office, comme autrement, comme en recompenfacion de certains voyaiges fecrez que par l'ordonnance et pour les affaires d'icellui S il a faiz et du voyaige qu'il fait préfentement avec et en la compaignie de MdS de Roubais dont il ne veult aucune déclaracion eftre faicte, comme appert par fa quittance fur ce..... VIIJ$^{xx}$ liv.»

(Laborde, *op. cit.*, doc. 858, p. 251.)

(3) O cafamento da Infanta com o Duque celebrou-fe em Bruges (1429). (Guicciardini. *Defcrittione,* p. 96.)

A refidencia dos Duques variava; era ora em Bruges, ora em Bruxellas, Lille e outras cidades.

medicos portuguezes, companheiros indiſpenſaveis dos principes, n'aquelles tempos. Sabe-ſe que foi um medico portuguez, *Matheus Lobo,* quem reconheceu o cadaver de Carlos, o *Temerario,* do filho da infanta de Portugal, no campo de batalha de Nancy (1477). É provavel que o medico *Gonde Salue* (Gondiſaluus=i. e. Gonçalves), mencionado em 1457 n'um documento do archivo de Lille (1), aſſim como *maiſtre Pierre le Loup,* tambem medico da côrte de Borgonha em 1466 (2), foſſem medicos portuguezes, e o ſegundo, *Loup,* eſtiveſſe em relação com Matheus Lobo, antes nomeado (ſe é que não era o meſmo perſonagem).

O muſico e o bailarino era quaſi tão indiſpenſavel como o medico, no ſeculo XV, e aſſim achamos um *Pierre de Miguiel* (3)—talvez Miguel—ao ſerviço da infanta Izabel, em 1439; um anno antes eſtavam Jehan de Cordoual e Jean Fernandez (4), muſicos, ao ſerviço da meſma infanta, e recebiam ambos cartas patentes a 21 de Fevereiro de 1457 (5) em Bruges, provavelmente em premio de ſeus ſerviços.

Havia por certo ainda mais elementos portuguezes em

(1) Laborde, *op. cit.,* doc. 1830, p. 471; é talvez o Gondiſſalue de Varges, citado em v. II, Introd., p. XIII.

(2) Laborde, *op. cit.,* doc. 1918, p. 496: «A maiſtre *Pierre le Loup* cirurgien de MS.» Ha um outro, *Louppe de la Garda,* medico, citado no doc. 4040, vol. II.

(3) Idem; doc. 1301, p. 373: «A *Pierre de Miguiel, Nicaiſe de Cambray* et quatre autres leurs compaignons, — quant ils ont naguères joué jeux de perſonnaiges et dancé dances de Moriſques devant luy, en ſon hoſtel, à Bruxelles..... VIJ francs.»

(4) Idem; doc. n.º 1206: «A *Jehan de Cordouval* et *Jehan Fernandez,* joueurs de vieilles, ſervans d'iceulx inſtruments devers madame la ducheſſe de Bourgogne..... IJ^c LXXIII fr.»

(5) Idem; doc. n.ºˢ 1819 e 1820: «A *Jehan de Cordouva,* aveugle, joueur des bas inſtruments, auquel MS, par ſes lettres patentes données à Bruges le XXI^e jour de février M CCCC LVII, a ordonné eſtre baillé la ſomme de..... C fr.»

«A *Jehan Fernandez,* joueur des bas inſtrumens, auquel, MS par ſes lettres patentes données à Bruges le XXI^e jour de février M CCCC LVII, a ordonné lui eſtre baillé la ſomme de..... C fr.»

Bruges, mas factos e nomes positivos só podemos allegar mais dois: o de Jehanne (Joanna) e Marguerite de Portugal (1), ambas vendedeiras de fructas na dita cidade de Bruges e fornecedoras da côrte de Borgonha.

Vê-se que a infanta não esquecia as suas compatriotas.

Isto seria pouco importante se não estivesse em connexão com outros factos. Os paizes de Flandres preparavam-se para a lucta futura dos mares, onde haviam de ser nossos amigos, depois nossos rivaes e emfim nossos inimigos. Pediam-nos constructores de navios e calafates, ás duzias. Este facto capital, até hoje completamente ignorado entre nós, não offerece duvida. De 1439-1440 achamos nada menos de *quarenta carpinteiros e calafates* portuguezes ao serviço da côrte de Borgonha, trabalhando em Antuerpia, Heuberghe-lez-Amiens e outros logares. Conhecemos os nomes dos principaes, que eram provavelmente os mestres, ou melhores artifices; os nomes acham-se ás vezes muito estropiados (2), mas a nacionalidade portugueza de todos elles não offerece a menor duvida. (Vide n. 3—e 1, 2, p. 5.) Eram: Jehan Alphonse, Alphonse de Mingles, Wasche (Vasco?) Proes (3), Ferment Pa-

(1) Idem; doc. 1379 e 1380, p. 389: «A *Jehanne,* la Portingaloise, demourant à Bruges, la somme de neuf liures dix sols de XL gros monnoie de Flandres la livre, pour plusieurs pommes d'orenges, de grenade et cappres, prinses et achettées d'elle pour MdS, lesquelles lui ont esté envoyées de la dite ville de Bruges devers lui à Lille..... IX fr. X s.»

«A *Marguérite* de Portugal, demourant à Bruges, pour ung cent et demy de pommes d'orenges prinses et achettées delle et envoyées, dez la dite ville de Bruges, à MdS à Lille..... IX francs.»

(2) Estes descuidos eram geraes no seculo XVI; cada um traduzia os nomes na sua respectiva lingua. Nós faziamos de: Jehan de Roubaix—Juam de Ruwaes.—André de Toulongeon—Andre de Toroljon.—Jehan de Eyk—Juan de Yel, etc. (V. *Relação do Embaixador,* etc. Laborde, I-XXXI.)

(3) Laborde, *op. cit.,* doc. 1291, pag. 372: «A plusieurs personnes cy après déclairées. C'est assavoir: à *Jehan Alphonse, Alphonse de Mingles,* et *Wasche Proes,* maistres charpentiers de Portugal, que MdS leur a donné pour leur vin, quant il les fu naguères veoir ouvrer et besongner à Heuberghe lez Amiens, en une grant nave que leur fait faire IIIJ$^{XX}$ X fr.»

rois (!), Jehan Gris (1), Vasques Pires, Jehan Martinet, Alure (2) (Alvaro Martines). Os outros não vem citados.

Veja-ſe, ſe tinhamos ou não razão para dizer em 1873:

« Entenda-ſe porém que, ſe por um lado os paizes de Flandres nos enviavam os ſeus artiſtas, pintores, muſicos, illuminadores, etc., *tambem lhes pagavamos em troca com artiſtas portuguezes, ſahidos da influencia flamenga,* e com artiſtas e artifices em outras eſpecialidades (3). »

Hontem era a affirmação, hoje ſão as provas d'ella, os factos. As revelações de Laborde, que nós trazemos á luz depois d'um ſilencio de quaſi 30 annos, ſeriam incomprehenſiveis ſe não podeſſemos ligal-as a outros factos egualmente ignorados entre nós, e que provam que já no ſeculo XIII eſtavamos no Oceano Atlantico, como em noſſa caſa (4); não admira, pois, que em 1439 tiveſſemos carpinteiros e calafates de ſobejo para empreſtar á côrte de Borgonha.

Durante o reſto do ſeculo XV conſervaram-ſe os portuguezes em Bruges com os demais extrangeiros, até que a deſcoberta de Vaſco da Gama alterou o antigo itinerario (5). As

(1) Idem; doc. 1304, p. 374: «A *Ferment Parois* et *Jehan Gris,* charpentiers portugalois, que MdS, leur a donné de ſa grace pour eulx aidier à vivre et eulx en retourner en Portugal, après ce qu'ils ont aidié à faire la grant nave que MdS a naguères fait faire en la ville d'Anvers. XII fr. XVI ſols.»

(2) Idem; doc. 1348, p. 380: «A *Vaſques Pires, Jehan Martinet, Alure Martines,* charpentiers, et à trente deux autres charpentiers et calfertes leurs compaignons, tous du pays de Portugal, pour conſidération des peines et travaux qu'ils ont eues par longue eſpace de temps à faire et charpenter la grant nave de MdS après ce qu'ils l'ont achevée IIJ^c L fr.»

(3) *Enſaio critico ſobre o Catalogo d'El-Rey D. João IV.* Porto, 1873. *(Arch. art. III)* p. 27-28.

(4) Vide o que dizemos no fim do capitulo IV.

(5) Bruges começou a decahir por cauſa das diſcordias com as cidades hanſeaticas, motivadas por certos privilegios; as diſcordias inteſtinas occupavam os cidadãos, que deixavam entulhar os portos de Sluys e Damme; a revolta contra a caſa d'Auſtria, de que eſta ſe vingou ſeveramente, deu o golpe mortal na proſperidade e riqueza da cidade, que chegára a contar 200:000 habitantes nos tempos da ſua gloria.

cafas hefpanholas de Diego d'Aro, Diego di Sanian, Fernando de Bernui, e Antonio del Voglio apreffaram-fe a feguir para Antuerpia, e até 1516 foram indo, um atraz do outro, todos os mercadores extrangeiros refidentes em Bruges, á frente e em primeiro logar as cafas italianas Gualterotti, Buonvifi e Spinolli; ficaram em Bruges apenas alguns poucos hefpanhoes (1).

A verdadeira grandeza de Antuerpia começou pois com a noffa entrada cerca de 1503 e 1504. «...quando os portuguezes, tendo pouco antes occupado Calicut com grande empreza e depois de uma eftupenda viagem (fic), começaram a conduzir as efpeciarias e as drogas da India a Portugal — viagem de 16:000 leguas, que fe faz ordinariamente em feis mezes — e de Portugal a efta terra, em todas as feiras» (2).

Mais dezefete annos e Bruges eftava efquecida.

Em 1520 eftava Antuerpia no meio do periodo de fua maior florefcencia. Das fuas rivaes do Mediterraneo uma já eftava anniquilada, a outra — moribunda. Genova fuccumbira, havia muito, ás armas de Veneza (guerra de Chioggia, 1378-1381) e efta ultima vira empallidecer a fua eftrella defde que no Rialto fe foube da chegada de Vafco da Gama a Lisboa (3), vindo de Calicut com quatro caravellas, carregadas de efpeciarias. O panico foi immenfo! Macchiaveli efcrevia de Veneza para Florença: «*Os preços das efpeciarias armazenadas no Adria cahiram para menos de metade!*» O Doge e o confelho, tremendo pelo futuro da republica, enviavam a Lisboa, logo em 1499, o celebre viajante e agente Niccolo Conti (4), a fim de colher os pormenores do facto inaudito.

Em 1502 tinham os negociantes italianos uma feitoria em

(1) Guicciardini. *Defcrittione*, p. 111.
(2) Idem, *ibid.*
(3) A 29 de Agofto de 1499.
(4) Sobre Conti vid. Kunftmann, *Die Kenntniss Indiens*, p. 34-66.

Lisboa, mas já previam a ruina de Veneza; em 1504 augmentam os temores e as queixas nas relações que enviavam para a Italia. A colligação de tres casas allemães de Augsburg em 1504, de que adiante fallaremos, apressava a ruina do commercio italiano do Adriatico.

Para se fazer uma ideia do trafico importantissimo que as cidades italianas faziam antes das nossas conquistas, basta lembrar as seguintes cifras. Giovanni Villani (apud Macaulay, *Essays)* calculava a receita de Florença, na primeira metade do seculo XIV, em 300:000 florins de ouro, isto é, mais do que o rendimento total da Irlanda e Inglaterra junctas, n'aquella epocha; os pannos rendiam 1.200:000 florins de ouro; a casa da moeda cunhava annualmente 400:000 florins de ouro; 80 bancos sustentavam, não só o commercio de Florença, mas o de toda a Europa. A relação do Doge de Veneza, Tomaso Mocenigo, ainda é mais estupenda; diz ella: «Cada semana recebemos de Milão 17 a 18:000 ducados (de ouro), de Monza 1:000, de Como 3:000, de Alexandria 1:000, de Tortona 2:000, de Novara 2:000, de Pavia 2:000, de Cremona 2:000, de Parma 2:000, de Bergamo 1:500. Os nossos banqueiros, continua o Doge, calculam que recebemos do estado de Milão 1.600:000 ducados por anno. Vendemos annualmente em peças de panno, a Tortona e Novara 6:000, Pavia 3:000, Milão 4:000, Cremona 40:000, Como 12:000, Monza 6:000, Brescia 5:000, Bergamo 10:000, Parma 4:000 —Total 90:000 peças. Estas cidades pagam-nos ainda em cima, em ouro fino, 1.558:000 sequins. O nosso negocio com a Lombardia é de 28.000:000 de ducados; os lombardos compram-nos annualmente 50:000 arrobas de algodão, 20:000 ditas de fio, 40:000 de algodão da Catalunha (1), outro tanto

(1) Barcelona era já na Edade média (seculo IX) o primeiro porto de commercio da Hespanha, e foi depois um dos primeiros do Mediterraneo com Marselha, Genova, Pisa, Veneza, etc.

de algodão francez, 250:000 ducados de brocado de ouro e ſeda, 3:000 cargas de pimenta, 400 molhos de canella, 2:000 arrobas de gengibre, 95:000 ducados de aſſucar, 30:000 ducados de bordados e obras d'agulha, 40:000 arrobas de tinturas e mais 50:000 ducados de outras drogas para o meſmo fim; 250:000 ducados de ſabão e 30:000 por eſcravos.»

Depois ſegue-ſe o calculo do lucro do tranſporte das mercadorias, a 2 e meio e 3 p. c. de commiſſão, o que dá 600:000 ducados; em ſeguida falla Mocenigo do commercio da republica com outras cidades, Treviſo, Feltro, Bellimo, Florença, etc.; «eſta ultima, diz o Doge, paga-nos por 16:000 ſequins de ouro em mercadorias e 350:000 ſequins em dinheiro; emfim, a ſomma do noſſo commercio annual ſerá de 10 milhões de ſequins de ouro.»

Já ſe vê por que razão Veneza eſtremeceu á noticia da entrada de Vaſco da Gama no Tejo. Veneza perdia tudo n'uma carta, e nós ganhavamos o que ella perdia; por iſſo nos demorámos com as cifras, para avaliarmos as ſommas que foram desviadas de Veneza para Lisboa. Já em 1512 havia o negocio de exportação da republica para o Delta do Nilo deſcido de 300:000 ducados a 140:000; Veneza negociava então no Cairo um novo tratado de commercio com o Sultão Kanzu Ghawri; eſte pergunta n'uma nota de 5 de Junho de 1512: «Porque é que os navios da republica ſó apparecem agora tão raras vezes no porto e em numero tão exiguo? Porque é que as gran-

Barcelona poſſuia já no ſeculo XIV em Alexandria uma Feitoria, que era ao meſmo tempo hoſpital para os peregrinos que iam aos logares Santos; ainda em 1381 reformou o commercio de Barcelona os eſtatutos da Feitoria e do hoſpital; n'eſſa época tinha a cidade heſpanhola ſó um rival, Veneza, por haver ſupplantado Genova. Em 1386 Barcelona reformou o ſeu conſulado em Damaſco, eſtendendo a auctoridade d'elle pela Armenia Menor e Syria, com juriſdicção ſobre o emporio de Beyruto, etc. (Kunſtmann. *Die Kenntniss Indiens*, p. 2; Kieſſelbach e o. a.)

Entre as cartas geographicas mais antigas, conhecidas, ha uma de 1375. (V. Atlas do *Eſſai* do V. de Santarem.)

des galeras (1) da *Mudda* (feira annual do Cairo) ſó apparecem hoje de dois em dois annos, quando até aqui ſe conſervavam no porto durante toda a duração da *Mudda,* comprando e vendendo em grande eſcala? »

O embaixador veneziano redarguiu com evaſivas, attribuindo a diminuição do trafico ás reſtricções que ſoffrêra a liberdade de commercio em Alexandria.

Continúa o Sultão: « D'antes vinham cinco grandes galeras a Alexandria, ſem contar as que iam para a coſta da Berberia; finda a *Mudda,* ainda ficavam cerca de 300:000 ducados de mercadorias, que alimentavam o commercio até á proxima *Mudda;* hoje entram ſó tres galeras com poucos navios; as mercadorias que ficam, valem muito menos de 200:000 ducados. »

Reſponde o embaixador: « D'antes vinham mais galeras, porque duas a tres d'ellas vinham *carregadas com pimenta,* carga que não podemos trazer hoje. »

Diz finalmente o embaixador, depois de varios arrazoados, textualmente: « *A moeda corrente tornou-ſe mui rara na Italia, nos ultimos tempos, porque ſe mandou grande quantidade d'ella para Portugal, a troco de pimenta* (2). »

(1) O Sultão refere-ſe ás *galeras* do governo de Veneza, que acompanhavam os comboios de navios mercantes a Alexandria.

O Sultão do Egypto (noſſos chroniſtas chamam-lhe de Babylonia; nome de Cairo na Edade Media) ſoffreu com a victoria de D. Franciſco de Almeida em 1509, defronte de Diu; em 1517 acabava Solimão de o reduzir á miſeria. (D. de Goes. *Chronica,* parte II, p. 466.) O ſultão tomava 5 p. c. ſobre a importação e 10 p c. ſobre a exportação; o ultimo (o noſſo inimigo) diſtribuiu, por occaſião da ſua coroação, 20 milhões de ducados aos ſeus ſoldados. (Kieſſelbach, p. 321.)

(2) As eſpeciarias compravam-ſe ſó a dinheiro. (Goes. *Chron.,* parte I, p. 156 e 159.) D'ahi a falta de numerario na Europa (Kieſſelbach, p. 320) e a abundancia de ouro e prata nas Indias; a prata valia meſmo mais que o ouro, e o cobre mais que a prata. (Damião de Goes. *Chron.,* parte II, p. 330, 331 paſſim.) Affonſo de Albuquerque tentou remediar o mal da exportação da moeda do reino para a India, mandando cunhar moeda propria em algumas das noſſas principaes poſſeſſões. (D. de Goes. *Chron.,* parte III, p. 22, 84, em Goa; em Malacca, p. 105, etc.)

Iſto eſcrevia-ſe em 1512. Em 13 annos (deſde 1499) havia a republica de Veneza ſoffrido eſtes enormes prejuizos. Debalde propunha Veneza a El-Rei D. Manoel um contracto para a compra *de todas as eſpeciarias,* chegadas das Indias a Lisboa, depois de ſatisfeito o conſumo nacional. El-Rei heſitava, e Veneza amontoava ouro ſobre ouro, pedindo novamente, rogando, inſtando; emfim, em 1522 aſſigna-ſe o contracto (1) debalde! a lucta contra a lei natural do progreſſo zombou do ouro e do contracto e ſeguiu o ſeu novo caminho. Veneza cahiu e as cidades de Flandres levantaram-ſe (2).

Já em 1504 faziam Augsburg e Nürnberg uma concorrencia notavel ás cidades italianas; n'eſſe anno colligaram-ſe as tres celebres caſas Fugger, Welſer e Hochſtetter e negociaram com a corôa de Portugal um tratado que lhes garantia o direito de fazer o commercio, directamente, para a India oriental, em navios proprios.

Em 1505 partiam os primeiros tres navios d'eſſas tres caſas para Calicut, ſob a protecção da frota de Portugal.

Guicciardini pretende que ainda antes d'eſta negociação com as tres caſas de Augsburg houvera outra com a caſa hollandeza Nicolau Rechtergem (3): il quale fu *il primo, che faceſſe partito di ſpetierie col Fattore di Portogallo,* e il primo che di qua (de Antuerpia) ne *mandaſſe in Germania,*

(1) Vide o que Goes diz d'eſtas tentativas dos venezianos *(Chronica,* parte IV, p. 631) e da miſſão de Aleſſandro di Peſaro a Lisboa. Goes ignora, todavia, que o contracto ſe ultimou, — facto que fomos encontrar em Kieſſelbach, p. 380.

(2) Veneza e Genova ainda fizeram uma ultima tentativa para abrir uma via á India pela Ruſſia por Moſcovia e Aſtrachão; entretanto, a conquiſta de Aden (1524) pelos noſſos, deſtruiu todas as eſperanças da republica; o antigo caminho por Trebizonda á Perſia e cidade de Ormuz (tomada por Affonſo de Albuquerque em 1515) ficou deſerto, e ninguem penſou mais no novo trajecto atravez da Ruſſia.

(3) Nicolau Rechtergem foi avô materno da caſa *Schetz,* de Maestricht (Guicciardini, p. 95 e 153), cujos membros eram barões de Weſemale e ſenhores de Grobbendonck.

oue, ignorando ancora del nuouo viaggio de' Portogallesi, restarono tanto ammirati, che dubitauano, che le dette spetierie fussero false (p. 111).

Augsburg, Nürnberg, Ulm, as tres cidades principaes da liga suabica (1), emancipavam-se da tutela italiana e retiravam os seus navios de Veneza para os mandar a Lisboa. O *Fondaco de' Tedeschi* fechava as suas portas. A nossa capital não ficou sendo muito tempo o emporio do commercio internacional. Os negociantes flamengos, ainda no seculo XIII iam a Ulm e Augsburg fazer as suas compras; meio seculo depois iam os negociantes allemães a Bruges, e depois tiveram de dar mais um passo e reconhecer a superioridade de Antuerpia (2), que herdára a fama e a riqueza da cidade irmã. Os flamengos não seguiram comnosco o mesmo systema; as cidades da Suabia e da Franconia ainda tinham productos proprios para vender, por isso mandavam seus filhos á viagem a Bruges e Antuerpia sempre com algum proveito; mas nós? Portugal carecia de uma industria nacional, e isto foi a nossa ruina; nada podiamos offerecer de factura propria aos flamengos e italianos que affluiam a Lisboa na primeira metade do seculo XVI; demais, a nossa incuria era tal que preferiamos

(1) A *liga suabica* era uma parte da grande *liga commercial* allemã contra o feudalismo; primeiro formou-se a *liga rhenana* (1246), depois as *ligas suabica* e *franconica,* que se fundiram na *liga do Sul* em 1380 (a Suissa entrou em 1385); ao Norte havia a *liga do Norte,* propriamente *hanseatica,* que estava em relações com a do Sul; tambem se chama á do Norte: *niederdeutscher,* á do Sul: *oberdeutscher Bundesverein;* á primeira chegaram a pertencer 77 cidades; á do Sul 70, dispondo de 600 embarcações de guerra, e de uma fortuna superior á de todos os principes da Europa.

Porto e Lisboa pertenciam tambem á *liga hanseatica,* postoque estivessem no registo official d'ella, por pouco tempo. (Vide o que dizemos sobre o commercio de Portugal no seculo XIII, no penultimo capitulo.)

Na Italia havia no seculo XII a *liga lombarda,* que se havia formado com o mesmo intuito.

(2) Harlem succedeu a Antuerpia como esta cidade succedeu a Bruges; como Genova succedeu a Pisa, e Veneza a Genova.

vender por baixo preço, mas *commodamente,* em Lisboa, aos negociantes eſtrangeiros, em logar de irmos levar as noſſas mercadorias a Veneza, Bruges, Antuerpia, Gant, etc. Perdiamos vontade; a inercia matava-nos.

Nos primeiros 30-40 annos ainda as noſſas frotas mercantes iam a Antuerpia e meſmo a Amſterdam (1), mas paſſado pouco mais de meio ſeculo depois da noſſa entrada em Antuerpia já nós alli haviamos perdido uma grande parte do noſſo credito; cahiramos nas garras dos uſurarios extrangeiros, como adiante veremos. Quem nos dictava depois as leis, tanto em Amſterdam como em Antuerpia e em Lisboa, eram os agentes dos Fugger e dos Welſer; os Portinari, agentes dos Medici; os Conti, Gualterotti, Buonviſi, Spinoli, que vingavam o golpe mortal que haviamos dado no commercio de Veneza.

No ſegundo, terceiro e quarto decennio do ſeculo XVI ainda faziamos boa figura em Antuerpia, como vamos vêr, mas pouco tempo alli brilhámos. Ainda aſſim eſtivemos n'eſſe curto intervallo de trinta annos alli em contacto com tudo o que havia de illuſtre na Europa, em ſciencias, em lettras, em artes, e em commercio e induſtria.

(1) Guicciardini, *op. cit.*, p. 268.

## II

### ALBRECT DÜRER EM ANTUERPIA. — OS FEITORES DE PORTUGAL

Chegada de Dürer a Antuerpia; viſita á cidade. Recepção da *Guilde* dos Pintores. — Viſita dos Feitores de Portugal. O que era o negociante do ſeculo XVI. Nobre rivalidade dos Feitores. Os Fugger e a Feitoria de Portugal. Generoſidade de Dürer. Quem eram os Feitores? Antuerpia no ſeculo XVI. Entrada dos mercadores portuguezes para alli. Negociantes extrangeiros em Antuerpia. Influencia da Feitoria de Portugal. Os Feitores Brandão e Franciſco de Portugal; outros portuguezes.

No dia 12 de Julho de 1520 partia Dürer de Nürnberg em companhia de ſua mulher Agnes (geb. Frey) e uma criada, Suſana, para os Paizes Baixos «por propria conta e despezas» (1), como diz Dürer. O principal motivo, que levava o artiſta a emprehender uma viagem tão longa e deſpendioſa, era obter de Carlos V, do novo imperador da Allemanha, a confirmação da penſão de 100 florins, que lhe fôra concedida por Maximiliano I a 6 de ſetembro de 1515.

Munido de boas cartas de recommendação para os perſonagens mais importantes dos paizes de Flandres e Brabant, chegou Dürer no dia 3 de Agoſto a Antuerpia, depois de ter feito numeroſas eſtações durante o trajecto.

Logo á ſua chegada foi feſtejado com grandes honrarias. O Feitor dos Fugger, Bernhard Stecher, poucos inſtantes o

(1) Thauſing. *Tagebuch*, p. 76.

deixou deſcanſar na hoſpedaria do honrado ſenhor Jobſt Plankfelt; na meſma noite da chegada teve Dürer de lhe acceitar uma opipara ceia. No dia immediato, 4 de Agoſto, feſta da priſão de S. Pedro, começou o grande pintor a ſua peregrinação artiſtica por Antuerpia, viſitando o *Hof van Liere* (1), caſa do Burgemeeſter, que lhe cauſou grande admiração pela grandeza das ſalas, ſua belliſſima torre, ſeu vaſto jardim—emfim, por proporções e por um ſauſto que elle não tinha achado nas melhores caſas de Nürnberg e de outras terras de Allemanha, que havia viſitado. Eſta caſa era todavia reſidencia particular do Burgemeeſter; a reſidencia official, *domus ſenatoria,* foi conſtruida mais tarde e cuſtou 100:000 eſcudos. Guicciardini (*Deſcrittione,* p. 108) traz uma bella gravura d'eſſe ſumptuoſo palacio, que ainda não exiſtia no tempo de Dürer.

No domingo (5 de Agoſto) houve lauto feſtim e banquete na *Guilde* dos pintores; na ſala do banquete, adornada com as pratas e ornatos cuſtoſiſſimos da corporação, era Dürer eſperado pelos membros mais diſtinctos da *Guilde,* acompanhados de ſuas reſpectivas conſortes; á ſua entrada formaram os convidados duas alas, e Dürer e ſua mulher foram conduzidos em triumpho aos ſeus reſpectivos lugares. Logo depois chegou o menſageiro dos *ſenhores* de Antuerpia (2), acompanhado de dois criados, que vinha offerecer *quatro canadas de vinho,* ſaúdação, que era conſiderada das mais honroſas n'aquella época de coſtumes ſimples e patriarchaes—e que ſe uſava meſmo para com peſſoas de alta gerarchia.

(1) Era o palacio de Arnold van Liere, de Antuerpia, que morreu em 1529; eſta caſa, ſituada na Prinſe-Straſſe, herdou-a a cidade em 1544; paſſou em 1558 a ſer a *feitoria ingleza;* foi dos jeſuitas em 1607 e hospital militar dos francezes em 1794, e tem hoje a meſma applicação. (Vid. Guicciardini. *Deſcrittione,* p. 107.)

(2) Eſte menſageiro era o Syndico de Antuerpia, Adrian Herbouts; os *ſenhores* de Antuerpia eram os membros do ſenado municipal.

O Senado acompanhava a dadiva com palavras de ſumma benevolencia e cortezia. Dürer, mal tinha acabado de agradecer ao menſageiro do Senado, quando já entrava pela porta dentro *Meiſter Peter,* carpinteiro da cidade, que vinha brindal-o com mais duas canadas e offerecer-lhe os ſeus ſerviços.

Acabado o feſtim, que foi dos mais lautos, foram Dürer e ſua mulher acompanhados até á hoſpedaria por todos os convidados, que levavam tochas acceſas na mão; alli chegados, houve novos e repetidos proteſtos de amiſade e de conſideração por ambas as partes, indo depois cada um para ſua caſa.

Acabadas as viſitas officiaes começaram as particulares.

O Feitor de Portugal foi um dos primeiros a cumprimentar o celebre artiſta. Logo nos primeiros dias da ſua eſtada foi Dürer convidado por duas vezes a jantar pelo noſſo compatriota. Depois, as viſitas de Dürer a caſa dos mercadores portuguezes tornaram-ſe cada vez mais amiudadas, e com o correr dos tempos eſtabeleceu-ſe uma amiſade reciproca e ſincera entre o artiſta allemão e os opulentos Feitores de Portugal; eſtas relações explicam-ſe de um modo honroſo para os noſſos compatriotas. Não era a riqueza nem o fauſto que reinava na celebre caſa de *Scheermere,* e no palacio principeſco de *Ymmerſeele,* que attrahia as attenções do grande artiſta; a meſma riqueza, o meſmo fauſto, oſtentava a caſa dos Bombelli, dos Fugger, e outras.

Dürer achou verdadeiro intereſſe artiſtico n'aquelles mercadores portuguezes—ſentimento do bello, goſto artiſtico, qualidades que não eram raras na opulenta claſſe commercial d'aquelles tempos. As viagens, o trato com negociantes de todas as nações, o habito de ver e de comparar os productos da França, da Italia, da Allemanha, da Heſpanha, os do Oriente com os do Occidente, o exame e avaliação de innumeros objectos das artes induſtriaes, que então andavam no commercio; as ſedas e rendas *(merletti)* de Veneza; os velu-

dos de Florença; os brocados de lamina de ouro e prata da Sicilia; os bronzes, ferros, obras em cobre, prata e ouro de Nürnberg; os linhos d'Augsburg; os couros dourados de Hespanha (Cordova); os tapetes e chailes da India; as lãs de Segovia e de Barcelona; os pannos de Gent, Ypern e Courtray; as armas de Toledo, de Milão e de Nürnberg; os cryſtaes de Veneza; as *Majolicas* de Doccia;—emfim, a expoſição permanente de centenas de quadros, que affluiam á praça com os demais generos, arteſactos da induſtria, e productos das artes induſtriaes—tudo iſto exigia uma claſſificação, uma avaliação mais ou menos artiſtica, que demandava o eſtudo da materia prima e da factura—do fundo e da fórma.

O mercador de então era, além de negociante, meio artiſta; amigo das boas lettras, dos bons livros, das bellas encadernações, das poeticas gravuras em madeira; encommendava quadros a Gerhard David e Dierick Bouts, como ſeu pae os encommendára, meio ſeculo antes, aos artiſtas da eſchola de Flandres, aos Van-Eyck, van der Meire, van der Goes; aos da eſchola de Brabant: van der Weyden e Memling; encommendava o *Weihbrodgehäuſe* (1) de S. Lourenço, de Nürnberg, de Schwabach e de Heilsbronn a Adam Kraft (1436-1508); as admiraveis vidraças da meſma egreja a Springlin; as de S. Sebaldo aos Hirſchvogel (2); os bronzes do meſmo templo a Peter Viſcher (1460-1529), os innumeros diptychon, triptychon e polyptychon das eſcholas ſuabica, franconica e ſaxonica, que perpetuam ainda hoje os nomes de ſeus illuſtres fundadores (3).

Já vê o leitor que o mercador ou negociante do ſeculo XV

(1) É eſte o nome proprio do monumento, vulgarmente chamado *Sakramentshäuschen*. (Vide v. Rettberg, p. 91.)

(2) São: Veit-Hirſchvogel, o velho (1461-1525), e ſeu filho Auguſtin H. (1503-53).

(3) Altar Imhoff; altar Löffelholz, p. 66; Tucher, p. 34; Haller, p. 50; Krell, p. 167; Paumgärtner, p. 120, etc., etc. (Apud Rettberg.)

e XVI não era o merceeiro de hoje; por iſſo tambem os feitores de Portugal em Antuerpia, em 1520, não eram o que ſeriam hoje os noſſos cambiſtas, ſe alli os tiveſſemos.

A eſtas circumſtancias junte-ſe a rivalidade das feitorias. Dürer trazia cartas de recommendação dos Fugger; era o baſtante para excitar os brios das demais feitorias extrangeiras, que eram muitas, porque haviam paſſado para alli as *dezeſeis* que Gent poſſuia no meado do ſeculo XV.

Os Fugger, isto é, ſeus agentes em Antuerpia, os Haller e Stecher, eram amigos da Feitoria de Portugal; ſuſtentavam com ella as relações commerciaes mais importantes (1)—iſto baſta para explicar a diſtincção com que os feitores de Portugal receberam a Dürer; o carinho, amiſade e generoſidade com que elles ſempre o trataram, naſceu das boas qualidades de ambas as partes. Dürer nunca foi avaro; moſtrou aos feitores os ſeus deſenhos a carvão, as ſuas pinturas a tempera e oleo, as ſuas gravuras em cobre e em madeira, as ſuas aguas fortes; e como reconheceſſe o ſenſo artiſtico dos ſeus amigos portuguezes, foi-lhes offerecendo o melhor dos ſeus quadros, gravuras e deſenhos—foi prodigo, e não menos prodigos foram os noſſos, eſcolhendo de entre os theſouros das Indias e da Africa o que havia de mais precioſo e de mais raro para eſtender diante dos olhos maravilhados do grande artiſta.

Mas quem eram, a final, eſſes *Feitores de Portugal?*

Eram os agentes do commercio portuguez em Antuerpia, deſde que a deſcoberta do caminho para a India havia modificado as condições commerciaes da Europa, anulando quaſi o Mediterraneo para povoar os portos do Oceano Atlantico,

(1) Em 1517 mandava D. Manoel o agente Thomas Lopez em miſſão eſpecial a Jacob Fugger em Augsburg; Thomaz Lopez, de quem adiante fallaremos, ſeguiu caminho de Antuerpia e Trier e ultimou em Augsburg um contracto com Fugger, em virtude do qual eſte ultimo ſe compromettia a enviar durante cinco annos para Portugal, annualmente, 10:000 arrobas de cobre, pagaveis em ouro. (V. *Doc.* da Feitoria no App.)

até alli quaſi deſertos. Já vimos como Veneza cahiu; a ſua riqueza commercial paſſou na ſegunda metade do ſeculo XV para Bruges, e depois para Antuerpia, que contava em 1550 mais de 200:000 habitantes, tendo quadruplicado a ſua população em ſetenta annos (56:000 em 1480).

Lisboa teve um largo quinhão n'eſſa revolução economica; teve mais de 200:000 habitantes, e concorreu algum tempo com Antuerpia. Já antes das noſſas fundações na coſta occidental da Africa tinhamos travado relações com Antuerpia; figuravamos entre os 2:500 navios que povoavam em certos dias aquelle porto, e na grandioſa *Bolſa,* onde ſe reuniam 5:000 negociantes de todas as nações do mundo.

Guicciardini traz (1) uma bella viſta do interior d'eſta *Bolſa,* conſtruida em 1521 (2); era um quadrado regular de eſtylo mixto gothico e Renaſcença, flanqueado de duas torres com relogios ſolares; no interior, um eſpaçoſo pateo, aberto, guarnecido em todos os quatro lados com uma formoſa galeria, cortada em arcos em trifolio, rendilhados ſegundo o eſtylo gothico, e aſſentes em columnas faceteadas da Renaſcença. Por cima d'eſta *Loggia,* que formava o rez-do-chão da Bolſa, eſtavam ſituados os depoſitos das differentes nações ou lojas de venda, formando um primeiro andar eſpaçoſo e alto; rematava logo o edificio um telhado em arção, de beiras re-

(1) *Op. cit.,* p. 92.

(2) *S. P. Q. A. In vſvm negotiarvm cvjvſcvq̃. nationis ac lĩgvæ vrbiſq̃. adeo ſvæ ornamentv. Anno M. D. XXXI. A ſolo extrvi cvr. (curaverunt).*

Uma outra inſcripção dizia:

*Mundi anima vt rervm moderetur Nummus habenas,*
*Terraſq̃. et tractus conciliet marium:*
*Diſce hoſpes, toto quamuis diuiſus ab orbe;*
*Hic, tibi ſi Nummus non peregrinus eris.*

Aprende, hoſpede, que o dinheiro, alma das couſas, governa as redeas do mundo; liga as terras, e vias do mar; ainda que ſeparado de todo o mundo, não ſerás, ſe tens dinheiro, peregrino aqui.

ſalientes, eſtribadas em modilhões de ſingular lavor; as pendentes do telhado guarnecidas por numeroſiſſimos poſtigos; quatro bellas pyramides nos quatro angulos rectos do quadrado rematavam o esbelto edificio (1).

Tinhamos tambem a noſſa percentagem nos 500 milhões de corôas de prata, que a tanto montava a circulação total do commercio de Antuerpia.

Eſſa percentagem ſubia em 1560 (2) a mais de um milhão de eſcudos, fóra a venda do aſſucar, que ſubia a muito mais de 600:000 eſcudos (3).

Os outros paizes mais importantes figuravam com:

| | | | ESCUDOS |
|---|---|---|---|
| Italia..... | Panos finos de lã, fêdas crúas e cozidas, telas de ouro e prata..... | | 3.000:000 |
| Allemanha . | Vinho do Rheno..... | 1.000:000 | |
| | Fazendas brancas..... | 600:000 | 1.600:000 |
| Dinamarca.. Livonia.... Polonia, etc. | Grãos, principalmente centeio..... | | 1.680:000 |
| Heſpanha .. | Lãs, 625:000; vinhos, azeite e cochenilla, outro tanto cada verba; cerca de..... | | 2.500:000 |
| França..... | Vinho..... | 1.000:000 | |
| | *Guadi* (certa côr azul)..... | 300:000 | |
| | Sal..... | 180:000 | 1.480:000 |
| | (4) Somma..... | | 10.260:000 |

Em 1503 (5) entravam os navios portuguezes em Antuerpia, com o primeiro carregamento de eſpeciarias da India, e pouco depois fundavam alli a *Feitoria*.

(1) Guicciardini traz (p. 92) uma breve deſcripção, que nós completamos á viſta da gravura.

(2) Data em que Guicciardini redigia o ſeu manuſcripto.

(3) Guicciardini, p. 171. Faltam aqui os vinhos, cujo depoſito era em Middelborg (Zeelandia). Guicciardini, p. 108 e 259.

(4) Vid. Guicciardini, *op. cit.*, p. 170 e 171.

(5) Büchele, *op. cit.*, p. 151. Guicciardini confirma-o, p. 111.

O noſſo commercio tomou depois proporções mais vaſtas: «De Portugal mandam joias e perolas orientaes perfeitas, ouro em bruto *(ſodo)* e batido, eſpeciarias, drogas, ambar excellente, almiſcar, zibetto (1), marfim ou dente de Elephante em grande quantidade, ruibarbo (2), incenſo, mirra, aloës (3), a côr da India chamada dos portuguezes *anil,* algodão, raiz da quina, pau da India, chamado Guaiacum, e outras couſas precioſas em tão grande quantidade, que d'ellas ſe fornece a maior parte da Europa: as quaes couſas os portuguezes conduzem das Indias orientaes, de Calitut primeiro a Lisboa e de Lisboa até cá (Antuerpia) todos os dias. Conduzem tambem os aſſucares da Ilha de S. Thomé (4), ſituada exactamente debaixo da linha equinoxial (ſic), as quaes ilhas com algumas outras que produzem tambem aſſucar e outras couſas de valor dependem, por conquiſta, da corôa de Portugal. Do meſmo modo conduzem para aqui o *Verzino,* que elles tiram d'aquella parte do novo mundo, que elles poſſuem, e que por eſta arvore ſe chama Brezil (ſic); e trazem egualmente a malagueta e outras drogas da Coſta da Guiné, ſituada em Africa, onde teem não pequeno dominio; não eſquecendo os optimos aſſucares e o Vinho da Madeira que tranſportam d'aquella ilha, que tambem

(1) Pelle precioſa do gato do Zibetto, iſto é, *civetta (Zibetha orientalis)* da India oriental; ou (e iſto é mais provavel ainda) uma ſubſtancia oleoſa e perfumada, que ſe tira dos teſticulos do dito animal e que ſe parece no cheiro com o almiſcar. O extracto alcoolico do civetto ſerve ainda hoje em França para imitar os aromas mais ſubtis do reino vegetal. No ſeculo XVI havia meſmo viveiros de gatos do Zibetto, que eram explorados por um ſyſtema eſpecial, que não podemos indicar por ſer extenſo; a *civetta* tambem apparecia na Africa *(civetta* ou *zibetha africanis);* a melhor, porém, era a da India, onde havia e ha ainda variedades. É a *algalia* de G. da Orta, p. 18, verſo. O *civetto* de hoje vende-ſe em Calcuttá, para onde é levado de Malabar e de Baſſora. Guicciardini não traz nota alguma na ſua obra ſobre eſtes e outros artigos, então de todos conhecidos e hoje ignorados.

(2) Vide G. da Orta, p. 184.

(3) *Lenho aloës.* (Goes. *Chron.,* P. III, p. 107, e G. da Orta, p. 2-10.)

(4) Guicciardini diz *iſola di ſant Ome* (ſic).

a elles pertence, vinho tão excellente que parece ſer quaſi Malvaſia. Mandam do reino d'elles baſtante ſal, vinho, azeite, gualdo (1), grãs (2), raſpa (3), zumagre, e além d'iſſo muitas e variadas frutas, freſcas, ſeccas, cryſtalliſadas e de conſerva, que lhes rendem grandes ſommas. Para lá (iſto é, para Portugal) manda-ſe prata em bruto, azougue, vermelhão, arames, bronze e latão em obra e em laminas, eſtanho, chumbo, armas e armaduras, artilheria e outras munições de guerra; telas de ouro e prata e quaſi todas as outras variedades de mercadorias e artigos que vão para Heſpanha (4).»

Vimos acima que as noſſas relações com os paizes de Flandres e Brabante (5) começaram na ſegunda metade do XV ſeculo e continuaram durante todo o ſeculo XVI até á perda da noſſa independencia. Os portuguezes eram nos tres primeiros decennios de 1500-1530 os negociantes extrangeiros mais conſiderados em Antuerpia; os proprios Fugger, os Medicis da Allemanha, e as outras caſas mais conſideraveis de Augsburg, como os Welſer, os Hochſtetter; os Imhof, os Haller, os Hirſchvogel de Nürnberg; os Heller de Francfort ſobre o Meno—tudo o que havia de notabilidades commerciaes em Antuerpia eſtava em maior ou menor dependencia dos feito-

(1) Eſpecie de côr azul, rara.
(2) Grana, côr eſcarlate, que ſe tira do bago da *kermes*.
(3) É o nome que os italianos davam á *cezilla* das Canarias.
(4) Guicciardini, p. 169.
(5) Quaſi todos os eſcriptores, para não dizer *todos* os que entre nós teem fallado das couſas de Flandres, teem eſquecido de eſtabelecer eſta diviſão dos Paizes Baixos em *Flandres* e *Brabante;* d'ahi a confuſão e applicação inconſciente dos termos *flamengo, neerlandez,* etc., ás duas eſcholas de pintura d'aquelle paiz: eſchola de Flandres e de Brabante. Á primeira pertencem Hubert e Jan van Eyck; Petrus Chriſtus, Gerard van der Meire, Hugo van der Goes, Juſtus ou Jodocus de Gent, Antonelli da Meſſina e outros, de menos importancia. (Crowe Cavalcaſelle, p. 194-209.)

Á eſchola de Brabant pertencem: Roger van der Weyden, Hans Memling, Gerard David, Dierick Bouts e outros menores.

Dizer, pois, que Roger pertence á eſchola de *Flandres* é uma tolice, que todavia ſe anda ahi imprimindo todos os dias.

res de Portugal. Foi provavelmente com o agente d'eſta Feitoria que as tres caſas de Augsburg, primeiramente citadas, negociaram em 1503 o privilegio de poderem mandar ás Indias os ſeus navios proprios, privilegio de que já atraz fallamos.

A Feitoria de Portugal era então — Julho de 1520 a Julho de 1521 — dirigida pelo Feitor *Brandan* ou *Brendan*, que Dürer qualifica *Factor von Portugal*, e a quem ſuccedeu depois o *Signor Franciſco* ou *Franciſcus*, o «pequeno Feitor» *(der kleine Factor)*. Dürer cita ainda frequentes vezes o *Signor Roderigo Fernandez* e o *Signor Thomas Lopez*, eſte ultimo enviado d'El-Rei de Portugal (1), e ambos ricos mercadores, muito conſiderados em Antuerpia, e que eſtavam em relações intimas com a Feitoria de Portugal. Todos eram portuguezes.

Em 1567, e pouco antes, era Feitor Franciſco Peſſoa, «gentilhuomo nobile, e qualificato; o qual Feitor tem egualmente (2) baſtante procuração para poder levantar qualquer ſomma que ſeja, em dinheiro, ou quantidade de mercadorias em nome da corôa de Portugal...» (3). Era então o unico Feitor (4) de Portugal em Antuerpia.

A hiſtoria da noſſa Feitoria em Flandres eſtá concentrada na caſa de Antuerpia, deſde que Thomé Lopes para alli entrou em 1503 como primeiro Feitor; ſeguiram-ſe-lhe Silveſtre Nunes, e Franciſco Peſſoa (1517); depois os feitores citados por Dürer. Em 1528 era Feitor Rodrigo Fernandez; depois Jorge de Barros, e Manoel Cirne, em 1537; Jorge Rebello,

(1) Verachter, p. 67, nota. Vide o que diſſemos na pag. 17, nota, ſobre eſte agente de D. Manoel.

(2) Guicciardini fallou antes dos feitores heſpanhoes, que tinham egual procuração do ſeu reſpectivo monarcha; eram elles: *Signor* Gaſpari Schetz (de familia hollandeza de Maeſtricht) e «*Signor* Gian Lopes Gallo, Barone di Mala, riputato & ricco gentilhuomo.» (P. 158.)

(3) Guicciardini, p. 159.

(4) ... *ma honoratiſſimo.* (Guicciardini, p. 158.)

em 1540; Ruy Fernandez de Almada; Francifco Peffoa, de quem falla Guicciardini.

Não nos queremos alargar fobre a hiftoria da Feitoria, que vae tratada com mais cuidado no *Appendice,* onde o leitor encontrará documentos ineditos, de valor, fobre o affumpto que aqui tocamos fó de leve.

# III

## ALBERTO, DUQUE DA BAVIERA, NAS SUAS RELAÇÕES COM A PENINSULA

(1550-1579)

Relações dos mercadores portuguezes de Flandres com a côrte bavara. Alberto v, Duque da Baviera; as ſuas compras em Portugal e Heſpanha; os Fugger, ſeus agentes em Augsburg; outros agentes em Lisboa e Madrid. A capella de Muſica do Duque; Orlando di Laſſo; Cipriano di Rore, meſtres da capella. Sopraniſtas heſpanhoes. Preſentes officiaes do Duque e da côrte de Madrid. Contas pagas pelos Fugger.

Sobre um parente de Thomaz Lopez ou talvez filho, *Jeronymo Lopez,* temos de accreſcentar umas noticias ignoradas por Thauſing. Jeronymo Lopez reſidia em Antuerpia em Fevereiro de 1575 e ahi aſſignou um recibo de 21:539 florins de uma conta (1) de objectos de arte vendidos a Montbrot, um dos numeroſos agentes dos Fugger em Antuerpia. A venda propoſta fôra de:

| | | |
|---|---|---|
| 1 | Taça de ouro com tampa, tendo na parte interior 36 pequenas cabeças antigas (2) engaſtadas em ouro e no meio uma bella medalha do anno de 1416..... | 7:000 florins |
| 13 | Grandes medalhas de ouro..... | 17:500 » |
| 6 | Gumis grandes e altos, antigos, de prata..... | 28:000 » |
| | | 52:500 » |

(1) Dr. J. Stockbauer. *Die Kunſtbeſtrebungen am bayeriſchen Hofe,* etc. (Wien, 1874, p. 95.)

(2) Eram provavelmente gemmas ou camapheus, eſpecie artiſtica tão eſtimada e tão procurada no ſeculo da Renaſcença.

O Duque de Baviera, Alberto v (1) (reinou de 1550-1579), a quem os objectos haviam ſido offerecidos por Karl Fugger (2), reſponde que deſeja comprar a taça e as treze medalhas, ſe eſtas forem antigas, e pede que lhe mandem o poſſuidor para fallar. Karl Fugger manda-lhe em reſpoſta um deſenho da taça e a relação das medalhas, provavelmente porque Jeronymo Lopez não pôde ir peſſoalmente a Munich. O Duque offereceu então 21:000 florins, mais ou menos; o preço ajuſtado foi finalmente de 21:539.

O Duque, grande amador de objectos raros e precioſos, tinha, como não podia deixar de ſer n'aquella epoca da noſſa gloria, poder e riqueza, um agente em Lisboa. Era elle Natanael Jung, provavelmente empregado dos Fugger, que estavam em toda a parte.

A 20 de Abril de 1566 eſcreve o dito agente (3) que ſe perdêra uma caixa de *brincos* (ſic) para o Duque. Eſte eſcreve logo a Max Fugger, que dá conta ao Duque a 10 de Junho de 1566, dizendo que a caixa havia chegado, a final; mas faltava outra caixa anterior, que ſe havia *afogado* (ertrunken) em Janeiro de 1566; o agente dos Fugger em Antuerpia, Hans Keller, dá parte a 22 do dito mez de que ſe havia ſalvado parte do conteúdo da caixa.

Em Maio de 1569 andava um dos Fugger fazendo com-

(1) O Duque teve uma educação eſmerada e meſmo ſcientifica; curſou ſete annos a Univerſidade de Ingolſtadt, eſtudando leis com os lentes W. Hunger e Vigilius Zwicher. Depois de ter completado os ſeus eſtudos aos 17 annos (!) com diſtincção, recebeu logo o *Toſão de ouro,* de Carlos v, honra que não havia ſido feita até alli ſenão aos principes da caſa imperial; caſou aos 18 annos com uma filha do futuro imperador Fernando I. Uma longa viagem que fez depois á Italia acordou n'elle o enthuſiaſmo pela arte, que elle eſtudou com amor, graças aos elementos da ſua educação claſſica, iniciada pelo ſabio Wolfgang Boſch.

(2) Eſtava ao ſerviço do exercito imperial, onde occupava o poſto de coronel; eſtava então temporariamente em Antuerpia. Era filho de Hans Jacob Fugger. (Vide no *Appendice* a nota ſobre a familia Fugger.)

(3) Stockbauer, *op. cit.,* pag. 106.

pras de perolas, diamantes, etc., na peninſula, por conta do Duque (1), ſegundo conſta de uma carta de Hans Fugger de 11 de Maio ao principe. Eſte, ainda não ſatisfeito com a remeſſa de 1575, pedia mais *brincos* e outras joias por intervenção de Antonio Meiting, negociante de Augsburg, de que eſte dava conta a 17 de Outubro de 1576. Eis a conta dos taes *brincos:* (2).

— *Um Agnus-Dei* (3) de beryllo (4) e perolas, encaſtoado em ouro, com uma cadeiaſinha; tem um livro, e diante d'elle um calix com ſuas bandeiras; tem 28 rubins e um diamante que cuſtou em Madrid 105 ducados. Conto o ducado a 80 kreuzer, o que faz 140 florins; tomo 25 p. c. á conta do perigo e deſpezas do tranſporte: ſão 35 florins—ſomma..... 175

— *Uma rã* (ſic) compoſta de 12 eſmeraldas, 6 rubins e uma perola; cuſtou 90 ducados; ſão 120 florins e com os 25 p. c., ſão 30 florins—ſomma ..... 150

— *Um golfinho,* com um beryllo muito formoſo e um pingente de perolas; peſa, ſó de ouro, 20 ducados; cuſtou 75 ducados, o que faz 100 florins, e com os 25 p. c. ſomma ..... 125

— *Uma cóbrinha* de 7 eſmeraldas, 5 rubins e um buſante de perolas; cuſtou 75 ducados, faz 100 florins, e com os 25 p. c..... 125

— *Um peixinho* de beryllo e perolas encaſtoado em ouro, com um buſante de perolas; cuſtou 24 ducados, faz 32 florins, e com os 25 p. c..... 40

Todas as cinco peças ſommam juntas..... 615

Meiding havia calculado anteriormente as peças em 700 florins, tomando o ducado a 90 kreutzer; é o proprio negociante que o confeſſa, accreſcentando ingenuamente: «Teve

(1) Idem, p. 107.
(2) Idem, p. 99.
(3) O *Agnus Dei,* de que ſe falla, é o ſymbolo tão conhecido: um cordeiro *(Agnus Dei)* em cima de um livro, ſegurando entre as patas uma cruz com uma bandeirinha; a cruz, ás vezes, dentro de um calix.
(4) Pedra precioſa, tranſparente, de côr verde deſmaiada; algumas teem veias de ouro e chamam-ſe então *chryſoberillo.* (V. Orta, p. 161, v.)

V. A. (1) razão: que ninguem ſahe das noſſas mãos ſem ſer toſquiado.»

O principe não comprou, porém, ſenão a *rã* e a *lagartixa* (2). «E já que tu tomas 25 p. c. de ſeguro (3) ſobre o valor dos adereços, contra todo o direito, paſſei um traço por cima e fiz dos 25—15. Sommam, pois, as duas peças por noſſa conta, ao todo florins 253.»

Meiding deu-ſe não ſó por ſatisfeito, mas accreſcentou ingenuamente: *Noth hat keine Tugend* (A neceſſidade não conhece virtude).

Outros agentes do Duque na peninſula eram Chriſtoph Hörmann (4), Thomaz Müller (5), Lupus Almydo (6); eſte ultimo offerecia de Madrid perolas por intervenção de Ruprecht Auſſerſtorfer (7), que o Duque devolvia por mui caras; em compenſação acceitava duas de Hörmann, que peſavam 12 quilates, e cuſtavam ambas 200 ducados.

Depois do informe de um dos Fugger (que andava, como vimos, pela peninſula), a 30 de Dezembro de 1564, foram as perolas pagas a 1 de Janeiro de 1565.

(1) E. F. G., que é *Euer fürſtlichen Gnaden,* ou Sereniſſimo.

(2) «Den froſch und das adexel dass Du ein ſchlängele nennſt», a *rã* e a *lagartixa,* que tu chamas uma *cobrinha.*

(3) Não admire eſta circumſtancia; os ſeguros de riſco maritimo existiam já em Bruges em 1310, onde tambem ſe havia fundado a primeira *Bolſa;* em Portugal exiſtia a inſtituição do ſeguro já em 1350. (W. Kiesſelbach, *op. cit.,* p. 243.)

Ainda hoje moſtram ao eſtrangeiro na capital da provincia de Flandres a caſa da antiga familia *La Bourſe,* ſituada n'uma pequena praça, onde ſe reuniam os negociantes do ſeculo XIV. (V. Guicciardini. *Deſcrittione* (ed. 1588), p. 92.)

(4) Stockbauer, *op. cit.,* p. 97.

(5) Stockbauer, *op. cit.,* p. 108 e 126.

(6) Idem, p. 109.

(7) Ou Ruprecht de Mantua, nome que deſigna provavelmente o logar em que negociava; era o agente officioſo na Italia, para pedras precioſas, como o antiquario imperial Strada o era para as medalhas antigas, bronzes, marmores e pedras talhadas. Outro agente italiano era Nicolo Stoppio.

Mas não eram ſó joias que o principe recebia da peninſula; eram inſtrumentos de muſica de canna da India e de Ebano (1); arcas artiſticas de ebano, de varios tamanhos, para guardar joias e eſtofos; adereços da India, armas, eſtofos, idolos e outros objectos do meſmo paiz; inſtrumentos mathematicos (2), tapetes orientaes, cobertas de pennas e eſtofos da Africa, que lhe havia trazido d'alli Ludwig Welſer (3), de Augsburg. A 6 de Agoſto de 1566 annunciava Max Fugger ao Duque a chegada de uma caixa da India: uma arcaſinha de *jentilezas* (ſic) indianicas (4).

O Duque tambem mandava vir de Heſpanha muſicos. A capella do Duque Alberto v, então talvez a melhor da Europa, era dirigida por um artiſta de genio, o celebre Orlando di Laſſo ou Laſſus (1520-1594. Fétis, *Biogr. univ.*, vol. v, p. 207-223), que havia entrado para o ſerviço ducal em 1557. Depois de Laſſo foi a dita capella dirigida por Cypriano di Rore (*Biogr. univ.*, vol vii, p. 308-310) deſde 1562.

(1) Stockbauer, *op. cit.*, p. 82. Note-ſe que ainda no meado do ſeculo xviii havia em Lisboa notaveis manufacturas de inſtrumentos de muſica de todo o genero, por ex.: *Pſalterios*, de varios modos, *Manicordios, Sanfonas de Cego, Eſpinetas* ſingelas e dobradas, iſto é, de oitava curta e larga como nos Manicordios; *Cravos de pennas* e de martelo, ditos automatos (!), *Cravos* e *Orgãos* do meſmo genero, etc., etc. Eſtes ultimos eram de oito modêlos, com machiniſmo mais ou menos complicado, tocando de oito até vinte e quatro *tocatas* (peça de cravo e orgão, ſubordinada entre nós á *Sonata)*, fazendo mover figuras, animaes, etc. Notaremos que a *Sanfona de Cego*, citada, era muito differente da dos cegos, combinada diatonica e chromaticamente para todo o genero de tocatas. (Vide Manoel Angelo Villa: *Liſta noticioſa dos inſtrumentos, e Artefactos Phiſicos, e Mathematicos*, que ſe fabricão, e ſe vendem neſta Cidade de Lisboa, em caſa de M. A. V., Profeſſor dos ditos Inſtrumentos. Lisboa, 1745, 8.º de iv inn.—23 p.; p. 20-23.) Nas pag. anteriores menciona o auctor uma grande quantidade de inſtrumentos mathematicos, aſtronomicos, etc.

(2) Vide nota ſupra.

(3) Vide o que diſſemos ſobre o contracto com o Rei de Portugal, em que figurava eſta caſa, a dos Fugger e a dos Hochſtetter, todas tres de Augsburg.

(4) Stockbauer, *op. cit.*, p. 106. Sobre *gentilezas*, v. Goes, *Chron.*, p. iv-632.

Os muſicos que o principe pedia para Madrid a Chriſtoph Hörmann (1) em 1564 eram caſtratos, aliás *capones*. Não era ſó a Allemanha que pedia ſopraniſtas á Heſpanha; já diſſemos no *Enſaio critico ſobre o Catalogo* que a Italia tambem alli os ia procurar; publicámos em 1873 os nomes de *vinte e dous ſopraniſtas* heſpanhoes que eſtiveram ao ſerviço da Capella ſixtina, deſde Leão x até Clemente vii, 1520-1592 (2), facto ignorado na propria Heſpanha.

A eſtas negociações particulares do principe com os ſeus agentes juntem-ſe os preſentes trocados entre as côrtes apparentadas de Munich e Madrid. Em 1576 agradecia o Duque para Madrid a remeſſa de um magnifico collar, preſente de baptiſado dos reis de Heſpanha (3), e combinava com Max Fugger o melhor modo de retribuir o obſequio (4). O preſente que preparava era um cofre de reliquias, encommendado aos primeiros artiſtas de Augsburg (5); o cofre devia levar a figura de S. Thiago de Compoſtella, padroeiro de Heſpanha; o cofre, ſegundo ſe collige das cartas de Fugger, era quadrado, e tinha nas quatro faces 30 eſcudos, repreſentando as armas das principaes cidades da monarchia heſpanhola, ſendo 12 na frente, outros tantos do lado oppoſto e 6 nos dois lados menores; eſtes eſcudos eram provavelmente eſmaltados. Renunciamos á deſcripção minucioſa d'eſte preſente e á ennumeração por extenſo dos documentos que lhe dizem reſpeito. O mais curioſo foi que, tendo o Duque determinado mandar algumas

(1) Stockbauer, p. 126.
(2) *Quadro dos artiſtas heſpanhoes*, etc., no fim do noſſo *Enſaio*.
(3) Stockb., p. 100.
(4) Idem, p. 96.
(5) Os artifices que figuram nos recibos das deſpezas do preſente ſão: Ulrich Eberli, ourives do ouro; Hans Krieger, marceneiro; Hans Prucker, manufactor de eſtojos; Wendel Dietrich, carpinteiro de caixas; Valthin Huether, ourives de prata. O ouro, na importancia de 500 corôas, foi fornecido pelos Fugger e entregue ao ourives do Duque pelo theſoureiro dos ditos Fugger, Paul Schneider.

reliquias de S. Thiago dentro do cofre, ſoube que o corpo do ſanto já eſtava em Compoſtella, e que as reliquias que lhe offereciam eram falſas; mandou, pois, ſaber ſe faltavam ao ſanto algumas peças. Thomas Müller, um dos agentes do principe em Madrid (vide p. 27), reſponde que conſultára varios livros e peſſoas doutas, mas que nem aquelles, nem nenhuma d'eſtas lhe pôde dar informação ſobre o eſtado do ſanto; lembra o dito Müller que o caſo é delicado, porque, quando em 1560 ſe levou para Toledo, em triumpho, o corpo de Santo Eugenio, houve reclamação energica do Arcebiſpo de Cambray, que provou com documentos da chancella do imperador da Allemanha e do Papa, que o verdadeiro corpo da ſanta já eſtava havia muito em Cambray.

Não ſabemos como ſe reſolveram as duvidas; temos, o que mais importa, a conta minucioſa do cuſto do cofre, que importou em cerca de 600 corôas de ouro; ſó a mão d'obra do ourives de ouro ſubiu a 1:100 florins, etc., etc. Não proſeguimos, eſtes documentos baſtam. Por elles ſabemos que o Duque Alberto V da Baviera ſuſtentou de 1564 a 1576 relações mui activas com Portugal e Heſpanha, por intervenção de varios negociantes allemães reſidentes nos dois paizes; ſó de 1566-1579 rezam as contas do archivo de Alberto V de 58:713 florins, pagos pelos Fugger (Hans, Jacob e Marx) (1) em nome do Duque, em lettras (2) á ordem dos differentes agentes, principalmente na Peninſula. D'eſta ſomma cabem apenas 8:204 florins para pagamento de antiguidades *(anticaglie)* e dos cantores da capella ducal.

Era em caſa dos Fugger, em Augsburg, que confluia a

(1) E' o meſmo que Max; Stockbauer cita ainda Raimund F., p. 81.

(2) As lettras de cambio téem uma origem quaſi tão antiga como as companhias de ſeguro, cit. na p. 27, nota 3. A primeira lettra ſaccada no commercio data de 1325 e diz: *Pagate per queſta prima lettera a Lucca di Goro libre quarenta cinque. Sono per valia qui di Maſſio et ponete al mio conto*. (Citada por Baldo de Ubaldis, apud Kieſſelbach, *op. cit.*, p. 241.)

maior parte dos fios d'eſſas relações; apenas a caſa Meiting, da meſma cidade, lhe fazia concorrencia. É, pois, no archivo da familia dos Fugger, repetimol-o (1), que ſe terá de eſtudar a hiſtoria das relações de Portugal e de Heſpanha com o commercio, com a induſtria, com a ſciencia e com a arte da Allemanha no ſeculo XVI.

Eſta pequena digreſſão ſervirá para dar uma ideia do commercio activo das cidades da Allemanha do Sul, principalmente de Nürnberg e Augsburg, com a peninſula, na ſegunda metade do ſeculo XVI (2). O commercio na primeira metade do ſeculo devia de ſer muito mais importante, porque eſtavamos então no auge da noſſa grandeza politica e proſperidade commercial.

(1) *Conde de Raczynſki.* Porto, 1875-8.º, p. 43 e p. 53, nota 96. Ahi fica provado o que avançámos n'eſſa outra publicação.

(2) Vide no App. *Documentos ſobre as relações de Portugal com a Allemanha nos ſeculos XV e XVI.*

# IV

## DÜRER E A FEITORIA PORTUGUEZA

(1520-1521)

Os palacios de *Schermeere* e *Ymmerſeele*. Os ſeus archivos? Dürer na feitoria; frequentes viſitas e jantares; preſentes dos feitores ao artiſta. Parcimonia dos outros extrangeiros; queixas de Dürer e ſua generoſidade. Os ſeus preſentes aos feitores. Pinturas, deſenhos, gravuras. Sorte poſterior d'eſſes preſentes; triſtes reſtos! Commercio de objectos de arte em Antuerpia em 1520. Vinda de artiſtas flamengos a Portugal. Encommendas da côrte de Portugal em Flandres. O embaixador Damião de Goes; ſuas relações em Flandres, Allemanha e Italia. Glorias portuguezas do ſeculo XVI: os Gouvêas em França; o Collége de Sainte-Barbe, e os *barbiſtas* portuguezes; Vicente Luſitano; ultimos relampagos. O credito d'El-Rei em 1560 em Antuerpia; erros da noſſa vida economica no ſeculo XV; aggravos no ſeculo XVI; a noſſa exportação e importação em 1560 — ſudario! O ſeculo XIII e o ſeculo XVI — um contraſte. Velleidades.

Voltemos agora aos feitores de Portugal. Além dos individuos citados: o Feitor Brandão, Feitor Franciſco, Rodrigo Fernandez e Thomas Lopez, ha ainda a accreſcentar os criados (provavelmente portuguezes) e os eſcravos d'eſſes mercadores, que apparecem em numeroſas citações do diario, como portadores dos preſentes da colonia portugueza ao artiſta allemão.

Os dois feitores primeiramente citados habitavam a chamada *Caſa de Portugal* (1), ſituada no Kiddorp W. 2. N.º

(1) A caſa fôra empreſtada á Feitoria e mercadores portuguezes: *aen den facteur, conſul en den gemeenen koopluiden van Portugael verleend;* o contracto em francez diz: «et ce tant et durant que le dicts facteur ou conſuls ſe tiendront en ceſte ditte ville et que le facteur tiendra ſa demeure en la ditte maiſon». (Verachter, p. 44, nota.)

1668. Eſta habitação, tambem chamada de *Schermere* (1), foi cedida, pela cidade, já em 1511 ao Feitor ou conſul de Portugal e eſteve na poſſe dos portuguezes até á época da uſurpação.

O ſegundo ponto de reunião da colonia portugueza era o explendido palacio de *Ymmerſeele* (2), a que ſe deu mais tarde o nome de *Vetkot* (3). Eſta caſa, uma das mais notaveis d'Antuerpia, pertencia então aos *Markgrafen de Ryen,* da familia de Ymmerſeele, mas paſſou a 8 de Janeiro de 1528 á poſſe de Rodrigo Fernandez, acima citado, então Feitor de Portugal, que a comprou a Jan van Ymmerſeele (4) e a ſua mulher Maria Delannoy; eſta ultima caſa ainda hoje exiſte, aſſim como a bella capella annexa, conſtruida em 1496.

Os archivos, que exiſtiam por certo n'eſſas duas caſas de *Schermere* e *Ymmerſeele,* deviam dar minucioſa conta das relações officiaes e particulares dos feitores de Portugal.

Que é feito d'eſſes archivos?

Foram elles reclamados, quando perdemos a poſſe das caſas em que elles exiſtiam?

Vieram por ventura para Lisboa? — ou ficaram em Flandres, para eſcaparem ao terremoto? (5).

Ahi ficam eſſas interrogações, e até que ſe nos dê reſpoſta iremos apontando o caminho aos futuros inveſtigadores e — tirando para o noſſo actual propoſito, dos proprios papeis de

(1) Nome do ſeu antigo poſſuidor *Gilles de Schermere;* foi cedida ao feitor a 20 de Novembro de 1511; eſta caſa era em 1807 quartel de bombeiros.

(2) Guicciardini, *Deſcrittione*, p. 119 e 157.

(3) Eſtava ſituada na Lange-Nieuwſtraet. W. 2. N.º 1468. (Verachter, p. 44, nota.)

(4) Foi *Markgraf* (Marquez) de Ryen e bourgmeſtre de Antuerpia de 1500-1520; ainda hoje ha a *Markgrafenſtraſſe* em Antuerpia, perto do palacio van Ymmerſeele, que recorda o ſeu nome. Dürer trazia cartas de recommendação do biſpo de Bamberg para elle, que entregou ao Markgraf em Bruxellas.

(5) V. *App.*, Docum. ſobre a *Feitoria.*

Dürer, as primeiras e unicas noticias até hoje publicadas ácerca dos feitores de Portugal em Antuerpia (1).

Dürer, ao principio viſita ſemi-official da Feitoria, bem depreſſa ſe tornou familiar da caſa. No *Tagebuch* encontram-ſe apontados, um por um, não ſó os numeroſos preſentes, mas tambem as viſitas, jantares e banquetes com que os noſſos patricios honraram o grande artiſta. Cerca de 19 vezes foi eſte convidado a jantar, etc., pela colonia portugueza, ſendo a maior parte dos jantares offerecidos pelo proprio Feitor Brandão; eſtes convites deram-ſe no curto periodo d'alguns mezes, porque, comquanto Dürer ficaſſe um anno em Flandres, é miſter deſcontar da ſua eſtada em Antuerpia as excurſões que fez a Malines e a Bruxellas (deſde 26 de Agoſto a 2 de Setembro); a Maeſtricht, Aachen e Colonia (4 de Outubro a 14 de Novembro); a volta por Nymwegen e Herzogenbuſch a Antuerpia, onde chegou a 22 de Novembro, depois de uma auſencia (a ſegunda) de ſete ſemanas. Ha ainda a viagem que fez a Zierikſee na Zeelandia (de 9 a 14 de Dezembro) e a ultima a Bruges e Gand (volta a 11 de Abril de 1521).

Os preſentes da parte da Feitoria e da parte de Rodrigo Fernandez, ſobretudo, choviam na hoſpedaria do ſnr. Jobſt Plankfelt, onde Dürer ſe havia alojado definitivamente.

Vinhos portuguezes, francezes e heſpanhoes, louças da India (2), pennas de Calicut, aſſucar-kandi, aſſucar em pães,

(1) Raczynski não diz palavra, nem das feitorias, nem dos feitores, nem das relações de Dürer com a colonia portugueza de Antuerpia — nem ainda das relações da corôa de Portugal com as grandes caſas commerciaes de Augsburg e Nürnberg. Tão pouco ſe lembrou de eſtudar as noſſas relações commerciaes com a Allemanha e os paizes de Flandres, para aſſim ajudar a reſolver o problema; e todavia era pelas vias commerciaes que vinham as obras d'arte para Portugal.

(2) Eſta louça era, ou da China que os portuguezes encontraram primeiro na India, ou imitações italianas do genero *Majolica*. (Nota de Verachter, p. 50.) V. o que Goes diz a propoſito das *Martabanas*. (*Chron.*, p. IV-539.)

eſpeciarias, drogas medicinaes, tintas do Oriente, pannos de Calicut e ſêdas da India, bordados precioſos, veludos e ſetins de Flandres e da Italia, madeiras raras (cedro, etc.), animaes raros, e até canas de aſſucar—*ſo wie ſie wachſen* (1), no ſeu eſtado natural. A mulher de Dürer tambem recebia a ſua parte: dois papagaios, um annel de ouro, varias peças de coral, etc. Quaſi que não ha pagina do *Tagebuch* que não mencione um ou mais preſentes dos portuguezes a Dürer, a ſua mulher ou á criada d'eſta, Suſana.

Em face d'eſta extenſa liſta (que por brevidade menciona apenas a natureza, e não a quantidade e valor dos preſentes) não admira que o artiſta allemão, depois de ſe deleitar grandemente com eſſas offertas e ſaborear os goſtoſos productos das noſſas conquiſtas, ainda tiveſſe reſervado em Março de 1521, iſto é, oito mezes depois da ſua chegada a Antuerpia, uma porção para os ſeus amigos de Nürnberg. A 17 do dito mez manda Dürer, á ordem do ſeu amigo Hans Imhof (2), um fardo aſſás peſado, que continha, entre outras couſas, os ſeguintes preſentes de Rodrigo Fernandez: 6 nozes grandes da India (3); uma haſte de coral de *ſingular belleza*, e dois *Gulden* (dobrões) do valor de 10 ducados cada um.

N'uma ſegunda remeſſa (4) manda Dürer numeroſos preſentes a ſete damas das melhores caſas de Nürnberg, a cinco *patrizii* da meſma cidade e a ſeu afilhado, Wilibald Imhof (5).

(1) *Tagebuch*, p. 88.

(2) Hans Imhof, o velho, chefe de uma importante caſa de Nürnberg, fundada no meado do ſeculo XV por Sebaſtião Imhof; um dos Imhof (Wilibald), naſcido em 1519, era afilhado de Dürer; é o meſmo que fundou mais tarde a celebre collecção artiſtica de Nürnberg, em que figuravam as melhores obras de Dürer, e que tanto honrou a memoria do grande artiſta, ſeu padrinho.

(3) *Nox indica* ou noz de côco; eſta noz, aſſim como uma mais pequena em fórma de coração ou de pêra: *maldivica*, uſavam-ſe para ornato dos quartos, pendentes do tecto.

(4) *Tagebuch*, p. 113.

(5) Vide nota ſupra, 2.

Ao todo, remetteu Dürer de Antuerpia para a ſua cidade natal nada menos de quatro grandes fardos.

Não queremos dizer com iſto que o conteudo d'eſſes fardos foſſe formado excluſivamente dos preſentes dos mercadores portuguezes. Dürer comprou em Flandres muitas couſas do ſeu proprio dinheiro e adquiriu outras em troca das ſuas pinturas e das numeroſas gravuras, ſuas e d'outros, que havia trazido de Nürnberg. O que não offerece duvida, em viſta das numeroſas citações (ſão 38) do *Tagebuch* e da natureza dos preſentes, é que ninguem, a não ſer os Bombelli, obſequiou tanto Dürer como os noſſos patricios.

Queixando-ſe Dürer da avareza de muita gente com quem tratou em Flandres, do procedimento inexplicavel da propria governadora, a archiduqueza Margarida d'Auſtria (1) — não ſe lê um unico reparo ſobre a noſſa gente. Thauſing, o principal biographo de Dürer, não deixa por iſſo de notar, á viſta

(1) Já fallamos d'eſta princeza em outra parte. *(Enſaio critico ſobre o Catalogo d'El-Rey D. João o IV.* Porto, 1873, p. 30 e ſeg.) Eſta princeza foi grande amadora e protectora da arte. Dürer viu na ſua galeria de quadros *cerca de quarenta quadros pequeninos em tintas d'oleo (Tagebuch,* p. 126) dos melhores meſtres. Eſtas palavras acham a ſua confirmação em C.te L. De Laborde, que publicou o inventario das collecções da princeza de 1524; na collecção de pinturas figuravam Jan van Eyck, Jakob Walch (Jacopo dé Barbari), Roger van der Weyden, Memling, Jean Fouquet, Jeronimus van Aeken (aliás Boſch), meſtre Michael e Franz Sanders. O pintor favorito da princeza era Bernard van Orley, de quem adiante fallaremos mais extenſamente. Sobre as relações d'eſta princeza-artiſta com Portugal já fallámos no *Enſaio* (p. 30 e 31), a propoſito do ſeu esplendido preſente das ſete *Miſſas* de Pierre de la Rue a D. João III, em 1530. Margarida d'Auſtria foi filha do Imperador Maximiliano e tia de Carlos V; naſceu em Gand em 1479, perdeu ſua mãe aos dois annos e foi educada na côrte de França, deſtinada a ſer a futura mulher do *Dauphin;* repudiada por Carlos VIII, foi promettida em 1497 ao infante D. João de Caſtella, herdeiro do throno heſpanhol, que morreu em 1499. Caſada em 1501 (pela terceira vez) com Felisberto de Saboya, enviuvou em 1505; foi nomeada governadora dos paizes de Flandres em 1507, cargo que exerceu até 1531. Viveu principalmente em Malines; a princeza compunha verſos, ſabia bem a muſica, bordava admiravelmente e pintava com talento. Era, emfim, uma ſenhora notavel, a todos os reſpeitos.

d'eſſas queixas, que *nem todos os ſeus amigos eram tão generoſos como os ſenhores de Portugal* (1).

É juſto dizer-ſe que Dürer era reconhecido como poucos e, attendendo ás ſuas limitadas poſſes, meſmo muito mais generoſo do que a maior parte dos ſeus ſuppoſtos protectores.

Eſtas noticias dos preſentes dos noſſos compatriotas não teriam ſenão uma importancia ſecundaria, ſe não houveſſe a circumſtancia da *troca,* por parte de Dürer. O artiſta retribuia aos mercadores portuguezes com valioſas offertas do ſeu pincel, do ſeu lapis e do ſeu carvão; emfim, com numeroſiſſimas gravuras — muitas das quaes vieram por certo para Portugal com os feitores, ou como preſentes d'elles a amigos de cá.

Eis a liſta d'eſſes preſentes artiſticos, que nós podémos coordenar com algum trabalho, graças ás citações do *Tagebuch:*

PINTURAS

Uma cabeça de criancinha (2), dada ao Feitor portuguez (i. e. a Brandão). (*Tagebuch,* p. 96.)

Uma criancinha (3) pintada ſobre tela, dada ao pequeno Feitor de Portugal, ſignor Franciſco. (*T.,* p. 109.)

Uma Veronica (4) *boa,* a oleo, dada a Franciſco, Feitor de Portugal. (*T.,* p. 109.)

Uma outra Veronica (5) melhor do que a primeira, dada ao Feitor Brandão, de Portugal. (*T.,* p. 109.)

Um S. Jeronymo (6), a oleo, pintado com eſmero, dado a Roderigo de Portugal. (*T.,* p. 112.)

(1) Thauſing. *Dürer,* p. 430.
(2) ... *ein gemaltes Kindsköpfchen* (valor de 1 florim).
(3) *Mein Tüchlein mit dem Kindlein* (valor de 10 florins), provavelmente um menino Jeſus pintado ſobre linho fino, a côres de cola ou d'agua.
(4) ... *ein gutes Veronica Angeſicht in Oelfarben.*
(5) ... *iſt beſſer als das Vorige.*
(6) ... *ein Hieronymus fleiſſig in Oelfarben.*

## ESCULPTURAS

Uma criancinha eſculpida (Ein kleines geſchnitenes Kindlein). Não ſe deve porém concluir que foſſe, neceſſariamente, um trabalho do proprio Dürer; adiante daremos as razões d'iſſo.

## DESENHOS ORIGINAES

Retrato do Feitor de Portugal (1), a carvão. (*Tagebuch*, p. 83.)

Dito do criado do Feitor de Portugal, ſobre taboa (a oleo?). (*T.*, p. 107.)

Dito do Novo Feitor (2), a carvão. (*T.*, p. 108.)

Dito do eſcrivão (3) do Feitor Brandão, a carvão. (*T.*, p. 114.)

Dito da Negra (4) do meſmo. (*T.*, p. 114.)

Dito de Rodrigo Fernandez (5), ſobre papel com pincel de duas côres (preto e branco). (*T.*, p. 114.)

(1) É o Feitor Brandan ou Brendão, nome que Dürer eſcreve dos dois modos. Os deſenhos a carvão entendem-ſe feitos ſobre papel, ainda que Dürer não o diga ſempre.

(2) É (ſegundo Thauſing, notas, p. 224) o ſucceſſor de Brandão e o meſmo que Dürer chama o *pequeno Feitor de Portugal*, ſignor Franciſco.

(3) Thauſing paſſou em claro eſte perſonagem, que Dürer intitula *Scriban des Factors Brandan* (*Tagebuch*, p. 114) e a que dá o nome de Roderigo (*Ibid.*, 109). Não ſe confunda com o Roderigo ou Rodrigo Fernandez. (V. *App.*, Docum. ſobre a *Feitoria.*)

(4) Dürer diz *Mohrin* (Moura) por tranſpoſição do ſentido do vocabulo. O retrato é uma precioſa *Silberſtiftzeichnung* (deſenho a ponta de prata), de que adiante fallaremos.

(5) Foi Feitor de Portugal em 1528, ſete annos depois de Dürer ter deixado Antuerpia. (V. *App.*, Docum. ſobre a *Feitoria.*)

## GRAVURAS EM COBRE

*a)* Folha inteira (de impressão)

1504. (1) Adão e Eva. — Bartſch. *Peintre-graveur,* B-I.

1514. S. Jeronymo na Cellula. — B. *Idem, idem,* 60.

Incerto. Hercules (chamado o «Ciume»). — B. 73.

1504? S. Euſtachio. — B. 57 (a maior gravura em cobre de Dürer).

1514. A Melancolia. — B. 74.

*b)* Em meia folha

As tres Marias novas. — B. 36 (de 1519), 37 e 38 (de 1520).

A Veronica, ou *Vera ikon,* o ſudario com a cabeça de Chriſto ſuſtentada por dois anjos. — B. 25 de 1513.

Santo Antonio. — B. 58 de 1519.

O Natal. — B. 2 de 1504.

A Cruz — Crucificação. — B. 26 de 1508.

*c)* Em quarto de folha

As melhores d'eſte formato, que ſão oito (2).

(1) Não adoptámos a ordem chronologica, porque, apeſar dos ultimos magnificos trabalhos de Thauſing, ainda não foi poſſivel fixar data certa para todas as gravuras do grande artiſta.

(2) Eſta indicação muito vaga de Dürer (*Tagebuch,* p. 88) não permitte fixar a eſpecie d'eſſas oito gravuras em cobre; temos, porém, certos dados para ſuppor que foram as ſeguintes:

Os dois paiſanos. — B. 83.
Os tres paiſanos converſando. — B. 86.
As tres Marias (*Maria ſelbdritt*). — B. 29.
A Juſtiça. — B. 79.
O pequeno Satyro. — B. 69, de 1505.
O pequeno cavallo. — B. 96, idem.
O grande cavallo. — B. 97, idem.
O eſcudo da Morte. — B. 101, de 1503.
O eſcudo do Leão. — B. 100, idem.

## GRAVURAS EM MADEIRA

Os tres livros, que ſão:

A Vida de Noſſa Senhora, em 20 gravuras. — B. N.os 76-95, publicada em livro, com texto, em 1511.

A Apocalypſe, em 16 gravuras. — B. N.os 60-75, publicada em livro, com texto, em 1498; ſegunda edição, 1511.

A grande Paixão, em 12 gravuras. — B. N.os 4-15 (ſão 5 de 1510 e 7 de 1500), publicada em 1511.

A pequena Paixão, em 37 gravuras. — B. N.os 16-52, publicada em livro em 1511.

Collige-ſe d'eſta relação, que nós illuſtramos o mais minucioſamente poſſivel, que Dürer preſenteou os ſubditos portuguezes com 24 gravuras em cobre e 186 gravuras em madeira; com 6 retratos (ſendo cinco deſenhos e uma pintura a duas côres), trabalhos originaes; com 5 pinturas a tinta de oleo e de cola, e uma obra de eſculptura; ao todo 221 (1) obras.

O que foi feito d'eſſes preſentes?

Vendemos ou desbaratámos nós aquillo que os noſſos intelligentes mercadores do ſeculo XVI guardavam com tanto apreço e eſtima?

(1) Dürer deu egual porção de gravuras ao Feitor Brandão e a Rodrigo Fernandez:

| | |
|---|---|
| Foram duas vezes 12 gravuras em cobre, grandes | 24 |
| Duas vezes 8 gravuras em cobre, pequenas | 16 |
| Duas vezes 85 gravuras em madeira | 170 |
| Somma | 210 |
| Mais pinturas varias | 5 |
| Retratos varios (cinco deſenhados e um pintado) | 6 |
| Total | 221 |

Onde param hoje eſſas ineſtimaveis reliquias, de que Albrecht Dürer dizia, na ſua modeſta linguagem d'artiſta: *fleisſig*, e, quando muito, *gut gemalt?* (1)

De uma, e ſó de uma *unica* (!) ſabemos que ainda hoje exiſte. É o retrato da negra Catharina, eſcrava do Feitor Brandão. É um deſenho precioſiſſimo, feito a ponta de prata *(Silberſtift)*, que ſe guarda no gabinète de eſtampas dos *Uffizii*, em Florença. A negra eſtá retratada quaſi de frente, olhando para baixo, a cabeça guarnecida com uma touca de feitio eſtranho. Por cima lê-ſe com lettra de Dürer: «*1521. Katharina allt* (ſic) (2) *20 Iar.*»

Tambem ſuſpeitamos que os dois retratos á penna e os dois a carvão (homem imberbe e um outro, joven) do gabinete de Berlim (3), e da *Kunſthalle* de Hamburgo, com data de 1520, ſejam de perſonagens da colonia portugueza. Parece-nos eſtar no meſmo caſo o retrato (a aguarella) da Collection Reiſet (4) no Louvre (N.º 503), tambem de 1520.

O commercio de objectos de arte que ſe fazia então (1520-1521) em Flandres, em Antuerpia principalmente (e antes em Bruges) era notabiliſſimo. Dürer dá-nos d'iſſo teſtemunho no ſeu precioſo *Tagebuch*. As obras dos artiſtas mais notaveis de todas as eſcholas andavam então pelas mãos dos bons amadores. As celebres miniaturas de Gerhard Horebout (aliás Gerard de Guant-Gand), as payſagens de Joachim de Patenier (5); as gravuras em cobre de Lucas de Leyden, de Ja-

(1) *Fleiſſig:* com diligencia; *gut gemalt:* bem pintado. *(Tagebuch,* p. 109, 112, etc.)

(2) Aliás *alt;* velha, ou de idade, de 20 annos.

(3) Thauſing. *Dürer,* p. 430.

(4) Proveniente da collecção Labinsky, e comprado por Audenet em 1852, por 1:000 francos.

(5) Pintor, natural de Dinant (biſpado de Liege) ou antes de Bovines (condado de Namur); foi admittido na guilda de S. Lucas em 1505. Houve confuſão com relação á patria d'eſte pintor, que ſe eſcreve tambem *Patinier*. Guicciardini, Vaſari, van Mander diſcordam n'eſſe ponto. Patenier

copo de' Barbari (1), de Marcanton Raimondi (2); as de madeira de Hans Baldung Grün (3), de Schäuffelein (4); os bellos quadros de Van Orley (5), Jan Goſſaert (6), Schon-

foi diſcipulo de Gerard David, aſſim como Herry Met de Bles, cujo eſtylo ſe aſſemelha muito ao de Patenier. Eſte ultimo tem para nós um intereſſe eſpecial, por apparecer, ligado ao ſeu nome, *pela primeira vez* o termo *pintor de payſagem,* que Dürer lhe applica. (*Tagebuch,* p. 118.)

Seu meſtre, Gerard David, foi o fundador da eſchola de payſagem que deu depois optimos artiſtas. Ha outro Patenier (Herri de P.), citado em 1535, talvez parente de Joachim, que morreu em 1524, ſem deixar deſcendentes.

(1) Pintor veneziano, chamado o gravador do *caduceu,* pelo ſignal com que marcava as ſuas gravuras; eſteve longo tempo em Nürnberg, onde lhe pozeram o nome *Walch,* iſto é, *der Wälſche* ou o italiano. Barbari exerceu uma certa influencia ſobre Dürer, influencia que Thauſing aprecia com toda a imparcialidade (*Dürer,* p. 216-241). (Vide tambem *Gazette des Beaux-Arts,* 1875. *Jacob de' Barbarj,* por Ch. Ephruſſi, p. 363-372.)

Barbari eſtava em 1510 em Malines ao ſerviço de Margarida d'Auſtria e era fallecido em 1575.

(2) Naſceu em Bologna em 1475; diſcipulo de Francia, primeiro ourives, trabalhou depois no *niello,* o que o levou á gravura. Gravou cerca de 383 eſtampas, diſtinguindo-ſe principalmente nas reproducções dos trabalhos de Raphael, feitos debaixo da direcção do grande pintor. Raimondi morreu em 1534. Contrafez uma grande quantidade de gravuras de Dürer, como a *Vida de Noſſa Senhora* quaſi toda, e a *pequena Paixão* por completo, o que lhe rendeu um proceſſo perante a *ſignoria* de Veneza, promovido por Dürer (Thauſing, p. 252, e Vaſari, ed. Lemonier IX, p. 267.)

(3) Artiſta da eſchola Suabica (1480, Gmünd — 1545, Strassburg), influenciado por Dürer e Schongauer. Obras notaveis na cathedral de Freiburg (Breiſgau) e nos muſeus de Colmar e Baſel.

(4) Hans Leonhard S., companheiro de caſa de Dürer, ſeu diſcipulo e artiſta notavel (1490-1540).

(5) Vide o que diſſemos de van Orley p. 36, nota 1. Naſceu cerca de 1471 em Bruxellas, e alli morreu no meado do ſeculo XVI; tambem lhe chamam *Barend van Brüſſel;* foi pintor de Margarida de Auſtria de 1525-1532. Orley, e Goſſaert, que figura na nota ſeguinte, introduziram em Flandres o eſtylo da Renaſcença italiana.

(6) Jean de Mabuſe ou Jan Goſſaert naſceu em Maubeuge cerca de 1470; d'ahi os nomes Malbodius, Mabuſius, Mabuſe. Imitou primeiro os Van-Eyck, eſtylo em que alcançou grande fama. Depois de uma eſtada de 10 annos na Italia, voltou aos paizes de Flandres e inaugurou alli o eſtylo da Renaſcença italiana, com van Orley; as obras de Goſſaert, pintor fecundiſſimo, ſão muito deſeguaes; o modo como repreſentou a Renaſcença nas ſuas obras, é vario, caprichoſo ás vezes, mas original; não

gauer (1), Ifrael van Meckenen (2), e as producções de um grande numero de outros artiſtas de maior ou menor nota promoviam e alimentavam o goſto pelas boas obras d'arte. Antuerpia era o bazar artiſtico para Portugal; temos dados poſitivos para o affirmar, aſſim como para documentar uma exportação notavel de obras d'arte d'aquella cidade para Portugal. É pois natural que, além das obras de Dürer, vieſſem a eſte paiz, pela meſma via, os trabalhos dos outros artiſtas flamengos e allemães, que deixámos mencionados.

Além dos artiſtas citados, que o conde de Raczynski não menciona (ſalvo Raimondi), ha os artiſtas flamengos que trabalharam em Portugal; além de Jan van Eyck (ſeculo xv) (3), Chriſtovão d'Utrecht, Olivel de Gand, Antonio Moro, Antonio de Hollanda, Guillaume Belles, van der Straten, etc., todos em actividade no meado do ſeculo xvi.

Dos factos colligidos pelo Conde de Raczynski nos ſeus dois volumes lembraremos apenas a *petição* de Garcia Fernandez (1540) a D. João iii (p. 212), em que ſe allude ao contracto do pintor Franciſco Henriquez com *ſete* ou *oito* pinto-

chegou, porém, a equilibrar e fundir a tradição patria com a nova ideia artiſtica.

Suppõe-ſe que Goſſaert teve uma parte importante na execução do celebre *breviario Grimani* (Thauſing, notas a *Dürer's Briefe,* p. 224), que ſahiu da officina de Girardo di Guant ou Gerhard Horebout. A parte que Goſſaert teve no *Breviario* foi d'antes attribuida a Jan Van-Eyck e Memling.

(1) Aliás: Martin Schön (1445-1488), natural de Colmar, Alſacia; é o primeiro pintor notavel da eſchola allemã meridional (oberdeutſch).

Foi tambem gravador notavel. Dürer eſtimava-o muito e imitou algumas das ſuas compoſições.

Schongauer tinha em vida o diſtinctivo Hübſch (bonito) Martin, em França le beau Martin, em Italia Buon-Martino.

(2) Chamado Ifrael *Aleman,* meſmo na Allemanha por hiſtoriadores allemães do ſeculo xvi; um d'elles, Wimpfeling *(Epithoma rerum Germanicarum),* diz que tanto os quadros de Ifrael, como os de Martin Schongauer eram procurados em toda a Europa, na Italia, na França, na Inglaterra, Heſpanha e outras partes do mundo. *(Zeitſchrift,* vol. viii-126.)

(3) Vide *Addenda.*

res, que elle havia mandado vir de Flandres, e que morreram durante a feſta de 1518 e 1519.

Notaremos ainda que Damião de Goes eſteve em Flandres como embaixador, em 1530, e que alli encommendou illuminuras (1) e tapeçarias para o Infante D. Fernando, além de um cyclo de tapetes para D. João III.

Goes já não ſe pôde encontrar com Dürer, que deixou Flandres em Julho de 1520; mas é muito provavel que o noſſo celebre hiſtoriador travaſſe relações com Dürer durante as ſuas viagens, que duraram 14 annos até 1546. Goes era amigo dos humaniſtas mais celebres: Eraſmo (2), Buddeu, Vives—*triumviri rei litterariæ,*—de Glareano (3), etc. Dürer tinha relações d'amiſade com eſte ultimo, a quem retratou por differentes vezes em Antuerpia. Além d'iſſo, Goes, como artiſta que era (4), não deixaria eſcapar o primeiro enſejo para travar relações com um homem de genio, que havia alcançado uma reputação tão brilhante na Allemanha, na Italia e nos paizes do Norte da Europa (5).

Goes era eſpecial amigo dos Fugger, protectores de Dürer, e ſuſtentava relações com ſabios allemães, que ſe carteavam a miudo com o grande artiſta, p. ex. com o humaniſta Conrad Peutinger (6).

O noſſo nome era então reſpeitado em toda a Europa; lançávamos na balança, com o noſſo dinheiro, o noſſo ſaber, que valia mais ainda.

(1) Goes. *Chron.* P. II, p. 372.

(2) Goes ſuſtentava uma correſpondencia activa com Eraſmo. (Vide Guicciardini. *Deſcrittione,* p. 210.)

(3) Celebre muſico theorico, auctor do *Dodecachordon.* Baſilae, 1547, fol. (N'um canto da Bibliotheca de Lisboa deſcubrimos um exemplar, truncado, d'eſte rariſſimo livro.) Glareanus foi intimo amigo de Goes. (V. *Muſicos Portuguezes,* vol. I, p. 124.)

(4) *Muſicos Portuguezes,* vol. I, p. 124.

(5) Vide o capitulo ultimo.

(6) Vide *Addenda:* Damião de Goes e a Renaſcença allemã.

A gloria dos noſſos ſabios enchia a *Sorbonne,* e irradiava ainda ſobre as altas eſcholas de Bordeaux, Touloufe, Cahors, Valence, Poitiers, ſobre as univerſidades da Italia e da Hespanha. O nome de uma unica familia de ſabios illuſtres, o nome dos Gouvêas, attrahia á *Sorbonne,* ao *Collége de Sainte-Barbe,* não ſó os filhos das mais illuſtres familias, mas tambem os filhos mais illuſtres da ſciencia, os profeſſores mais celebres da Europa.

Quem ſe lembra de Diogo Gouvêa, o *Velho,* de ſeus illuſtres ſobrinhos, Marcial de Gouvêa, Antonio de Gouvêa, de Diogo Gouvêa *junior,* do grande André de Gouvêa, em cuja eſchola ſe formaram Montaigne, Joſeph Scaliger, La Boëtie e outros? (1)

Quem ſe lembra, que os Gouvêas eſtiveram durante vinte annos (2) (1520-1540) como principaes, ou regentes, á teſta do primeiro e mais celebre eſtabelecimento da *Sorbonne,* do *Collége de Sainte-Barbe?* (3) Do protectorado de El-Rei

(1) Gelida, profeſſor em *Sainte-Barbe,* chegava a dizer o ſeguinte:

«Quis enim, per deos immortales, non novit ex domo Barbarica ceu ex equo Trajano fortiſſimos milites prodiſſe, qui in theologorum medicorumque caſtris potiſſime dimicarunt et perpetuo dimicant...

«Quod ſi ad juſtiniana caſtra mentem converterimus, pleroſque ſenatus Parienſis reperiemus, quos noſtra peperit Barbara fœcundiſſima.

«... Quare tibi congratulandum erit, vir peritiſſime, quod te authore tam inſigniter floreat Barbara, et magis atque magis tua opera florere ſit ſperandum.» (Carta de Gelida a Thiago de Gouvêa, em *De Quinque univerſalibus,* 1527. Quicherat, I-350-351.)

(2) A liſta dos *Principaux* de *Sainte-Barbe* traz o ſeguinte:

1520. Gouvêa (Diogo de) o *Velho.*
1530. Gouvêa (André de).
1534. Gouvêa (Diogo de) o *Moço.*
1540. Gouvêa (Diogo de) o *Velho* (ſegunda vez).

O principalato chegou a durar com os Gouvêas ſeis e mais annos.

Conſta que Gouvêa, o *Velho,* foi tambem reitor da *Sorbonne,* entre 1500-1507.

(3) *Sainte-Barbe* (Barbara) foi fundado a 1 de Outubro de 1460 por Geoffroi Lenormant; as aulas já exiſtiam, antes, no Hôtel de Chalon em 1463 (e não 1430, como ſe tem dito). (Quicherat, *op. cit.,* I-p. 9.)

D. Manoel, do protectorado ainda mais efficaz de El-Rei D. João III ſobre *Sainte-Barbe,* da creação das cincoenta *bourſes* (1), em 1526, para a juventude eſtudioſa de Portugal?

E comtudo, d'eſſa eſchola de *Sainte-Barbe* ſahiram Manoel de Teive, Diogo de Teive, Antonio Pinho, Simão Rodrigues, Antonio Leitão (2) e muitos outros portuguezes (3), que trouxeram á patria a gloria da eſchola, e tranſmittiram a ſeus diſcipulos a memoria d'eſſe celebre collegio pariſienſe; mas tudo ſe eſqueceu!

De novo temos de apontar para uma tradição perdida, como tantas outras; por toda a parte damos com eſtes triſtes ſymptomas — a meſma falta de comprehenſão das couſas do paſſado, d'eſſas couſas que foram as paginas mais grandioſas da Hiſtoria da civiliſação portugueza, e que repreſentam os noſſos verdadeiros pergaminhos!

(1) Quicherat, *op. cit.,* I-p. 127, diz que fôra principalmente o ſabio cardeal infante D. Affonſo, irmão de D. João III, que concorrêra para a fundação das *bourſes,* ou penſões, para os eſtudantes portuguezes. Notaremos que era um ſubſidio extraordinario, pois o *Collége de Navarre,* o maior dos de Paris, tinha apenas, ao todo, 70 *bourſiers.* (Quicherat, I-p. 6.)

(2) Enſinou phyſica em *Sainte-Barbe,* em 1547, e philoſophia em 1553. Em Março de 1547 era «procureur de ſes collègues de la nation de France». (Quicherat, I-p. 136.)

(3) Eram elles, ainda do appellido de Gouvêa:

Roque de Gouvêa, 1525.
Simão de Gouvêa, idem.
Damião de Gouvêa, 1527.
João de Gouvêa, idem.
Miguel de Gouvêa, idem.
Diogo Rodrigues de Gouvêa, 1533.
Antonio de Gouvêa (d'Evora), 1542.

Eſtes nomes tiraram-ſe da acta das *Cartas,* onde conſta o juramento que fizeram ao receber as «lettres de ſcolarité na Faculté des arts». (Quicherat, I-135.)

Outros portuguezes eram Melchior de Belliago, João Ribeiro, Sebastião Rodrigues d'Azevedo. O Simão Rodrigues, acima citado, foi depois o fundador da Sociedade de Jeſus em Portugal. Antonio Pinho deu a primeira interpretação conhecida do 5.º Livro de Quintiliano, que anda nas edições *variorum;* ſobre uns e outros, v. Quicherat., *op. cit.,* I-p. 134-138.

E comtudo, houve quem diſſeſſe que Antonio de Gouvêa, o *Moço,* foi um dos que revelaram aos modernos a intelligencia do direito romano (1). De Thou (2) dizia d'elle que fôra um dos poucos, a quem os ſabios concederam a gloria rara de grande philoſopho, grande juriſconſulto e grande poeta (3).

Montaigne! Montaigne proclamou ſeu irmão André «le plus grand principal de France» (4); e o illuſtre philoſopho tinha tido occaſião de apreciar praticamente, no *Collége de Guyenne* de Bordeus, creação admiravel de André de Gouvêa, o que valia o methodo de enſino do ſabio portuguez, methodo que foi uma revolução pedagogica (5).

Eſſe methodo fez do *Collége de Guyenne* «l'un des plus floriſſants et le meilleur de France» (6).

Antonio de Gouvêa, o *Moço,* irmão dos antecedentes, que curſára tambem com elles *Sainte-Barbe,* ultrapaſſou a reputação de ſeus irmãos e de todos os portuguezes que eſtudaram e enſinaram em França no ſeculo XVI.

«C'eſt l'un de ces rares eſprits qui feront l'éternel ornement de la Renaiſſance», diz Quicherat (7); e mais abaixo completa o retrato: «Sa vie ſe paſſa en voyages pour aller propoſer le combat aux profeſſeurs en renom. Il reſta vainqueur de tous ceux qui eſſayèrent de ſe meſurer avec lui.»

O eſcriptor francez define-o ainda melhor nas ſeguintes linhas:

(1) Quicherat, *op. cit.,* I-p. 132.
(2) *Hiſtoire univerſelle,* vol. V, p. 101; apud Quicherat, I-132.
(3) O eſcriptor allemão Knobelsdorf atteſta que Antonio de Gouvêa era, como poeta, conſiderado por todos como o *meſtre dos meſtres.* Outro tanto dizia Muret. Quicherat, I-132: «Comme poëte, Antoine de Gouvêa reçut les hommages de l'Europe entière.»
(4) *Eſſais,* l. I, ch. XXV, apud Quicherat. *Op. cit.,* I-p. 130.
(5) Idem, *ibid.* I. Expoſição a p. 232-238.
(6) Idem, *ibid.* I-p. 238.
(7) *Op. cit.* I-p. 131.

«Il fut en effet le chevalier errant de l'éloquence et de l'érudition» (p. 131).

Emquanto os Gouvêas ſuſtentavam a gloria das aulas de *Sainte-Barbe* (1), ſuccedendo-ſe uns aos outros, encarregavam-ſe os primeiros homens da ſciencia de perpetuar os ſeus nomes e o nome do Mecenas, que os protegia, de El-Rei D. João III.

Latomus (2) dedicava em 1533 o ſeu *Epitome commentariorum dialecticæ* a André de Gouvêa; Gelida fazia egual honra a Diogo de Gouvêa, o *Velho,* em 1527, com o ſeu tratado de *Quinque univerſalis* (3), e Jean Fernel imitava o exemplo de ambos, dedicando ainda a Gouvêa, o *Velho,* o ſeu *Monalosphærium* (4). A *Coſmotheoria,* complemento da meſma obra, que appareceu em 1528, levava a dedicatoria (5) a D. João III, e Vives dedicava ao meſmo principe o ſeu tratado *De cauſis corruptarum artium.*

O nome portuguez fazia aſſim duas vezes a viagem á volta do mundo! (6)

(1) «Sainte-Barbe, avec les Gouvea, était comme l'arbre du rameau d'or planté ſur le bord de l'Averne: à meſure qu'elle en perdait un, un autre ſe trouvait tout prêt pour le remplacer.» (Quicherat, *op. cit.,* I-242.)

(2) Barthélemi Latomus, ou Mauer (em allemão), Lemaçon, repreſentava a philoſophia allemã em *Sainte-Barbe;* foi amigo de Eraſmo. O ſeu *Epitome* encerra a carta dedicatoria a André de Gouvêa, datada de 17 de Setembro de 1533; *in extenſo,* apud Quicherat, vol. I-360.

(3) A carta dedicatoria (26 de Septembro de 1527) *in extenſo,* apud Quicherat, I-350.

(4) Carta dedicatoria (1 de Fevereiro de 1527) *in extenſo* em Quicherat, I-348.

(5) *In extenſo* (4 de Fevereiro de 1529). *Ibid.,* I-352.

(6) Todo eſte explendor ſe extinguiu para não mais reſurgir. A 9 de Junho de 1548 morria André de Gouvêa em Coimbra, depois de ter reorganiſado a Univerſidade com os profeſſores que trouxera (em 1547, Sant. *Quadro III,* p. 313) do collegio de Guyenne (Grouchy, Guérente, Diogo de Teive, Antonio Mendes, Arnoul, Fabricius de Bazas, Elié Vinet e George Buchanan). A morte de Gouvêa foi o ſignal da reacção; começaram as intrigas, as denunciações a D. João III, e em alguns mezes eſtava a obra de André de Gouvêa deſtruida pelo jeſuita e confeſſor de El-Rei, Simão Ro-

É incalculavel a influencia que o unico nome de Goes exercia no mundo litterario da Renaſcença; d'eſſe unico nome irradiava um brilho que era extraordinario. Damião de Goes ligava-nos a Eraſmo, aos cardeaes Pietro Bembo, Sadoletto e Madrucio, a Glareano, Arias Montano, a Peutinger, Buonamico, Jacob Fugger e muitos outros.

Goes encarregava-ſe de fazer nos paizes de Flandres e na Allemanha o que os Gouvêas faziam em França e Vicente Luſitano na Italia: ſuſtentar, com a penna, a gloria da ſciencia nacional, emquanto os noſſos capitães immortaliſavam a gloria militar nas Indias. Poucos terão lido, entre nós, a brilhante reſpoſta de Goes ás accuſações que o celebre Sebaſtião Münſter fez a heſpanhoes e portuguezes, na ſua *Coſmographia.*

As queixas que Münſter fez a amigos ſeus e de Goes, ſobre a ſeveridade do eſcriptor portuguez, de nada lhe valeram, como ſe vê da precioſa carta a Jacob Fugger. (V. *Addenda.)*

Mas não era ſó Goes; tinhamos ainda em Flandres uma outra celebridade europea, o Doutor Alvaro Nunes, a cuja modeſtia e grande ſaber Guicciardini (1) tece os maiores louvores. Vicente Luſitano refutava victorioſamente no proprio Vaticano, perante o ſacro Collegio de Cardeaes e toda a capella pontificia, um dos primeiros theoricos italianos do ſeculo. Eſta diſcuſſão (2) que, ſegundo Fétis, pôz toda a Italia ar-

drigues, que pagava aſſim, como *jeſuita* que era, os beneficios que havia recebido do enſino dos Gouvêas em *Sainte-Barbe.*

No meſmo anno (1548), e quaſi ao meſmo tempo, tinha o velho e venerando Diogo de Gouvêa de deſpejar as aulas de *Sainte-Barbe,* por não poder pagar a renda das caſas a Robert Dugaſt. Gouvêa quiz eſgotar o calix até ás fezes, ficando até 1555 em Paris, mas partiu depois para Lisboa, onde foi morrer (1558, 8 de dezembro), com o eſpectaculo de um embrutecimento geral, diante dos olhos.

(1) *Op. cit.,* p. 125.

(2) *Muſicos Portuguezes,* vol. I, p. 206-216. Expoſição ſegundo os documentos originaes produzidos por Baini, *unica* fonte veridica para o exame d'eſta celeberrima diſputa.

tiſtica em movimento, foi um dos noſſos ultimos triumphos (1557).

No curto eſpaço de 14 annos alcançavamos tres victorias ſcientificas no continente: Goes publicava em 1541 a ſua brilhante reſpoſta contra Münſter; Antonio de Gouvêa vencia em Paris em 1543 contra Pierre Ramus (1); e finalmente, Vicente Luſitano refutava em 1557 um dos primeiros theoricos muſicaes do ſeculo XVI.

Poucos annos depois d'eſta ultima victoria já nós não dominavamos—eramos dominados, pelo menos em Flandres. Em 1560 já o Feitor de Portugal, ou o que era o meſmo, já Sua Alteza o Rei de Portugal não tinha credito em Antuerpia (2). «Pouco tempo ha que elle (o Feitor) levava d'eſta praça tudo quanto lhe agradava, e, em tempos que já lá vão, em que o ſeu principe tinha muito mais credito ou mais gaſtos, levantaram os ſeus feitores algumas vezes n'uma ſó feira (3) mais de tres milhões de eſcudos, eſtando ſempre em dia com os ſeus debitos. Mas ha pouco tempo para cá, achando-ſe aquelles dois Reis (o de Heſpanha tambem) muito ſobrecarregados de debitos, eſte (o de P.) por cauſas das guerras e empreſas das Indias; aquelle (o de H.) por cauſa das guerras contra os Francezes e Turcos; e achando-ſe além d'iſſo talvez *demaſiado ſobrecarregados com as uſuras dos avidos mercadores* (4) que os maltrataram, parece que deliberaram ſatisfazer as ſuas dividas a praſo» (5).

(1) Ramus atacava nas ſuas *Inſtitutiones dialecticæ* e nas *Animadverſiones in dialecticam Ariſtotelis,* uma parte do ſyſtema do grande philoſopho, ſobretudo a *Logica.*

(2) Vide o que diſſemos já a p. 12. Dizemos o rei, porque o Feitor era o ſeu legitimo repreſentante, por procuração.

(3) Em 1560 havia nos paizes de Flandres feiras em Antuerpia, em Berga e em Lira. Na Heſpanha eram em Medina del Campo (duas), Villalon (uma), Rioſecco (uma).

(4) *Ingordi Mercatanti,* p. 159.

(5) ... con un poco di commodità di tempo. *Ibid.*

Eſtavamos reduzidos a pedir moratoria nos fins do reinado de D. João III (1557) e principio da regencia de D. Sebaſtião. Os negocios da Feitoria eſtavam meſmo completamente parados:

«... & coſi reſtano di preſente i prefati Fattori in quanto a negoci reali in ſu la piazza *immobili,* aſpettando l'intera reſolutione da loro Signori» (1).

Iſto não era novo; deviamo-nos ter lembrado da lição que ſetenta e quatro annos antes nos haviam dado os mercadores extrangeiros na Madeira:

«Entre elles (os ſeſmeiros) breve deſavindos, ſobreveiu logo a eſpeculação e o capital dos mercadores extrangeiros, os quaes, deſpeitados contra a fortuna, que tantas e tão ricas colonias conferira a Portugal e Heſpanha, não perderam o enſejo de tomar *pela uſura,* prompta repreſalia ſobre eſta população deſvairada. *Os adiantamentos por conta* entregaram-lh'a, ſubmettida pela mingua de uns e deſperdicio de outros. Já ſe haviam apropriado dos vindouros productos da terra e *iam-ſe aſſenhoreando* da terra meſma (2).»

As medidas *heroicas,* tomadas em 1486 pela camara do Funchal, ordenando aos extrangeiros para ſahirem da ilha dentro de alguns mezes, de nada haveriam valido ſem as providencias de D. Manoel (3). Como ſe vê, a lição não aproveitou á corôa, nem á nação, tambem em grave culpa. Se exportavamos para Flandres muita couſa precioſa, importavamos muito mais — e a exportação compunha-ſe do producto das colonias — que podiamos perder — e não do reino, onde tinhamos pé firme.

(1) *Op. cit.,* p. 159.

(2) *Saudades da Terra,* pelo Doutor Gaſpar Fructuoſo. *Hiſtoria das ilhas de Porto Sancto, Madeira,* etc. (Ms. do ſeculo XVI, ed. do benemerito profeſſor Alv. Rodr. de Azevedo. Funchal, 1873 — 8.º gr., p. 678-679.)

(3) *Saudades,* p. 679, e os intereſſantes documentos de D. Manoel, p. 681 e ſeguintes.

De Flandres vinham-nos os pannos de variadas qualidades, os finos pannos de Flandres, alguns mesmo da Inglaterra (1), mantos e mantéos (!) de toda a qualidade e preço, tapeçarias, telas finas e grossas—*per un tesoro!!*—camelotes (2), linhos, linha em fio, cera (!), pez (!), robbia (3), cebo (!!), enxofre, e muitas vezes grãos e centeio (!), carne (!!!) e peixe salgado (!!!!), até mesmo—(Guicciardini diz, até mesmo: *in fino)*—queijo e manteiga e ainda toda a sorte de trabalhos em metal, em seda, casulo—& *d'altro.*—E aqui acaba o italiano Guicciardini, accrescentando: *per una somma maravigliosa!*—acaba, para recomeçar: «bastantes pratas lavradas, muitas armas offensivas e defensivas, e toda a qualidade de munições de guerra, e tambem uma infinita variedade de trastes e alfaias de casa, desde a mais minima até á maior.»

Este quadro é uma vergonha! Esta citação prova que apesar das Indias, da Africa, dos Açores; apesar do commercio privilegiado de Macau—eramos *pobres,* da unica riqueza verdadeira, a do trabalho. Isso que importavamos de Flandres prova que em 1560 não tinhamos nem agricultura, nem industria nacional, producção propria, emfim. Não tinhamos os cereaes necessarios para alimentar a população do paiz (como ainda hoje não os temos), não tinhamos nem linhos, nem pan-

(1) Da Inglaterra! cuja capital tinha em 1370 apenas 35:000 habitantes, que contava em 1377 380 habitantes por legua quadrada! que era tão pobre que de 1049-1558 teve 121 vezes a *fome* (uma por cada 2 1/3 annos). Mais: no começo do seculo XVI ainda a Inglaterra não possuia *um unico* navio de 300 toneladas! Macaulay diz *(Essays)* que a vida da alta aristocracia era miseravel, mesmo a de um Northumberland—egual á de um marujo inglez de hoje. A exportação era, em 1355, 294:185 libras esterlinas; a importação *só* de 38:970; eis a chave do futuro enigma. É verdade que a circulação da moeda cunhada era na Europa, em 1492, só de um milhar de milhões de francos (Kiesselbach, p. 237), mas em 1560 possuia já um dos Fugger 6.000:000 de corôas de ouro em dinheiro. (V. *Addenda.)*

(2) Fazenda tecida com a lã do camelo, e entretecida de fio d'ouro e prata, muito estimada.

(3) Tintura avermelhada.

nos para nos veſtir, nem ſequer uma das mil bagatellas com que ſe guarnece uma caſa!

Nós, que no ſeculo XIV firmavamos com Eduardo III de Inglaterra (1327-1377) um contracto, que nos garantia o *direito de peſca* em todas as aguas d'aquelle reino durante cincoenta annos (1), tinhamos de importar em 1560 o peixe ſalgado de Flandres!

Nós, que já em 1274 (2) nos apreſentavamos nas bocas do Tamiſa, e davamos aos negociantes inglezes que nos pagavam a viſita, em Lisboa, o teſtemunho do noſſo trabalho, offereciamos-lhes tres ſeculos mais tarde o eſpectaculo contrario em Lisboa: a capital, cheia de eſcravos de todas as côres (3), de ocioſos, de paraſitas.

O ouro vinha das Indias por Lisboa, de *paſſagem,* e rolava para Antuerpia. Guicciardini, extranhando que a Heſpanha nada produza «nella induſtria, & nelle fatiche dell'huomo», acha a verdadeira razão do phenomeno, quando diz: «delle quale fatiche gli Spagnuoli di baſſa conditione, almeno nel loro paeſe ſono inimiciſſimi» (4).

Um povo de fidalgos — a Heſpanha de Felipe II vangloriava-ſe d'iſſo! — um povo de paraſitas; a diviſa do rei *plus ultra;* a diviſa da nação *far niente;* a diviſa futura: a ruina... *plus ultra:* a deshonra do nome, da palavra, do contracto.

Guicciardini podia dizer o meſmo de Portugal em 1560, que não mentia — ſe não mentia quem o prophetiſaſſe (5) ſetenta e quatro annos antes, em 1486!

(1) Kieſſelbach, *op. cit.*, p. 309. Facto completamente ignorado entre nós.

(2) Idem, *ibid.* A primeira referencia a relações commerciaes com os inglezes acha-ſe em Santarem, *Quadro,* vol. XIV, p. 7; é de Jan. de 1252; depois falta a 1293.

(3) Guicciardini, *op. cit.*, p. 146.

(4) Idem, p. 169.

(5) *Saudades da Terra,* p. 678. «O ſeſmeiro rico», etc.

Emquanto os noſſos negocios iam de mal a peor, gaſtavamos o tempo com ninharias da etiqueta e oſtentações vaidoſas, que foram uſo e abuſo da noſſa gente — deſde antiga data.

Em 1549 entrava o principe Felipe, mais tarde Felipe II, em Antuerpia; os negociantes extrangeiros e os cidadãos do paiz abriram a bolſa e gaſtaram 130:000 eſcudos para o receber. Quando ſe tratou de eſtabelecer a ordem do cortejo, começaram as rivalidades. Os dinamarquezes cederam de bom grado o paſſo aos allemães, mas os heſpanhoes proteſtaram não ceder, até que o imperador (Carlos V) decidiu contra. Os portuguezes não queriam ceder aos inglezes, e o imperador interveio novamente, e decidiu contra os noſſos. Os italianos faziam queſtão entre ſi (genovezes contra florentinos, etc.) e contra todos, querendo o primeiro logar. Os portuguezes, para não irem atraz dos inglezes, «poſtoque tiveſſem feito grandes deſpezas em veſtuario e outras couſas — ficaram em caſa» (1) — como ſe preſentiſſem que iam preſtar homenagem ao futuro uſurpador do ſeu paiz.

D'eſte modo nos diſtinguiamos em Flandres; é verdade que então, em 1549, ainda não andava a aſſignatura de El-Rei de Portugal (2) pela mão dos uſurarios e agiotas de Antuerpia.

(1) Guicciardini, p. 114.
(2) Já diſſemos que o Feitor de Portugal repreſentava o ſoberano por procuração; aſſignava, vendia e comprava em nome d'elle, etc.

# V

## INFLUENCIA DE DÜRER NA PENINSULA E ESPECIALMENTE EM PORTUGAL

a) Influencia practica e theorica de Dürer em Portugal. As gravuras de Dürer. Influencia practica. Falſa opinião de Raczynski. Giovanni Wierx e Giov. de Hemeſſen. Influencia theorica: Franciſco de Hollanda; Luiz da Coſta; Felipe Nunes; Padre Ignacio da Piedade Vaſconcellos; Dr. B. de Almada. Dürer eſquecido no ſeculo XVIII; razão d'iſſo; influencia dos theoricos francezes; alguns allemães: Mengs, Hagedorn, Sulzer, Winckelmann. Os noſſos eſcriptores do ſeculo XIX ſobre Dürer.

b) Influencia de Dürer em Heſpanha. Eſcriptores heſpanhoes do ſeculo XVI e XVII. *Vier Bücher menſchlicher Proportion* (1528); *Meſs-Kunſt* (1525). Carducho; Pacheco; reparos. Gravuras da *Vida de Noſſa Senhora* e da *Paixão*. Carlos V e Dürer; Felipe II e Dürer; livro de deſenhos originaes; as gravuras da Apocalypſe. Leilões em Madrid no ſeculo XVI e XVII; collecções de Antonio Perez, de Villamediana e de Leoni. Rodolpho II, imperador de Allemanha, e ſeu agente o Conde de Khevenhiller. 250 pinturas de Dürer por 500 ducados; as reliquias de Dürer vendidas. Olvido; a luz do ſeculo XIX; reſtos, apuro de contas; uma eſperança.

Paſſaremos agora a apreciar a influencia que Dürer exerceu indirectamente ſobre o deſenvolvimento da arte na Peninſula, e eſpecialmente em Portugal. Eſſa influencia notavel foi dupla, *practica* e *theorica*. Os eſcriptores (1) ſobre a arte em Portugal mais de uma vez alludiram á influencia que a

(1) Volkmar Machado. *Col. de Memorias,* pag. 93. Machado de Castro. *Diſcurſo,* etc., p. 42. Vieira Luſitano, com relação a Raphael.

*obra gravada* (1) de um ou outro artiſta exerceu em Portugal, muito embora n'eſte paiz faltaſſem quadros authenticos d'eſſes meſmos artiſtas.

O Conde de Raczynski (2), fallando da educação artiſtica de Vaſco Fernandez, da eſchola dos Grão-Vaſcos, diz:

«Parece-me que Vaſco Fernandez, iſolado na ſua cidade natal de Vizeu, ſe conſervou alheio ao movimento artiſtico da ſua época, e que não teve outros meſtres, a não ſer as *gravuras allemãs e flamengas* que, durante os reinados de D. Manoel e D. João III (época que eſteve ſujeita quaſi excluſivamente ao movimento artiſtico de Flandres e da Allemanha), auxiliaram e propagaram a arte dos dois paizes, de um modo notavel, em Portugal.»

Em Portugal andavam muitos livros illuſtrados, deſde o fim do ſeculo XV e principio do ſeculo XVI. Lembraremos apenas algumas eſpecies bibliographicas; as differentes *Coſmographias* (3), edições de Ptolemeu (4) e outros geographos antigos; tratados de geographia modernos (5); deſcripções de viagens (6) — livros indiſpenſaveis para as noſſas deſcobertas; as edições illuſtradas dos claſſicos latinos (Ovidio, Virgilio, Cicero, Tito Livio, Aulio Gellio, etc.); dos livros de cavallaria;

(1) Entendemos por obra gravada, a expreſſão franceza *œuvre gravée*, iſto é, a totalidade dos trabalhos de um gravador, como tambem ſe diz *l'œuvre d'un artiſte*, deſignação que abrange toda a actividade de um dado artiſta.

(2) *Dictionnaire*, p. 96.

(3) A de Sebaſtião Münſter (V. *Addenda:* «Damião de Goes e a Renaſcença allemã»), traduzida em quaſi todas as linguaes europeias. (Illustrações da eſchola de Holbein.)

(4) Entre outras edições a de W. Pirkheimer, intimo amigo de Dürer, annotada por Regiomontanus. *Argentorati* (Strassburgo) 1525, fol. Regiomontanus era conſiderado em Portugal e Heſpanha como o primeiro aſtronomo do ſeculo XV e XVI. (Illuſtrações de Dürer e H. Hopfer.)

(5) Tratado de Glareano, amigo intimo de Goes. *(Baſileæ,* 1527. Illuſtrações por Sigm. Holbein.)

(6) *Novus Orbis Regionum ac Inſularum Veteribus incognitarum...* (Ed. Grynaeus. *Baſileæ,* 1532, fol. Gravuras attribuidas a Holbein, filho.)

dos poetas e criticos da Renaſcença (Petrarca, Eraſmo...) (1); dos livros de medicina e ſciencias relativas, botanica (2); dos tratados de devoção (3), para não fallar nas Biblias, Miſſaes, Breviarios, Pontificaes, Officios da Virgem; os livros de emblemas e allegorias (Alciati, Giovio), que deviam andar nas mãos de todos, n'uma época de *emprezas;* as varias *Chronicas* univerſaes e eſpeciaes de Schedel (4), de Barcellus & Jovianus (5), etc., etc.

O Infante D. Fernando, filho de D. Manoel (depois Duque da Guarda), era grande amador das taes *Chronicas*. Goes diz: « & por aver as verdadeiras trabalhaua muito, do que eu ſou teſtemunha, porque eſtando em Flandes, em ſeruiço del Rei Dom João terceiro ſeu irmão me mandou pedir todalas

(1) A maior parte das illuſtrações dos livros de Eraſmo eram de Holbein e ſua eſcola. *(Encomion morias,* ou *Stultitiæ laus.)*

(2) *O Opus chyrurgicum,* de Theophraſtus Paracelſus (1493-1541), Frankfurt, 1565, com gravuras de Jost Amman.

*Hiſtoria Plantarum,* de Dioſcoride. Lugduni, 1561, com gravuras de Liberale e Meierpeck.

*Herbarum imagines uiuæ,* de Chr. Egenolph, 1535, com gravuras do meſmo.

*Frumentorum, leguminum,* etc., *hiſtoria* de Dodonaco. (Antverpia. Plantin, 1566. Gravuras de A. Silvius.)

(3) Citarei um unico exemplo, as: *Adnotationes et meditationes in evangelia,* etc., de Hieronymus Natalis. (Antuerpiæ, 1593 e 1595, fol.)

Eſta obra eſtá enriquecida com 153 gravuras dos irmãos Wierx (Ant., Johan e Hyeron); de Collaert e outros; era vulgar nos noſſos conventos. Ainda no ſeculo XVIII exiſtiam em Lisboa deſenhos originaes de Jan Wierx, imitador de Dürer ſegundo o *Abec. pitt.* (Vide adiante p. 59.)

(4) A *Neue Weltchronik* de Hartmann Schedel, impreſſa em 1493 pelos Koburger de Nürnberg em latim e allemão, era conhecida em Portugal. Contém mais de 2:000 gravuras feitas por Wohlgemuth (meſtre de Dürer) e pelos diſcipulos da ſua officina. Alguns membros da celebre familia de impreſſores dos Koburger vieram para Portugal e Heſpanha. O chefe da familia, Anton Koburger, tinha 16 lojas de livros nas principaes cidades da Europa. É poſſivel que uma d'ellas foſſe em Lisboa. (Vid. para mais: Dr. W. Lochner. *Des Johann Neudörffer Nachrichten,* 1547, n. ed. 1875, p. 85.)

(5) *Chronica de Heſpanha,* em edição latina e allemã; foi traduzida por Hieronymus Boner de Colmar. Augsburg, 1543, fol. Com gravuras de H. Schäufelein e H. Burgkmair. (Sobre eſtes artiſtas V. atraz, p. 42 e 43.)

*Chronicas* que ſe podeſſem achar ſcriptas de mão, ou imprimidas, em qualquer lingoajem que foſſe, as quaes lhe mandei todas. ... nas quaes Chronicas deſpendi per ſua conta huma grão ſomma de dinheiro» (1).

Todos eſtes livros offereciam materiaes de eſtudo, quaſi inexgotaveis, nas numeroſiſſimas gravuras com que eram ornados; nenhum ſeculo moſtrou, como o ſeculo XVI, uma predilecção tão marcada e tão conſtante pelas grandes publicações illuſtradas, predilecção que chegou ao exceſſo, á monomania, reduzindo o artiſta a artifice, e tirando ao texto toda a importancia ſcientifica, para pôr a parte iconographica em maior relêvo.

Aquillo que o Conde avançava como uma hypotheſe adquire o caracter de facto hiſtorico, em viſta d'eſtas noſſas revelações. Junte-ſe ainda a iſto a notavel influencia de Fernando Gallegos na Peninſula, e eſpecialmente em Portugal.

Gallegos foi diſcipulo de Dürer, ſegundo Cean Bermudes (2); Guarienti achou em Portugal muitas obras d'eſte pintor heſpanhol, e o Conde de Raczynski aponta ainda algumas das mais notaveis; Raczynski julga até deſcobrir n'um dos quadros de Thomar o retrato de Dürer (3). Abſtrahimos aqui

(1) *Chronica.* P. II, p. 371 e 372.

(2) *Diccionario hiſtorico,* etc., vol. II, p. 156. Crowe & Cavalcaſelle (p. 403) dizem que o eſtylo de Gallegos ſe confunde com o de Roger, alludindo á *Madonna* da capella de S. Clemente em Salamanca; não admira; no tempo de Cean Bermudez ainda ninguem eſtabelecia a differença entre as eſcholas allemãs e as eſcholas de Flandres; aquellas fundiam-ſe n'estas, ou antes *n'eſta,* porque, do meſmo modo que ſe não fallava n'uma eschola ſuabica, franconica, ſaxonica, nem n'uma eſchola de Colonia (que decerto ſó foi caracteriſada por Merlo em 1850 e 1852, em 2 vol.) dentro da grande eſchola allemã, ninguem ſeparava as duas eſcholas de Flandres e de Brabant dentro da eſchola dos Paizes-Baixos.

É, porém, de admirar que o Conde de Raczynski *(Arts,* p. 124; *Dict.,* p. 286) repetiſſe, em 1846, o erro de Cean Bermudez em 1800.

(3) Veja-ſe o que o Conde diz relativamente ao cyclo dos quadros de Thomar, hoje na Academia de Bellas-Artes de Lisboa (Centurion, *Arts,* p. 124 e 153).

da *Batalha de Pavia,* attribuida a Dürer, de que falla o mesmo auctor (p. 275 e 276).

A pag. 367 chega o Conde a dizer:

«Os quadros de Grão-Vasco não pertencem á influencia italiana, como eu o suppunha, mas decididamente á de *Albert* (aliás Albrecht) Dürer.»

Falla ainda o Conde (p. 386) de uma *belle tête de Christ* de 1514, que estava em Agosto de 1844 na galeria de M. Graham (Porto); de *quatro cabeças* de tamanho quasi natural, encerradas em dois medalhões *sans verre.* «Não pude chegar a descobrir de que mestre fossem, mas ellas trouxeram-me á memoria o retrato de Holzchur (1) (sic) de Albert Dürer; eu acreditaria de bom grado que estas cabeças vieram da Allemanha e que datam da época d'aquelle pintor. O que é certo é que são admiraveis de desenho e de colorido» (p. 470).

O *Abecedario pittorico* (2) cita ainda dois artistas que teem relação com Dürer: «Giov. Wiriex *gran disegnatore a penna, e imitatore di Alberto Durero. In Lisbona il Sig. Venturino Olbexien ha nella sua raccolta un belissimo disegno di lui;* e — Gio. de Hemessen *pittore antico di Alemagna, imitò la maniera di Alberto Durero* e lavorò in mezzane e grandi figure con buon disegno e vago colorito. Fioriva negli anni 1531. In Lisbona vedesi un suo quadro con un S. Girolamo, posseduto dal signor de Silva Telles, capoccacio del re, con-

(1) Aliás *Holzschuher;* este retrato incomparavel, talvez o mais bello que Dürer pintou, estava em exposição no *Germanisches Museum* de Nürnberg, onde o admirámos em Setembro de 1875 e Abril de 1876. Está ainda hoje em poder da familia do mesmo nome, e no mesmo caixilho primitivo; o retrato não se póde descrever com palavras; é preciso vêl-o; e parece-nos ter apenas um rival na arte do retrato: a *Mona Lisa* de Vinci no Louvre. Ha uma excellente gravura d'este retrato, feita em 1849 por Friedrich Wagner, que ainda assim, não é mais do que um pallido reflexo do original; estava ao lado d'este, para confronto, no citado museu.

(2) Edição de 1776, 4.º gr., p. 612.

traſſegnato col proprio nome, e detto anno. *Vaſari* tom. ult. a car. 858 lo chiama Giovanni d' Hemſem» (1).

A influencia *theorica* de Dürer não foi menos notavel do que a practica. O primeiro eſcriptor portuguez que falla de Dürer é ſem duvida Franciſco de Hollanda nos ſeus *Dialogos* (2). Depois de Hollanda (1549) ſegue-ſe Luiz da Coſta (naſcido em 1599), que traduziu um dos tratados de Dürer: *Quatro livros de Symetria dos Corpos humanos compoſtos por Alberto Dureiro com o 5. livro de Paulo Galario Saludiano.* Fol. Ms. (3). Eſta traducção, que ficou infelizmente em manuſcripto, foi feita da *edição italiana,* ſegundo ſe collige do que diz Barboſa Machado (4).

Em ſeguida a Luiz da Coſta temos Felipe Nunes (1614), que cita os trabalhos theoricos de Dürer com frequencia (5),

(1) Meſma edição de 1776, p. 575; o artigo concorda ſó até á palavra *Lisbona;* depois lê-ſe (in Lisbona): *vedeſi* em logar de *vidi* (edição de 1753, apud Raczynski); a phraſe deſde *poſſeduto* até *contraſegnato,* foi tambem ſupprimida na edição de 1776, provavelmente porque eſta foi feita depois da morte de Guarenti. O *Abecedario pittorico* de Orlandi teve varias edições deſde 1704-1776, que é a ultima que conhecemos e temos preſente; a edição de 1731, que temos tambem á viſta, nada diz, nem de Wierx nem de Hemeſſen, o que não admira, porque a edição do *Abecedario,* feita por Guarienti, ſó data de 1753; além d'iſſo o auctor eſteve em Portugal de 1733-1736 (Racz. *Arts,* p. 241 e 257). Note-ſe, que apeſar de Guarienti ter eſtado aqui tres annos, ter ſido artiſta e inſpector da galeria de Dreſden, galeria que tinha já no ſeculo XVIII uma reputação univerſal, não havia em Portugal (pelo menos em Lisboa) em 1846 um unico exemplar do *Abecedario,* que o Conde podéſſe conſultar! E' o proprio Conde que o diz (p. 193) e o repete (p. 257). Dos 27 poſſuidores de quadros e de galerias, citados por Guarienti em 1733 e 1736, não achou o Conde, em 1846, ſenão um reſto *unico,* na galeria Alorna-Oeynhauſen. Ignorancia de um lado — incuria do outro!

(2) Apud Raczynski, *Arts,* p. 15 e 56; a phraſe que Franciſco de Hollanda cita de Miguel Angelo ſobre Dürer (p. 15) acha a ſua contraprova em Thauſing, p. 255, 259, 272 e ſeguintes da ſua monographia.

(3) Barboſa Machado. *Bibl. Luſitana,* vol. III, p. 87.

(4) ... «e como era muito perito na lingua Italiana traduzio d'ella em a Portugueza», etc. *Op. cit.* (Vide o que dizemos adiante ſobre as traducções das obras de Dürer.)

(5) *Arte da Pintura, ſymmetria e perſpectiva.* Lisboa, 1767, 8.º peq. (2.ª ed.), p. 35, 46, 49 e 106.

principalmente a *Symmetria,* na edição latina, e d'ella aproveita muita doutrina.

A tradição de Dürer continuou por todo o feculo XVIII em Portugal. O Padre Ignacio da Piedade Vafconcellos (1) cita a *Symmetria* com louvor e enche o capitulo V (p. 25-30) com a doutrina de Dürer, accrefcentando: «e ainda hoje (ifto é, 1733) fe eftimão os rifcos das fuas eftampas por coufa fingular.»

Não fão menos fignificativos os louvores que tributa ao artifta allemão o dr. Jofé Lopez Baptifta de Almada (2) em 1749.

Acabam n'efta data os noffos apontamentos fobre Dürer.

Na fegunda metade do feculo XVIII e no principio d'efte feculo abandonaram os noffos artiftas os theoricos allemães e italianos, que haviam predominado no feculo XVI e XVII até á primeira metade do feculo XVIII, e adoptaram os *francezes:* Picart, Pouffin (3), Bouchardon, Monnet (4), du Frefnoy (5),

(1) *Artefactos fymmetriacos,* etc. Lisboa, 1733, fol., p. 4. Efte auctor cita na mefma pagina (a p. 22, 35, 38, etc.) um efcriptor portuguez fobre Symmetria, *Jeronymo Penha,* de que não dão noticia, nem Barbofa, nem Innocencio, nem Raczynski; andaria em manufcripto, como um outro tratado de *Perfpectiva* de Lourenço da Cunha, primeiro meftre de Jofé Anaftacio da Cunha, o noffo celebre Mathematico? Nem Taborda, nem Cyrillo fallam d'efte *ms.,* poftoque o fegundo dê a biographia do auctor. Raczynski, que copiou Cyrillo (p. 196) tambem nada diz. Acha-fe citado em outro trabalho anonymo de Cyrillo Volckmar Machado: *Converfações fobre a Pintura, Efculptura e Architectura.* Lisboa, 1797, 8.º peq. Parte VI, p. 72.

(2) *Prendas da Adolefcencia,* etc. Lisboa, 1749-fol., p. 52, 55, 89, etc.

(3) *Prendas,* p. 61. «Aos fobreditos (Juan de Arphe e Palomino) poderão recorrer os curiofos, ou ás Academias de Picart ou de Pouffin, *que fão as que com mayor abundancia chegão a efte Reyno.*»

(4) *Études d'Anatomie à l'ufage des Peintres,* par Charles Monnet, peintre du Roi. O efculptor Francifco de Affis Rodrigues havia concluido em 1829 uma traducção d'efta obra. Vide: *Memoria d'efculptura apresentada,* etc. Lisboa, 1829-p. 8, nota 2.

(5) O pintor Jeronimo de Barros Ferreira traduziu a *Art de la Peinture* de C. A. du Frefnoy; o *ms.* d'efta traducção eftá na Bibliotheca da

Laireſſe (1), Dupain (2), A. Boſſe (3), Watelet, Blondel, Cochin, Sally, Boffrand, Mariette, Coypel, La Combe (4), etc. (5). As doutrinas artiſticas da *Encyclopedia* (Mr. de Jaucourt, de Caylus, Falconnet, Diderot, etc.) tambem contribuiram para augmentar a influencia e auctoridade dos theoricos francezes.

Academia de Bellas-Artes. Raczynski *(Dict.*, p. 23) diz: «traduiſit du français l'*Art*, etc., publié em 1801.» Iſto não eſtá claro. Dufreſnoy publicou o ſeu livro em Paris, em 1657, em latim *(De arte graphica)*; a traducção franceza appareceu na meſma cidade em 1658. Depois fizeram-ſe em Paris mais ſeis edições (ſegundo crêmos) de 1673 até 1824. A data 1801 refere-ſe á publicação da traducção portugueza.

O citado livro teve uma grande influencia ſobre a arte e ſobre o goſto do publico, porque foi traduzido em quaſi todas as linguas europeas; em inglez logo em 1695 e mais *ſeis* reimpreſſões ſucceſſivas até 1783; em hollandez uma edição em 1733; em allemão duas, 1699 e 1731, em Berlim e Vienna, e mais uma em Leipzig, em latim (1770); em italiano tres, em 1713, 1750 e 1783; ao todo, 22 edições, e eſta liſta poderá não ſer completa.

(1) *Principios da arte da gravura*, etc. Lisboa, 1801-4.º, traduzidos por *Ordem ſuperior*. É o livro XIII da grande obra de Laireſſe que appareceu em 1707 em Antuerpia *(Het groot Schilderboek*, 2 vol.; varias edições em inglez, francez e allemão; excellentes quadros d'eſte pintor (1640-1711) no muſeu de Berlim.

(2) *A ſciencia das ſombras relativas ao deſenho*, etc., por M. Dupain (aliás D. de Monteſſon). Lisboa, 1799-4.º, traducção de Fr. Joſé Mariano da Conceição Velloſo, por *ordem do principe do Brazil* (D. João VI); a ed. princeps, Paris, 1750.

(3) *Tratado da gravura a agua forte, e a buril, e em maneira negra*, etc., por Abrahan Boſſe. Lisboa, 1801-4.º, trad. de Joſé Joaquim Viegas Menezes; *por ordem* de S. A. R. o Principe Regente N. S. (D. João VI), ed. princeps: Paris, 1645; depois, varias edições em allemão, francez e hollandez.

(4) *Eſpetaculo das Bellas Artes* ou conſiderações ácerca da ſua natureza, etc., por M. Lacombe, traduzido em Portuguez, por... Porto, 1786, 8.º peq. Officina de Antonio Alvarez Ribeiro. A ed. original é de Paris, 1758 (n. ed. 1761). Lacombe publicou tambem um *Dictionnaire portatif des Beaux-Arts*. Paris, 1758, 12.º, que Machado cita (p. 187) ſem nome d'auctor.

(5) Machado de Caſtro cita *(Deſcripção analytica)* os auctores 3.º e 5.º da pag. 60, o 1.º e 4.º (Watelet) d'eſta pagina e todos os ſeguintes até Lacombe (ed. franceza). Poderiamos juntar de outra fonte *(Converſações ſobre a pintura, eſculptura e architectura)*, Lisboa, 8.º peq., 1794-1798, 6 partes) Tortebat, Bottmann, Watin, e outros.

Apenas Mengs (1) (editio Azara), Hagedorn (2) e Sulzer (3) repreſentavam a influencia dos eſtheticos allemães. Winckelmann (4) apparece — caſo extraordinario! — duas vezes n'uma obra portugueza (5) ſobre arte, para deſapparecer depois, radicalmente, da memoria da noſſa gente.

Como vimos no fim do capitulo v, os ſucceſſores de Baptiſta de Almada (1749) haviam já perdido o fio da tradição artiſtica de Dürer.

Machado de Caſtro (6) não falla em Dürer; Taborda (7) conſagra-lhe dez linhas e meia; Volckmar-Machado (8), fallando de Mantenha, tinha obrigação de determinar a relação do italiano com Dürer, o que não fez; é verdade que não ſe digna fallar de Holbein (9), cuja fama foi porém muito inferior á de Dürer, entre nós.

Depois de Taborda (1815) e Volkmar-Machado (1829),

(1) Machado *(Deſcripção analytica)*, p. 158, 170, 194, 203, 220, 229, etc.

(2) Idem, *ibid.*, p. 169, 177, 194. Machado cita a traducção franceza de Leipzig, 1775: *Reflexions ſur la Peinture.*

(3) Idem, *ibid.*, p. 179, 186, 188. Cita a traducção franceza da *Theoria geral de Bellas-Artes;* a edição allemã appareceu de 1773-1775, Leipzig, 4 vol.; os *Litterar. Zusätze* de Blankenburg ſó em 1796-1798, 3 vol.

(4) Idem, *ibid.*, p. 191 n. 41, e 208. Machado cita Winc Kelmann (ſic) *Hiſtoire de l'art chex les anci(ens)*, ed. de Yverdon, 1784.

(5) Antes de Machado *(Deſcripção,* 1810) já Winckelmann havia ſido citado pelo auctor anonymo de: *(Converſações,* etc., p. 22-II; 12-IV; 41-IV, n. V. ſupra) em 1794, não ſó com relação á *Hiſtoire,* mas tambem ás *Cartas* e *Tratado da faculdade do ſentimento do Bello* (ed. pr. 1763).

(6) *Deſcripção analytica da execução da eſtatua equeſtre,* etc. (D. Joſé). Lisboa, 1810-4.º

*Diſcurſo ſobre as utilidades do deſenho,* etc. Lisboa, 1818 (2.ª ed.)

*Carta que hum affeiçoado ás artes do deſenho,* etc. Lisboa, 1817, 8.º, (2.ª ed.)

Lemos eſtas tres obras do principio ao fim, mas nada achamos ſobre Dürer.

(7) *Regras da arte da pintura.* Lisboa, 1815, 4.º, p. 54.

(8) *Collecção de Memorias.* Lisboa, 1823, 4.º, p. 18; *tinha obrigação,* porque Mantegna exerceu uma grande influencia ſobre Dürer. Cita eſte ultimo a p. 5 e 50.

(9) Cita-o apenas uma vez a p. 54.

reata o Conde de Raczynski em 1846 a tradição interrompida desde 1749.

Temos nós a honra de ligar estes apontamentos ao trabalho do Conde e de dar o caracter de *facto* áquillo que era para elle mera hypothese.

Resta-nos historiar resumidamente a influencia que o celebre artista allemão exerceu no resto da peninsula, a fim de completar o quadro.

### b) INFLUENCIA DE DÜRER EM HESPANHA

A influencia de Dürer em Hespanha foi notabilissima.

Desde Juan de Yciar (1) (1549) até Ayala (2) (1782) se póde seguir por Juan de Arfe (3) (1585), Carducho (1633), Lopez de Arenas (4) (1633), Pacheco (1649), Simon Garcia (5) (1680), a influencia dos trabalhos litterarios de Dürer (6) sobre os theoricos hespanhoes. Foi sobretudo os *Vier*

(1) *Libro intitulado Arithmetica practica y muy vtil y prouechoso,* etc. Cæsarauguſtæ, 1549; e principalmente: *Arte sybtilissima, por la qual se enseña a escreuir perfectamente.* Çaragoça, 1555, 4.º de 48 folhas; o complemento d'este livro mui raro é: *Libro en el qval hay mvchas svertes de letras historiadas,* etc. Çaragoça, 1555, 4.º de 28 folhas.

(2) Juan Interian de Ayala. *El Pintor christiano y erudito,* etc., trad. do latim por D. Luis de Durán y de Bastero. Madrid, 1782, 2 vol. 8.º Cita Dürer a p. 58 do vol. II.

(3) *Escultor de Oro y Plata. De varia commensvracion para la Escvlptvra y Architectvra.* Sevilha, 1585, fol. de 148 folhas. Ha uma edição anterior de Valhadolid, 1572, 4.º de 72 folhas, resumida; e as de Madrid, 1598, 8.º, 1678, 4.º, e 1735, fol., todas mais ou menos alteradas; a melhor é a de 1585.

(4) *Breve compendio de la carpinteria de lo Blanco, y tratado de Alarifes.* Sevilla, 1633. Nova ed. Madrid, 1867, 8.º, p. 139.

(5) *Compendio de arquitectura y simetria de los templos, conforme a la medida del cuerpo humano,* etc., 1681. *Ms.* da Bibliotheca Nacional de Madrid, publicado, em resumo, em *El Arte en España,* 1868. Vol. VII, p. 113-127; 155-184 e 193-217, por D. Ed. de Mariátegui.

(6) Os trabalhos litterarios de Dürer são pela ordem chronologica:

1525. *Underweysung der messung mit dem zirkel unnd richtscheyt,* etc. Nürnberg, 1525, fol. peq.; segunda ed., 1538; 1604. É um curso de

*Bücher von menſchlicher Proportion* (1528) que mais foram aproveitados; Juan de Yciar utiliſou, além d'eſſa obra, tambem a *Underweiſung der meſſung* (1525), na parte que diz reſpeito á calligraphia.

Reſta examinar minucioſamente os trabalhos antigos ſobre fortificação, portuguezes (1) e heſpanhoes, onde deve haver veſtigios do tratado: *Underricht,* etc. Dürer, filho legitimo do grande ſeculo XVI, foi pintor, gravador, architecto, engenheiro, eſcriptor ſobre a arte, e foi, emquanto á fortificação, o inventor de um ſyſtema eſpecial, allemão, poſto em practica pelos habitantes de Strassburgo, que conſtruiram por eſſe ſystema o baſtião da porta de Kronenburg, que ſe conſervou até noſſos dias. O celebre architecto militar Specklin deſenvolveu as ideias indicadas por Dürer, cuja gloria, como engenheiro, ſó foi reivindicada em 1823 por von Sydow na ſua edição critica, e depois devidamente illuſtrada pelo Barão von der Goltz, G. v. Imhof e M. Allihn (1871). Até a França preſtou homenagem ao genio do engenheiro Dürer, publicando, em 1870, uma edição de luxo do tratado de fortificação (2).

geometria applicada, ſegundo os *Elementos* de Euclides; publicou-ſe em traducção latina: *Inſtitutionum geometricarum libri quatuor.* Paris, 1532; 1535, 1538, Nürnberg, e 1605, Arnheim.

1527. *Etliche underricht zu befeſtigung der Statt, ſchloss u. flecken.* Nürnberg, 1527; edição latina de Camerarius: Paris, 1535; Arnheim, 1603; nova ed. de von Sydow, Berlim, 1823; e Paris, 1870, ed. de A. Ratheau.

1528. *Hierin ſind begriffen vier Bücher von menſchlicher Proportion,* etc. Nürnberg, 1528. Dürer não chegou a redigir ſenão o primeiro livro; os outros tres foram redigidos por ſeus amigos e publicados pela viuva; a traducção latina de Camerarius appareceu de 1532 (primeiro e ſegundo livro) a 1534 (terceiro e quarto); depois houve novas edições em Paris em 1537 e 1557. A obra foi traduzida em *italiano* por G. P. Galucci, em Veneza, 1591 e 1594; em *francez* por L. Meigret (ſegundo a latina), Paris, 1557; Arnheim, 1614; e em *hollandez* em 1622 e 1662. Em 1603 appareceu em Arnheim *(Opera)* uma reproducção da ed. princeps de 1528.

(1) Examinámos apenas a obra de Azevedo Fortes: *O Engenheiro portuguez*, Lisboa, 1728-1729, 2 vol., mas não cita Dürer.

(2) Albrecht Dürer. *Inſtruction ſur la fortification,* traduit par A. Ratheau. Paris, 1870.

Voltemos, porém, á Hefpanha.

Efcolheremos de entre os fete efcriptores, citados ha pouco, apenas dois: Carducho e Pacheco. Eftes auctores, que fe podem qualificar como os dois primeiros theoricos hefpanhoes, tributaram-lhe elogios extraordinarios, já aos feus quadros, já aos feus eftudos efpeculativos fobre os fegredos da arte.

Vic. Carducho (1633) diz d'elle: «En mi eftimacion fué dignífimo Pintor y ninguno más que él fe puede honrar de efte nombre, porque no folamente obró con tanta excelencia como lo mueftran fus obras, más efcribió muchas materias de eftas profefiones con excelente erudicion y doctrina» (1). «... con eftupenda grandeza moftró fu prudente eleccion, tan docto y avifado, como advertido y cuidadofo, que no perdonó cofa imitable, que no manifeftafe con fus pinceles, y buril: á quien figuieron Lúcas de Holanda, y otros muchos de aquellas naciones...» (2).

Francifco Pacheco (1646) não lhe prodigalifa menos elogios: «Varon confumado, cuyas palabras fon dignas de gran ponderacion, y de que los doctos las adviertan y confideren profundamente... (3) que puede competir en las letras y erudicion con todos los antiguos» (4).

Em outra parte recommenda os trabalhos de Dürer para fubftituir o eftudo do *nú,* que elle julga perigofo: «Diré, feñor licenciado, lo que yo haria: del natural facaria roftros y manos con la variedad y belleza que lo hubiefe menefter (5), de mujeres honeftas, que á mi ver no tiene peligro, y para las demás partes me valdria de valientes pinturas, papeles de es-

(1) *Dialogos,* p. 117.
(2) Idem, p. 84.
(3) *Arte de la pintura,* I-347.
(4) Idem, II-146.
(5) Como fe efte proceffo de copiar *bellos roftos e bellas mãos* não foffe tentador!

tampa y de mano, de modelos y eſtátuas antiguas y modernas, y de los excelentes perfiles de Alberto Durero» (1).

Pacheco diz mais adiante (2) que o celebre Juan de Arfe ſe aproveitou e adoptou meſmo a theoria dos eſcorços por linhas parallelas de Dürer — e prova o dito com uma paſſagem de Arfe (3).

Segundo a claſſificação que Pacheco faz dos pintores mais celebres (4), fica Dürer *principe de la pintura* (5) em *terceiro logar*, depois de Miguel Angelo e Raphael e antes de Ticiano.

A p. 164 do vol. II refere a anedocta hiſtorica, ſuccedida na côrte do imperador Maximiliano, para moſtrar o modo como o artiſta foi honrado por tão alto perſonagem. No meio d'eſtes elogios encontra-ſe um ou outro reparo, que ſe refere ao modo como Dürer repreſentou certos aſſumptos religioſos; por exemplo, a p. 243-244, vol. I, referindo a maneira como Dürer nacionaliſou, *germaniſou* a Virgem (6), cita os reparos que lhe fizera Vaſari (I-328). Vem da meſma origem (Vaſari, poſtoque Pacheco não o cite) o reparo a p. 315, vol. I, ſobre a auſencia de «eſta parte que los italianos llaman bella y vaga manera», iſto é, elegancia de eſtylo, propriamente. Ainda asſim, acha Pacheco nas ſcenas da *Paixão de Chriſto* e na *Vida de Noſſa Senhora* muito que louvar, citando-as como *modelos* em mais de um ponto (7).

A importancia de Dürer parece eſtar, para Pacheco, no *retrato* (8); o theorico heſpanhol não ſe cança em repetir os maiores elogios aos retratos do artiſta allemão; ora é o de

(1) *Arte de la pintura*, I-355-356.
(2) Idem, I-374.
(3) *De varia commenſuracion*, etc., lib. 2, tit. 4. É exacto; verificamos a aſſerção no exemplar da Bibliotheca do Porto, lib. 2, fol. 41.
(4) *Arte de la pintura*, I-408.
(5) Idem, I-319.
(6) Idem, II-202.
(7) Idem, II-187.
(8) Idem, II-132.

Bibaldo e de Erafmo; ora o dos imperadores Maximiliano e Carlos v (1); do Duque de Saxonia, etc. A Pacheco não escapou nem fequer a delicadeza com que Dürer rematava os dedos (2), uma das maiores difficuldades da pintura de retratos; na *mão* eftá a caracteriftica de um perfonagem, tanto ou mais do que na fua phyfionomia (3). As mãos de Dürer eram celebres pela fua belleza.

Não acabariamos fe foffemos a citar todas as paffagens da *Arte de la Pintura* que fe referem a Dürer; baftam eftas para provar a extraordinaria confideração de que Dürer gofava na Hefpanha entre os homens da fua claffe. Não era menos eftimado nos circulos officiaes da côrte.

Felipe II, cujo caracter politico é tão antipathico, tinha um certo fentimento artiftico, tanto mais fingular que era ecclectico.

Ifto parece inverofimil, mas eftá comprovado por factos inconteftaveis.

A fua predilecção pelo fombrio e tetrico Hieronymus Bofch (4) e fuas orgias infernaes não o impedia de apreciar muitiffimo o talento de Ticiano, e de colleccionar com afan

(1) *Arte de la pint.*, II-134 e 164. (V. fobre o de Carlos v *Addenda.)*
(2) Idem, I-339.
(3) C. G. Carus. *Symbolik der menfchlichen Geftalt,* p. 294.
Citaremos, por exemplo, o contrafte entre as mãos e os roftos, exemplificado de uma maneira fublime no *Zinfgrofchen* de Ticiano, em Dresden!
(4) *Arte de la pintura,* II-129.
Sobre efte pintor extraordinario vide tambem Cean-Bermudez, I-172-176. Em Fevereiro de 1871 vimos na fachriftia do Efcorial varios quadros d'efte pintor; por favor do artifta reftaurador d'effe mofteiro podémos examinar um *trypticho* de Bofch, que era como que uma illuftração da theoria da transformação das efpecies, applicada aos tres reinos, mineral, vegetal e animal! Nunca vimos nada mais eftupendo, como creação da phantafia; todos os Breughel infernaes da galeria de Drefden não dariam para metade d'effe quadro. Infelizmente, o *trypticho* eftava muito arruinado, e pofto a um canto.

os desenhos de Dürer e as suas gravuras em madeira, sobretudo as da *Apocalypse* (1).

Carducho, que confirma a existencia d'estas ultimas gravuras em Hespanha (2), dá tambem noticia da venda de outra serie: *Paixão de Jesu-Christo,* n'um leilão, na primeira metade do seculo XVII; este leilão foi, ou o do Conde de Villamediana (3), ou o de Pompeo Leoni (4), feitos em Madrid em 1623, na occasião em que estava alli o principe de Galles (7 de Março a 19 de Agosto), que varreu na primeira metade do seculo XVII as collecções de Madrid (5).

Um outro leilão anterior (1585), o da galeria do celebre Antonio Perez, posta á venda pela familia do desgraçado secretario, a fim de poder pagar a multa da sentença condemnatoria (72:000 florins), privou a Hespanha de muitas joias de preço, que foram ter a differentes mãos, entre outras ás do imperador Rodolpho II da Allemanha, que mandava fazer as compras pelo seu embaixador em Madrid, Conde de Khevenhiller (6).

A galeria de Perez compunha-se principalmente de quadros de mestres italianos, e, comquanto seja mui interessante a *Relação* do Conde sobre essa venda, renunciamos a ella, porque temos de nos restringir a Dürer; outra venda, a da collecção do cardeal Granvella (fallecido a 21 de Setembro

(1) *Arte de la pintura,* II-165. Estas gravuras estavam ainda em 1649 no Escorial. O assumpto d'ellas quadrava tambem com as tendencias de Felipe II, postoque as composições de Dürer excedessem em muito os *guizados de demonios* (Pacheco, II-129) de Bosch.

(2) *Dialogos,* p. 161.

(3) W. Stirling. *Velasquez,* p. 64.

(4) Cean-Bermudez, III-24 e seg.

(5) Stirling, p. 65. Este principe foi mais tarde o infeliz Carlos I (1625-1649), cuja galeria de Whitehall foi vendida por Cromwell. Stirling tirou as suas noticias de Pacheco.

(6) L. Ulrichs. *Beiträge zur Geschichte der Kunstbestrebungen und Sammlungen Kaiser Rudolf's II.* Zeitschrift f. bild. Kunst, vol. V, p. 47.

de 1586), intereſſa-nos muito mais. O Conde eſcreve a 13 de Dezembro:

«Mandei ſaber do eſpolio do Cardeal Granuela (ſic), que Deus guarde, por peſſoas de confiança, ſegundo o deſejo que V. M. ſe dignou exprimir-me e por iſſo não pude até agora chegar ao fundo da verdade, mas ouço dizer que exiſte (tal eſpolio)... De reſto chegou-me ás maos uma outra couſa, que tambem pertenceu ao dito cardeal — um in folio em papel real e dentro mais de *duzentos* Albrecht Dürer *(zweihundert Albrechten Türers)* (ſic) de ſua mão propria e varias outras couſas feitas por outros. Pedem por iſto 300 coroas.»

A 14 de julho de 1587 diz mais o Conde:

«O livro do cardeal Granuela q. D. g. em que eſtão varias pinturas *(Gemäl)* que V. M. I. deſeja poſſuir eſtá em minhas mãos, e não o deixarei ir, ſe poſſivel fôr. Até agora quizeram muito por elle, mas talvez ſe façam mais condeſcendentes com o tempo. Pois aquillo ſó o ſabe apreciar quem ſe deleita com eſſas couſas e as entende. Demais receio que algumas peças foſſem d'alli roubadas, depois da morte do cardeal, pelo ſeu camareiro italiano; o Rei (era Felipe, 1556-1598) teve-o (o livro) durante varios dias na ſua camera; quando Don Tomas Perenas (1), filho do Chantonne (ſic), que herdou a Mobilia do citado cardeal e com ella o livro em queſtão, partiu para ſe juntar á Armada (2) em Lisboa dei-lhe

(1) Eſte perſonagem é João Thomaz Perrenot, ſenhor de Chantonay, quarto filho de Thomaz Perrenot, ſenhor de Chantonay e irmão do cardeal Granvella; falleceu em Antuerpia em 1575, deixando cinco filhos; o mais velho, Octavio, morreu no combate de Bergenopzoom (1574). Nicolau, filho ſegundo, morreu em Napoles; o terceiro, Franciſco, Conde de Cantecroix, havia quebrado as relações com ſeu tio, o cardeal. Sobre os Cantecroix, Vid. Guicciardini, *op. cit.*, p. 198 e 359.

(2) Trata-ſe da *Grande Armada*, a *invencivel!*, organiſada por Felipe II em 1588, contra a Inglaterra, e que teve o fim miſeravel que ſe conhece. João Thomaz Perrenot, ou *Perenas*, como diz o Conde, não voltou mais a Madrid, porque morreu no deſaſtre; o eſpolio do cardeal paſſou pois para o quinto filho de Thomaz Perrenot, o Conde Franciſco, e

eu a entender que queria ficar com elle (livro) quando elle (Don Tomaz) ſe deſpediu de mim.»

A 20 de Julho de 1587 eſcreve finalmente o Conde:

«O livro do cardeal Granuella q. D. g. com as pinturas de Dürer eſtá nas minhas mãos. Mas não é ainda meu. Não o deixarei (ſe poder ſer) ſahir das mãos e mandal-o hei a V. M., conjunctamente com os cavallos (1), ſe me fôr poſſivel. O Don Juan de Borza (2) (ſic) viu-o.»

Mais adiante acha-ſe a ſeguinte nota em heſpanhol: «O livro de Alberto Duro (ſic) contem 250 pinturas, pedem 500 ducados» (3).

O imperador reſponde a 21 de Septembro que quer o livro. A remeſſa do Conde de 30 de Dezembro de 1587 não menciona o livro, mas iria em ſeguida, depois (4) que ſe ſoube da morte do poſſuidor (5). Rodolpho II colleccionava com especial intereſſe os trabalhos de Dürer e comprou uma parte da collecção dureriana (deſenhos) de Imhof a 30 de Dezembro de 1588. Eſtão hoje na collecção Albertina, em Vienna.

Mais tarde fez o imperador novas acquiſições do eſpolio

ſua irmã Peronne Perrenot, caſada com Antonio, barão de Oiſelay de Villeneuve; o Conde Franciſco morreu em 1607 ſem deixar herdeiros, e o eſpolio de Granuella paſſou ainda a ſeu ſobrinho Thomaz Franciſco, filho de ſua irmã Peronne; eſte ultimo apparentou-ſe com a caſa imperial, em virtude do ſeu caſamento com Carolina d'Auſtria, filha natural de Carlos V.

(1) O Conde refere-ſe a cavallos heſpanhoes, já então procurados, que Rodolpho II lhe mandára comprar.

(2) Ulrichs, *op. cit.*, põe junto ao nome um ?. Deve corrigir-ſe Borja, traducção heſpanhola do Borgia italiano; os Borgias de Italia eram de origem heſpanhola. (Vid. o noſſo eſtudo *Lucrezia Borgia* — a Figura historica. — *Actualidade*, n.os 244, 245 e 246.)

(3) Ulrichs não pôde lêr bem, ſe a cifra do documento é 300 ou 500.

(4) Era então o quinto filho do irmão do Cardeal Granvella, Franciſco, Conde de Cantecroix, de que acima fallámos.

(5) Ulrichs diz (p. 137): *não ha duvida alguma* de que o livro de Dürer ſempre foi ter ás mãos de Rodolpho II; entretanto, ſempre lembraremos a citação de Pacheco *(Arte de la pintura,* II-165) que falla do livro de deſenhos de Dürer que Felipe II poſſuia.

do cardeal; entre outras preciofidades comprou varios quadros originaes de Dürer; eram, fegundo um extracto do catalogo Granvella:

*Un quadro grande delli martiri di mano di Alberto Durero* (1).

*Un quadro grande d'una ñra Sig.ra di detto Alberto* (2).

*Un quadro d'una ñra Sig.ra, con fuo figliuolino, di detto Alberto* (3).

*Un quadro d'un S. Michele di detto Alberto* (4).

Entretanto, apefar dos leilões, dos varios incendios do palacio real de Madrid, da generofidade dos reis e da nobreza de Hefpanha a principes e dignatarios extrangeiros; das revoluções e defordens politicas que teem revolvido a Hefpanha defde Carlos v até hoje, dos roubos do exercito francez (5),

(1) É o martyrio dos 10:000 chriftãos fob o governo de Sapor II, rei da Perfia; quadro n.º 15 do *Belvedere* de Vienna (2.º andar, 1.ª fala); antigas efcholas flamenga e allemã. (*Verzeichniss*, 1872, p. 55.) Dado de prefente á familia Perrenot (Granvella) pelo Eleitor da Saxonia, Johann Friedrich «o Generofo». (*Zeitfchrift f. bild. Kunft*, vol. v, p. 140. Thaufing, *op. cit.*, p. 288.) Dürer pintou o quadro de 1507-1508; eftá muito damnificado.

(2) Quadro de 1503, fegundo Ulrichs (V-140), e quadro de 1512. (Ulrichs, *ibid.*, citando Waagen.) São provavelmente os n.os 26 e 28 do *Verzeichniss*, p. 56; criticados em Thaufing, p. 224 e 309.

(3) Efte quadro não fe tornou a achar em Vienna; eftá provavelmente na Suecia; o de Befançon é copia. (Ulrichs, V-140.) No *Belvedere* vimos em 1871 e 1872 mais quatro quadros authenticos do mefmo meftre: tres retratos (*Verzeichniss*, n.os 5, 29 e 30) e o celebre quadro da Adoração da SS. Trindade (n.º 18).

(4) É curiofo que, das 34 compofições das *Marien* de Dürer, citadas por Thaufing a p. 532, apenas nove fejam quadros; 14 gravuras em cobre; 2 grav. em madeira; 8 defenhos, e uma obra de efculptura (afóra as 3 *Marias novas* e *Vida de Maria:* 20 gravuras). Por iffo não fe falla (como em Holbein, Raphael e Murillo) de uma *Madonna* de Dürer, mas mais dos feus retratos e das fuas gravuras.

(5) Em parte alguma foram effes roubos tão defcarados como em Hefpanha; os generaes francezes Soult (em Sevilha), Sebaftiani (em Granada), Suchet (em Valencia), Victor, *un peu partout*, etc., capitaneados por Jofé Bonaparte, paffaram, munidos do *Diccionario* de Cean Bermudez

ainda Madrid, mais feliz do que Lisboa, conſerva algumas joias de Dürer (1). São ellas *Adão* e *Eva,* dois quadros de 1507 ſobre o alto, o retrato de Dürer de 1498 (tinha 26 annos), e um retrato de homem de 1521; Thauſing ſuppõe ſer eſte ultimo o de Hans Imhoff, o *Velho.* Foram todos da collecção de Carlos II.

Infelizmente, Thauſing (2) prova que o exemplar do *Adão* e *Eva* de Madrid é uma copia, embora antiga, do original que eſtá na galeria *Pitti,* em Florença.

Madrazo ainda conſidera em 1873 as duas Taboas como originaes. O retrato de Dürer de 1498 já foi claſſificado por Paſſavant (3) como copia contemporanea do original dos *Uffizii;* Madrazo ainda duvida em 1873 (4). Thauſing (5) admitte o exemplar de Madrid como *original,* e claſſifica o retrato dos *Uffizii* como copia; ao outro retrato ſupradito de 1521 tece Thauſing os maiores elogios, claſſificando-o entre os primeiros do auctor (6).

Paſſavant cita (7) mais *ſeis* quadros do Muſeu de Madrid que eram alli attribuidos a Dürer em 1856; o novo *Catalogo*

(que havia apparecido muito a propoſito em 1800), reviſta aos conventos e egrejas de Heſpanha: roubou-ſe com *methodo;* a uma recuſa correſpondia a ameaça de incendio — e lá iam os quadros. Não fallemos no que elles fizeram em Portugal: no Porto, em Odivellas, em Thomar, em Alcobaça, em Guimarães, etc.

(1) Vide o excellente *Catálogo de los cuadros del Muſeo del Prado,* de D. Pedro de Madrazo. Madrid, 1873, 8.º, p. 237 e 238.

(2) *Dürer,* p. 286.

Em Mayença exiſte outra copia, ſegundo Thauſing (p. 288, nota 1), *copia da copia* de Madrid. Paſſavant ainda julgava, em 1853, o *Adão e Eva* como o original, que fôra dado ao Imperador Rodolpho II pelo ſenado de Nürnberg (p. 142), e paſſára depois para Heſpanha.

(3) *Op. cit.,* p. 143.

(4) «Parece á algunos dudoſa ſu autenticidad...»

(5) *Dürer,* p. 141.

(6) Idem, p. 442 e 443.

(7) Idem, p. 143 e 144.

de 1873 corrigiu as falſas affirmações dos *Catalogos* (1) de 1843 e 1850.

Não é ſó em Heſpanha que ſe tem manifeſtado a neceſſidade de ſe proceder a um novo exame e nova critica das obras de Dürer. Deſde que começaram em Paris, Londres, Berlim, Vienna, Leipzig, Amſterdam, Haag e Bruxellas os grandes leilões publicos, e ſe organiſou a eſpeculação ſobre objectos d'arte, ſurgiram Dürers por toda a parte; não ſó quadros, mas deſenhos, gravuras ineditas, aguas fortes, e até obras d'eſculptura, couſa que elle nunca fez. A critica, os especialiſtas tiveram de proceder a um novo balanço. A Allemanha, que tinha mais a ganhar — e tambem mais a perder, — deu o exemplo. Os deſenhos de Berlim, Bamberg e Weimar foram condemnados na maior parte (2), apeſar das reclamações dos ſnrs. Hauſer (3), conſervador de Bamberg, W. Lübke (4) e A. von Eye. Outros trabalhos foram-lhe reſtituidos, como uma grande parte dos deſenhos do triumpho de Maximiliano, cuja gloria era dada quaſi excluſivamente a Hans Burgkmair (5) — e aſſim por diante.

A Heſpanha tem-ſe esforçado por ſubſtituir ou por attenuar, pelo menos os roubos, extravios e vendas, que ſe fizeram das obras de Dürer em Heſpanha. Abſtrahindo das collecções officiaes *(Bibliotheca Nacional* (6), *Bibl. da Academia*

(1) São do meſmo ſnr. D. Pedro de Madrazo, que pôz a edição de 1873 á altura da ſciencia moderna. Os Dürer ſuppoſtos de 1843 e 1850 eram, ſegundo as edições dos ditos catalogos, que temos tambem preſentes: N.os 466, 956, 972, 992, 1009, 1011, 1017, 1019 e 1069.

(2) *Zeitſchrift f. bild. Kunſt,* vol. VI, p. 114, artigo do ſnr. Thauſing, e vol. VII, p. 30 *(Kunſtchr.).*

(3) Idem, VI-271 e 272.

(4) *Kunſtchronik,* 1871, p. 193-196.

(5) *Kunſtchronik,* 1869, p. 5.

(6) Vide: Roſſell y Torres. *Noticia del plan general de claſificacion adoptado en la ſala de eſtampas de la Bibliotheca nacional y breve catalogo de la coleccion,* etc. Madrid, 1873-8.º de 162 pag. Antes um pequeno reſumo da *Hiſtoria da Gravura.*

*de S. Fernando*, etc.), ha alli, principalmente em Madrid, importantes collecções particulares. Bafta citar a do fnr. D. Valentim Carderera, auctor da *Iconografia efpañola* (1); compõe-fe de 27:000 gravuras, reunidas em 71 carteiras, além de 32:000 retratos em 49 carteiras, e mais de 100 volumes. O fnr. Carderera poffue o que ha de melhor de Dürer em gravuras originaes; bafta citar a *Grande Fortuna;* o *Cavalleiro,* a *Morte* e o *Diabo; a Melancholia;* o *Efcudo da Morte,* etc., etc. Bem haja quem affim emprega, nobremente, os feus meios!

Nós nada temos feito. O eftado por certo que nada fez até hoje; os particulares ricos, que defperdiçam á larga por mil e uma futilidades, ignoram, na maior parte, a propria exiftencia de Dürer. E todavia, facil feria, mefmo a qualquer particular remediado, colleccionar com pequena defpeza um bom numero de producções do celebre meftre allemão.

Já em 1864 publicou Deis (2) uma bella reproducção em gravura em madeira da *Pequena Paixão* por modico preço. Em 1875 appareceu em Utrecht uma nova edição da *Vida de Noffa Senhora* (3), e no mefmo anno e na mefma cidade ainda: a *Grande Paixão* (4) por preço rafoavel. Com eftas reproducções dos cyclos das gravuras em madeira (falta ape-

(1) *Icon. efp. Colleccion de retratos, eftátuas, maufoleos y demás monumentos inéditos de reyes, reinas, grandes capitanes,* etc. Defde el figlo XII hafta el XVI, copiados de los originales por D. Valentin C. y Solano. Madrid, 1855 e 1864. 2 vol. fol., 92 grav. (Vide a analyfe em *El arte en Efpaña,* IV-63-78.)

(2) *Die kleine Paffion.* Getreu in Holz nachgefchnitten v. C. Deis. Eichftädt. 1864, 4.º, 37 grav., em mappa. Preço 11 Marcos, ou 2$750 reis.

(3) *La Vie de la Sainte Vierge* en vingt gravures fur bois par Albert (!) Dürer. Nuremberg, anno 1511. Décrite en vers latins par Chelidonius. Reproduction procédé de P. W. Van de Veijer... avec une introduction de Ch. Ruelens. Utrecht, s. d., fol. gr., 20 grav. Preço 18 Marcos, ou 4$500 réis.

(4) La grande Paffion. Utrecht, *fol. imp.,* 12 grav. Reprod. fac fimile (Nüremberg, 1511), avec introd. G. Dupleffis. 40 Marcos, ou 10$000 réis.

nas o quarto cyclo: *Apocalypſe,* em 16 grav.), com 23 compoſições (1) importantes, publicadas por Thauſing, e com algumas photographias complementares (2), poder-ſe-ha reunir por pouco preço (3) o que ha de melhor entre os trabalhos de Dürer. Quem não quizer reproducções tem occaſião para ampla colheita nos numeroſiſſimos leilões que ſe fazem quaſi quotidianamente nas grandes capitaes, e principalmente nas grandes cidades provinciaes importantes, da Allemanha: Leipzig, Nürnberg, Frankfurt, Bonn, Stuttgart, Carlsruhe, Braunſchweig, onde os preços (4) ſão menos elevados que em Paris, Vienna ou Berlim.....

.....

Eſtas noticias que damos da influencia de Dürer ſobre os theoricos heſpanhoes foram, não ſó completamente ignoradas pelo Conde de Raczynski, mas ainda pelo proprio Thauſing, que cita uma *unica* paſſagem (5) pouco importante de Pacheco (ed. de 1649) e ſómente *apud* Waagen, de onde concluimos que não teve nem a *Arte de la Pintura* á viſta, nem os *Dialogos* de Carducho, e muito menos os auctores portuguezes, que mencionámos, e que o Conde tambem não explo-

(1) Thauſing traz 52 illuſtrações, contando as bellas iniciaes, etc.

(2) P. ex., da Galeria de Augsburg (V. *Addenda*): Duas bellas Madonnas, que Thauſing não traz, como não traz outras duas de Vienna; retrato de Holzſchuher, e os deſenhos aguarellados da Albertina, publicados no centenario de 1871. (*Die Trachtenbilder Dürer's in der Alb.,* por F. W. Bader. Fol. gr., 6 illuſtrações em chromo-lythographia.) Preço 6 florins ou 4 thalers = 3$000 réis.

(3) Cuſtaria tudo, iſto é: Obra de Thauſing 22 Marcos ou 5$500; os tres cyclos citados, 69 gravuras, 17$250; os ſeis deſenhos aguarellados 3$000; as cinco photographias (formato 4.º) 2$000; ao todo 27$000 réis. Foi d'eſte modo que nós juntamos os elementos que poſſuimos.

(4) Os preços das gravuras originaes ſão elevados. No leilão Alferoff de Munich venderam-ſe ha annos: o *S. Jeronymo* a 305 florins; o *Cavalleiro,* a *Morte* e o *Diabo* a 400; a ſerie da *Vida de Noſſa Senhora* a 400, etc.

(5) Thauſing, p. 513.

rou. Não temos pretenções de paſſar aqui em reviſta todos os eſcriptores heſpanhoes (1) em que ſe revela o eſtudo das theorias de Dürer. Os livros heſpanhoes ſobre arte, em geral do ſeculo XVI e XVII, ſão rariſſimos (2); as poucas edições que ſe fizeram de alguns, modernamente, publicaram-ſe em poucos exemplares; eſſas meſmas as alcançámos com difficuldade. Os livros de Butron (1626), Juan Caramuel (1678), Sagredo (1526) (3), a traducção de Villalpando (1565), as obras de Ceſpedes, Eſpinoſa y Malo (1681), Garcia Hidalgo (1691), Palomino y Velaſco (1715), Magadan y Gamarra (1743), e Preciado de la Vega (1789), eſperam por um editor. As *Obſervaciones* de Vittoria á *Felſina pitrice* pararam em 1869 na 2.ª folha, aſſim como *Pacheco y ſus Obras* de Aſenſio y Toledo em 1868 na 5.ª folha. — Se a febre politica abſorve tudo e todos!

O que dizemos ſobre as relações de Dürer com Portugal é talvez tudo quanto ſe póde dizer hoje, no eſtado actual da queſtão, com os ſubſidios que exiſtem; o que dizemos das meſmas relações com a Heſpanha é apenas a amoſtra de um trabalho que ſe poderá fazer de futuro.

(1) Palomino y Velaſco (*El Muſeo pictorico*, etc. Madrid, 1715, fol.) allude frequentes vezes á influencia de Dürer, theorica e pratica (p. 47, 56, 149, etc.). O eſcriptor heſpanhol acha que Dürer «imitó Juan de Brujas» (ſic), (p. 47).

(2) A Bibliotheca do Porto poſſue apenas os *Dialogos* de Carducho na edição original, a *Commenſuracion* de Villafañe (ed. 1625), os *Discurſos* de Butron, o *Muſeo* de Palomino, a *Arte e uſo de Architectura* de S. Nicolas (todos os tres nas ed. orig.), e as traducções dos tratados de Serlio (por Villalpando, 1573) e de Vignola (por Caxes, 1702). É tudo o que pudemos encontrar depois de um exame minucioſo dos *Catalogos* manuſcriptos.

(3) Diego de Sagredo: *Medidas del Romano neceſarias a los oficiales que quieren ſeguir las formaciones de las baſes, columnas*, etc. Toledo, 1526, 4.º, gothico; primeira edição do 1.º livro ſobre artes plaſticas, publicado na Peninſula. Publicaram-ſe d'elles duas edições em Lisboa, por Luiz Rodrigues, em janeiro e junho de 1542; 4.ª e 5.ª ed. em Toledo 1549 e 1564.

# RECAPITULAÇÃO

---

## INFLUENCIA EUROPÊA DE DÜRER NO SECULO XVI

A influencia de Dürer demonſtrada nos Paizes-Baixos, em Portugal, na Heſpanha, e, finalmente, na Italia. Sua influencia ſobre Andréa del Sarto, Pontormo, Lorenzo Lotto, Ticiano, Raphael e Giulio Romano. Dürer na officina de Giovanni Bellini. Dürer no *Spaſimo* e nas *Loggie* do Vaticano. Raimondi e as imitações da *Vida de Noſſa Senhora* e *Pequena Paixão*. Preſentes de Raphael a Dürer e reſpoſta do artiſta. Dürer em Bologna; ovações. Morte de Mantegna.

Não imagine o leitor que nós exageramos a influencia de Dürer ſobre a arte do ſeculo XVI. Pelo que deixámos dito fica demonſtrada a influencia de Dürer nos Paizes-Baixos, em Portugal e em Heſpanha. Já diſſemos (a p. 42, n. 2) que Dürer alcançára uma brilhante reputação na Italia; vamos proval-o, e vamos provar mais: que não goſou ſómente de uma grande fama, mas que exerceu meſmo na patria da Renaſcença da Arte uma influencia notavel. O noſſo quadro ſeria incompleto ſe deixaſſemos de provar ſua influencia n'um paiz que deu no ſeculo XVI o tom na Arte da Pintura, como os Paizes-Baixos o haviam dado no ſeculo anterior.

Vafari (1) já havia apontado Giovanni Bellini (2), Andrea del Sarto (3), e feu difcipulo Jacopo Pontormo (4), como imitadores de Dürer. Os dois ultimos copiaram um certo numero de figuras do artifta allemão que eftão nas gravuras em cobre. O mefmo fez Lorenzo Lotto. Com relação a Giovanni Bellini não fe póde dizer o mefmo, nem talvez fe poffa dizer que creou alguma obra debaixo da influencia de Dürer; pelo contrario; no *Rofenkranzfeft* de Dürer (hoje no Prämonftratenfer Stift Strahow em Prag) revela-fe a influencia de Giovanni fobre o artifta allemão; quando efte fez a fua fegunda viagem (1506) a Veneza *como artifta* (a primeira fizera-a como fimples aprendiz), já Bellini era ancião, e fegundo o teftemunho de Dürer (5), «o melhor de todos na pintura em Veneza». Thaufing, que nega (6) effa influencia, indica porém a origem do dito de Vafari, e moftra ao mefmo tempo (7) a relação baftante intima que exifte entre o Ticiano da primeira época e o Dürer de 1506. Ticiano ficára, por morte de Giovanni Bellini, incumbido de concluir uma *Bacchanal olympica* (8), encommendada em 1514 por Affonfo de Ferrara.

(1) Temos a dizer que eftas asserções de Vafari foram primeiro confirmadas e documentadas pelos benemeritos editores-criticos da edição Le Monnier das *Vite*, os fnrs. Vincenzo Marchefi, os irmãos C. e G. Milanefi e C. Pini, dos quaes apenas os dois ultimos poderam affiftir até ao fim da edição (1845-1870).

Colhemos effas citações das *Vite*, porque Thaufing não as traz. Affirma apenas o facto da influencia (*Dürer*, p. 265, 315, etc.), porque falla a outro publico.

(2) *Vite*, vol. XIII, p. 23.

(3) *Vite*, vol. VIII, p. 265 e nota.

(4) *Vite*, vol. IX, p. 47-48.

(5) *Briefe*, p. 6.

(6) *Dürer*, p. 266 e feguintes. Thaufing não fez mais do que refumir o que Crowe and Cavalcafelle differam fobre as relações artifticas de Dürer com Giovanni Bellini. (*A Hiftory of painting in North Italy*. London, vol. I, p. 174-177.)

(7) Taufing, p. 265-269.

(8) Crowe and Cavalcafelle trazem uma gravura da *Bacchanal*. (*Op. cit.*, vol I, p. 192.)

N'eſte quadro ha certos pannejamentos *à Dürer,* que originaram o dito de Vaſari, porque o quadro, poſtoque concluido por Ticiano, ſahiu da officina com o nome de Giovanni Bellini. A affinidade dos trabalhos do joven Ticiano com o caracter e natureza artiſtica de Dürer, é demonſtrada por Thauſing com um tacto fino encoſtando-ſe a Lanzi (1).

A natureza d'eſte trabalho e a queſtão a que temos de nos reſtringir não conſente que nos alarguemos mais n'eſte ponto, nem que expunhamos aqui uma outra demonſtração que ſe refere á influencia de Dürer ſobre o proprio Raphael.

Thauſing demonſtra que uma grande parte, e a mais importante da compoſição do *Spaſimo di Sicilia* (no Prado, em Madrid), é copiada de uma gravura em madeira da *Grande Paixão* de Dürer; as *Loggie* do Vaticano apreſentam baſtantes reminiſcencias, que teem ſua origem nas gravuras do artiſta allemão; por exemplo, a cupula n.º 6 eſtá compoſta com elementos tirados de tres gravuras (2) de Dürer. A compoſição, *lo Stregozzo,* attribuida por uns a Raphael, por outros a Giulio Romano, é a copia de uma pequena gravura em cobre de Dürer (3).

Dolce refere (4) que Raphael colleccionava com afan os deſenhos e gravuras em madeira e em cobre de Dürer, e que as tinha, em grande eſtimação, expoſtas na ſua officina. Foi debaixo da direcção de Raphael que Marcantonio gravou em

(1) Idem, p. 268.

Notaremos que o Dr. Eiſenmann *(Zeitſchrift f. bild. Kunſt. Kunſtchronick,* vol. VI-157) eſcrevia em 1871 á redacção d'eſte jornal que havia achado um retrato admiravel de Dürer, feito por Ticiano, na galeria do Palazzo Spada em Roma. Depois não ſe fallou mais no retrato, nem Thauſing o menciona. O Dr. Eiſenmann eſtava catalogando em 1871 as 13 galerias abertas ao publico em Roma.

(2) São as gravuras de Bartſch, 61, 71 e 73. (Thauſing, p. 352.)

(3) Bartſch, 67. Thauſing, *ibid.*

(4) *Aretino oder Dialog über Malerei* von Lodovico Dolce ed. Eitelberger. Wien, 1871, p. 42 (no vol. II das *Quellenſchriften,* etc.); n. ed. da ed. princeps, 1557.

1506 quaſi toda a *Vida de Noſſa Senhora* de Dürer, e poucos annos depois toda a *Pequena Paixão,* do meſmo artiſta. Sabe-ſe que Raphael enviára de preſente a Dürer, em 1515, varios deſenhos ſeus; uma d'eſtas precioſas reliquias, um bello deſenho a lapis vermelho, eſtá na Albertina de Vienna, com uma nota autographa de Dürer que indica a procedencia do deſenho e a data da recepção. O noſſo artiſta retribuiu a honroſa offerta, mandando a Raphael as ſuas gravuras e o ſeu retrato ſobre tela finiſſima a côres de colla ou d'agua, executado por fórma, que podia ſer viſto d'ambos os lados; eſta obra cauſou admiração ao pintor de Urbino, ſegundo diz o proprio Vaſari (1): *la quale coſa parve maraviglioſa a Raffaello.* Foi provavelmente pintado ſegundo o meſmo proceſſo o retrato de Carlos V *en lienzo blanco dibujado de aguada* (2), com que o imperador quiz honrar a um tempo Dürer e Raphael: a eſte, offerecendo-lhe a ſua effigie, ao allemão eſcolhendo-o, como artiſta digno de Raphael.

Quando Dürer fez em 1506 a excurſão a Ferrara e Bologna, foi recebido em ambas as cidades com honras extraordinarias; na primeira teve de acceitar as homenagens poeticas do humaniſta Ricardo Sbroglio de Udine; em Bologna foi recebido pela confraria de S. Lucas com toda a ſolemnidade, ſendo-lhe dito á queima-roupa que era o primeiro pintor do mundo (ſic) (Thauſing, p. 272). Note-ſe que eſtava então á teſta da eſchola de Bologna o celebre Franceſco Raibolini, aliás *il Francia,* amigo de Raphael. Dürer ia a continuar para Mantua, a fim de viſitar o ancião Mantegna, um dos artiſtas que elle mais admirava — e de quem mais aprendeu, — quando a morte repentina do illuſtre italiano (13 de Septembro de 1506) lhe veio cortar eſſa eſperança.

(1) *Vite,* vol. VIII, p. 35, ed. Lem.
(2) Pacheco, *Arte de la pintura,* vol. II, p. 164, e antes p. 134.

Eſtas indicações baſtarão. Dürer foi conſiderado até hoje como um grande artiſta, mas eſtes e muitos outros factos que Thauſing deſcobriu ou collocou em nova luz, conquiſtaram a Dürer uma poſição excepcional no ſeculo XVI, ſeculo que tem para a Allemanha uma importancia internacional como ſeculo da Renaſcença, e uma importancia nacional como ſeculo da *Reforma*.

Temos concluido por hoje.

---

Ahi fica o caminho claramente indicado, em que terão de ſer continuados os eſtudos ſobre a *Renaſcença artiſtica em Portugal*. Uma miſſão aos archivos de Augsburg e Nürnberg de um lado, Bruges e Antuerpia (1) do outro, confiada a peſſoa habilitada com eſtudos ſobre a renaſcença allemã e flamenga, ſeria amplamente compenſada: a prova eſtá no que nós pudemos fazer com meios limitados e ſem auxilio algum official.....

Infelizmente a eſcolha de peſſoa habilitada é difficil; eſtamos hoje em *embarras de richeſſe;* deſde 1872 para cá tem ſurgido em Portugal, *ex abrupto,* uma tal quantidade de entendedores profundos, ſabios amadores, e *dilettanti* conſummados em materia de Arte, que o governo de S. M. F. havia de ſe achar em férios apuros, quando hoveſſe de eſcolher

(1) Já em 1875 lembramos eſte meio. *(Conde de Raczynski,* p. 41-43.) O eſtudo das noſſas relações com a côrte de Borgonha póde reduzir-ſe aos archivos de Lille, Dijon e Bruxellas, que ſão os que encerram a *contabilidade dos Duques de Borgonha;* eſtes em primeiro logar; depois os archivos de Namur, Tournay, Gand, Louvain, Ypres, Liége, Mons, Malines, Audenarde, Courtray, Nieuport, Dinant, Furnes, d'Aloſt.

de entre os collaboradores das *Artes e Lettras* (1) (1872-1875) a peſſoa idonea para a miſſão ſupradita.

Que diria o Conde ſe tiveſſe preſenciado a actividade d'eſſes criticos nos 41 numeros das *Artes e Lettras?*

Que haverá penſado o noſſo reſpeitavel amigo, o ſnr. Visconde de Juromenha, o mais aſſiduo e intelligente collaborador do Conde (2), d'eſſe phenomeno curioſiſſimo?

Eſſes 41 numeros ſão mais uma prova de que em Portugal ainda não acabou a era dos *milagres*.

(1) Julgámos eſta publicação em 1875 *(Conde de Raczynski,* p. 36-38), e teriamos de julgar muito mais ſeveramente o que o jornal nos apreſentou depois d'aquella data; os diſparates, os qui-pro-quo, as *bévues de tout genre,* acham-ſe alli em quaſi todas as paginas; é um nunca acabar; nomes de pintores trocados por nomes de gravadores, nomes de deſenhadores trocados por nomes de pintores, e vice-verſa; gravadores e deſenhadores trocados, e vice-verſa; os **estabelecimentos xylographicos em que se executaram os** *clichés* **das gravuras do jornal, transformados em auctores e artistas**; ora em pintores, ora em deſenhadores, ora em gravadores!! Compoſições com a paternidade trocada; pinturas com nome de deſenhos, e deſenhos com o nome de pinturas; pintores mortos figurando como vivos, e até pintores que nunca exiſtiram! etc. O jornal é um documento que devia ſer deſtruido para honra do paiz, porque, a final, meſmo a ignorancia tem ſeus limites. Daremos as provas de tudo quanto dizemos hoje ácerca das *Artes e Lettras.*

(2) *Sans ſon aide je ne ſerais jamais venu à bout de cette entrepriſe. (Dictionnaire,* p. 169.)

# ADDENDA

## I

### SOBRE AS RELAÇÕES DE PORTUGAL COM A CORTE DE BORGONHA (SEC. XV E XVI)

#### a) A CHRONOLOGIA D'ESSAS RELAÇÕES

Se nós diſſemos, no principio do noſſo trabalho, que as noſſas relações com os paizes de Flandres e com a côrte de Borgonha começaram *principalmente* deſde a chegada da embaixada borgonheza a Lisboa (1428), não foi porque ignoraſſemos que houve relações anteriores a eſſa data. Quizemos ſó accentuar a importancia que o acto do caſamento entre duas caſas reinantes tinha ſobre as relações dos ſubditos dos dois paizes. Hoje, o caſamento, ſó per ſi, não obriga os paizes a couſa alguma; no ſeculo XV o caſamento ſignificava a alliança das caſas reinantes e dos ſubditos d'ellas, porque a relação de dependencia dos povos para com os principes era abſoluta.

O caſamento da infanta D. Iſabel com o Duque Felipe foi pois um facto capital da noſſa hiſtoria, e o que dizemos em ſeguida prova claramente o dito (1).

(1) Talvez não menor influencia do que o caſamento da Infanta D. Iſabel, filha de D. João I, com o Duque de Borgonha em 1430, teve outro caſamento, o da Infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, com o Imperador

As noſſas relações com a côrte de Borgonha começam com a propria fundação da monarchia. A maior parte dos eſcriptores da noſſa hiſtoria eſcrevem que o Conde D. Henrique era filho de Henrique, neto de Roberto I de Borgonha.

**Em 1158** grande numero de Cruzados flamengos figuram na tomada de Santarem.

**Em 1184** manda o Conde de Flandres, Felipe d'Alſacia, pedir a D. Affonſo I a mão de ſua filha, a Infanta D. Mafalda; eſta princeza caſou, por morte de ſeu marido, ſegunda vez (1194) com o Duque de Borgonha Eudes III, fallecendo em 1218 (antiga era). D. Mafalda (1) foi regente de Flandres em 1190, quando ſeu marido partiu para a terra ſanta.

**Em 1188** tomam os flamengos parte na tomada de Silves (com allemães e francezes).

**Em 1200.** D. Sancho I faz doação de Villafranca aos flamengos.

**Em 1212.** O Infante de Portugal, D. Fernando, filho de D. Sancho I, caſa com a Condeſſa de Flandres, filha de Balduino, Imperador de Conſtantinopla; para eſte caſamento concorreu muito a Infanta D. Mathilde (ou Mafalda) de Portugal, Duqueza de Flandres (pelo caſamento com Eudes III; antes era Condeſſa, ſimpleſmente).

d'Allemanha, Frederico III (1439-1493) em 1452. O imperador eſtava em muito boas relações com o filho da Duqueza, Carlos, o *Temerario,* e até ſe aviſtou com elle em Trier (Trèves) em 1473, a fim de combinar o auxilio que lhe havia de preſtar na realiſação do ſeu grandioſo plano do imperio gallo-belga.

O Duque Carlos pretendia alargar os ſeus dominios pelas duas margens do Rheno ſuperior e proclamar-ſe rei da Gallia-Belgica. Frederico III apoiava eſta ideia com a condição que Carlos daria a mão de ſua filha unica, Maria, a ſeu filho Maximiliano, que foi mais tarde Imperador. O accordo não ſe fez; comtudo, Maximiliano ſempre caſou, a final (1477) com Maria de Borgonha, depois da morte do Duque Carlos em Nancy (1477).

(1) Vide mais pormenores ſobre eſta princeza em V. de Santarem. (*Quadro,* vol. III, p. 4 a 9.)

Depois de 1212 ha uma interrupção nas noticias, e ſó em 1425 reata o Viſconde de Santarem o fio.

Entre 1212 e 1425 podemos nós intercalar uma noticia valioſa para a hiſtoria da arte em Portugal, que foi ignorada do benemerito Viſconde. É a ſeguinte:

**Em 1415,** treze annos antes da celebre embaixada, manda o Duque Jean *ſans Peur* (reinou de 1404-1419), pae do que foi mais tarde (1419-1467) genro de El-Rei D. João I, o ſeu retrato a El-Rei, feito por Jehan Malwel ou Melluel, que foi pintor official do Duque de 1397 a 1415, anno em que morreu, tendo concluido pouco antes o dito retrato (1).

Eſte preſente não foi por certo um facto iſolado (2).

**Em 1425** manda D. João I Ruy Lourenço em embaixada ao Duque de Borgonha; abonaram-ſe-lhe 25:000 dobras.

**Em 1428** manda D. João I por embaixadores a França D. Alvaro, Biſpo do Algarve, e o Doutor Fernando Affonſo da Silveira, para tratar do caſamento da Infanta D. Iſabel com o Duque de Borgonha, Felipe — o *Bom*.

**Em 1429** (Janeiro 6) obriga-ſe o Duque Felipe de Borgonha, e Conde de Flandres, por carta patente, a dar por ſua morte ou morte da Infanta, a ella e ſeus herdeiros, metade de ſeu dote, e não lh'o dando terá, emquanto não fôr pago, 7:187 corôas pelas terras do ſeu Condado de Flandres.

**Em 1429** (7 de Maio) dá o Duque de Borgonha procuração e poder aos ſeus embaixadores o ſnr. de Roubaix e d'Herzelles, e de Lannoy, e a André de Tholonjon, etc., para receberem em ſeu nome a Infanta de Portugal, D. Iſabel.

**Em 1429** (24 de Julho) aſſigna-ſe em Lisboa o contra-

(1) Crowe e Cavalcaſelle, ed. Springer, p. 20. Não foi pois Van-Eyck que nos deu o primeiro eſpecimen da arte flamenga. (Vide o que dizemos adiante ſobre o retrato da *Ambraſer-Sammlung,* em Vienna.)

(2) Santarem. *Quadro,* vol. III, p. 9.

cto de casamento entre a Infanta D. Isabel (1) e o Duque Felipe, sendo presentes: El-Rei D. João I, os Infantes D. Duarte (herdeiro), D. Henrique, D. João e D. Fernando. Sagrou o Bispo d'Evora, e recebeu-se a Infanta com o snr. de Roubaix.

**Em 1433** (Junho 13) dá o Duque de Borgonha quitação a D. João I de *154 corôas de ouro,* dote que fôra da Duqueza, Infanta.

**Em 1433** (Novembro 10) dá a Duqueza-Infanta á luz o mais tarde celebre Duque Carlos, o *Temerario;* a noticia foi logo communicada para Portugal.

**Em 1446** (Novembro) o Duque de Borgonha intervem nas differenças entre o Infante D. Pedro de Portugal e El-Rei d'Aragão.

**Em 1446** (?). Embaixada de Jacques de Lalain a D. Affonso V, de mando do Duque Felipe, o *Bom.*

(1) A Infanta levou comsigo varias recordações de Portugal (V. Goes, *Chron.* P. IV-603) e varios fidalgos que entraram em sua casa.

Um dos principaes foi Christovão Barroso, que por morte da Infanta ficou ao serviço de seu filho, o Duque Carlos, o *Temerario,* cujo veador foi. Morrendo este principe na batalha de Nancy (1477) passou Barroso ao serviço do Imperador Maximiliano, que havia herdado, com a mão (1477) da Duqueza Maria de Borgonha (filha de Carlos), os estados de Borgonha. Barroso serviu ainda o filho de Maximiliano, o Duque e Rei Felipe I, e finalmente Carlos V, filho de Felipe — ao todo cinco gerações!

D. de Goes, que tratou muito com elle em Flandres (em Dendremonda (Termonde), onde residia) diz que «seria homem de cento & vinte annos, pouco mais ou menos, quando o conheci, tão perfeito, & inteiro em seu juizo, & boa disposição como se fora de quarenta». *(Chron.* P. III-371.)

Os reis D. Affonso V, D. João II e D. Manoel serviram-se muitas vezes de Barroso em «negocios de muita confiança». (Veja-se a prova em Santarem. *Quadro,* III-186.)

Barroso vivia ainda em Janeiro de 1517, e tendo a Infanta D. Isabel casado com Felipe, o *Bom,* em 1430, temos um periodo de 87 annos. Barroso não podia ter, quando partiu para Flandres no sequito da princeza, menos de vinte annos; de sorte que o dito de Goes (além da fé que nos merece o eminente e consciencioso escriptor) se justifica perfeitamente.

Ainda recentemente uma auctoridade de primeira ordem, Peschel, confirmou a alta opinião que os contemporaneos formavam de Goes. *(Gesch. des Zeitalters,* p. 81, 351, passim.)

**Em 1439** (Dezembro?) manda o Duque Felipe e a Duqueza ſua mulher, irmã do Infante Duque de Coimbra D. Pedro, a embaixada do Deão de Vergy a D. Affonſo v, a fim de lhe exprobar a morte de D. Pedro em Alfarrobeira, reclamar para o corpo a ſepultura da Batalha, que lhe mandára fazer ſeu pae D. João I, e pedir juſtiça para ſua mulher, filhos e criados, reſtituição de bens, honras, etc.

**Em 1449** ſahe de Portugal para Flandres o Infante D. Jaime, filho do Infante Duque D. Pedro; chega ao porto de Ecluſe e dirige-ſe a Bruges, onde é recebido por ſua tia, a Duqueza de Borgonha.

**Em 1451** chegam á côrte de Borgonha os outros filhos de D. Pedro: o Infante D. João e a Infanta D. Iſabel. Seu primo Carlos (o *Temerario)* vae ao encontro d'elles.

**Em 1451** a Duqueza de Borgonha D. Iſabel caſa ſua ſobrinha D. Iſabel com o Duque de Cleves (1).

**Em 1455**; queſtão de etiqueta, relativa aos principes portuguezes reſidentes na côrte de Borgonha.

**Em 1464** chega a Ceuta a frota de Borgonha, comman-

(1) Parece que houve aqui lapſo do V. de Santarem, porque a p. 85, vol. III, cita uma paſſagem de Olivier de la Marche, em que ſe lê... «qui depuis fut mariée à Adolf, Monſieur de Cleves, frère du duc Jehan de Cleves,...; não obſtante, o Viſconde cita como acima dizemos; o irmão do Duque de Cleves era ſenhor de Raveſtein. (Olivier de la Marche, apud Sant., vol. III, p. 89; vide ainda p. 77, nota, 83, nota.)

O verdadeiro Duque de Clèves, Jean de Clèves, primogenito, caſou com a princeza Iſabel de Borgonha. (De Buſſcher, *Recherches,* 1859, pag. 41.) Adolphe de Clèves teve da filha do Infante Duque D. Pedro um filho unico, Felipe, ſenhor de Raveſtein e de Winendale, que recebia em 1495 de D. João II, ſeu primo, uma tença de 400:000 reaes brancos. (V. Santarem. *Quadro,* vol. III-166.)

Adolphe de Clèves caſou em ſegundas nupcias com Anna de Borgonha, filha baſtarda de Felipe, o *Bom,* e viuva de Meſſire de Borſſele. (De Buſſcher. *Op. cit.,* p. 41.)

Diremos já agora que Guicciardini cita ainda uma outra Iſabella di Portogallo, caſada com o Barão, *ſnr. de Trazegnie,* «caualiero & Doiano dell'ordine del Toſon' d'oro, il quale ſpoſo per Carlo Quinto Iſabella di P...», etc. (P. 392.)

dada pelo Bastardo de Borgonha (filho do Duque Felipe, o *Bom),* para combater contra os mouros; eram 12 galés com 10:000 homens.

**Em 1466** El-Rei D. Affonſo v faz doação das ilhas dos Açores a ſua tia, a Duqueza de Borgonha, Infanta D. Iſabel.

**Em 1476** (Nov.); entrevifta de El-Rei D. Affonſo v (1) com o ultimo Duque de Borgonha, Carlos, o *Temerario,* junto a Nancy.

O Duque morre, mezes depois, a 5 de Janeiro, no campo de batalha de Nancy, e os ſeus bens e eſtado de Borgonha paſſam, com a mão de ſua unica filha Maria, ao imperador d'Allemanha, Maximiliano I.

Com iſto terminam as relações intimas e conſtantes, que houve entre Portugal e a côrte de Borgonha, para honra e gloria de ambos os paizes e proveito grandiſſimo para as artes, ſciencias e lettras d'eſte reino. As relações com os *paizes de Flandres* nem por iſſo acabaram, mas tomaram, ſobretudo deſde o principio do ſeculo XVI, um caracter mercantil, que ſe foi accentuando, até tomar proporções grandioſas no fim do reinado de D. Manoel (1521) (2).

(1) D. Affonſo v havia partido de Lisboa para França em Agoſto de 1476 com 16 navios e 2:200 homens, a fim de mover o velhaco Luiz XI de França a dar-lhe auxilio contra Caſtella; o bom rei de Portugal ficou aſſás perplexo quando ſeu primo Carlos, o *Temerario,* lhe diſſe defronte de Nancy que «tinha tratado com um homem em que não havia virtude nem verdade». (Santarem, III-142.)

El-Rei cahiu das nuvens, porque nada havia percebido da comedia com que Luiz XI o engodára; era eſte o principe que havia ajudado a matar o illuſtre Duque de Coimbra!

(2) Fica pois eſte appendice ligado ao capitulo I ſobre as noſſas relações com os paizes de Flandres, completando-o.

### b) A EMBAIXADA EM QUE VEIO JEAN VAN-EYCK A PORTUGAL

Laborde (I-Introd. cxxix) diz: «Jean van Eyck aborde a Cafcaes le 15 décembre 1428...»

Crowe e Cavalcafelle apontam a data 18 de Dezembro (p. 84).

Raczynski (p. 96) traz 28 de Dezembro.

Um outro auctor, cujo nome não temos prefente, cita 26 de Dezembro.

Em vifta d'eftas differenças, talvez feja util fixar aqui a chronologia da viagem, fegundo Crowe e Cavalcafelle (p. 84 e 85), que a trazem mais minuciofa.

19 de Outubro de 1428; partida dos dois navios (galeras venezianas) do porto de Sluys.

13 de Novembro; chegam á altura das *Cinq Portes.*

2 de Dezembro; chegada a Falmouth.

16 de Dezembro; chegada á foz do Tejo.

18 de Dezembro; fundeiam no porto de Lisboa.

Depois de uma breve demora na capital, partiu a embaixada para Arrayolos e d'alli para Aviz, onde a côrte a recebeu (Racz. diz que a côrte eftava em Extremoz «au moment où l'embaffade arriva à Lisbonne (28 décembre 1428)» fic), *e onde Van-Eyck começou o retrato da Infanta.* Em meado de Fevereiro de 1429 foi o retrato enviado ao Duque, conjunctamente com o projecto do contracto de cafamento.

A chegada da refpofta demorou mezes, e n'efte intervallo andaram os embaixadores viajando pela peninfula; foram em romagem até S. Thiago de Compoftella, e vifitaram o rei de Caftella D. João II varios grandes e o rei mouro de Granada, Mahomet.

Em *Maio* de 1429 eftavam de volta em Lisboa; em Ju-

nho eſtavam em Cintra. Pouco depois chegou o repreſentante do Duque com plenos poderes. A partida da Infanta demorou-ſe porém até 8 de Outubro; a frota, que ſe compunha de 14 navios, foi diſperſa pelos temporaes, e a Infanta chegou a Plymouth com ſó *dois* navios, deſembarcando, a cuſto, em Sluys, no dia de Natal.

A entrada em Bruges foi deslumbrante; o caſamento teve logar a 10 de Janeiro de 1430; é ſabido que n'eſſe meſmo dia fundou o Duque, para commemorar a feſta, a celebre ordem do *Toſão d'Ouro*.

### c) OS RETRATOS DA INFANTA D. ISABEL, DUQUEZA DE BORGONHA

*Hans Memling, Roger van der Weyden, Jean Martins, Roger Stoop, Anonymo do Muſeu de Berlim*

Laborde diz, a propoſito da eſtada de Van-Eyck em Portugal: «Une fois le portrait de l'infante Iſabelle terminé et envoyé à ſa deſtination, ce fut à qui obtiendrait du peintre célèbre ſoit un tableau d'égliſe, ſoit une miniature dans un livre d'heures, ſoit enfin un portrait, et les portraits durent être nombreux, puisque Don Diego en rapporta deux en Flandre, et les offrit, en 1520 à Marguerite, l'illuſtre gouvernante des Pays-Bas.» (Introd., I-cxxxi.)

Ignoramos quaes os documentos ſobre que o erudito auctor fundou os ſuas affirmações; todavia, a exactidão, a conſciencia e rigor hiſtorico que diſtinguem todos os trabalhos do celebre eſcriptor, ſão uma garantia do que fica dito, tanto mais que a affirmação ſobre os *dois* quadros de D. Diego (1) é exa-

(1) Eſte quadro eſtá hoje em Londres, National Gallery, n.º 186. *Arnoult fin* é uma corrupção do nome de *Arnolfini*, feitor da caſa Marco Guidecon de Lucca, em Bruges; a outra figura é ſua mulher. (V. Crowe, p. 100 e 420.)

cta, pois lá os vamos achar no inventario da princeza, a quem foram dados, inventario que ſe publicou annos depois do dito de Laborde, que elle procurava, mas que ſó mais tarde achou.

Ha d'eſſe inventario duas edições: uma de Laborde, publicada na *Revue archéologique,* 1850, vol. VII, p. 36, e que data de 1524, e uma edição de Le Glay, feita ſobre o proprio inventario autographo de Margarida d'Auſtria de 1516; eſta ſegunda edição appareceu na obra do meſmo Le Glay: *Correſpondance de l'Empereur Maximilien I et de Marguerite d'Autriche.*

Ora os inventarios rezam do ſeguinte:

133. «Ung grant tableau, qu'on appelle Hernoult-le-Fin, avec ſa femme dedens une chambre, qui fut donné a Madame par Don Diego, les armes duquel ſont en la couverte du dit tableaul. Fait du painctre *Johannes.*» *(Invent.* de 1516.)

«Un homme et une femme eſtantz des boutz, touchantz la maing l'ung de l'autre, fait de la main de Johannes, les armes et deviſe de feu Dieghe eſdits deux feulletz, nommé le perſonnaige: Arnoult fin» (1). *(Invent.* de 1524.)

O ſegundo quadro a que Laborde ſe refere traz o n.º 130 no Inventario de 1524:

130. «Ung moien tableau de la face d'une Portugaloiſe que Madame a eu de Don Diego. Fait de la main de *Johannes* et eſt fait ſans huelle (huile) e ſur toille ſans couverte ne feullet.»

Em 1524 já ſe tinha perdido a tradição do pintor e o quadro havia ſido chriſmado *la belle portugaloiſe:*

«Une jeuſne dame, accouſtrée a la mode de Portugal ſon habit rouge fouré de martre tenant en ſa main dextre ung volet avec un petit ſainct Nicolas en haut, nomée la belle portugaloiſe.» *(Invent.* de 1524.)

(1) É o Dom *Diego de Guevara,* de que falla Glay, *Correſpondance de Maximilien I et Marguerite d'Autriche.* Paris, 1839, vol. II, p. 478.

Ha ainda um outro retrato de uma Duqueza Iſabel de Borgonha, pintado por Memling em 1450.

O Anonymus Morelli falla d'elle a pag. 75:

... in caſa del Cardinal Grimani 1521:

«El retratto (ſic) a oglio inſino al cinto minor del naturale, de Madonna Iſabella d'Aragona, moglie del duca Filippo de Borgogna, fu de mano de Zuan Memelin fatto nel 1450. El retratto a oglio de Zuan Memelino ditto è di ſua mano iſteſſa, fatto dal ſpecchio, dal quale ſi comprende che l'era circa de anni 65, piuttoſto graſſo che altramente e rubicondo.» Anonymus Morelli *(Notizia d'opere di diſegno nella prima metà del ſecolo XVI,* etc., p. 75; ed. Springer de 1875.)

É ſingular, que nem Crowe e Cavalcaſelle, nem Springer, nem o Conde de Laborde, que leram e exploraram minucioſamente o Anonymus Morelli, reflectiſſem na paſſagem ſupra e notaſſem:

1.º Que dos tres Felipes (1), Duques de Borgonha, ſó o *terceiro,* o genro de El-Rei D. João I, é que caſou com uma *Iſabella.*

2.º Que governando Felippe III, o *Bom,* de 1419-1467, ſó á mulher d'elle ſe podia referir o retrato citado.

3.º Que tendo a Duqueza de Borgonha, filha d'El-Rei D. João I, vivido até 1471 (17 de Dezembro) (1472 ſegundo outros), ſó ſe podia referir a ella o retrato de 1450.

4.º Que tendo Felipe III pretendido primeiro a mão de uma princeza *Iſabel de Aragão,* mas debalde, facilmente ſe explica o lapſo do chroniſta anonymo que redigiu a *Notizia* (de 1512-1542) (2).

(1) Felipe I, Duque de Borgonha (reinou 1350-1361) e Felipe II (1363-1404); caſaram ambos com Condeſſas de Flandres que tinham o nome de Margarida.

(2) Michiels *(L'architecture et la peinture en Europe,* IV-XVI s., 1873, p. 342) falla do retrato de Memling de 1450 como exiſtente em caſa do Cardeal Grimani, e declara, ſem ceremonia, que o perſonagem é a princeza

Crowe e Cavalcaſelle, Springer e Laborde dão o retrato de Van-Eyck por perdido, lamentando a perda de uma obra d'arte tão precioſa, em que Van-Eyck por certo concentrou todo o ſeu genio, para ſatisfazer um principe a quem elle devia tudo; mas nenhum dos eſcriptores citados attentou na nota que Raczynski traz em *Les Arts,* p. 196, e que diz o ſeguinte:

«En 1836 le roi Ferdinand, alors prince de Saxe-Coburg, ſe rendant en Portugal pour épouſer la reine, fit un cour ſéjour à Bruxelles. A une fête de cour qui ſe donna a cette occaſion, la reine des Belges parut dans un coſtume qui était fidèlement copié d'un portrait dans lequel le comte de Lavradio a cru reconnaître l'œuvre de Van Eyck, dont il eſt parlé dans la communication de M. Ferdinand Denis. C'eſt le comte de Lavradio qui avait négocié le mariage, et qui accompagnait le prince, de qui je tiens ces détails. Le *portrait en queſtion ſe conſervait alors dans la bibliothèque de Bruxelles.*»

Notaremos que eſte retrato, uma vez achado, ſe poderia confrontar, com maior ſegurança, com o retrato da meſma princeza (1) que ſe acha no *Juizo final* de Roger, polypticho do hoſpital de Beaune; na taboa do centro veem-ſe os retratos do Duque Felipe, o *Bom,* da Duqueza Iſabel, de Jehan Rollin, chanceller de Borgonha, do Biſpo de Autun, ambos amigos intimos do Duque, e d'outros.

Michiels *(Gazette des Beaux-Arts,* XXI, p. 209) pretendeu attribuir o polypticho de Beaune a Jean Van-Eyck, opi-

portugueza: *repréſentant Iſabelle de Portugal...* fundando-ſe — caſo extraordinario! — no *anonymus* Morelli, que elle transforma em *touriſte;* ora, pela noſſa citação ſe vê que o *anonymus* diz o contrario, o que prova o cuidado com que o ſnr. Michiels faz as ſuas citações, e prova ao leitor a fé que merece o compilador da *Hiſtoire de la peinture flamande depuis ſes origines,* em *nove volumes.* (V. o que dizemos adiante ſobre a ſciencia do ſnr. Michiels.)

(1) Vide o que dizemos em ſeguida, a pag. 99, n., ſobre outro retrato (provavel) da Duqueza, que achámos na galeria de Berlim.

não a que Crowe e Cavalcaſelle (p. 241) nem fazem ſequer a honra de uma reſpoſta, como a outras claſſificações phantaſticas do mesmo Michiels, que ainda recentemente, em 1873, repete o antigo erro. *(L'architecture et la peinture en Europe,* p. 330.)

Sobre o quadro de Beaune appareceu ultimamente (1876) *Le Jugement dernier,* retable de l'hôtel de ville de Beaune. Monographie. In 4.º de 2 col., 60 p. e 2 aguas fortes.

Förſter *(Denkmale,* x) publicou, o primeiro, a taboa principal do retablo, gravada em aço.

Em Gand encontramos mais dois retratos authenticos da Duqueza; um exiſte ainda hoje n'uma notavel pintura mural (1) da *grande boucherie* de Gand (2); outro exiſtia (ſe é que não exiſte ainda) n'uma das vidraças que ornavam a collegiada de Sainte Pharaïlde, na meſma cidade.

Vejamos o primeiro.

A pintura mural é uma fundação de Jacques de Ketelboetere, pro memoria de ſeu parente Jean de Ketelboetere (3); ambos pertenciam ao *métier des bouchers* (4); d'ahi ſe ex-

(1) De Buſſcher conta *(Op. cit.,* 1859, p. 5 e ſeguintes) a hiſtoria da deſcoberta da pintura (1855). Reſtaurou-a Mr. Felix Devigne.

(2) Buſſcher traz uma lithographia da *boucherie,* tal qual era no XVII ſeculo. A *Boucherie* antiga de Gand datava de 1407; era um edificio de madeira, que foi arrazado e reconſtruido em pedra de 1408-1417. Sanderus (1627) dizia que a *boucherie* era «la plus belle halle de l'Europe» (p. 13, apud Buſſcher). O *Unſchlitthaus* de Nürnberg ainda hoje dá uma ideia clara do que eram as *boucheries* dos ſeculos XV e XVI (bella gravura em Bach. *Architectur Skizzen* aus Nürnberg, n.º 25).

(3) Familia patricial de Gand; occupou cargos importantes nos mesteres da cidade. (V. De Buſſcher, 1859, p. 17 e ſeguintes.)

(4) Eſte meſter era um dos mais conſiderados de Gand e dos menos democraticos.

Sobre os meſteres diz De Buſſcher:

«Sabe-ſe que os mais bellos nomes da nobreza gandenſe figuravam durante a Edade Media nas profiſſões induſtriaes e commerciaes tanto, como na alta burguezia; foram os ſeus troncos patriciaes» (p. 21).

Os meſteres tinham grande influencia politica, como ſe prova pelas terriveis revoltas de 1450 a 1453, contra Felipe, o *Bom,* e contra a caſa

plica a eſcolha do local. A protecção que o Duque Felipe, o *Bom,* diſpenſava ao citado meſter (1), explica a ſua preſença no primeiro plano da compoſição.

A Duqueza era muito eſtimada em Flandres (2), aſſim como ſeu ſobrinho, o ſnr. de Raveſtein, e ſeu filho, mais tarde Carlos, o *Temerario,* em que os flamengos fundavam grandes eſperanças; figuram todos os quatro na compoſição, que repreſenta a *Natividade.*

O leitor encontra em De Buſſcher uma gravura fiel d'eſta notavel compoſição; por iſſo não ſomos mais explicitos. Mais importante é o que De Buſſcher diz do retrato da Duqueza:

«As phyſiognomias da Virgem e da Duqueza ſão typos feminis, que apreſentam o caracter e a factura tão conhecida da eſchola dos Van-Eyck. Eſtas lindas cabeças, aſſim como as dos anjos, em adoração, não ſoffreram reſtauro algum; conſervaram por iſſo o modulado do deſenho primitivo. A carnação reſentiu-ſe da acção prolongada do caio a que eſteve ſujeita, amarelleceu e perdeu a ſua tranſparencia primitiva» (p. 43).

A figura da Duqueza é mageſtoſa, e o roſto não deſmente o que ſe dizia da ſua belleza rara.

Graças aos eſtudos aſſiduos e laborioſas inveſtigações do erudito De Buſſcher, ſabe-ſe que a pintura foi executada por Jean Martins (3) ou Nabur (Nabochodonoſor) Martins, ſeu filho, em 1448 (p. 43, 45 e ſeguintes).

Vejamos agora o retrato da collegiada de Sainte Pharaïl-

d'Auſtria; de 1488 (priſão de Maximiliano em Bruges); de 1539, contra Carlos v, etc. Só o meſter dos tecelões de pannos finos de Bruges punha em campo 30:000 homens. (Büchele. *Op. cit.,* p. 148.)

(1) Antes da revolta de 1450, que acabou ſó em 1453 com a ſanguinolenta batalha de Gavres.

(2) «... qui fut, comme jadis Michelle de France, conquérir l'amour des Flamands». (De Buſſcher, p. 35.)

(3) Vide o que dizemos a p. 106, ſobre eſta familia Martins.

de, que era a egreja ou oratorio dos Condes de Flandres, em Gand.

Os mefteres da cidade de Gand coftumavam perpetuar a memoria dos feus protectores por meio de uma obra d'arte; e, fendo o Duque e a Duqueza em 1433 protectores do *métier des bouchers,* encommendaram eftes a Roger Stoop, *maistre ouvrier à voire* (pintor vidrieiro), natural da mefma cidade de Gand, tres vidraças que deviam reprefentar Chrifto crucificado e os retratos, em vulto inteiro, do Duque e da Duqueza, com feus refpectivos brazões d'armas.

De Buffcher não diz, infelizmente, fe as vidraças ainda exiftem.

Temos, pois, ao todo os feguintes retratos da Infanta D. Ifabel, Duqueza de Borgonha:

*1.)* Retrato de Jean van Eyck (1428-29), ainda citado no inventario de Margarida d'Auftria em 1516 e 1524. [Na bibliotheca de Bruxellas em 1836 (?).]

*2.)* Retrato de Memling, citado pelo *anonymus Morelli* como exiftente em cafa do Cardeal Grimani em 1521.

*3.)* Retrato de Roger van der Weyden, no polypticho do hofpital de Beaune.

*4.)* Retrato de Jean Martins, no ex-voto (pintura mural) de Jacques de Ketelboetere na *boucherie* de Gand, 1448.

*5.)* Retrato de Roger Stoop, n'uma das vidraças da collegiada de Sainte Pharaïlde.

*6.)* Retrato n'um retabulo do Mufeu de Berlim.

### d) VIDA DA INFANTA D. ISABEL, DUQUEZA DE BORGONHA

A Infanta D. Ifabel, Duqueza de Borgonha, reprefentou um grande papel na hiftoria contemporanea da Europa. O

Duque Felipe, o *Bom,* ſeu marido, impedido, pela edade (1), de tratar dos negocios publicos nos ultimos annos do ſeu reinado, encarregou a Duqueza de todas as queſtões politicas, ainda as mais delicadas e de maior confiança.

Foi ella que negociou, em 1444, as treguas entre França e Borgonha, e que aſſignou outra entre França e Inglaterra, em 1447. Foi ainda ella que generoſamente acolheu em Bruxellas o *dauphin* (mais tarde Luiz XI), quando eſte para alli fugiu, em 1456; foi ella que reſtituiu, magnanimemente, a Renato, Duque de Lorena, a enorme ſomma que ſeu marido, o Duque, havia exigido pelo reſgate d'eſſe perigoſo adverſario; eſtes dois perfidos principes (o Duque e Luiz XI) pagaram a generoſidade á Duqueza, guerreando ſeu filho, Carlos, o *Temerario, à outrance,* até o derrotarem e matarem em Nancy! (1477). A Duqueza promoveu ainda a ſoltura do Duque de Orléans em 1440; foi em 1441 reclamar peſſoalmente a Laon ao rei de França o cumprimento do celebre tratado de Arras (1435). Em 1442 foi a Beſançon a encontrar-ſe expreſſamente com o Imperador d'Allemanha Frederico III (que havia de ſer mais tarde ſeu parente) (2), para tratar de negocios politicos em nome do Duque, ſeu marido.

(1) O Duque era baſtante mais idoſo que a Duqueza e já viuvo, uma vez; quando caſou com a Infanta portugueza era calvo, e nada devia á formoſura, como ſe pôde vêr nos dois quadros da eſchola dos Van-Eyck que d'elle exiſtem no Muſeu de Berlim, n.os 535 e 545a (Catalogo de Waagen, 14.a ed., p. 176 e 179.)

Na meſma galeria exiſte ainda o retrato de Carlos, o *Temerario* (n.o 545); é um quadro da antiga eſchola flamenga, que repreſenta uma adoração; entre os devotos ajoelhados figura no primeiro plano um principe, cuja phyſionomia concorda perfeitamente com os dois retratos citados; do lado oppoſto eſtá uma dama, ricamente veſtida, que não poderá ſer ſenão a Infanta portugueza, Duqueza de Borgonha.

Não pudémos achar por emquanto (Janeiro de 1877) a nota que tirámos na propria galeria ſobre eſte caſo.

(2) O Imperador caſou em 1452 com a Infanta D. Leonor, filha de El-Rei D. Duarte, irmão da Duqueza de Borgonha; D. Leonor fôra promettida ao *Dauphin* em 1450.

É ſummamente honroſo para eſta princeza o modo como tratou e protegeu em Flandres ſeus ſobrinhos e ſobrinha, os filhos do deſditoſo Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, morto em Alfarrobeira (1).

Em 1449 chegavam ao porto de Ecluſa o Infante D. Jaime, filho de D. Pedro, acompanhado de muitos fidalgos parciaes do fallecido Infante-Duque; foi recebido pelos Duques de Borgonha em Bruges com todas as honras devidas á sua peſſoa, e largamente compenſado (2); com a meſma diſtincção foram recebidos pouco depois (1451) o irmão e irmã de D. Jaime, o Infante D. João (3) e Infanta D. Iſabel (4). Os duques cuidaram de todos muito bem e moſtraram-lhes ſempre

Ambas as princezas, tia e ſobrinha, deram a vida a dois principes celebres: a Duqueza de Borgonha foi mãe do Duque Carlos, o *Temerario,* que ſuccumbiu em Nancy (1477), correndo atraz do phantaſtico imperio *gallo-belga.* A Imperatriz D. Leonor deu á Allemanha um dos ſeus monarchas mais illuſtres, Maximiliano I, *der letzte Ritter!* (1493-1519). Em ambas as princezas girava o ſangue generoſo de El-Rei D. João I e da ſua rainha exemplar D. Felipa de Lencaſter, mãe d'aquelles grandes principes, que ſe chamam: Infante D. Duarte, depois rei; Infante D. Henrique; Infante D. Pedro, Duque de Coimbra; Infante D. Fernando, o *Santo.*

Uma outra princeza portugueza, a Infanta D. Iſabel, filha de D. Manoel e caſada com Carlos V, deu á luz — Felipe II: a noſſo vêr, o fructo indirecto dos fataes caſamentos conſanguineos d'El-Rei D. Manoel.

(1) Veja-ſe o que o benemerito Viſconde de Santarem diz da embaixada de *reprovação,* que os Duques de Borgonha enviaram a D. Affonſo V, por cauſa da morte do Infante-Duque, e da triſteza que a dita morte cauſou na Europa. (*Quadro,* vol III. Introd., XXXIII, e p. 83.)

(2) Foi feito Biſpo de Arras pelo Duque Felipe.

(3) Diſtinguiu-ſe muito nas guerras de Flandres, ao lado do Duque Felipe, o *Bom.* Eſteve no cerco de Audenarde; figurou na batalha de Gavre (1453) na guerra contra os cidadãos de Gand, e foi então armado cavalleiro, pelo Duque. Eſte ſuſtentou tambem as pretenções de D. João á corôa de Aragão, que as derivava de ſua mulher, D. Carlota de Luſignan. D. João intitulou-ſe em vida Regente de Chypre e Principe de Antioquia. Sua viuva, D. Carlota (filha de D. João III, Rei de Chypre), foi coroada Rainha em 1458, anno em que D. João já era morto.

(4) Foi caſada por ſua tia, a Duqueza, em 1451, com Adolpho, ſenhor de Ravenſtein, irmão do Duque de Cleves e tambem ſobrinho da Duqueza.

grande amiſade e deferencia, em publico (1). (Veja-ſe para o mais V. de Santarem, *Quadro,* vol. III, p. 76, 77, 83, 88, 94, etc.)

Foi eſta princeza portugueza (2) que obteve de El-Rei D. Affonſo V em 1466 a doação da ilha do Fayal, chamada no ſeculo XV *ilha dos Framengos,* e a deu a Jobſten von Hürtter, ſenhor de Mörkirchen em Flandres, que a povoou com gente flamenga; a princeza obteve além d'iſſo do Duque, ſeu marido, a mercê de poder mandar para a dita ilha certas peſſoas ſentenciadas á perda dos direitos civis, que ficaram debaixo das ordens do cavalleiro von Hürtter; eſte caſou com uma ſenhora nobre dos Azevedos, e foi confirmado no poſto de capitão da ilha por D. Affonſo V. Hürtter, de familia rica, tinha-ſe endividado em Flandres, e, ſabendo de Frei Pedro Franciſco Ordens, confeſſor da Rainha de Portugal, que fôra a Flandres por embaixador, que na ilha havia abundancia de prata e eſtanho, partiu de Bruges com quinze operarios flamengos; paſſado um anno acabaram-ſe-lhe os meios, e tendo-ſe os operarios negado a continuar os trabalhos, foi-ſe Hürtter a Portugal, onde caſou com Iſabel de Macedo e voltou á ilha com reforço de navios e gentes. Um dos colonos flamengos, Guylelmo Beſſmacher (ou Berſmacher), foi quem primeiro introduziu na ilha a *lavoyra de paſtel.* Jobſten von Hürtter é o meſmo que vem em Barros (I, p. 56) como Jos. d'Utra; Coſta (I, p. 109 e 110) chama-lhe Jorge de Ultra; e Soares (I-459) Jorge Utra; finalmente, um eſcriptor inglez moderno: Capitain Boid. *Deſcription of the Azores,* 1835, p. 257, offerece mais uma quarta variante: Job de Huerta. Valentim Fernandez chama-lhe no ſeu manuſcripto Joſt de Utre. Quem fixou o nome verdadeiro foi o celebre navegante

(1) O Infante D. João e a Infanta D. Iſabel, ſua irmã, tomavam aſſento logo depois de M.elles de Bourbon, e d'Étampes, ſobrinhas da Duqueza.

(2) Santarem. *Quadro,* vol. III, p. 101.

allemão Martin Behaim, que eſtava ao ſerviço de Portugal. No ſeu *Globus* diz: «Em 1480 reſidiam na ilha muitos milhares de peſſoas, deſcendentes de allemães e flamengos que eſtão ſob as ordens do nobre e esforçado cavalleiro ſenhor Jobſten von Hürtter, ſenhor de Mörkirchen em Flandres, meu caro ſenhor cunhado (M. B. caſára com uma irmã de H.) ao qual a ilha foi dada, pela Duqueza de Borgonha, a elle, e a ſeus deſcendentes. Em 1500 ainda o Dr. Hyeronimus Monetarius (aliás Müntzer) dizia da população do Fayal: *et ſunt omnes de lingua alemanica Flandrenſi.* (Schmeller, *op. cit.*, p. 69.)»

Sirva eſta noticia para moſtrar até que ponto a influencia flamenga ſe fazia ſentir em Portugal e ſeus dominios, em fins do ſeculo XV. Em 1507 eſtava o uſo da lingua flamenga já muito limitado pela introducção de elementos portuguezes. Parece que ainda hoje exiſte na ilha um ſitio chamado *Valle dos Flamengos,* que paſſa por ſer dos mais ferteis da ilha do Fayal. Hürtter poſſuia uma rica caſa em Lisboa em Dezembro de 1494, onde Monetarius ſe hoſpedou e onde tratou com a familia do cavalleiro e a de Martin Behaim (1); era perto do convento de S. Domingos.

A Infanta Duqueza teve deſgoſtos graves para o fim da vida. O Duque ſeu marido, que além de rude (2) e variavel (e cuja vida domeſtica não era exemplar) era colerico, attri-

(1) Behaim veio a Portugal (Açores) cerca de 1480; caſou em 1486, com uma filha do donatario do Fayal Jobſt von Hürtter e falleceu em Lisboa em 1506, muito pobre.

Behaim era de uma familia diſtincta de Nürnberg (Schwarzbach) e havia alli naſcido cerca de 1459. Os ſeus merecimentos como *Coſmographo* foram muito exagerados e ficam aſſás reduzidos, ſegundo a expoſição de Peſchel. *(Op. cit.*, p. 88, 90 n., 92, 617.)

(2) Vide em Crowe & Cavalcaſelle, *op. cit.*, p. 80 e ſeguintes a caracteriſação do Duque, e em De Buſſcher (Recherches, 1859, p. 35 e ſeguintes) as relações do Duque com os ſeus ſubditos flamengos, principalmente com os meſteres de Gand no ſeculo XV.

buiu a influencias da Duqueza as defintelligencias que teve, para o fim do feu governo, com feu filho Carlos.

Pelos annos de 1456 retirou-fe a Duqueza a um convento de Flandres, fundação fua (1). Morreu em Dijon a 17 de Dezembro de 1472, felizmente antes de affiftir á cataftrophe de Nancy.

### e) OS MARTINS, FAMILIA DE ARTISTAS DE GAND

O benemerito Vifconde de Santarem aprefenta, n'uma memoria impreffa em francez (2), a feguinte ideia fobre as origens da hiftoria da pintura em Portugal, e as influencias que actuaram, de fóra, fobre efta arte.

Diz em refumo o feguinte:

«Que a efchola de pintura de Portugal deriva defde o XIII feculo da França, e *data da volta de Affonfo III, conde de Bolonha* (3) *que fez n'effe paiz uma longa refidencia.*»

Não pretendemos pugnar, nem pró nem contra efta opinião do illuftre efcriptor, opinião de que, pelo que fabemos, ainda ninguem tomou nota, entre nós (4). Defejamos apenas acompanhal-a de certas obfervações, tendentes a es-

(1) «... fit une religion de grifes fœurs de l'ordre de Saint-François, mendians, en Flandres en ung lieu nommé la Motte-au-Bois, ès-bois de Nieppe...» (Jacques du Clerq, apud Santarem. *Quadro,* vol. III, p. 107, n. 146.) A Duqueza nafcêra em Evora a 21 de Fevereiro de 1397.

(2) *Notice fur quelques manufcrits remarquables* par leurs caracteres et par les ornements dont ils font embellis, qui fe trouvent en Portugal. (Extracto do vol. XII das *Mémoires de la Société royale des antiquaires de France.*—36 pag.)

(3) Vide a *Chronologia* das noffas relações com a côrte de Borgonha, a p. 86-90, e para mais promenores A. Herculano, *Hiftoria de Portugal,* vol II, p. 385 e feg.; e Schäffer, *Gefchichte,* v. P., vol. I, p. 193 e feguintes, expofição mais refumida.

(4) Raczynski cita *(Dict.,* p. 257) a *Memoria* do Vifconde, mas não a leu, nem fequer conheceu indirectamente as ideias do auctor.

clarecer a queſtão, a fim de que ſe poſſa decidir mais tarde, ſe ſe tem de rejeitar ou de admittir a ideia do auctor. A conſciencia com que o Viſconde procedeu ſempre nos ſeus trabalhos, obriga-nos a eſtudar a queſtão, porque o auctor não affirmava um facto tão importante, de leve.

O exame do movimento artiſtico da França no ſeculo XIII não é muito favoravel á ideia do Viſconde.

Se ſe trataſſe da architectura ou eſculptura (1) poderiamos dar um parecer muito favoravel ſobre ella, e avançar alguns factos poſitivos, que decidiriam talvez a queſtão (2).

Por pintura franceza no ſeculo XIII não ſe póde entender ſenão a pintura de manuſcriptos, a *illuminura* (3), propriamente, arte já muito cultivada em França no ſeculo XIII, e que chegou a ſer uma mania artiſtica no ſeculo immediato (4). Não temos, infelizmente, a *Memoria* do Viſconde á mão, mas eſtamos certos que é iſto o que elle entendia por pintura franceza do ſeculo XIII; as pinturas muraes da meſma época foram, na maior parte, deſtruidas no tempo da revolução (5).

(1) A eſchola de eſculptura franceza do ſeculo XIII é celebre (na ſegunda metade do ſeculo nenhuma eſchola ſe podia medir com ella), e reſulta, na parte material, do longo tirocinio nas difficuldades technicas da architectura gothica (deſde 1144, abſis e charola de Saint-Denis; 1145, portico e baſe das torres da cathedral de Chartres); na parte eſtyliſtica, da pureza e elegancia de fórmas dos numeroſiſſimos modelos das illuminuras.

(2) Os argumentos ſobre a influencia da architectura franceza na peninſula irão em outro logar.

(3) Os monumentos do ſeculo XIII ſão: o mais antigo, um *Pſalterium* que ſe conſerva no British Muſeum, de cerca de 1202; outro *Pſ.* que pertenceu á mãe de Louis XI (na Bibl. de l'Arſenal, Paris) pertence aos annos de 1220-1230; um terceiro *Pſ.* de Louis XI é de 1260. Ha finalmente o Codice de 1279 do monge Dominicano Lorant, na Ambroſiana (Milão).

(4) Ce goût de l'enluminure alla juſqu'à l'excès (Renan, p. 261).

... La miniature eſt, ſans contredit, la branche de l'art où le XIV ſiècle a laiſſé la trace la plus brillante (p. 259).

... C'eſt la France ſans contredit qui fut à la tête de cet art (p. 261).

(5) Sobre os reſtos, que ainda exiſtem, vide o excellente trabalho de Renan, *État des Beaux-Arts au XIV ſiècle,* em Hiſtoire littéraire de la France, vol. II, p. 255.

De reſto, a pintura mural copiava os manuſcriptos (1). A primeira *pintura em taboa* que encontramos em França é um retabulo do convento dominicano de Touloufe em 1336 (2), já quaſi no meado do ſeculo XIV. É certo que Giotto veio a França nos primeiros annos do ſeculo XIV, chamado pelo papa Clemente V á côrte de Avignon; não ha porém indicio algum da ſua influencia, nem meſmo local; das obras que executou não exiſtem ſenão reſtos modeſtiſſimos.

Demais, o caracter que a pintura franceza apreſenta no ſeculo XIV, indica que os artiſtas ſeguiram a tradição do ſeculo anterior, ſem ſolução alguma de continuidade, cultivando a arte da *miniatura,* que attingiu no ſeculo XIV o ponto culminante nas obras dos Foucquet.

No ſeculo immediato, logo nos primeiros annos, em 1415, entra a pintura flamenga na côrte portugueza (3), antes mesmo da chegada de Jehan Van-Eyck a Lisboa (Dez. 1428).

A ideia do Viſconde não nos parece, por iſſo, admiſſivel, ſenão para a miniatura; o exame dos noſſos monumentos d'eſſa época deve decidir a queſtão que o Viſconde meſmo não reſolveu — porque não achou eſſes monumentos artiſticos, que deveriam ſervir de prova (4).

Achados elles (poſſibilidade de que nós duvidamos) não ſerá difficil fazer a confrontação com os codices francezes que deixamos apontados a p. 104, nota 3, tanto mais que o eſtylo dos illuminadores francezes do ſeculo XIII ſe diſtingue, por qualidades eſſenciaes, do eſtylo dos illuminadores allemães, bohemios, italianos e inglezes, da meſma época.

(1) Renan, *op. cit.*, p. 260.
O meſmo ſe poderá dizer da pintura em vidro, das vidraças pintadas, que morreram com as illuminuras, ao meſmo tempo.
(2) Dr. J. Schnatter. *Synchron. Geſch. d. bild. Künſte,* 1871, II-86.
(3) Vide p. 87, n. 1.
(4) Vide a analyſe de Laborde *(op. cit.,* vol. I, p. CXXX) á *Notice* do Viſconde.

Vejamos outra affirmação do Viſconde:

O auctor falla de artiſtas portuguezes *penſionados* na côrte de Borgonha, no fim do XV ſeculo, mas ſem dar os documentos comprovativos, que o auctor não tinha talvez á mão, em Paris. Tambem ninguem tomou nota d'eſta ſegunda affirmação! O methodo de trabalho do Viſconde não admitte a ſuppoſição de uma affirmação gratuita, feita ſem ſer baſeada em algum documento.

N'um trabalho importante do ſnr. De Buſſcher (1), ſobre a eſchola de pintura de Gand nos ſeculos XIV e XV, encontramos certos indicios, certos nomes que eſtejam talvez — note-ſe bem — *talvez* em relação, mediata ou immediata, com os artiſtas penſionados pela côrte portugueza na côrte de Borgonha. Gand era no ſeculo XV a rival de Bruges e diſputava-lhe as honras de primeira cidade da corôa de Borgonha; foi durante certo tempo do anno a reſidencia dos Duques de Borgonha, que alli tinham *côrte,* e que em geral protegiam a cidade por todos os modos.

Ora De Buſſcher menciona um Jean Martins, pintor de Gand, que foi o chefe de uma numeroſa familia de artiſtas que ſe diſtinguiu em Gand no ſeculo XV, na primeira plana. Eis a filiação:

JEAN MARTINS
FILHOS

Baudouin Martins

Regnier Martins.

Nabor ou Nabur (2) Martins

Liévin Martins.

(1) *Op. cit.* de 1859, p. 45 e ſeguintes.

(2) É a abreviatura de Nabuchodonoſor. A familia era provavelmente judia. De Buſſcher cita ainda (p. 85) os ſeguintes Martins do ſeculo XIV: — Laurent Martins (1364-1369) e ſeu filho do meſmo nome (1380-1386);

Eſtes artiſtas trabalharam de 1419-1475 (1). D'entre elles o mais notavel é ſem duvida Jean Martins, chefe da familia, de quem ha ainda uma obra notavel, a pintura mural da *grande boucherie* de Gand, de que já fallámos (2), e reſtos de uma outra pintura mural em Courtray (3). O outro artiſta celebre da familia é Nabur Martins, que foi o fundador de uma eſchola fecunda, que forneceu a Gand, no ſeculo XV, os melhores artiſtas que a cidade teve até alli.

De Buſſcher nada diz ſobre a nacionalidade de Jean Martins (4); o nome não é flamengo (5), não reapparece no ſeculo XV nas extenſas liſtas do Conde de Laborde, liſtas (6) que abrangem alguns milhares de artiſtas e artifices, que trabalharam para a corôa de Borgonha.

Eſſe nome não reapparece em todo o ſeculo XVI, nem nos ſeculos XVII e XVIII nos annaes artiſticos de Gand (7).

Ninguem eſtá auctoriſado a tirar em concluſão que Jean Martins foi portuguez, nem damos auctoriſação a ninguem

Gilles Martins (1396-1405); Gérard Martins (1398); e, finalmente, Gheloet (ſic) Martins (1408-1415), todos pintores, e Wauthier Martins (1408-1417) architecto. São pois ao todo 11; o auctor nada diz da relação d'estes artiſtas com os citados no texto.

(1) São as datas certas, citadas por De Buſſcher para principio e fim da actividade dos Martins, ſegundo os documentos conhecidos até á data em que eſcrevia.

(2) Vide o que diſſemos a p. 96-98.

(3) Egreja de Notre Dame, capella dos Condes de Flandres (invocação de Santa Catharina). Retratos dos Condes de Flandres; figura entre elles Ferrand de Portugal e Jeanne de Conſtantinople, ſua mulher. (Vide o que diſſemos a p. 86. Gravura em De Buſſcher, p. 47; texto, p. 48-49.)

(4) Primeira referencia a p. 45: «Jean M... fut reçu franc-maître dans la corporation plaſtique gantoiſe en 1420.»

(5) O unico nome flamengo que poderia entrar em queſtão ſeria Mærtens ou Martens.

(6) O Conde de Laborde cita (I-566) os meſmos que De Buſſcher, e mais um Jehan Martins, «orfévre de Gand em 1400», com a referencia CVI. A; não eſtá no logar.

Notaremos que Laborde cita (I-380) dois *Martinez*, portuguezes, no ſeculo XV, como trabalhando para a côrte de Borgonha. (V. atraz p. 5.)

(7) De Buſſcher, *op. cit.* de 1866.

para tirar eſſa concluſão das noſſas linhas, porque ſomos nós os primeiros que tocamos n'eſte aſſumpto.

Ahi ficam apenas como mero aviſo, para ſervirem a inveſtigações futuras.

# II

## SOBRE AS RELAÇÕES DE PORTUGAL COM A ALLEMANHA

(SEC. XV E XVI)

### a) DAMIÃO DE GOES E A RENASCENÇA ALLEMÃ:

*Contra Munſterum pro defenſione Hiſpaniæ.— Os Fugger*

As cartas entre Goes e Jacob Fugger não ſe entenderiam ſem algumas breves explicações. Não tivemos a dita de achar um exemplar da *Cosmographia,* para tomar nota, no original, das proprias palavras de Münſter, mas examinamos com attenção (o que vale o meſmo) a reſpoſta de Goes, a que elle allude, e que appareceu ſob o titulo: *Pro Hiſpania adverſvs Munſtervm defenſio* (1).

Eis a analyſe ſuccinta d'eſſe extenſo e importante documento; depois as concluſões:

Os pontos de reparo de Münſter ſão os ſeguintes:

1.º As Heſpanhas não teem producção do ſolo, principalmente cereaes — por outra, não teem pão. Recebem os cereaes de França.

(1) Schott. *Op. cit.,* vol. I, p. 1169-1173.
Faz parte do extenſo tratado *Hiſpania* (p. 1161-1173), dedicado a Pietro Nannio, profeſſor em Lovania, *amico non vulgari.*

2.º A Hefpanha importa ainda da França as teias de linho, fio, etc. Os hifpanos fão fobrios nas bebidas e comidas —mas fó na propria cafa; na alheia fão famelicos, fão cobiçofos do alheio, duros, ferozes, arrogantes, etc. (1); além d'iffo pouco cortezes para com os extrangeiros, porque os obrigam a ir, em peffoa, á praça, comprar os viveres de que carecem, etc.

A ifto refponde Goes:

Que pouquiffimos cereaes manda a França á Hifpania— mas confeffa que recebe grande porção d'elles da Germania oriental (2) em navios dos Batavos. Goes confeffa que a Hispania eftava importando defde 1516 (a data da carta é 1541) grande porção de comeftiveis, ora mais, ora menos, ha *vinte e cinco* annos! Goes tenta explicar efte phenomeno, allegando as más condições climatericas dos annos paffados, e as colheitas efcaffas: «Não é caufa d'iffo (da importação) a ruindade natural da terra fenão, como fe diz, a conftellação dos aftros, a qual defde 1516 até noffos dias affligiu com modo hoftil o paiz com doenças, mortandades, e outras calamidades...»

Goes allega mais as defcobertas no Oriente e Occidente, nas Indias, e ainda as contínuas guerras d'Africa e d'Italia, que «occupam mais a noffa gente do que os trabalhos do arado». Ifto tudo não deftroe o argumento de Münfter; explica-o, apenas. Pouco importava que os cereaes vieffem da França ou da Germania Oriental; o que fe não póde negar é que vinham de fóra.

As noffas conquiftas pediam braços e vidas, que faltavam

(1) «... famelicos de alieno femper faturos, in peregrinos homines duros, feroces, ac immanes, nec non imperitos, ingenio infelices, arrogantes, iactabundosq.» (Schott. *Op. cit.*, II-827. Epift. Damiani ad Fuggervm.)

(2) Tem de entender-fe as cidades hanfeaticas da *Oftelandia*.

á agricultura, á induſtria das minas (1), outr'ora floreſcente; iſto é uma explicação, mas não uma juſtificação; o facto é, que uma e outra couſa eſtava «abandonada» (ſic). «E logo que o rigor dos aſtros ſeja applacado, os Gallos nos virão pedir cereaes, *como d'antes coſtumavam fazer*. Creio que Münſter ignorou que os Gallos nos pediam d'antes cereaes, mais vezes, do que nós a elles; nem hoje preciſáramos de cereaes extrangeiros, ſe...» E começa Goes a hiſtoriar o noſſo desleixo, a noſſa preguiça, que contraſta com a fecundidade do ſolo.

Emquanto ás teias de linho e do fio de canhamo importado, Goes nada refuta; limita-ſe a dizer que a maior parte vem «unicamente da Batavia». Diz que Münſter ſe eſqueceu do vinho da Peninſula, que vae em grande quantidade para todos os paizes da Europa (2)—omiſſão grave; o reparo é juſto.

Sobre o terceiro ponto, que ſe refere ás qualidades nacionaes dos hiſpanos, Goes nega a maior parte do que é mau; entretanto a arrogancia, a crueldade e ferocidade ainda hoje ſão qualidades de muitiſſimos heſpanhoes; o bandoleiriſmo e banditiſmo ainda floreſce hoje em certas provincias da Heſpanha. A culpa de Münſter foi metter portuguezes e heſpanhoes no meſmo ſacco, com o titulo de hiſpanos, pois, nem a crueza foi nunca qualidade dos noſſos, nem o banditiſmo foi nunca claſſico em Portugal. Goes revolta-ſe contra a accuſação de *famelicos*, mas ha mais alguem (3) que concordou pos-

(1) «Vnde euenit non ſolum apud nos agriculturam neglegi, ſed etiam metalla quorum venis adhuc Hiſpania abundantiſſime ornatur» (vol. I, p. 1169).

(2) Gallia-belgica, Inglaterra, Irlanda, Eſcoſſia, Noruega (Dacia), Suecia, Moſcovia, Ruſſia, Livonia, Lituania, Pruſſia, toda a Germania e tambem a Hollanda—a ordem é de Goes.

(3) V. a gracioſa deſcripção da «collation chez la princeſſe de Manteleon» em 1679. Madame d'Aulnoy, *Relation du voyage d'Eſpagne*. Vol. II, p. 142 e 143, 4.ª ed. de 1705.

teriormente com Münſter, ſem o conhecer, e que caracteriſou do meſmo modo a ſobriedade *condicional* dos heſpanhoes. O que Münſter diz da pobreza de engenho dos hiſpanos acha a ſua refutação natural, nos factos, na extenſa liſta de notabilidades em todo o genero, que illuſtram a hiſtoria da Renascença hiſpano-portugueza. Poderia haver dito que a cultura do eſpirito raras vezes eſteve á altura da época; engenho e aptidão natural (1) nunca faltou, nem aos heſpanhoes, nem aos portuguezes.

O que Münſter diz da pouca cortezia dos hiſpanos para com os extrangeiros, a propoſito da compra dos viveres, etc., reſulta da falta de conhecimento das condições locaes. Goes juſtifica plenamente o caſo; diz elle:

« D'antes os eſtalajadeiros hiſpanicos, em cujas caſas ſe acolhiam os viajantes extrangeiros e os do paiz, eram ladrões e tratantes, como ainda hoje o não ſão poucos dos da Germania, Gallia e d'outras terras porque, ſe o não foſſem, não podiam enriquecer tão depreſſa e tão immenſamente. Penſando n'iſſo os Reis catholicos de Heſpanha e Aragão, Fernando e Iſabel, determinaram n'uma lei que, ſob pena de grande multa, nenhum dos eſtalajadeiros e hoſpedeiros ſatisfizeſſe aos viajantes ſerviço algum mais, a não ſer os domesticos e o trabalho de coſinhar a comida. Para os cavallos podiam vender cevada, aveia, feno e palha, *ſó pelo preço inſcripto, depois de avaliação previa e publica,* nas portas (2) das eſtalagens, de maneira que o homem mais rude e ignorante facilmente entende quanto tem a dar pelo ſerviço da caſa, quanto pela ração dos cavallos, livre de qualquer en-

(1) Madame d'Aulnoy. *Relation,* vol. III, p. 109, paſſim.

(2) Goes uſa de varios modos de dizer: *ipſis foribus diuerſoriorum inſcriptũm eſt* (nas portas das hoſpedarias); *ex tabulis diuerſorio affixis* (nas tabellas das hoſp.); *ex tabellarum teſſera* (nos quadrados das tabellas); (vol. I, p. 1170).

gano; além d'iſto, o hoſpedeiro é obrigado *a ir com o hospede á praça* e ás lojas dos vendedores, ou mandar qualquer dos ſeus, com a ajuda do qual o extrangeiro compra os viveres, os quaes em ſeguida ſe preparam na eſtalagem» (vol. I, p. 1170).

Goes encarece depois as grandes vantagens d'eſte ſyſtema, que punha o viajante ao abrigo da exploração desbragada dos hoſpedeiros (1).

Temos concluido a noſſa analyſe.

É innegavel que Münſter não acertou em todos os pontos; que exagerou em alguns; que commetteu certos erros de factos (os que Goes aponta, e outros que não mencionámos, por brevidade); que fez omiſſões notaveis, como a da exportação do vinho; mas o ponto eſſencial ſobre que verſa a disputa fica de pé; eſſe ponto é a pobreza da Hiſpania no tocante a cereaes, a falta de *pão,* o abandono da agricultura, a paralyſação das induſtrias, emfim a progreſſão aſſuſtadora da importação durante 25 annos, no meio de uma gloria politica ſempre creſcente.

Goes faz varias comparações entre os habitos dos hiſpanos e germanos, para collocar os primeiros em melhor luz; á ſobriedade peninſular, em quanto ao vinho, á modeſtia e reſerva brioſa dos noſſos criados, á qualidade das iguarias e bebidas dos noſſos banquetes — oppõe Goes a intemperança dos germanos, a indiſcrição intereſſeira dos ſeus criados, o pão negro miſturado com reſtolho e farellos, a cerveja féti-

(1) Eſta inſtituição exiſtia ainda no ſeculo XVII em Portugal; vid. *Viagem* de Monſieur de Monconys, p. 84, paſſim. Temos preſente a traducção allemã de 1697: *Des Herrn de M... ungemeine und ſehr curieuſe Beſchreibung,* etc. Leipzig und Augſpurg, 1697, 4.º
A edição original franceza é de Lyon, 1665.

da (1), etc.; mas, tudo iſto é ſecundario, e não altera o juizo, em geral, acceitavel, que Münſter fez dos hiſpanos. Goes convida o ſeu adverſario a deſcrever os paizes e ſeus coſtumes ſó depois de os ter viſitado e obſervado com os ſeus proprios olhos, exigencia pouco raſoavel quando ſe trata de uma *Cosmographia!* Goes meſmo não viſitou a Lapplandia, nem a Abyſſinia, antes de eſcrever ſobre eſtes paizes (2).

Devemos agradecer a Goes a defeza contra Münſter; o não deixar ſem reſpoſta accuſações, que eram perigoſas, por eſtarem n'um livro geralmente conhecido, e egualmente eſtimado em toda a Europa. Goes era o unico que podia, pela auctoridade do ſeu ſaber, e pela importancia das ſuas relações internacionaes, reſponder efficazmente a Münſter, e dar toda a publicidade á ſua replica. A defeza de Goes, feita n'uma época em que as emprezas de Heſpanha e Portugal attrahiam á peninſula um grande numero de extrangeiros, e promoviam uma emigração notabiliſſima para as noſſas terras — era, não ſó uma acção patriotica, mas uma medida de alta importancia politica e economica. É d'eſte modo que temos de julgar as cartas entre Goes e Fugger (3), e ſobretudo a defeza *Pro Hiſpania,* que não era por certo uma queſtão de campanario.

(1) « ... atrum panem, ſtipulis furfuribuſq; vna piſtis commiſtum, fœtidam ceruiſiam, carneſq; ſalitas, ter quaterq; recoctas, aſſaſq;... » (a pontuação é de Schott. *Op. cit.*, vol. I, p. 1170).

(2) *De Religione & moribus Aethiopum,* reimpreſſa em Schott. V. I, p. 1288-1312.

*Deploratio Lappianæ gentis* em Schott. Vol. II, p. 1313, e *Lappiæ deſcriptio,* idem, vol. II, p. 1314.

(3) Não ſabemos ſe foram publicadas mais cartas de Goes a Fugger; não tivemos até hoje a felicidade de achar um exemplar da collecção das cartas de Goes: *Epiſtolæ aliquot ad Cardinales* Petrum Bembum, Jacopum Sadoletum, Nicolaum Clenardum, Joannem Vaſæum, & illorum responſiones. Lovanii, apud Rutgerum Reſcium, 1544, 4.º As cartas eſtão em parte reproduzidas em Schott, mas faltam as reſpoſtas.

## *Carta de Damião de Goes a João Diogo Fugger em defeza de Hiſpania* (1)

Pela tua carta, muito amado Diogo, tive noticia que tu ſoffreſte da febre, mas que te livraſte d'ella, a qual noticia me foi ao meſmo tempo triſte, porque ſoube que tiveſte uma doença tão grave — e grata, porque ſoube que eſcapaſte de todo incolume da ſua tyrannia. Mas no que diz reſpeito ao teu dito: que eu deſcompuz, pouco amigavelmente, a Münſter (2), peſſoa minha conhecida (declaro) que te eſcolho para juiz d'eſta cauſa; tu, reflecte, o que dirias, ſe tiveſſes de escrever os louvores (e gabar) as riquezas de Germania, como nós (temos de eſcrever) da Hiſpania, d'aquelle que, ſem razão alguma de pezo chamaſſe aos Hiſpanos: famelicos e ſempre cubiçoſos dos haveres alheios, duros, ferozes, inhumanos contra a gente extrangeira, muito imperitos, pobres de engenho, arrogantes e jactancioſos, defeitos eſtes que Münſter lan-

(1) As duas cartas em Schott: *Hiſpania illuſtrata,* vol. II, p. 827 e 828. Por *Hiſpania* tem de entender-ſe aqui a peninſula inteira, como foi uſo em toda a Renaſcença.

(2) Sebaſtian Münſter, polygrapho celebre do ſeculo XVI, naſceu em Ingelheim (Palatinado), e morreu a 23 de Maio de 1552 em Baſel (Baſilea). Abſtrahimos aqui dos ſeus eſcriptos ſobre theologia, hiſtoria, linguiſtica oriental, mathematica, orologia, etc., para accentuar a importancia da ſua *Coſmographia,* contra a qual Goes polemiſa. O titulo verdadeiro é Sebaſtiani Münſteri *Coſmographia oder Beſchreibung aller Länder Herrſchaften vnd fürnembſten Stätte deſs gantzen Erdbodens ſammt ihrer Gelegenheit,* etc., etc. Baſel, 1588, fol., 1598, etc. A *Coſmographia,* fructo de um trabalho immenſo, foi enriquecida com nma grande quantidade de gravuras, ſegundo deſenhos da eſchola de Holbein, e appareceu traduzida em latim, inglez, italiano, francez e bohemio. N'eſte trabalho entrava a peninſula, a apreciação do eſtado de Portugal e Heſpanha, que tanto deſgoſtou a Goes.

Münſter deu a primeira Biblia conhecida em hebraico, um diccionario hebraico-chaldaico e uma grammatica chaldaica; traduziu o *Joſephus,* etc. Enſinou nas altas eſcholas de Heidelberg e Baſel. Damião de Goes atacava pois uma das illuſtrações da Renaſcença allemã, um dos grandes ſabios da Reforma.

çou em rosto á nossa gente. Mas eu, do outro lado, que fiz ou que culpa commetti, defendendo os nossos? (1). Eu, de facto, não ataco os Germanos e os Gallos em geral, como aquelle (Münster ataca) os Hispanos, mas só em especial; e escrevi a minha pequena defeza contra os famulos e parasitas (2) d'aquellas provincias, quasi brincando; eu chamo homem bom a esse mesmo Münster, só o advirto que d'ora ávante escreva com mais cautela, e que mande á imprensa só aquillo de que esteja certo. Porque, se tal houvesse feito, não teria inserido no seu *Ptolemeo* tantas cousas mentirosas sobre a sua propria Germania; omitto outros livros que elle publicou, que tratam da fé christã, e que são julgados por muitos como adulterados e falsos, cousa que a ser certa, não é em verdade muito pia, nem digna de um homem christão (3). Contei-te todas estas cousas, muito amado João Diogo, para que saibas que eu podia indignar-me ainda mais contra Münster, o que decerto teria feito, se elle não fosse Germano e nascido na Germania, *terra e gente que eu venerei sempre como uma divindade,* terra na qual tenho amigos eximios (4), cuja amisade desejo e quero conservar inviolavel e sancta para todo o sempre. De resto, emquanto ao livro lusitanico tomei nota do que escreves e de que te dou os maiores agradecimentos; eu mesmo o vi em casa de Peutinger (5) e d'elle li

(1) Goes allude ao seu tratado: *Hispania* (em Schott. Vol. I, p. 1160-1173), de que adiante fallamos.

(2) ... *famulos & gnathones* (gnatonicus vir, ut Gnatho. Du Cange, *Glossar.* III-535).

(3) Goes allude por certo á abjuração que Münster (antes frade franciscano) fizera do catholicismo, aos actos e escriptos subsequentes sobre a *Reforma.*

(4) «... quam gentem & prouinciam ego tamquam numen semper veneratus sum...» Goes allude a Glareano, Erasmo, Peutinger, Graphaeus, Amerbach, Gelenius, etc.

(5) 1465-1547, illustre patricio de Augsburg e intimo amigo de Dürer. Pertence ao circulo dos humanistas allemães; os seus trabalhos, aliás notaveis (*Sermones convivales de mirandis Germaniæ antiquitatibus.* Augsb.

fragmentos, o qual livro de nada lhe ſerve, porque ignora a noſſa lingua. Por iſſo te rogo mais e mais que me arranjes, ou o proprio livro, ou copia d'elle, couſa que, ſe tu a fizeſſes, ſeria de grande valia para a noſſa hiſtoria das couſas da India, que temos entre mãos; farias uma couſa bem grata, pela qual te ficariamos perpetuamente obrigados (1). Adeus; amanos como uſas fazer. Saúda em noſſo nome a D. Antonio Fugger (2). Lovania, a 11 de Abril de 1542.

### *João Diogo Fugger a Damião de Goes, Fidalgo luſitano*

Damião, amantiſſimo dos amigos! Não era miſter defeza alguma, para commigo, d'aquillo que eu te havia eſcripto ſobre a tua deſcompoſtura, pouco amigavel, contra Münſter. Deſejaria, que acreditaſſes que eu eſcrevi aquillo por amiſade

1506; *Romanæ vetuſtatis fragmenta in Auguſtana Vindeb.* 1505, etc.) deram-lhe menos celebridade do que a circumſtancia de poſſuir um documento capital da antiga geographia romana, a *Tabula Peutingeriana.* O ſabio allemão tinha-a recebido de preſente do celebre Conrad Celtes, e guardava-a entre as precioſidades da ſua rica bibliotheca (de que fallamos na nota ſeguinte, e p. 119).

Peutinger repreſentou varias vezes a cidade de Augsburgo junto a Maximiliano I e Carlos V.

(1) Eſte livro luſitanico, que Goes pede com tanto empenho, não póde ſer ſenão o *Cod. hiſp.* n.º 27 da Bibliotheca real de Munich de 1505-1508, que contém relações de viagens de navegantes portuguezes do ſeculo XVI; o auctor do volumoſo *Cod.* (350 folhas) é ſem duvida Valentim Fernandez Aleman. Sobre a importancia do *ms.* vide o eſtudo de Schmeller, *op. cit.*, e o que dizemos a p. 102. Schmeller não teve porém conhecimento da carta de Goes a Fugger, nem da reſpoſta d'eſte, e d'ahi reſulta a ſuppoſição que o *ms.* tendo vindo logo depois de concluido para Augsburgo, ficou ignorado dos noſſos; mas Schmeller não contava com Goes, e Goes via tudo! O modo como o *ms.* ſahiu de Portugal não o explica Schmeller, mas não ſerá difficil fazel-o em face das noſſas p. 101, 102, 122 e 123.

(2) Vide, ſobre a familia Fugger, p. 119-121.

e por verdadeira ſinceridade que ſempre te dediquei até hoje, pois ignorava que o dito Münſter houveſſe dito couſas tão atrozes dos Hiſpanos, e ainda hoje me admiro da audacia de quem eſcreve tão temerariamente, tão injuſtamente e ſem motivo algum d'uma região occidental tão fertil e tão notavel, que elle meſmo (Münſter) nunca viu, onde nunca viajou, e ácerca da qual nada ſabe, não fallando já do atrevimento em publicar livros que adulteram a noſſa fé (como me eſcreves). Agora, que conheço os factos, não ſó te conſidero plenamente juſtificado, mas até lhe tenho (a Münſter) odio, por cauſa de tão inſigne temeridade, e julgo que merece ſer caſtigado com eſtylo acerbo por todos os homens doutos, quem não ſó falla em publico tão audaz e temerariamente d'aquillo que nem viu, nem experimentou, mas ainda não tem vergonha de adulterar aquillo que pertence ao augmento e fortaleza da noſſa ſanta fé. Tu vês porém e ſabes, por experiencia propria, como ſe perverteu o ſeculo em poucos annos; de ſorte que alguns ſe tem atrevido não ſó a dizer, mas tambem a imprimir toda a ſorte de phantaſias. Deus, Optimo e Maximo, faça que em breve vá melhorando. De reſto, emquanto ao livro luſitanico, tratei diligentemente com Peutinger para que me arranjaſſe uma copia, que alcancei, a final, mas ſob condição de não a moſtrar a ninguem, nem dar logar a que alguem a recopie, o que prometti ſem rodeios, ſó para vêr aquelle livro, que elle não entende, mas de que faz tanto caſo; vi-o, e logo o reſtituí para dar fé que ninguem ſuſpeitou (da ſua exiſtencia). Tu conheces o homem, creio eu; eſtá decrepito, é amigo de antiguidades e de raridades, e goſta do livro, que não comprehende, como imagino, porque julga que, além d'elle, ninguem o poſſue. Comtudo, tratarei com cuidado de chamar o livro a mim, ſe é que ſe póde obter alguma couſa do velho; e farei tal e tanto *pro viribus,* que poſſas convencer-te, que não houve falta de zelo e de cuidado

da minha parte. Com iſto deſejo que paſſes bem quanto poſſivel com tua mulher. De Auguſta (Augsburgo), a 8 de Maio de 1542.

As phraſes de Fugger não ſão muito claras; primeiro diz: «ſedulo egi cum Peutingero, ut mihi eius copiam faceret, idque tandem impetraui»; depois: «vidi et mox, ut fidem dederam, ne quidquam ſuſpicari poſſit reſtitui»; na terceira paſſagem diz Fugger: «agam tamen ſedulo ut ſi quidquam impetrandum eſt a ſene hunc librum eliciam».

Collige-ſe d'eſtas tres paſſagens que Fugger obteve o *ms.* original (2.ª paſſ.) para tirar a copia (1.ª paſſ.), e que promette fazer as diligencias para haver o original, talvez para o dar a Goes, viſto Peutinger não lhe ter dado licença para moſtrar ſequer a copia que tirou. A falta de clareza na carta provem de Fugger não ter poſto a 2.ª paſſagem antes da 1.ª, porque ſe elle tinha já a copia, dada por Peutinger, que lhe importava vêr ou não vêr o original? Logo, obteve primeiro eſte (2.ª paſſ.) e depois tirou a copia (1.ª paſſ.) e reſtituiu o *ms.* Reſta ſaber (o que a carta não diz) ſe Goes obteve a copia, porque o *ms.* ficou por certo nas mãos de Peutinger; foi doado pelos herdeiros (iſto é, por Ignaz D. Peutinger, em 1718) ao collegio dos Jeſuitas de Augsburgo. Em 1807 comprou-o a Bibliotheca de Munich.

## OS FUGGER

Não podemos, por falta de eſpaço, indicar aqui, embora levemente, a hiſtoria da caſa Fugger. Foi fundada por Johannes F., meſtre tecelão em Graben, pequena aldeia perto de Augsburgo; caſou com Anna Meiſner de Kirchheim. Johannes F., ſeu filho mais velho, foi tambem tecelão; eſtabe-

leceu-ſe em Augsburgo em 1370 e obteve alli o direito de cidadão *(Bürgerrecht),* em virtude do ſeu caſamento com Clara Widolph; tendo fallecido ſua mulher, caſou com a filha de um membro do conſelho municipal, Eliſabeth Gſattermann, e occupou varios cargos importantes na cidade.

Morreu em 1409, deixando cinco filhos; dois d'eſtes, Andreas e Jacob, continuaram o negocio do pae com vantagem; enriqueceram e formaram as duas primeiras linhas nobres da familia. O filho mais velho de João: *Andreas,* chamado o Rico, caſado com Barbara Stammler vom Aſt, foi o fundador da primeira linha nobre chamada os *Fugger do Veado* (do eſcudo dado pelo Imperador Frederico III aos filhos de Jacob em 1452); eſta linha primeira extinguiu-ſe já em 1583. Jacob Fugger, filho ſegundo de Johannes, proprietario em Augsburgo, fez, aſſim como Andreas, um commercio notavel; morreu em 1469, e foi fundador da linha dos *Fugger dos Lirios;* ſeus filhos: Ulrich (n. 1441-1510), Georg (1453-1506), e Jacob (1459-1525) deram ao commercio da caſa proporções colloſſaes, crearam importantes induſtrias mineiras, caſaram com ſenhoras das principaes familias do Sul d'Allemanha, e compraram o caſtello da familia: *Fuggerau,* no Tyrol. Foram nobilitados pelo Imperador Maximiliano, que lhes deu um escudo com lirios d'ouro e azues. O Imperador havia empenhado á caſa Fugger o condado de Kirchberg e o ſenhorio de Weiſſenhorn por 70:000 florins d'ouro; por ordem do Papa Julio II haviam pagado os Fugger ao meſmo Imperador 170:000 ducados de ſubſidio para a guerra contra a republica de Veneza. Carlos V, não podendo pagar os 70:000 florins d'ouro, cedeu-lhes o condado e o ſenhorio. Ulrich e Jacob não deixaram filhos, de ſorte que toda a immenſa fortuna foi parar ás mãos de Georg, que foi por ſeus dois filhos (do matrimonio com Regina Imhof de Nürnberg) o fundador das duas linhas ainda floreſcentes dos Condes (1530) e Prin-

cipes (1803) de Fugger. É d'eſſes dois filhos de Georg: Raimund (1489-1535) e Anton (1493-1560) que deſcendem Hans, Jacob e Marx, de que reſam os documentos que temos eſtado explorando (1). Para dar uma ideia da fortuna da familia, diremos que um dos Fugger, *Anton,* acima citado, deixou *ſeis milhões de corôas de ouro em dinheiro* (Guicciardini, *op. cit.,* p. 158), não contando as joias, os bens de raiz, etc.; ſeu irmão Raimund havia deixado quantia ſemelhante (2). No s. XVII poſſuia a familia 2 condados, 6 ſenhorios, 57 outras povoações e um grande numero de caſas em Augsburgo. Os Fugger não foram meros negociantes; muitos ſe diſtinguiram nas lettras, nas ſciencias e nas armas, e protegeram as artes na Allemanha, como o fizeram os Medici na Italia. A fortuna actual, ainda raſoavel, das duas linhas (condado e principado) exiſtentes, não é ſequer a ſombra do que foi a da caſa dos ſeculos XVI e XVII.

### b) EMIGRAÇÃO DE ALLEMÃES PARA A PENINSULA

Um notavel viajante allemão, que andava na peninſula no fim do ſeculo XV, fornece-nos alguns ſubſidios para o eſtudo das relações de Portugal com a Allemanha no meſmo ſeculo.

O Dr. Hieronymus Münzmeiſter ou Müntzer ou Monetarius (fórma latina) de Nürnberg, eſteve em Portugal em 1495 e 1496, e foi muito bemquiſto de El-Rei D. João II, que o convidou quatro vezes para a ſua meza, quando eſtava em Evora. El-Rei contava-lhe as novas das couſas curioſas, que vinham a Portugal em virtude das noſſas deſcobertas, e em Lisboa moſtrou-lhe o principe varias couſas raras, que chega-

(1) Vide Cap. III, p. 25-31.
(2) Vide a deſcripção das caſas dos dois irmãos em Augsburg, em Weiss. *Koſtümkunde,* 1872, vol. III, p. 862.

vam das novas conquiſtas (Schmeller, p. 9 e 42). O meſmo Dr. Müntzer menciona um grande numero de *almani,* que andavam então na peninſula; por *almani* deve entender-ſe, no ſeculo XV, tanto flamengos como ſuiſſos. Era uma ſociedade muito variada e mixta, que o Doutor encontrou: Eccleſiaſticos, mercadores, artiſtas, impreſſores, bombardeiros, etc., das cidades de Augsburg, Danzig, Eſſlingen, Frankfurt, Gerleshofen, Lauingen, Mergentheim, Ravensburg, Speier, Stettin, Strassburg, Ulm, Waiblingen e d'outros logares. Menciona até alguns que haviam eſtado na peninſula muito antes d'elle, como: Leo von Bodiebrad (aliás von Rozmithal) e outros ſeus patricios de Nürnberg: Gabriel Tetzel, Gabriel Muffel, Georg von Ehingen, e Georg Ramſeidner von Salzburg, que ſe diſtinguiram ao ſerviço da corôa de Portugal em 1465 e 1466.

É geralmente ſabido que a imprenſa foi introduzida, tanto na Heſpanha como em Portugal, por artifices allemães; Müntzer achou em 1494 em Granada (conquiſtada havia apenas dois annos!) uma colonia inteira de impreſſores allemães; eram Jacobus Magnus de Argentina (Strassburg), Johannes de Spira (Speier) e Jodocus ex Gerleshofen. Müntzer dá-nos ainda a curioſiſſima noticia — que citamos agora pela primeira vez em Portugal — de haver El-Rei D. João II mandado dois impreſſores allemães para a ilha de S. Thomé! Um d'elles era de Nördlingen e o outro de Strassburg. Müntzer não cita os nomes; accreſcenta apenas que El-Rei ſó os deixou ſahir para alli depois de inſtantes rogos *(auf inſtändiges Bitten)* por o clima da ilha não convir á gente do Norte; o principe eſtimava os ſeus allemães (1).

(1) Até á data em que eſcrevemos eſtas linhas (Janeiro de 1877) não podémos haver ainda á mão o *Itinerarium ſive peregrinatio per Hiſpaniam Franciam et Alemanniam* (1492-1496) do Dr. Müntzer; por iſſo limitamo-nos ao extracto de Schmeller, p. 9-11.

Não era ſó no dominio da imprenſa que os allemães e flamengos trabalhavam em Portugal. Os armeiros de Augsburg e Nürnberg goſavam de fama univerſal (1), e alguns dos primeiros trabalharam para a peninſula por encommenda; outros vieram directamente para Heſpanha (2) e Portugal.

Goes falla frequentes vezes de bombardeiros allemães, que andavam nas naus da India, preſtando excellentes ſerviços. Na *Chronica* (Parte II, p. 355; Part. III, p. 83; Part. IV, p. 623) elogia muito a bravura de um chamado Hansfreis, que ſervia na caravella de Vaſco Fernandez Ceſar (1521) com outros bombardeiros allemães, «que todos os da caravella o eram» *(op. cit.,* p. 623).

Foram provavelmente eſtes bombardeiros allemães e fla-

(1) Foi a artiſtas allemães que Franciſco I de França encommendou as ſuas explendidas armaduras; os meſmos artiſtas trabalharam para Henrique VIII de Inglaterra; Felipe II recebia, ainda principe, de Deſiderius Kolmann, armeiro celebre de Augsburgo, algumas peças complementares para um harnez, que lhe cuſtaram a bagatella de 600 corôas. (C. G. Rehlen, *Geſchichte der Gewerbe.* Leipzig, 1855, p. 332.)

(2) Dois dos melhores artiſtas allemães, que Carlos V chamou a Hespanha, foram os fundadores da celebre eſchola de armeiros heſpanhoes, que depois tanto ſe diſtinguiu; chamavam-ſe Simon Marcuarte (Marquardt?) e Pedro Maeſe. (Vide: *Noticia hiſtorica de los arcabuzeros de Madrid,* 1849, 4.º, p. 101-119.)

Até objectos do mobiliario vinham de fóra:

Carlos V recebia em 1554 uma explendida credencia, que havia encommendado a Lorenz Strohmeier; Felipe II recebia em 1569 uma outra, feita por Bartholomens Weishaupt, que levou ſeis annos (1562-1568) a fazel-a. Ambas vieram para Heſpanha. (C. G. Rehlen, *Geſchichte der Gewerbe,* p. 215.)

Outro artigo que nós importavamos da Allemanha eram inſtrumentos nauticos, que vinham de Nürnberg, onde o celebre aſtronomo allemão Regiomontanus (aliás Camillus Johannes Müller, 1437-1476) tinha elevado a fabricação d'elles ao maior apuro.

Foi, graças ao nome de Regiomontanus, conſiderado na peninſula o primeiro aſtronomo da época, que o ſeu compatriota Martin Behaim obteve a collocação official em Lisboa, dizendo-ſe ſeu diſcipulo.

As celebres *Ephemerides (ab anno,* 1475-1506) andavam nas mãos dos noſſos principaes deſcobridores; o proprio Columbo nunca as largava. (Peſchel, p. 367.)

mengos que ſerviram de inſtructores nas 16 (1) officinas de *couraceiros & armeiros,* que El-Rei D. Manoel fundou nas ſeguintes villas e cidades do reino:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Vianna..... | Região do Lima..... | | Minho. |
| Porto..... | » do Douro.... | | |
| Torre de Moncorvo. | » do » .... | | T.-os-Montes. |
| Lamego..... | » do » .... | | Beira Alta. |
| Coimbra..... | » do Mondego.. | | |
| Caſtello-Branco..... | | | Beira Baixa. |
| Covilhã..... | Região do Zezere.... | | |
| Santarem..... | » do Tejo..... | | Extremadura. |
| Evora... | 1.ª linha | » do Guadiana.. | Alemtejo. |
| Beja..... | | | |
| Elvas.... | 2.ª linha | | |
| Monſaraz | | | |
| Mourão.. | | | |
| Moura... | | | |
| Tavira..... | | | Algarve. |
| Lagos..... | | | |

A região do Guadiana, como a mais expoſta, tinha dous centros em 1.ª linha, e quatro, poſtos quaſi perpendicularmente, em 2.ª linha.

Um olhar ſobre o mappa prova o tino com que foi feita a diſtribuição. Os noſſos bombardeiros tinham tal reputação que até o Schah da Perſia (o Xeque Iſmael dos noſſos chroniſtas) os mandava pedir a Affonſo d'Albuquerque. (Goes, *Chron.* P. IV, p. 408.)

Em Heſpanha dava-ſe o meſmo phenomeno; alli eram

(1) Vide Goes, *Chronica.* Parte IV, p. 455.

principalmente os allemães e flamengos, que occupavam logares importantes, inclufivè os cargos mais elevados do Eftado. No confelho d'Eftado não entravam fenão flamengos (1).

Eftas preferencias de Carlos v explicam-fe, não fó pela educação flamenga do principe, mas fobretudo pela maior lealdade, talento e conhecimentos dos feus fubditos extrangeiros; infelizmente, foram ellas uma das principaes caufas da revolta de Padilha e dos *Comuneros*. (Vide as curiofas revelações de Goes. *Chronica,* P. IV, p. 551.)

Carlos v dava, por exemplo, o monopolio do commercio dos negros a um fidalgo flamengo durante oito annos; efte vendia o privilegio a varias cafas de Genova por 25:000 ducados; os genovezes fouberam ganhar com elle 280-300:000 ducados com fó paffar as licenças para fe ter um efcravo (8 ducados); ganhavam ainda em cima a differença de preço na venda do efcravo (Pefchel, *op. cit.,* p. 561). Carlos v fazia uma mercê d'efta ordem, valida fobretudo para as novas conquiftas hefpanholas, a um extrangeiro! — muito embora efte foffe tambem fubdito hefpanhol.

(1) Carta de Azevedo Coutinho de 1517 ao fecretario de eftado em Lisboa. (Santarem, *Quadro,* III-190.)

# III

## SOBRE O COMMERCIO DE PORTUGAL NOS SECULOS XV E XVI

### a) A POLITICA ECONOMICA DE EL-REI D. MANOEL

As conquiſtas do Brazil, da Africa e das Indias haviam alterado profundamente as condições de exiſtencia da Europa. Kieſſelbach (1) julga que não foi a deſcoberta de Columbo (2), mas ſim a do caminho para a India que produziu a revolução economica no fim do ſeculo XV:

(1) *Op. cit.*, p. 316 e 317.

(2) O eſcriptor allemão reconhece o genio de Columbo (p. 315), mas deduz a deſcoberta do genovez dos conhecimentos nauticos conquiſtados pelos noſſos; ſem as noſſas deſcobertas, dirigidas pelo immortal Infante D. Henrique deſde 1416, ſem os fructos de um tirocinio de quaſi 80 annos na navegação dos mares, de que Columbo ſoube muito bem aproveitar-ſe em Lisboa, a deſcoberta de Columbo não haveria ſido poſſivel. Kieſſelbach nota, com razão, que Columbo não tinha ideia nenhuma de um *novo continente,* ideia com que a tradição o aureolou; que o genovez nem ſequer deſcobriu o que pretendia, iſto é, a India e o caminho para alli, pois o ſeu fito eram as *eſpeciarias* (p. 314), o paiz *ubi piper et auri copia;* que Columbo julgava até á ſua morte que a America não eſtava ſeparada da Aſia oriental (p. 315); iſto equivale á ignorancia da exiſtencia do *Pacifico.* Fazemos eſtas obſervações apenas para rectificar a opinião de muita gente, que faz ideia da deſcoberta de Columbo pelas illuſtrações romanticas de certos eſcriptores e artiſtas, que nos pintam o genovez correndo atraz da *ideia de um Novo Mundo.*

Sobre o verdadeiro plano de Columbo (que Marino Sanuto tivera já dois ſeculos antes): a *paſſagem occidental* para as terras das eſpeciarias, ha ainda a dizer o ſeguinte:

Fernão de Magalhães fez, *conſcientemente,* o que Columbo quiz, mas

«A communicação real e immediata com a India, devida aos portuguezes, exerceu nos primeiros tempos a *unica influencia* ſobre a transformação do commercio do mundo; as coſtas do Atlantico ficam ſendo, d'ora ávante, o emporio das tão eſtimadas e precioſas eſpeciarias.»

Lisboa encheu-ſe de theſouros; a *Caſa da Contractação da India* não podia receber o ouro que lhe deviam das mercadorias; os officiaes não tinham tempo de o contar (1). A corôa de Portugal fazia-ſe repreſentar nas côrtes extrangeiras de um modo a cauſar inveja aos outros monarchas. A embaixada de El-Rei D. Manoel a Leão x transformou-ſe n'um triumpho, que a propria penna de Damião de Goes (2) mal pôde deſcrever, e que ſó o pincel de Paolo Veroneſe poderia haver pintado dignamente. Embaixadores (3), Cardeaes, o proprio Papa, ficaram perplexos diante das maravilhas que Triſtão da Cunha havia trazido. El-Rei D. Manoel, não contente com eſte triumpho, repetiu a generoſidade em Bruxellas, em outra occaſião (4). A caſa da moeda em Lisboa traba-

não ſoube fazer, nem conſciente, nem inconſcientemente. «O grande problema de uma paſſagem occidental para a India foi reſolvido pela viagem de Magalhães com uma habilidade nautica nunca excedida, nem antes, nem depois.» (Peſchel, *op cit.*, p. 668.) Folgamos que foſſe Peſchel, uma auctoridade eminente n'eſte aſſumpto, e inſuſpeita, quem eſcreveu eſſas linhas e reclamou para o noſſo compatriota, tacitamente, um titulo hiſtorico do meſmo valor (pelo menos) d'aquelle que a poſteridade deu a Columbo. Entre nós, ainda iſto não foi dito, nem comprehendido.

(1) *Chronica.* P. IV, p. 640.

(2) *Op. cit.* P. III, p. 259.

(3) V. a precioſa carta do embaixador Alberto del Carpio a Maximiliano I, Imperador da Allemanha: «Todo o pouo uniuerſal de Roma correo a ver eſta nouidade, o que não he marauilha porque poucas vezes ou nunca aconteceo mandarem os Principes Chriſtãos legados a Roma, com tam magnifico aparato» *(Chronica.* P. III, p. 268); e a p. 270: «Certo aſſi he de crer, que nunca a nenhum Papa da Egreja Romana foraõ apreſentados tão ricos, nem tão fermoſos ornamentos, nem tão precioſos.»

(4) Quando, tendo recebido o *Toſão d'Ouro,* preſenteou a capella da Ordem, em Bruxellas, com um *Pontifical,* quaſi egual ao que fôra para Roma. Vide Goes, *Chronica,* P. IV, p. 476:

«Depois de el Rei ter tomado eſta ordem eſcreueo a Iam brandam,

lhava, ſem ceſſar, para ſatisfazer as novas cunhagens de *portuguezes,* de ouro e de prata, *indios, cruzados, quartos de cruzados, toſtões, meios toſtões, reaes de cobre,* etc., com que D. Manoel ſatisfazia a ſua vaidade; as advertencias de Damião de Goes, os conſelhos do Duque de Bragança D. Jaime, não eram ouvidos, nem meſmo a experiencia, *a mudança & careſtia no preço de todalas couſas,* que marcava fatalmente o apparecimento de um novo cunho, ſervia de lição (1). Estavamos repletos de ouro, e a fome batia uma, duas e tres vezes ás noſſas portas. Para conjurar a criſe El-Rei mandava a Flandres (2), e os feitores portuguezes lá compravam comboyos de cereaes, que vinham para encher os eſtomagos e eſvaſiar as bolſas. Depois da fome de 1503 e 1504 (3) veio

natural do Porto Comendador da ordem de Chriſto, que o entam ſeruia em Flandres de feitor, que mandaſſe fazer perà Capella deſta ordem do Toſaõ hum Pontifical de panno rico douro com ſeus ſabaſtros borlados, em que ſe poſeſſem as armas, & inſignias deſte regno, o qual ſe fez pelos melhores officiaes de toda aquella prouincia, & eſtando eu em Flandres no anno de M.D.xxiiii ſe apreſentou na Capella do Toſam, que eſta na Egreja do Sablon na villa de Brucellas, o qual he o mais rico, & melhor obrado de quantos eu tenho viſto, excepto o que el Rei mandou ao Papa Leão, per Triſtam da cunha.»

(1) «... moedas nouas faziam ſempre mudança, & careſtia no preço de todalas couſas, & q̃ com eſta que fezera, por humas luuas que ſe vendião por trinta reis pediam ja meo toſtão, dito pera os Reis lançarem delle mam, porque a mor peſte, & perdiçam de hum regno he fazer moedas nouas, do que ſe pode tomar exemplo nas que fez el Rei dom Fernando Rei deſtes regnos, com as quaes os deſtroio de maneira que nunca nelles mais ouue os theſouros que dantes os Reis acuſtumauaõ deixar a ſeus deſcendentes.» (Goes. *Chron.,* P. IV, p. 438.)

(2) *Chronica.* P. I, p. 169. «... mandou comprar muito paõ em Oſtelandia, Hollanda, Flandres, Inglaterra, & França.»

(3) Os procuradores das cidades tinham n'eſſe anno de fome de 1503 ainda de pagar 50:000 cruzados para «gaſtos & deſpezas que (El-Rei) fazia nos lugares Dafrica.» (Goes. *Chron.,* P. I, p. 173.)

O povo foi ainda beneficiado com a *Cruzada,* que Leão X concedeu em 1514 a D. Manoel, e cujos beneficios Goes hiſtoría do ſeguinte modo:

«... na execuçaõ da qual, per mao reſguardo, culpa, & demaſiada tyrania dos officiaes della, foi o regno mui auexado & ſobretudo a gente popular, a quem faziam tomar por força as Bullas fiadas por certo tempo,

a peſte de 1505 (1); d'eſta vez não valeram as immenſas riquezas, que mezes antes (22 de Julho) haviam chegado a Lisboa, em quatorze naus carregadas de eſpeciarias (2). Eſſa *aurea edade* do reinado de D. Manoel ainda não foi devidamente analyſada, aliás achar-ſe-hia que a noſſa miſeria foi muitas vezes tão grande, pelo menos, como havia ſido grande a noſſa riqueza, dias antes. Eſtas alternativas de abundancia e de penuria não ſe explicam, como á primeira viſta parecerá, pela entrada e ſahida das naus da India, enchente e vaſante do theſouro. As numeroſas frotas cuſtavam-nos muito dinheiro, mas a carga de um ou dois navios cobria o preço de uma expedição inteira (3). As cauſas eſtavam mais fundo; as raizes do mal vinham de longe.

Em primeiro logar, El-Rei D. Manoel, ſem alcance de viſta nem tino politico, e aſpirando apenas a ſervir a *fé* (4), expulſou em 1496-1497 mais de 200:000 judeus laborioſos, intelligentes, que levaram, não ſó o muito dinheiro que poſſuiam, mas principalmente mil e uma aptidões, muito ſaber, muita practica induſtrial; com elles foi-ſe, não ſó o metal,

no cabo do qual ſe não pagauam lhes vendiam ſeus moueis, & enxovaes, publicamente em pregaõ per muito menos do que valião pela qual deshumanidade os mais dos executores deſta Cruzada ouuerão ma fim, de que naõ quero dizer os nomes, por os filhos, & netos dalguns deſtes ainda viverem.» *(Chron.,* III-265.)

(1) Goes. *Chron.,* P. 1, p. 251. Eſta peſte eſtá em relação com a fome de 1503; Goes dizia então: «Comiam muitas viandas deſacoſtumadas, raizes deruas & outras de que ſe depois ſeguiram muitas doenças mortaes» *(Chron.,* P. 1, p. 169). A nau que vinha *tocada* de Roma (I-251) foi apenas faiſca que ateou o incendio.

(2) «E eſte anno foi o em que até agora mais ſpeciarias, & outras riquezas vieram da India a eſtes regnos.» *(Chron.,* I-267.)

(3) Vide o que dizemos adiante a p. 139 e 140.

(4) Monſenhor Ferreira Gordo *(Memoria ſobre os Judeus em Portugal,* p. 4) attribue a reſolução de D. Manoel ao deſejo de ſatisfazer a vontade de ſua futura mulher, «porque eſtava namorado da Princeſa Iſabel», filha dos Reis de Heſpanha, que haviam expulſado anteriormente os judeus e pediam a El-Rei que fizeſſe o meſmo — que ſe arruinaſſe.

que ſe ſubſtituia, mas a tradição de muitas induſtrias (1), a laborioſidade, o exemplo eloquente—*ſotis e delicados ſpiritos,* como diz o noſſo previdente chroniſta (2)—couſas eſtas, que não ſe ſubſtituiam.

A barbaridade foi mais longe, quando ſe procedeu, na Paſchoela de 1497, ao roubo dos filhos dos judeus *ad majorem Dei gloriam!* É preciſo lêr em Goes (3) a pathetica descripção que elle faz d'eſſa ſcena horroroſa. A infamia não paſſou ſem ſentença; Damião de Goes, o nobre Biſpo D. Jeronymo Oſorio fuſtigaram a ordem de D. Manoel, que, além de barbara, envolvia uma cobardia (4); a opinião publica ſentenciou a ordem, contrariando as ſuas diſpoſições e protegendo abertamente os miſeros judeus contra o mandato do principe. A Nemeſis ſeguiu o paſſo dos carraſcos, e as ſucceſſivas careſtias, fomes e doenças (5) que affligiram o reino, e a peſte

(1) Eram principalmente ferreiros, latoeiros, malheiros e armeiros, gente de que nós mais preciſavamos! (Goes. *Chron.*, I-18.) Outros judeus eram medicos, cirurgiões, banqueiros, etc. (Gordo, p. 3, 11 e 21.)

(2) *Chron.*, I-32: «... & ſobre tudo lhes (aos mouros) inſinarião ſeus officios mecanicos, em que erão muito deſtros, principalmente no fazer das armas, do que ſe poderia ſeguir muito dano», etc.

(3) *Chron.*, I-35.

(4) Os mouros não eram egualmente expulſos como a logica (e a religião) o pedia, porque ſe receiavam repreſalias na Aſia, Africa e Europa, onde elles tinham braço forte, energia e coragem para ſe vingarem da vilania. (Vide Goes. *Chron.*, I-37.)

Os mouros ainda eſtavam em avultado numero no reino. Eram elles que ajudavam principalmente a cultivar o ſolo (Vide Gordo, p. 11). Damião de Goes falla d'elles em varias partes da *Chronica,* ſobretudo na P. IV, p. 617, em que conta a enorme emigração de «mouros de pazes» para Lisboa em 1521, «de que os mais morreram de pobreza, & fome por no reino auer grande careſtia de mantimentos».

(5) Eis a triſte chronologia, incompleta, d'eſſes flagellos:

1503 e 1504—fome terrivel. (Goes, *loc. cit.)*

1505—Peſte.

1521—Fome.

1545—Fome. D. João III manda comprar 20:000 moios de trigo a França. (Sant. *Quadro,* III-311.)

1569—Peſte.

Não fallemos nas criſes financeiras e depreciações da moeda em 1499,

de 1505 (1), provaram a D. Manoel e a ſeus fanaticos conſelheiros que tinham cahido em grave erro. Os judeus convertidos em chriſtãos novos com direitos, que não poſſuiam até alli, fizeram-ſe uſurarios e exploraram a noſſa inercia e incapacidade (2). Seguiu-ſe depois a matança dos chriſtãos novos em 1506 (3), na meſma Paſchoela em que ſe fizera, nove annos antes, o roubo dos judeus menores—tudo debalde;—não foi poſſivel, nem extinguir a prodigioſa vitalidade da raça, nem remediar a noſſa miſeria com tôrpes expedientes (4). Não faltou quem déſſe a D. Manoel bons conſelhos e indicaſſe o verdadeiro remedio contra a careſtia, que reſultava da improdu-

1504, 1517, 1568, etc. Eſtes factos, encadeados chronologicamente, explicam-ſe uns pelos outros.

As fomes do reino influiam até ſobre os caſamentos da caſa real:

«Martim Gonçalves da Camara, e o Meſtre ſeu irmão, a cujos conſelhos e diſpoſição eſtava El-Rei (D. Sebaſtião) entregue, foram de parecer convinha muito ao reino de Portugal aquella alliança de parenteſco com França (com a princeza Margarida, irmã de Franciſco 1) por ſer mais bem provido de mantimentos, de *que muito carecia, principalmente de pão.*» (Santarem. *Quadro,* III-406.)

(1) V. a n. 1 da p. 129 ſobre a relação da fome de 1503 com eſta peſte de 1505; e de ambos os flagellos com as tranſacções dos judeus (nota que ſegue).

(2) Vide o que diz Goes *(Chron,* P. 1, p. 38) ſobre o arrendamento dos *Dizimos* das Egrejas e das *nouidades* dos campos, etc., por parte dos chriſtãos novos.

«... porque, por meio d'elles, paſſavam aos outros portos da Europa todas as riquezas, que ao de Lisboa trazião da Aſia as ſuas náos.» (Gordo, p. 9.)

(3) Goes, *Chron.,* P. 1, p. 277, diz que foram 1:900 os mortos; o meſmo refere o Biſpo D. Jeronymo Oſorio; Garcia de Rezende (apud Gordo, p. 27) pretende que foram 4:000.

(4) Na *Memoria* de monſenhor Gordo encontrará o leitor a numeroſa liſta das conceſſões feitas aos judeus pelos noſſos Reis, e a liſta, mais numeroſa ainda, das *revogações.* Era um meio indirecto, embora odioſo, de crear receita. Os Reis da dynaſtia Affonſina (D. Sancho II, D. Diniz e D. Fernando) apreciaram muito bem os ſerviços dos judeus; do meſmo modo o grande Rei D. João 1; mas os netos quizeram ſer mais eſpertos que os avós—e ſó foram menos honrados. (Vide Gordo, p. 21 e 22.) Prelados como o Biſpo de Lisboa, D. Gil Alma, poucos teve a egreja luſitana. (Gordo, p. 24.)

ctividade do ſolo; contra a uſura, que era a conſequencia da noſſa prodigalidade e da immenſa importação de objectos de toda a ordem, deſde os mais triviaes aos mais cuſtoſos; finalmente, contra a corrupção do clero (1) e da côrte, que naſcia da ocioſidade e ſêde do ouro. Os conſelhos de Goes não foram ouvidos; as medidas economicas, que elle propunha, ſobre a carne, ſobre a caça, ſobre a peſca e ſobre outras industrias, fundando-ſe nos phenomenos que elle preſenciára fóra do reino, não foram attendidas. O Viſo-Rei D. Franciſco de Almeida tinha a franqueza de dizer a D. Manoel, entre outras couſas: «que nunca ſeria bem ſeruido, ſe não quando ſeus capitaens, & officiaes *não compraſſem nem vendeſſem,* nem leuaſſem camara» (Goes, *Chron.,* IV-617). Eſtas vozes propheticas encontraram orelhas moucas.

D. Manoel, não contente ainda com os rios de ouro que as naus lhe traziam, aggravou o impoſto de tal modo, que o reino todo proteſtou (2) em altas vozes — debalde (3). Nem todas as villas tinham um João Mendes Cicioſo (4). É certo

(1) Goes illuſtra com vivas côres, não ſó a vida diſſoluta de Roma (I-67, paſſim), mas as proezas com que o noſſo clero (III-141) imitava os altos exemplos do Pontifice, Cardeaes, Biſpos, etc. Alexandre VI — Borgia — agradecia o conſelho, mandando a El-Rei o tradicional preſente da *eſpada e carapuça forrada* (eram benzidas na noite de Natal e offerecidas aos principes que mais ſe diſtinguiam no ſerviço contra os turcos), mas nem por iſſo ſe emendou. D. Manoel deu os meſmos conſelhos a Leão X, em vão (IV-438); o Papa pagava-lhe com elogios banaes. (Vide Santarem. *Quadro,* III-178.)

(2) Goes. *Chronica,* IV-651.

(3) Goes diz ingenuamente (IV-652): «... mas poſto que neſtas impoſições el Rei leuaſſe o meſmo modo que leuam todolos Reis, & Principes, que he tirarem dos vaſſallos & ſujeitos tudo o que podem, era tam comedido», etc.

(4) Evora oppôz-ſe, e o vereador João Mendes Cicioſo reſpondeu a El-Rei: «ſenhor, eu nam tenho neceſſidade de voſſas merces, poſto que mas offereçais, porque meu pai me deixou duzentos, & cincoenta mil reaes de renda patrimonial de que me mantenho honradamente, os quaes me nam podereis tirar com razam, & poſto que mos tomar quiſeſſeis nem por iſſo hei deixar de vos dizer verdade a qual he que tal impoſto vós o

que El-Rei tinha a fazer deſpezas coloſſaes; Goes cita as nomeroſiſſimas conſtrucções de fortalezas, egrejas, palacios, conventos, etc., etc., que o principe levou a cabo, e as outras que reconſtruiu; moſtra-nos o arſenal de Lisboa, bem provido de tudo o que preciſavamos nas Indias; accreſcenta que El-Rei pagou ás egrejas a grande divida da prata (1), contrahida por D. Affonſo V; que reformou a eſcripturação da Torre do Tombo, creando a ſerie dos celebres livros, illuminados, em pergaminho (2) — mas iſto, e muito mais que foſſe, não podia

nam podeis poer ſobre voſſo povo com razam, nem juſtiça, & os que vos tal couſa aconſelhaõ, naõ ſaõ amigos de voſſa alma nem da voſſa honra.» (Goes. *Chronica*, P. IV, p. 652.)

El-Rei mandou-o prender, mas, reflectindo, chamou-o novamente, agradeceu o bom conſelho, elogiou-o e reſtituiu-lhe todos os cargos.

(1) Eſta divida era avultada, porque a guerra da Heſpanha, cauſa d'ella, durou baſtante tempo, e era miſter fazer face aos grandes recurſos de Fernando e Iſabella, que haviam lançado mão da meſma medida, recolhendo da prata das egrejas 30 milhões de maravedis.

(2) São 58 volumes in-folio, mais ou menos ricamente illuminados. No tempo de D. Manoel não ſe fizeram porém ſenão os 10 primeiros, porque o 11.º traz a data 1527 (aſſignado *Alvarus)*.

Na côrte de D. Manoel havia, além do Rei, o Infante D. Fernando, ſeu filho, que amava muito os livros illuminados, e gaſtou grandes ſommas com elles, ſegundo diz Goes *(Chronica,* P. II, p. 372):

«... & me mandou a mi hum debuxo da aruore, & tronco de toda eſta progenia, deſno tempo de Noe, athe o del Rei dom Emanuel ſeu pai, pera lho mandar fazer de iluminura, pelo mor homem daquella arte que auia em toda Europa, per nome Simaõ, morador em Bruges no condado de Flandes. Na qual aruore, & outras couſas de iluminura, e nas Chronicas deſpendi per ſua conta huma grão ſomma de dinheiro.»

Eſta arvore, dividida em folhas de pergaminho, obra de Simão Beninc (Bening, Bœnic, Bering, Benichius) foi ter em fragmento (11 folhas, folio peq.) ao *British Muſeum.* Vendeu-lh'a o ſnr. Newton Smith (que a comprou por 40 libras em Lisboa, em 1842) por 600 guineos; dias depois, já havia quem déſſe 1:200 guineos por ella.

Beninc foi diſcipulo de Gerhard Horebout (V. p. 42, n. 6) e de Goſwin van der Weyde. Em outra occaſião illuſtraremos a relação em que eſtá S. Beninc com o Simon Portugaloys de Wauters e Harzen, e o meſtre Simão de que falla Franciſco de Hollanda (Raczy., *Arts,* p. 55).

Ninguem ſe lembrou até hoje, entre nós, de apontar ſequer eſta importante queſtão, nem Raczynski meſmo, nem ainda o ſnr. Figanière, p. 270, nota.

abſorver metade do que as Indias rendiam, ſe não foſſem as prodigalidades do principe para com os frades franciſcanos, a dotação geral das egrejas (1499) com *novas veſtimentas,* e outras couſas n'eſte genero — e mais do que tudo o luxo inaudito do proprio Rei, que «quaſi todos os dias veſtia couſa nova» (1), dando um tão bom exemplo á nação inteira na arte de gaſtar muito e depreſſa. Eſtas deſpezas, eſte fauſto, não ſeria tão condemnavel, ſe d'elle vieſſe algum proveito á induſtria nacional, mas tal couſa quaſi que não exiſtia (2).

Não queremos dizer com iſto que não tiveſſemos uma ou outra induſtria, mas não era, nem nunca foi um ſyſtema; d'ahi a importação (3) de quaſi todas as couſas de primeira neceſſidade, principalmente do que dizia reſpeito á alimentação e ao veſtuario. Temos na *Chronica* de Goes, em numeroſiſſi-

(1) «... pelo que tinha tantos veſtidos que todolos annos mandava repartir duas vezes muitos de ſeda, & pano com os fidalgos, caualeiros, & eſcudeiros, & moços da camara que andauaõ na corte, de que per ſeu falecimento ſobejaram tantos que poucos dos ſeus moradores ficaram ſem auer alguma peça delles, & quaſi a todalas Egrejas do Reino ſe deram ornamentos dos ſeus roupões, capas, & opas de ſeda, borcados, tela douro, que pera iſſo ſe desfizeram.» (Goes. *Chron.,* IV-643.)

(2) Não exiſtia pelo menos nas proporções do conſumo, que era immenſo. Goes regiſta alguns factos, que provam que ſe tentou fazer alguma couſa; alludimos á creação das officinas de armeiros em dezeſeis cidades do reino (V. p. 124); ſabemos pelo meſmo eſcriptor que ſó na expedição de Lopo de Brito (1519) mandou El-Rei á ilha de Ceylam mais de *quatrocentos homens carpinteiros & pedreiros,* que iam para reconſtruir a fortaleza *(Chron.,* IV-567); ſabemos que n'uma expedição ao reino de Manicongo mandou D. Manoel de empreſtimo ao noſſo alliado «pedreiros & carpinteiros pera fazerem Egrejas, & huns paços para o meſmo Rei, ao modo dos de ca, & outros officiaes de diverſos officios» — iſto tudo era bom para conſtruir cidades, mas não alimentava um povo. A exiſtencia de alguns notaveis artiſtas portuguezes, como os pintores da eſchola de Grão Vaſco, os prodigioſos ourives da meſma época e outros, em nada altera a queſtão; eram artes e induſtrias de luxo.

(3) Vide as noticias de Guicciardini, p. 52; d'ahi a cunhagem constante de moeda (Vide atraz p. 128), para ſaldar o enorme exceſſo da importação, o *deficit* no noſſo balanço commercial. O ouro das Indias não vinha *para* Portugal; vinha *a* Portugal, para rolar, acto contínuo, para Flandres.

mas citações, as provas d'iſſo. Em Lisboa exiſtiam vinte e quatro gremios de artifices com poſição privilegiada (1), mas o que elles faziam não chegava para a côrte, para as expedições e mil outras neceſſidades.

El-Rei D. Manoel cogitava dia e noite ſó em duas couſas: n'uma nova cruzada contra os turcos, para conquiſtar os logares ſantos (2) e nas couſas da India. O embaixador de Veneza em Lisboa, Meſſer Paſqualigo, eſcrevia ao Doge em 1501 ácerca da impaciencia febril de El-Rei ſobre as noticias da India *una hora gli par mille anni* (3). As ſuas eſperanças, os ſeus projectos não conheciam limites; El-Rei chegava a dizer em 1501 a outros diplomatas italianos, para deſtruir as ultimas esperanças da republica, que a viagem á India, ida e volta, ſe faria, de futuro, em *oito* ou, quando muito, em *dez mezes!!* Concebe-ſe perfeitamente a impaciencia; a febre mes-

(1) D. Manoel, querendo caſtigar os habitantes de Lisboa por cauſa da carnificina dos chriſtãos novos, determinou que: «... não aja mais na dita cidade eleição dos vinte quatro dos meſteres, nem iſſo meſmo os quatro procuradores delles, que na camara da dita cidade ſohiam deſtar peſa entenderem no regimento, & ſegurança d'ella, com os vereadores da dita cidade, & os nam aja mais, nem eſtem na dita camara, ſem embargo de quaeſquer priuilegios, ou ſentenças que tenhão pera o poderem fazer.» (Goes. *Chron.*, I-282.)

Gand tinha no meado do ſeculo XIV (1356-1357) 59 meſteres; no fim do ſeculo XV (1476-1477) 53. (De Buſſcher, *op. cit.*, p. 24-27.)

Iſto prova bem, á evidencia, que a actividade da induſtria de Lisboa em 1509 não eſtava em relação alguma com a importancia de uma metropole, como Lisboa então era, muito maior do que Gand em 1356!

(2) Eſta ideia da cruzada volta em todas as cartas de D. Manoel a Alexandre VI e Leão X; os papas louvavam o zêlo, mas deixavam-ſe ficar em caſa. É provavel que D. Manoel tiveſſe, além do motivo religioſo, um motivo politico: a expulſão dos turcos da Europa para libertar Conſtantinopla (tomada em 1453); da Syria, para libertar Jeruſalem (retomada em 1187); da Africa, para libertar o Cairo e Alexandria, onde Solimano II acabava de anniquilar (1517) o noſſo antigo inimigo, o Sultão do Cairo, Kanzu-Ghawri. Eſte ultimo golpe contra o dominio turco no Egypto destruia o unico inimigo ſério que tinhamos contra nós no commercio da India.

(3) Carta de 19 de Outubro de 1501; apud Peſchel, *op. cit.*, p. 579.

mo ſe explica; — era geral em toda a Europa (1); mas o que não ſe explica é que os ſymptomas geraes na vida economica da nação, os frequentes tranſtornos e deſequilibrios da fortuna nacional, os conſelhos e aviſos propheticos de Damião de Goes, de D. Franciſco de Almeida, de Affonſo de Albuquerque não foſſem ouvidos. Eis as cauſas da rapida decadencia do commercio, perda remediavel, do *desfallecimento dos animos* (2), perda irremediavel!

Aſſim ſe explica como, não podendo os feitores da caſa da India, por falta de tempo, recolher e contar o dinheiro que alli affluia em tempos de D. Manoel, ſe achavam os feitores do ſeu neto em Antuerpia em taes apuros, que pediam moratoria para pagar as letras de D. Sebaſtião ſobre a primeira praça da Europa (3).

### b) SOBRE O COMMERCIO ORIENTAL DAS ESPECIARIAS

O negocio das eſpeciarias e drogas orientaes era o ramo mais lucrativo do commercio dos ſeculos XV e XVI. As ideias dos deſcobridores heſpanhoes e portuguezes giravam em volta

(1) Leão X lia, ſoffregamente, até alta noite, a ſua irmã e a varios cardeaes, o *ms.* das *decadas* de Petrus Martyr de Anghiera, e pedia em carta authographa ao author a publicação immediata d'elle. Em Londres fazia Henrique VII a apotheoſe dos deſcobridores; a *Signoria* de Veneza expedia correios a todos os ſeus embaixadores, ordenando a coordenação immediata de todas as noticias obtidas das lições eſcriptas e oraes.

(2) A *Chronica* de Damião de Goes vem cheia de triſtes noticias depois da morte de Affonſo de Albuquerque; morto o grande capitão e relaxada a ſalutar diſciplina de ferro, que elle tinha poſto em pratica, começa a era dos deſaſtres; logo a principio a quixoteſca expedição do ſeu *ſucceſſor* (!) Lopo Soarez d'Alvarenga contra os rumes, com 43 vélas (!) (*Chron.*, IV-412-419); depois os numeroſos caſos de inſubordinação, as diſcordias, a corrupção, as vilanias em Malacca, o *principio do fim*...

(3) V. a expoſição a pag. 50 e ſeg. Em 1568 cahia ſobre o reino a temeroſa criſe, que produziu a depreciação geral da moeda, em Abril!

d'eſſe problema: achar a terra *ubi piper et auri copia;* ſão as proprias palavras de Columbo, ſeguindo a via *occidental,* dizia elle, para Katai e Zipangu (1).

O commercio de Veneza já havia ſoffrido um golpe ſenſivel com a deſcoberta da coſta de Guiné; os portuguezes trouxeram d'alli as primeiras drogas que ſubſtituiram as eſpeciarias que os venezianos compravam, oneradas por peſadiſſimos direitos, por alto preço, nos mercados egypcios; a malagueta *(amonum grana paradiſi)* ſubſtituiu vantajoſamente a pimenta; o marfim da Africa ſubſtituiu o da Aſia; as plantações de aſſucar da Madeira e das Canarias, da urzella em Porto Santo, emanciparam o commercio do Atlantico de uma tutela peſada. Os progreſſos dos turcos na Aſia, a ſua marcha victorioſa para o Boſporo e para o Delta do Nilo, que havia de ter o ſeu deſenlace fatal em 1453 (tomada de Conſtantinopla) e em 1517 (tomada do Cairo), deſtruiu o commercio de escravatura aſiatico; n'eſte meio tempo começava a floreſcer o commercio de eſcravatura africano.

Quando, finalmente, ſe ſoube em Veneza da chegada de Vaſco da Gama ao Tejo com quatro caravellas, carregadas de eſpeciarias, perdeu a republica a fé no ſeu futuro. (Vide p. 6.)

Nós haviamos de experimentar mais tarde as difficuldades quaſi inſuperaveis do commercio oriental; haviamos de ſuccumbir muito mais depreſſa do que Veneza n'eſſa abſorpção natural, antiquiſſima, da Europa pela Aſia. Tacito conta (2) que Tiberio ſe queixava da exportação do metal para o Oriente; Plinio (3) calcula a exportação d'elle, no ſeu tempo, em meio milhão por anno. O Oriente offerecia á Europa os

(1) Katai é o nome mongolico de China; Zipangu é o Japão.
(2) *Ann.*, III, p. 53, apud Peſchel, p. 26, memoria de Tiberio ao Senado romano.
(3) *Hiſtoria Nat.*, VI, p. 26, apud Peſchel, p. 27, nota.

productos do mais ſubido valor; as eſpeciarias, os aromas, as drogas mais raras, as madeiras mais cuſtoſas, as pedras mais precioſas e as perolas mais peregrinas; o Occidente não tinha equivalentes para offerecer aos filhos prodigos d'aquellas regiões, onde foi o berço da humanidade. O balanço annual do Occidente com o Oriente fechava-ſe com um *deficit* contra a Europa, *deficit* que foi ſempre creſcendo, á proporção que os Sultões do Egypto levantaram os direitos nos mercados do Cairo e de Alexandria; eſſa elevação das tarifas coincidiu com a diminuição do commercio veneziano no Egypto, cujas cauſas foram já indicadas (1); os Sultões, procurando uma compenſação na ſubída dos direitos, arruinaram o commercio, e arruinaram-ſe a ſi proprios.

Os Turcos não acharam em 1577 ſenão ruinas no theſouro do Cairo. As condições do commercio do Occidente com o Oriente tinham melhorado algum tanto no decorrer do ſec. XV; os venezianos levavam a Alexandria ferro, cobre, azougue, madeiras vulgares e eſcravos aſiaticos, mas, ainda asſim, ſaldavam o balanço annual ſó á cuſta de 300:000 ducados em metal (2). Pouco a pouco foram-ſe, até fins do ſeculo XV, exgotando as minas da Europa, de ſorte que no fim d'eſte ſeculo tinha a moeda o dobro do valor pelo qual curſára no ſeculo anterior, tendo aliás augmentado a liga.

No começo do ſeculo XV cabiam 6 maravedis no real de prata; no fim do ſeculo davam-ſe 34 por um real! Na Inglaterra tinha em 1400 a libra eſterlina o volume triplo da actual (em 1430 ſó tinha o duplo; em 1464 ſó 1 e meio; foi a rainha Iſabel que fixou o ſeu valor actual). Em França deſceu a *livre* a um oitavo do ſeu antigo valor. Em 1492 não tinha

(1) Vide a expoſição a p. 6-10.
(2) Vide p. 8.

toda a Europa nos ſeus cofres mais do que *um milhar de milhões* de francos!

Como ſe vê, a ſituação havia-ſe tornado inſupportavel para a Europa; ou eſta havia de abandonar as vias antigas do commercio, achando outras novas, ou havia de perecer (1). Sem as deſcobertas dos portuguezes, que arrancaram o monopolio aos iſlamitas, e ſem as noſſas luctas heroicas, que lhes paralyſaram as forças na Aſia, talvez a Europa tiveſſe ſido ſujeitada ao Alcorão no ſeculo XVI, porque os turcos chegaram a paralyſar metade do organiſmo economico do orbe (2). A deſcoberta de Vaſco da Gama curou eſſa paralyſia; não era pois muito que Portugal colheſſe o legitimo fructo da ſua heroica coragem e herdaſſe no Oriente as terras *ubi piper et auri copia.*

Para illuſtrar com algumas cifras o que fica dito no primeiro capitulo (3) d'eſte trabalho, não ſerá inutil accreſcentar algumas palavras ſobre as condições economicas do commercio oriental, antes e depois das conquiſtas dos portuguezes. O peſadiſſimo tributo com que o Sultão onerava todo o commercio oriental, que tinha de paſſar forçoſamente pelo Cairo (Babylonia) para embarcar em Alexandria, dava o ſeguinte reſultado no preço das eſpeciarias:

O quintal de gengibre cuſtava em Calicut 4 cruzados; o *bahar* (a 5 quintaes) 20; em Alexandria cuſtava o quintal 11 cruzados, e o *bahar* 55! O incenſo cuſtava em Alexandria 2 cruzados cada quintal, preço que ſe pagava em Calicut pelo *bahar* de 5 quintaes. (Vide *Roteiro da viagem de Vaſco da Gama* em 1497, ed. 2.ª de Herculano e Paiva, p. 116 e 117.)

(1) Eſta criſe temeroſa coincide com os esforços deſeſperados dos alchimiſtas, com eſſa febre atraz da formula myſterioſa do ouro. Uma critica acanhada attribuiu eſſe labutar da alchymia e o impulſo dos deſcobridores *á ſêde do ouro*, e a outros motivos meſquinhos, quando uns e outros obedeciam apenas ao inſtincto da ſalvação.

(2) Vide p. 135, nota 2; o plano de D. Manoel contra os turcos.

(3) Vide p. 9, nota 2.

Com a defcoberta de Vafco da Gama cahiram na Europa os preços das efpeciarias (Vide o que diffemos no cap. 1 fobre a carta de Macchiavelli); comtudo, a maior procura do genero equilibrou pouco depois os preços, de forte que, cuftando o *bahar* de *cravo* apenas 2 ducados nas ilhas Moluccas, pagava-fe em Malacca a 14, em Calicut a 50 (!) e em Londres a 1680 ducados!! (Ramufio, *Viaggi,* 1-342, apud Pefchel, p. 645 e 666, nota); convem lembrar que fó as cinco ilhas Moluccas produziam 15-20:000 quintaes.

Note-fe que os preços de tranfporte não juftificavam effa prodigiofa differença, nem o preço do feguro, de 6 a 8 por cento, que fubia a 15 e mais fó em rifco de guerra. (V. pormenores em Pefchel, p. 45.) Não admira, pois, que o lucro da carga de um unico navio (a *Victoria),* da expedição de Fernão de Magalhães, déffe para pagar *oito vezes* o cofteio de toda a expedição, compofta de cinco navios!

A *Victoria* trazia 533 quintaes de *cravo,* que haviam custado nas ilhas (V. o calculo fupra: 2 ducados por cada *bahar* de 5 quintaes) 213 ducados, e produziam em Londres (a 336 ducados cada quintal, fegundo Crawfurd, apud Pefc.) 179:088 ducados. Ora a expedição dos cinco navios havia cuftado apenas 22:000 ducados (8 milhões e 1 terço de maravedis).

Affim fe explica a alegria de Carlos V na carta a fua tia, a Archiduqueza Margarida d'Auftria, governadora dos Paizes-Baixos:

«Madame ma bonne tante, il a pleu a dieu, que de larmee que avoye defpechee et envoye pour defcouvrir lefpicerie queft dentre mes limites aux Indes, eft retournee une navire chargee de plufieurs fortes defpiceries, que fe font trouvees et defcouvertes en mefdites limites. Les capitaines de laquelle naviere mont apporte nouvelles, que apres eulx eftre comme perduz par long voiage, tel que davoir circuy (a peu prez) la rotondite du monde, aucunes des navieres de leur compagnie

et armee ſe ſont eſpartes, et eſt demeuree lune en lyſle de Maluco, pour y cuillir et charger eſpicerie dont la dite yſle eſt bien furnye: et eſpere (avec layde de dieu) que ladite naviere ainſi demeuree a Maluco ſera bientoſt avec ſa charge en mes royaumes de pardeca.»

Em outra paſſagem lê-ſe:

«... Larmee que paſſe trois ans javoye envoye aux eſpiceries eſt retournee et a eſte au lieu ou croit ladicte eſpicerie, ou jamais Portugalois ny autre nation ne furent. Et ont rapporte pour approbation une navyre chargee de cloux de girouffle, et monſtre de toutes autres manieres deſpiceries, ſi comme de poivre, canelle, ginginbre, noix muſcade et bois de ſan Oale (Sandale). Dautre part ma eſte apporte lobeyſſance des roys de quatre yſles ou eſt ladicte eſpicerie, dont le roy de Maluke eſt principal. En ces yſles ſe trouvent pareillement perles et mynnieres dor. Et afferment mes capitaines de ladicte armee avoir en ce voiage alle ſi avant, quilz ont rodoye tout le monde. Et pour ladicte comodite que me peult de ce venir et a toute la chreſtiennete je me delibere dreſſer nouvelle armee pour y renvoyer.»

(Carta de 31 de Outubro de 1522 em Dr. K. Lanz. *Correſpondenz des Kaiſers Karl V.* Leipzig, 1844-1846, 3 vol. de cartas tiradas do archivo da corôa, em Bruxellas. Estas importantiſſimas cartas abrangem os annos 1513-1566; a carta citada acha-ſe em vol. I, p. 73.)

Eſta queſtão das ilhas Moluccas (que foi apenas um dos reſultados da imprudente politica de El-Rei D. Manoel para com Fernão de Magalhães) deu muito que fazer á corôa de Portugal, e ſó acabou com o ſacrificio de 350:000 ducados de ouro, pagos por D. João III, ſegundo o tratado de Saragoſſa em 1529. (Vide Goes, *Chronica,* P. IV, p. 483-488; Barros, *Decadas da Aſia,* II, liv. V, cap. VIII; Santarem, *Quadro,*

III-377, e ſobretudo a lucida expoſição de Peſchel: *Der Streit um die Molukken, op. cit.,* p. 646-666.)

### c) A FEITORIA DE PORTUGAL EM ANTUERPIA

Os documentos, que deviam figurar n'eſta ſecção, augmentaram de tal modo em numero, que mal poderiam caber n'eſte logar, como fôra promettido. Já ſobem para cima de *cincoenta,* e não é poſſivel calcular ao certo os que terão de vêr a luz publica. Em todo o caſo, é materia para um faſciculo em ſeparado, que ſeguirá a eſte ainda no preſente anno.

# IV

## VARIA FORMA

### a) RETRATO DE CARLOS V, POR DÜRER

A citação de Pacheco a p. 82 tem certo valor, em viſta de uma communicação de J. Hübner *(Kleine Beiträge zur Kunſtgeſchichte.* Dreſden, 1866, em *Zeitſchrift,* vol. 1, p. 129). O auctor falla de uma *raridade* que ſe acha no gabinete de gravuras de Dreſden, que é uma gravura *em madeira* repreſentando o retrato de Carlos v, como rei de Heſpanha em 1518. Hübner prova que é o original de uma gravura de madeira de 1519, que corre entre as obras *duvidoſas* de Dürer, ſegundo a opinião de Heller, Bartſch e Paſſavant. O profeſſor Hübner attribue eſſe retrato a *Lucas Cranach;* e Alfred Woltmann, dando conta da obra de Hübner, approva o dito. Nenhum dos dois eſcriptores teve conhecimento da citação de Pacheco, nem meſmo Thauſing, que diz:

«Não temos noticia alguma que indique que Dürer eſtivera depois d'iſſo em relações (12 de Novembro de 1520, data em que obteve a confirmação imperial da patente de Maximiliano 1) com Carlos v, ou com os ſabios juncto á côrte imperial.» (Dürer, p. 404.)

Em frente d'eſtas declarações collocaremos as duas citações, bem evidentes, de Pacheco:

« Retrató en un *lienzo blanco de aguadas* al emperador Cárlos v *ſiendo mancebo,* que ſe ló envió a Rafael de Urbino é hizo de él gran eſtimacion. » *(Arte de la Pintura,* ed. 1866, vol. II, p. 134.) E:

« Tambien es de notar la gran eſtimacion que hizo de él (Dürer) el eminentiſſimo Cárlos v, por el avantajado lugar que tuvo en la pintura. Pues oyendo la fama que corria de Rafael de Urbino, le envió ſu miſmo retrato de *mancebo* de mano de Alberto Durero, en *un lienzo blanco, dibujado de aguada* (como ſe ha dicho otra vez) », etc. (Idem, p. 164.)

Eſte *otra vez* é a citação anterior de p. 134.

O modo de execução do retrato concorda plenamente com o proceſſo uſado por Dürer para eſta ordem de trabalhos, e que Thauſing confirma a p. 354, a propoſito do proprio retrato do artiſta, que Dürer enviou de preſente a Raphael em 1515 ou 1516.

Pacheco diz em ambas as citações que o retrato do imperador fôra feito *ſiendo mancebo.* A gravura em madeira do gabinete de Dreſden citada por Hübner é de 1518; Carlos v naſceu a 24 de Fevereiro de 1500 em Gent; ha pois concordancia em tudo.

Reſta ſaber onde é que Dürer retratou o imperador. A gravura em madeira repreſenta o principe como *Rei de Hespanha;* Carlos herdou eſta corôa por morte de Fernando, o *Catholico* (23 de Janeiro de 1516), mas ſó veio á Heſpanha em 1517, deixando o governo entregue, no intervallo, ao cardeal Ximenes. Carlos tomou conta do governo dos Paizes-Baixos em 1516; partiu para a Heſpanha em 1517; voltou á Allemanha em 1519, e foi coroado Imperador a 23 de Outubro de 1520, em Aachen. Dürer aſſiſtiu a eſte ultimo acto, mas não obteve então a confirmação da patente de Maximiliano I; ſó em Colonia, para onde tinha ido de Aachen, é que lh'a deram, a 12 de Novembro. Infelizmente não ha no-

ticia ſenão de uma viagem de Dürer aos Paizes-Baixos (de 12 de Julho de 1520 a 12 de Julho de 1521). Carlos v eſteve nos Paizes-Baixos deſde o ſeu naſcimento em Gent, 1500 até 1517; a gravura de Dreſden é de 1518. Perguntamos novamente, onde é que Dürer retratou o futuro imperador?

Não o podêmos dizer; o que nos parece fóra de duvida é que o retratou; a gravura de 1518 eſtá n'uma relação intima com o retrato citado duas vezes, e mui explicitamente, por Pacheco.

Folgariamos que eſtas noſſas noticias foſſem o ponto de partida para uma juſta reſtituição do retrato de Lucas Cranach a Albrecht Dürer.

### b) O RETRATO DE DAMIÃO DE GOES, POR ALBRECHT DÜRER

Ao retrato de Carlos v por Dürer podemos ajuntar uma outra novidade: o retrato de Damião de Goes, por Dürer. Bem ſabemos que vamos provocar uma diſcuſſão em regra da parte dos eſpecialiſtas allemães; entretanto, não é ſó pelo monogramma que fazemos argumento. O monogramma não é mais do que o fecho d'uma ſerie de argumentos acceitaveis.

A p. 109 e ſeguintes indicámos as relações de Goes com os humaniſtas allemães; a ſua intimidade com os Fugger (p. 115), as ſuas viſitas a Peutinger (p. 116), o ſeu trato intimo com Eraſmo, cujo hoſpede foi varias vezes e por longo tempo em Freiburg. Eraſmo foi retratado por Dürer mais de uma vez (1); Peutinger fazia encommendas a Dürer para as ſuas

(1) Dürer fez dous deſenhos a carvão, tirados do natural em Bruxellas (1520), e uma gravura em cobre, feita de memoria, com o auxilio d'eſſes deſenhos.

Notaremos que Goes teve relações peſſoaes com Luthero e Melanchton, que Dürer profundamente venerava, e que retratou tambem.

publicações; finalmente, os Fugger forneceram a Dürer as cartas de recommendação para Antuerpia, que lhe abriram alli todas as portas, inclusive as da *Feitoria de Portugal*. N'estas circumstancias é muito possivel que Goes conhecesse o illustre artista. Goes, que já caracterisámos (1) como um amador-artista, possuia em Lisboa uma galeria de quadros tão notavel, que mais de uma vez a foram visitar El-Rei D. João III, a Rainha, a Infanta D. Maria e o Cardeal D. Henrique. Goes fez (como consta do seu processo) (2) numerosos presentes de obras d'arte a estabelecimentos pios e egrejas, e deu outras, de grande valor, até a principes (3).

Um amador que despendia tanto, por amor da arte, não deixaria de comprar uma reliquia de Dürer ou encommendar-lhe alguma obra, viajando n'um paiz onde todos os amigos lhe fallavam do celebre artista.

Goes chegou a Flandres em 1523, pela primeira vez, e

(1) *Musicos Portuguezes*, vol. I, p. 121-125. O Motete de que fallámos acha-se com effeito no *Dodecachordon*, a p. 264 e 265, como verificámos no exemplar d'este rarissimo livro, que descobrimos na Bibliotheca Nacional de Lisboa; damos a interessante inscripção que precede o Motete, *Ne lœteris inimica mea:*

«Svbiungemus autem huius Modi aliud exemplum amici nostri Dami | ani à Goes Equitis Lusitani, uiri nobilis, & eximij nostræ tempestatis | Symphonetæ. Qui postq̃ totam fermè lustrasset Europam, hic ad Hercy | niæ syluæ caput D. Erasmvm Roterrdamum inuisit, cuius hospitio ali | quot mensibus suauissime est usus, hinc inter nos noticia orta, hinc amici | tia facta, quæ nunq̃ quo ad uixero euanescet. In huius Cantilenæ Basi | atq̃ Cantu, olij modi uera est formula. Tertia uox in neutram partem | explet modum, sed de utroq̃ extremo participat ac uelut suum communi | cat corpus. Verba sunt ex septimo Capite Micheæ.

Aliud Aeolij Modi exemplũ authore D. Damiano à Goes Lusitano.»

Segue depois o *motete*.

(2) Vide a copia authentica que existe na Bibliotheca Nacional. *Ms.* B. 16-11 da collecção Moreira: Collecção das mais celebres Sentenças das Inquisições de Lisboa, Evora, Coimbra, e Goa, etc. Vol. I, fol. 62-134.

(3) Um livro de horas de Nossa Senhora, illuminado por mestre Simão de Bruges (V. o *Benichius*, a p. 133, n. 2), que Goes deu em 1544 á Rainha D. Catharina, mulher de D. João III, foi avaliado por Antonio de Hollanda em 750 cruzados; havia custado a Goes mais de 300. (Vide o processo *ms.*, citado supra.)

d'ahi a pouco, começou as ſuas viagens pelo centro da Europa, e principalmente pela Allemanha, que duraram até 1545. Dürer falleceu a 6 de Abril de 1528; não ha pois impoſſibilidade pelas datas; o retrato repreſenta cerca de 25-30 annos; tendo Goes naſcido em 1501, e Dürer fallecido em 1528, ſeria o retrato executado cerca de 1526-1528. A gravura, em cobre, é mui rara; exiſte um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa (1), e outro, mais perfeito, em poder do noſſo amigo, o ſnr. Graça Barreto; é por eſte que fazemos a ſeguinte, breve, deſcripção:

Tamanho da gravura (em cobre), com a inſcripção, 16 centimetros e 7 millim. de altura, ſobre 12 cent. de largura; formato do retrato, propriamente, ſem a inſcripção: 13 cent. e 5 millim., ſobre 12 cent. Goes repreſenta, como diſſemos, cerca de 25-30 annos. Veſte um gibão de panno fino, riſcado em xadrez, guarnecido com uma gola de finas pelles; o gibão, entreaberto na parte ſuperior, deſcobre uma eſpecie de camiſa afogada, ſem botão nem abertura, que ſobe até ao peſcoço, pouco abaixo da barba. Cobre-lhe a cabeça o chapéu tricorne, de feltro, que foi tão uſado pela noſſa nobreza no ſeculo XVI (2). O retrato, quaſi em buſto, eſtá collocado em tres quartos, e foi tirado n'um recinto fechado, n'um quarto ou ſala, porque na pupilla do olho reflecte-ſe o caixilho de uma janella. O roſto é magro, oſſudo, as maçãs um pouco ſalientes; a barba, eſcaſſa nas duas faces, condenſa-ſe para a ponta; o bigode, pouco baſto, cobre um labio delgado, que fecha firmemente ſobre o labio inferior, mais cheio; um na-

(1) Acha-ſe no ſeguinte livro de Goes: *Vrbis lovanienſis obſidio.* Oliſipone apvd Lodouicum Rhotongium 1546. Ex libris C. Van Hulthem.

As margens da gravura foram aparadas. (Bibliotheca Nac., A-3-57. Reſervado.)

(2) Vide as gravuras dos *Retratos, e Elogios dos Varões, e Donas.* Lisboa, 1817.

riz forte, com amplas raizes, corrige o córte um pouco feminino dos labios, nos quaes ſe caſa a firmeza com a doçura. Dois olhos grandes, bem raſgados, cheios de intelligencia e audacia, e acompanhados por uma curva energica das ſobrancelhas, completam a expreſſão da phyſionomia. O cabello é mais abundante que a barba, e deſce, ſahindo das duas abas do chapéu, em caracoes, até abaixo das maçãs do roſto. Se não fôra o chapéu tricorne, que, pela curva exterior muito pronunciada, accuſa uma fronte alta e eſpaçoſa, dir-ſe-hia que eſtavamos diante do retrato de um humaniſta allemão, ou flamengo do ſeculo XVI. O olhar, um pouco levantado, que fita e interroga com a maior franqueza, denuncia o homem habituado ao exame das peſſoas e das couſas, com intelligencia e coração aberto a todas as queſtões da ſciencia e da arte, o eſpirito coſmopolita, de que Portugal apreſentou baſtantes exemplares nos ſeculos XV e XVI, mas de que os ſeculos anteriores foram tão avaros (1).

Voltemos, porém, á gravura. Póde ella ſer, ou copia de quadro, ou executada por um deſenho ou esboço a carvão (2), ou copia de uma gravura anterior, em madeira. Não nos atrevemos a decidir entre eſtas hypotheſes, mas inclinamo-nos á ultima. Quando meſmo a primeira origem do retrato coincida com a ultima hypotheſe, não ſe ſegue que a gravura em cobre não ſeja do meſtre, pois Dürer utiliſou ambos os proceſſos com egual reſultado artiſtico, em retrato do meſmo perſonagem, variando apenas no formato da obra.

(1) A intolerancia religioſa tomou a ſeu cargo livrar o paiz d'eſſa eſpecie perigoſa, e conſeguiu-o, annullando-nos, iſolando-nos de todo o movimento europeu.

(2) A maior parte dos retratos, que Dürer pintou ou gravou, tiveram por baſe um esboço a carvão, como ſe prova pelos numeroſos exemplares d'eſtes ultimos, que ainda exiſtem.

O monogramma A. D. eſtá no canto ſuperior, do lado esquerdo. A inſcripção latina do retrato damol-a em nota (1).

Concluiremos com a noticia de mais alguns retratos de Goes, que podem auxiliar a queſtão:

15.. Retrato com o monogramma A. D.

1572. Retrato por Felipe Galle ou Gallæus (2) (Phil.).

1602. Retrato por Hogan (3).

1817. Retrato por J. da Cunha (delin.) e C. de Fontes (4) (grav.).

s. d. Anonymo; da collecção de Diogo Barboſa Machado, vol. II. Formato maior (5).

(1) Damianvs a Goes.
Thucydides gentis enarrat geſta Pelaſgæ.
Romanis claret Liuius in Decaſin (σ IV)
Hic alia vt taceam ſerâ data ſcripta ſenectâ,
Æthiopvm accepit nomen ab Hiſtoria.

Eſta inſcripção é a que Schott *(Hiſpania,* vol. II, p. 825) cita como ſendo a de Arias Montano.

O retrato de 1817 *(Varões & Donas)* traz os meſmos verſos com as variantes:

Gentis Thucydides, etc.
*Romana* claret Livius *hiſtoria:*

(2) Eſte artiſta publicou as ſeguintes collecções de retratos:

Gallæus (Phil.) *Effigies XLIV doctorum virorum de diſciplinis bene merentium.* Antuerpiæ, 1572. Em 4.º e in-fol.

«Gravé d'après les originaux», accreſcenta Brunet, 5. edição, vol. II, p. 1464.

Gallæus (Phil.) *Effigies LI doctorum virorum qui bene de ſtudiis litterarum meruere.* Antuerpiæ, 1581 e 1587, in-4.º e in-fol.

(3) Appareceu na edição das obras latinas, impreſſa em Colonia em 1602, officina de Birckmann.

(4) Copiado do de F. Galle de 1572.

(5) Eſta collecção, doada a D. Joſé por Diogo Barboſa Machado, compõe-ſe de 857 retratos, diſtribuidos em 4 vol. (I, 274 retratos; II, 293 ret.; III, 149 ret.; IV, 141 ret.). *(Dicc. Bibl.,* VII-458.) A Bibliotheca do Rio de Janeiro ficou, indevidamente, com eſtas reliquias e com outras gravuras ainda de maior valor; a nação não auctoriſou, que nós ſaibamos, ſemelhantes eſpoliações. J. da Silva *(Dicc. Bibl.,* VII-84) dá a ſeguinte noticia, muito vaga, dos tres retratos de Goes, que eſtão no vol. II da collecção de Barboſa Machado:

«Em que entram dous, um maior e de excellente buril, e outro mais

s. d. Anonymo; da mefma collecção; antigo, gravado em madeira; fórma circular, formato pequeno.

O ultimo d'eftes cinco retratos talvez feja o efpecimen mais antigo, o typo que ferviu para os outros.

Concluimos, por hoje, efta nota; em breve voltaremos ao affumpto das gravuras, e fallaremos então de um retrato (pintura), que ficou inedito.

### c) THESOUROS D'ARTE PORTUGUEZES, EXISTENTES NO EXTRANGEIRO

Alguns livros de *Viagens,* ultimamente publicados, teem-fe occupado, mais ou menos, com affumptos d'arte. Teem-nos dito o que contém as principaes galerias do continente (1).

Melhor ferviço teriam preftado, fe nos houveffem defcripto os thefouros de certas collecções efpeciaes dos mefmos centros que vifitaram, *thefouros d'arte portuguezes,* aos quaes eftão ligados nomes e factos da noffa hiftoria.

Ninguem nos diffe até hoje que na *Schatzkammer* de Vienna *(Catalogo,* ed. 1873, p. 100, n.º 105) exifte uma das rariffimas obras primas da ourivefaria portugueza dos fins do feculo XV. É uma *falva de prata dourada;* a parte figurativa (trabalho abolhado), que repref enta fcenas da Biblia, cobrindo não fó o fundo, mas ainda as bordas da falva, eftá admira-

pequeno, aberto por Joh. Hogan. Ha outro de pau antigo, e pequeno, de fórma circular entre os numerados.»

O primeiro póde fer o de Galle, formato in-4.º ou fol., ou o de A. D. in-4.º; o terceiro é talvez a chave do enigma para fe refolver fobre os feis retratos.

(1) Queftão de mais ou menos nomes, que fe acham, de refto, mais correctos e mais completos nos *catalogos* das ditas galerias. Por galerias do continente deve entender-fe a do Prado em Madrid, a do Louvre, as de Munich e Vienna na Allemanha, a de Florença — e mais nada.

velmente trabalhada. Na rodela do fundo vêem-ſe as armas dos condes de Oriola.

Ninguem ainda nos diſſe que na galeria de Dreſden (n.º 626, *Cat.*, p. 170) eſtá um bello quadro, authentico, bem conſervado, e *aſſignado*, da eſchola portugueza de pintura do ſeculo XVI: a *Communhão de Santo Onofrio*, de Vaſco Pereira (*Vaſco Pereira Pictor*. 1583). Pertenceu á collecção de Louis Philippe, e podiamol-o ter comprado por 5 libras, que tanto cuſtou.

Ninguem nos diſſe até hoje que na *Ambraſer-Sammlung* de Vienna (*Cat.*, 1873, p. 26, n.os 18, 21 e 48) eſtão tres quadros, provavelmente portuguezes, do ſeculo XV; um bello retrato de D. João I (1) (1385-1443, com uma inſcripção latina, incompleta, por apagada), e dois retratos, mais bellos ainda, de ſua neta, a Infanta D. Leonor, filha de El-Rei D. Duarte e caſada com o Imperador d'Allemanha, Frederico III (Frederico IV como Rei dos romanos; Imperador em 1439; morreu em 1493). Eſta princeza caſou em Roma em 1452 (2) e morreu perto de Vienna em 1467. Ambos os retratos repreſentam a meſma doce e meiga expreſſão, graça ingenua e candida belleza; todos os tres ſobre taboa, a tempera, e bem conſervados, ſobretudo os da Princeza.

Ninguem ainda nos diſſe que na galeria ducal de Gotha ſe guarda uma das raras joias de Joſepha d'Obidos (Noſſa Senhora com o Menino dentro de uma cercadura de flores) (3).

Ninguem nos diſſe até hoje, nem palavra, das armas dos

(1) Vide o que dizemos a p. 87 ſobre o retrato de Jehan Malwel, enviado de preſente a D. João I pelo Duque de Borgonha.

(2) Vide o quadro alluſivo de Pinturichio em *Chefs-d'œuvres de la peint. ital.*, de Paul Mantz. Paris, 1870, fol., p. 159.

(3) H. J. Schneider: *Die Herzogl. Gemäldegallerie*, p. 59, abth. IX, n.º 12. As dimenſões do quadro ſão pequenas, como as dos outros da auctora, em geral.

conquiſtadores portuguezes (ſec. XVI), que eſtão na collecção do Principe Carlos da Pruſſia (irmão do Imperador), em Berlim.

Ninguem ainda nos diſſe que no *Muſeu nacional* de Munich ſe guarda, com o maior apreço, uma eſpada que foi de D. João III, e que é obra de Benvenuto Cellini, nem mais nem menos (1).

Ninguem nos diſſe, nem palavra, dos objectos portuguezes (mobiliario do ſeculo XVII) que eſtão no *Oeſterr. Muſeum f. Kunſt und Induſtrie* — e aſſim por diante.

Parece-nos que eſtes objectos ſão dignos da attenção dos noſſos viajantes, e que ha um meio mais proficuo de ſervir o paiz do que rhapſodiando catalogos de galerias.

### d) OS ESTUDOS D'ARTE EM PORTUGAL

A pag. 83 apontámos um phenomeno curioſo que ſe dá entre nós: os eſtudos d'arte eſtão ſendo tratados com uma profuſão de nomes e de titulos, que já de ſi prediſpôem para a deſconfiança que ſe nota no publico com relação a eſſa especie litteraria, iniciada apenas e já deſacreditada.

O publico tem de facto razão; eſſa riqueza de nomes e de titulos encobre apenas a pobreza de ideias; uma analyſe das fontes (2) d'eſſes livros, acabaria por reſtituir a ſeus donos o pequeno reſiduo que ficaſſe, depois de deſpidos os livros dos ſeus atavios eruditos. Ficaria o eſqueleto, ſe ficaſſe em pé.

(1) Eſta admiravel eſpada foi dada por D. João III ao Conde de Büren (general do tempo de Carlos V) e eſte deu-a ao Marquez de Brandenburg, Albrecht Alcibiades. Pertenceu á collecção Ansbach, que exiſtia em Erlangen no principio d'eſte ſeculo. D'alli paſſou, por compra, ao *Muſeu nacional*, com outros objectos da meſma collecção.

(2) Uma analyſe das fontes, applicada á noſſa litteratura *erudita* (ſic) moderna, daria reſultados flagrantes e miſerias incalculaveis.

Já examinámos atraz o que os noſſos viajantes ſe eſqueceram de dizer; examinemos agora, o que elles teem dito.

Reſtringir-nos-hemos ao exame de uma parte da queſtão, que ſe refere ao methodo de exploração das galerias extrangeiras e ao fim meſmo d'eſſa exploração, com relação a Portugal, deixando de parte a critica ſubjectiva dos auctores.

Eſſes livros de *Viagens* teem chamado a attenção ſobre algumas galerias de primeira ordem (Vide retro), mas esqueceram as condições eſpeciaes de deſenvolvimento da civiliſação allemã e italiana que promoveram a creação de centros artiſticos em numeroſas cidades, que nunca foram, nem ſão, nem ſerão nunca grandes centros de população (1). Os viajantes não vão lá, e por iſſo ſabem ainda menos da eschola allemã antiga do que da portugueza, até certo ponto ligada á primeira. Comtudo, na Allemanha lhes ſaberão provar, melhor do que nós o podemos fazer aqui, que não ſe póde aprender o *a b c* da moderna eſchola allemã ſem ſe ir estudar os cartões de Aſmus Carſtens (1754-1798), que eſtão no Muſeu de Weimar (2); que não ſe póde fazer ideia das antigas eſcholas allemãs da Franconia e da Suabia ſem ſe examinar com tempo a 1.ª ſala da galeria de Augsburg (eſcholas ſuabicas de Ulm e de Augsburg) e os quadros da *Moritzka-*

(1) Citaremos apenas as galerias importantiſſimas de algumas pequenas cidades, como Braunſchweig, Caſſel, Gotha, Augsburg. Eſta ultima eſtá a dous paſſos de Munich, conta 707 quadros, entre os quaes baſtantes de primeira ordem, e muitos de pintores que faltam em Munich; por iſſo o eſtudo d'eſta galeria é o complemento indiſpenſavel do eſtudo da galeria real de Munich; a meia hora de caminho de ferro da capital eſtá outra terceira galeria no palacio de Schleissheim (*Verzeichniss* de 1875, 106 pag.) que ſerve de depoſito aos quadros que não couberam na *Pinacotheca velha,* e conta 1:701 quadros (1:538 e mais 163 da galeria genealogica da caſa reinante), iſto é, mais 268 que a galeria principal de Munich. A dous paſſos da capital eſtão, pois, 2:400 quadros, que não exiſtem para os noſſos *touriſtes.*

(2) *Catal. des groſſh. Muſeums.* Weimar, 1869. N.os 1-30 da Abth. v.

*pelle,* em Nürnberg (1); que não ſe deve fallar dos Cranachs (1472-1533) ſem ſe ter eſtudado os ſeus quadros do Muſeu de Leipzig (2); que não ſe deve avançar juizo algum ſobre a eſchola de Colonia ſem um exame aturado dos quadros do Muſeu Wallraf-Richartz (3); que é indiſpenſavel fazer um eſtudo da galeria de Caſſel (4) para ſe abrir a bocca ſobre Rembrandt (5), e aſſim por diante.

Os noſſos viajantes eſcriptores ignoram todos que o *Inſtituto Städel* de Frankfurt poſſue as mais bellas joias e as mais authenticas das antigas eſcholas flamengas (6); — iſto é grave, hoje, quando tanto ſe falla e eſcreve entre nós ſobre eſſas an-

(1) São 101 quadros excluſivamente das antigas eſcholas allemãs e 40 das antigas eſcholas flamengas. (V. *Die königl. Gemälde-Gallerie in der St. Moritzkapelle* zu Nürnberg. Nürnberg, s. d. 8.º)

(2) São 6 de Cranach pae, 2 do filho e outros 4 da eſchola de C. (V. *Verzeichnis der Kunſtwerke im Städt. Muſeum* zu Leipzig, 1876 — 8.º de 125 pag. com 487 quadros.) Além d'iſſo 51 cartões da moderna eſchola allemã: Genelli, Jäger, Schnorr, Wiſlicenus, Cornelius, etc., com que ſe poderá completar o eſtudo dos cartões da eſchola allemã, principiado em Weimar. No 2.º andar do Muſeu eſtá uma collecção de 1:772 gravuras, que, coordenadas methodicamente em 13 ſalas, facilitam o estudo ſyſthematico da Hiſtoria da Pintura, deſde o ſeculo XIII até hoje.

(3) São 405 quadros da eſchola de Colonia, deſde 1358-1540. (V. *Katalog der Gemälde-Sammlung des Muſeums Wallraf-Richartz.* Köln, 1875, p. 11-76.)

(4) Figura n'eſta galeria com 28 quadros, quaſi todos de primeira ordem; antes dos roubos do commiſſario francez Denon, poſſuia a galeria, então de *primeira ordem,* 30 Rembrandt, 20 Breughel, 20 Van Dyck, 10 Potter (!), 25 Rubens, 9 Neefs, 20 Teniers, 11 van der Werff, 21 Wouvermann, etc. Hoje eſtão os 35 Remb. reduzidos a 28, os 20 Van Dyck a 17, os 10 Potter a 3 (!), os 25 Rubens a 19, os 20 Teniers a 7; de 2 Raphael falta 1, etc. Eis os reſultados das proezas de Mr. Denon.

(5) Eſta galeria conta, ſegundo o ultimo *Catalogo,* 1:392 quadros, dos quaes ſó metade (648) eſtá na galeria, eſperando a outra metade pelo novo edificio, que ſe eſtá conſtruindo.

(6) 1 Dirk Stuerbout, 1 Van-Eyck *(Madonna di Lucca),* 1 Peter Chriſtus, 2 Roger van der Weyden (ſendo um triptyco), 1 Hans Memling, 1 Lucas van Leyden, 1 Quintyn Meſſys — tudo authentico e de primeira ordem; mais 1 eſchola de Memling, 1 eſch. Van-Eyck, e 4 eſch. Roger, tambem de grande valor. (V. *Verzeichniſſ,* etc., ed. de 1873, p. 87-92.)

tigas eſcholas (1) de Flandres e de Brabant. Os noſſos viajantes portuguezes poderiam preſtar um excellente ſerviço aos noſſos viſinhos da Heſpanha, ſe quizeſſem ter o trabalho de ir a Stuttgart (2) e fazer um inventario artiſtico dos bellos e numeroſos *quadros heſpanhoes* d'aquella galeria, e ſe déſſem mais um paſſo até Darmſtadt (3) e um pequeno ſalto até Leipzig, para fazer o meſmo n'uma e n'outra cidade com os quadros da meſma eſchola (4).

(1) Os noſſos ſabios inveſtigadores atiraram-ſe logo aos problemas mais difficeis da Hiſtoria da Pintura, como ſão os que dizem reſpeito a eſſas antigas eſcholas.

(2) São: 2 Murillos (n.os 71 e 316); 1 Herrera, *el viejo* (n.º 265); 1 Zurbaran (n.º 249); 1 Morales (n.º 328); 1 Velaſquez (n.º 321); e mais 7 quadros da eſchola heſpanhola, cuja claſſificação ainda não eſtá feita; um d'elles é da antiga eſchola. (V. *Prov. Catalog.* Stuttgart, 1876.)

A galeria poſſue 723 quadros; figuram n'elles muitas telas admiraveis da eſchola veneziana. O fundo da galeria compõe-ſe da antiga collecção *Barbini Breganze,* de Veneza.

(3) São: 1 Alonſo Cano, beliſſima madona; 1 Murillo, e 2 da eſchola Cerezo (?) e Antolinez (?); todos tres, porém, admiraveis; 1 Navarrete (el Mudo), retrato de dama; 1 Ribera; 2 attribuidos a Velaſquez.

(4) São: 13. Cano (3); Iriarte (1); Murillo (2 Madonas belliſſimas); eſchola do meſmo (1); Ribera (1); Tobar (1); eſch. heſpanhola incerta (3); Cerezo (1). Temos, pois:

| | |
|---|---|
| Em Stuttgart, heſpanhoes | 15 |
| » Darmſtadt | 7 |
| » Leipzig | 13 |
| | 35 |
| Notaremos de paſſagem que a Galeria de Dreſden poſſue: heſpanhoes | 40 |
| » de Vienna | 20 |
| » de Munich | 41 |
| » de Augsburg | 8 |
| » de Berlim (com a coll. Suermondt) | 30 |
| » de Caſſel | 5 |
| Temos pois, avaliando por alto, já | 179 |
| nas principaes galerias de Allemanha; com os do Louvre, 25; da Ermitage de S. Petersburgo *(Livret de la galer. impériale de l'E. de Saint Petersbourg.* S. Petersb., 1838, 8.º de 531 pag.), 110... | 135 |
| | 314 |

Vimos todos os quadros e galerias citadas n'eſte capitulo, menos a de S. Petersburgo.

De outro bom ſerviço, apontando-nos os valioſos theſouros d'arte, portuguezes, que exiſtem nas collecções das mesmas capitaes que dizem ter viſitado, já fallámos (1).

Parece-nos havermos provado, que o *methodo* de exploração dos noſſos viajantes não é o que devia ſer; e que não ſe percebe o *fim* d'eſſa exploração, porque para *glaneur* a erudição ſeria luxo; eſtamos, pois, frente a frente, com *criticos,* que levam a critica a ponto de corrigir as claſſificações dos catalogos officiaes.

Nós objectamos (e comnoſco o publico): o que nos importa os milhares de quadros das galerias — embora ſejam quadros celebres (conhecidos de todos), ſe nenhum d'elles nos dá um unico elemento para a reſolução do problema da arte nacional?

Eſſe problema tem de ſer eſtudado nas galerias de Hespanha, da Belgica, da Hollanda e nas galerias da Allemanha, nos proprios centros com os quaes eſtivemos em contacto quaſi diario nos ſeculos XV e XVI.

Sem o conhecimento do *Itinerario das emigrações artisticas* (2) para a peninſula nos ſeculos XV e XVI, nada ſe alcança para o problema nacional, e eſſe itinerario não exiſtia nem em esboço; eſtabelecemol-o nós n'eſte trabalho. O problema nacional é o que menos preoccupa os noſſos criticos, apeſar de *nacional;* a razão é obvia: porque é o mais difficil.

### e) ESTIVERAM PETRUS CHRISTUS (SEC. XV), CORNELIS VROOM E P. P. RUBENS EM PORTUGAL?

O *Relatorio* da commiſſão nomeada para a reforma do enſino artiſtico (Lisboa, 1876, 8.º, p. XXXV) cita os artiſtas fla-

(1) Vide o capitulo antecedente, p. 150-152.
(2) Vide ſobre eſſe *Itinerario* a noſſa Introducção.

mengos que viſitaram eſte paiz: Jan van Eyck, Pieter Chriſtophſen, de Vroom, Anthonis Moor, Rubens (1).

Deixemos de parte o primeiro e penultimo, cuja viſita a Portugal é facto incontroverſo. Não ſabemos que razão ha para incluir o nome de Pieter Chriſtophſen na liſta — a não ſer uma linha de Michiels *(L'architecture et la peinture en Europe,* 3.ª ed., Paris, 1873, p. 399). Fallando de Jan Van-Eyck diz: «le maître habile était-accompagné de ſon famulus Pierre Chriſtophſen», etc. Se o auctor do *Relatorio* ſe fundou ſó n'eſta auctoridade *(que não é auctoridade;* diremos por que razão) póde riſcar o nome da liſta. Vaſari (edição *Lem.)* cita Chriſtophſen (Pietro Chriſto, que é o meſmo) em duas partes (Vol I, p. 163, e XIII, p. 449, nota 3), mas não diz palavra da ſua viagem a Portugal; o *Abecedario pittorico* (ed. de 1776) fallando do meſmo artiſta (p. 1056) guarda o meſmo ſilencio. O Conde de Raczynski, que primeiro trouxe á luz a viagem de Jan Van-Eyck a Portugal (p. 195), não diz palavra de Chriſtophſen, nem em *les Arts,* nem no *Dict.* Madrazo não diz uma palavra da viagem de Chriſtophſen em nenhum dos ſeus catalogos; o ſnr. C. Villaamil tambem nada diz no ſeu *C. del muſeo nacional.* O Conde de Laborde, ao qual ſe devem os melhores trabalhos ſobre a vida do velho pintor, nada diz; nada diz ainda o excellente *Catalogo* do Muſeu de Antuerpia nos ſeus documentos. Conſultámos tudo debalde.

Mais: Crowe & Cavalcaſelle (ed. Springer), que fallam largamente d'eſte artiſta (p. 140-154), guardam o meſmo ſilencio; com Cean Bermudez ſuccede o meſmo; os quadros de Chriſtus que exiſtiam em Heſpanha, iſto é, os que Crowe e Cavalcaſelle lhe attribuem (p. 143 e 150) e os quadros ainda exiſtentes em Madrid, no Prado (p. 147 e 153), foram impor-

(1) Sobre a ſignificação d'eſte *Relatorio* vide a noſſa analyſe: *A Reforma de Bellas-Artes.* Porto, 1877, 8.º de VIII-71 pag.

tados de Flandres, ſegundo os meſmos auctores (p. 143), com os de Roger.

Michiels não é *auctoridade,* apeſar dos ſeus nove groſſos volumes ſobre a *Hiſtoire de la Peinture flamande* e da *réclame* que os editores e amigos do auctor puzeram em ſcena; já ha tempos aviſámos *(Conde de Racz.,* p. 52, nota 86) o publico ácerca das leviandades do auctor, que ſe deſacreditou completamente, deſde as ſuas celebres *bévues* a reſpeito da galeria de Caſſel. (Vide *Beiblatt zur Zeitſchrift f. bild. Kunſt,* 1875, p. 450.)

Para ſe apreciar Michiels baſtaria analyſar a ſua *pruſſophobia;* os inſultos mais ignobeis, *hors d'œuvre* de peſſimo goſto n'uma obra ſobre a arte, chovem ſobre a Allemanha na obra citada: *L'architecture,* etc., p. 33-286-296-299-312-368-379-384-448-455); mas iſſo não impede o ſnr. Michiels de ir copiando os auctores allemães da eſpecialidade, os barbaros e ignorantiſſimos allemães, que ſão: Rumohr (p. 141-161-163-205); Kugler (152-383-385-389); Lübke (210-449); Goerling (372-385-388); Burckhardt (383-385-389); Hotho (301-303-373-386); Merlo (381-383); Förſter (294-383-386); Fiorillo (387); Buſching (387); Paſſavant (434), e outros eſcriptores ſobre hiſtoria da arte, não fallando em Hegel (p. 37, 44, 69, etc.).

Para dar uma ideia da veracidade de Michiels, citaremos um facto flagrante. Michiels entretem-ſe de pag. 10 a p. 25 *(Origine de l'architecture gothique; L'architecture gothique eſt née en France)* a repetir em 15 paginas, que os eſcriptores allemães ſe negaram até ha pouco, 1868 (Vide o que diz a p. 449), a reconhecer á França a *prioridade do eſtylo gothico;* ora a Allemanha havia deſde 1851 (até deſde 1839 (1),

(1) M. O. Geſſert, *Geſchichte der Glaſmalerei,* Stuttgart, 1838, 8.º, p. 111, diz: «... o qual eſtylo germanico, que já no ſeculo XIII tinha, partindo da Allemanha, ou *antes da França ſeptentrional,* paſſado para a Heſpanha», etc.

data em que Mr. Michiels não tinha ainda nafcido, litterariamente) reconhecido á França effe merecimento pela bocca de um dos feus efcriptores d'arte mais notaveis (V. G. Semper. *Wiffenfchaft, Induftrie und Kunft.* Braunfchweig, 1852, 8.º, p. 40). Sobre o valor hiftorico do feu livro, bafta dizer que Michiels ainda repete, em 1873, as fabulas fobre a mulher de Dürer (p. 228, 394, 391), já refutadas por Thaufing em 1869 *(Zeitfchrift,* vol. IV, p. 33 a 42 e 77-86), o affaffinato commettido por Andrea del Caftagno (p. 165); ignora que o *cartão* de Miguel Angelo (em concorrencia com Vinci) foi defcoberto... ha annos, etc., etc.

A dar credito a Michiels (Préface, VIII), foi elle que creou a *Hiftoria da Pintura flamenga.* O Conde de Laborde, que no dizer de Waagen e Paffavant preftou os primeiros e maiores fervi̧os n'effe affumpto, merece ao fnr. Michiels, que o explorou *à tort et à travers* nos feus volumes, uma unica menção, para lhe chamar *le prétentieux* marquis (fic) de Laborde. Note-fe que o Conde era exceffivamente modefto, apesar de fer um fabio de primeira ordem — em tudo o contrario do fnr. Michiels.

Os feus tres volumes fobre os *Ducs de Bourgogne* contém nada menos de *7434 documentos ineditos* fobre a Hiftoria das artes no feculo XV, que elle defenterrou dos antigos archivos da côrte de Borgonha. É defneceffario citar aqui os outros importantiffimos e numerofos trabalhos do Conde fobre a Hiftoria da Arte em França e na Belgica, fobre uma nova organifação das Bibliothecas de Paris, fobre a *Hiftoria da Imprenfa,* e *Hiftoria da Gravura* em madeira, etc., etc.

Voltemos porém ao volume do fnr. Michiels.

A fua caracterifação de *eftylo gothico* é miferavelmente pobre, a analyfe do *fyftème organique* (!) confufa e abfolutamente inutil, fe não foffem as 33 linhas de Laffus (p. 70-71), que diz o effencial n'effas poucas linhas. Onde porém a igno-

rancia dos modernos trabalhos excede o limite do poſſivel é na paſſagem relativa á invenção da pintura a oleo (p. 318 e ſeguintes); Michiels repete, pela millioneſima vez, deſde Van-Mander e Vaſari, que foi Jan van Eyck que inventou eſſe proceſſo. Tres annos, repetimos, *tres* annos antes da 3.ª ed. do livro de Michiels, havia um artigo de Selvatico, na *Nuova Antologia di ſcienze, lettere ed arti,* 1870, p. 507, collocado a queſtão, finalmente, nos devidos termos. Michiels, que lê tudo, não paſſou os olhos ſobre eſſe artigo importante, nem ſe dignou lançar um olhar ſobre o eſtudo capital de A. Ilg, *Ueber die hiſtoriſche Entwickelung der Oelmalerei ſeit den älteſten Zeiten bis in die Periode der Gebrüder van Eyck,* no vol. IV das *Quellenſchriften,* etc., p. 147-190, tantas vezes citadas por nós. Não fallamos no eſtylo emphatico pueril, cheio de divagações ridiculas e comparações groteſcas (p. 195, 196, 212, 232, 346), *hors d'œuvres* (p. 208, 283), no caracter anecdotico, *ad uſum delphini* (p. 168, 208, etc.), no tom e eſpirito, propriamente baixo, da obra; ſirva de exemplo o ſeguinte; trata-ſe de Raphael: «Un excès de volupté dans les bras de la vigoureuſe Fornarine lui ayant donné la fièvre, des médecins inhabiles le ſaignèrent», etc. (p. 209, linhas 7-9).

Voltemos, porém, ao *Relatorio.*

Do pintor de Vroom dá noticia o *Abecedario,* p. 327 (ed. de 1776), onde ſe diz que eſtudou em Sevilha com um pintor allemão, e em Roma com Paul Brill; depois de ter viſitado toda a Italia, voltou á Hollanda (ſic) e d'alli a Heſpanha, e ahi pintou muito bem batalhas navaes e payſagens.

Eſtas noticias tirou-as o *Abecedario pittorico* de Sandrart, fol. 274. Raczynski nada diz d'eſte artiſta, nem C. Bermudez.

Rubens eſteve na peninſula, mas ſó em Heſpanha, pelo que ſabemos (1). Raczynski cita apenas um unico quadro authen-

(1) Segundo C. Bermudez, IV-258-267, viſitou a Heſpanha tres vezes.

tico d'elle (*Arts*, p. 259). Vimos em Guimarães, em 1868, em poder de um particular, um bello retrato de mulher de Rubens, aſſignado *P. P. Rubens*.

Ha apenas um auctor que ſe refere vagamente á vinda de Rubens a Portugal. É Deſcamps (*Vies des Peintres flamands*, 1753-1764, vol. I, p. 299). O facto revelado tem o caracter de anecdota. Deſcamps conta o ſeguinte:

«Tendo elle ſido convidado pelo Duque de Bragança, depois D. João IV, rei de Portugal, ao palacio de Villa-Viçoſa, partiu de Madrid com tão luzido eſtado que o Duque, receiando as deſpezas da hoſpedagem, enviou um correio ao ſeu encontro pedindo-lhe que adiaſſe a viſita e offerecendo-lhe 50 ducados pela perda do tempo. Rubens declinou a offerta e reſpondeu friamente, que elle não viera para pintar, mas para divertir-ſe alguns dias em Villa-Viçoſa e havia mettido, para eſſe fim, mil *piſtoles* na ſua bolſa.»

Não ſe podendo referir eſte episodio á primeira viagem de Rubens (cerca de 1608; D. João IV tinha então quatro annos), nem á ſegunda (em 1628; D. João IV não era então Duque de Bragança, mas ſim Duque de Barcellos, até 1630) (1), nem á terceira, feita em 1629 (2), pela meſma razão anterior — recahe o facto no dominio da anecdota apocrypha. Stirling (*Annals of the artiſts of Spain*. London, 1848, 3 volumes, vol. II, p. 545, nota), talvez o unico auctor que citou, depois de Descamps, o epiſodio, diz:

«... agrees neither with his (D. João IV) years nor with his liberal diſpoſition and magnificent mode of life.»

«Na verdade, a grandeza de animo de El-Rei D. João IV, em tudo o que era da arte em geral (Raczynski, *Dict.*, p. 18,

(1) Vide o noſſo *Enſaio*, p. X, nota 1.

(2) Cean Bermudez, IV, p. 267. Em 1630 eſtava Rubens já em Antuerpia, com reſidencia fixa. Não chegamos ainda a vêr o eſtudo do ſnr. C. Villaamil: *Rubens, diplomático eſpañol*. Madrid, 1874.

biogr. do pintor Joſé d'Avellar Rebello), e não ſó da muſica, deſmente eſſa ridicula anecdota.»

Eis a que ſe reduz a triplice affirmação do auctor do *Relatorio*. Parece-nos que n'um trabalho *official* devia haver um pouco mais cuidado na affirmação e *documentação* (que falta alli) de factos hiſtoricos.

As queſtões ſobre a hiſtoria da arte em Portugal eſcuſam de ſer mais baralhadas do que já eſtão.

# V

## SOBRE AS RELAÇÕES DE PORTUGAL COM A ITALIA

### a) FRANCISCO DE HOLLANDA

As noſſas relações artiſticas com a Renaſcença italiana estão ainda menos eſtudadas do que as que ſuſtentámos com os paizes de Flandres e com a Allemanha. Sabe-ſe que El-Rei D. João II mandára pedir a Lorenzo de' Medici um architecto (1), que trabalhou nove annos em Portugal; que El-Rei D. Manoel mandára cincoenta jovens artiſtas (de que mal ſe conhecem os nomes) á Italia, para alli eſtudarem pelos melhores modêlos, mas iſto é tudo. E nem eſte pouco foi aproveitado. Entretanto, a paſſagem de Contucci por Lisboa, e ſobretudo por Coimbra (onde o terremoto não deſtruiu tudo, como ſuccedeu na capital) é evidente; a influencia da aprendiſagem dos cincoenta penſioniſtas na Italia é não menos evidente nas reliquias, que nos reſtam das pinturas nacionaes.

Uma parte dos enigmas, por aſſim dizer, das declarações

(1) Roſcoe. *Lorenzo de' Medici*, ed. Spielh., p. 194. Foi Andrea Contucci (1450-1529) natural de Monte Santa Sabina, ou Sanſovino. O nome Sanſovino encontra-ſe ainda nos pintores Veltroni e Michele Tatta, e Nicolo Soggi; nos architectos Domenico da Sanſovino e no illuſtre Jacopo Tatti.

ſingulares de Franciſco de Hollanda nos ſeus *Dialogos,* disſolvem-ſe, eſtudadas que ſejam as noſſas relações com a Renaſcença italiana (2.º e 3.º periodo), a influencia d'eſta e as contra correntes da tradição flamenga.

Franciſco de Hollanda poderá, á primeira viſta, parecer algum tanto exagerado nos ſeus ditos, e injuſto nas ſuas apreciações, mas convem notar que elle fallava de *uma arte* e não de todas as quatro; convem eſtudar primeiro o movimento, a marcha progreſſiva de cada uma d'ellas.

Não é aqui o logar de fazer uma demonſtração, que ſeria demaſiado extenſa n'uma nota illuſtrativa; comtudo, julgamos ter na mão os documentos e os factos, que collocarão as affirmações de Hollanda na devida luz e razão.

A inercia, o desfallecimento dos animos na côrte de D. João III, que Franciſco de Hollanda deplora e condemna com tão admiravel coragem, era ſimpleſmente o reſultado da effervefcencia, do trabalho de aſſimilação, mal realiſada, e da abſorpção de elementos de cultura, mal digeridos, que tinham invadido a capital, quando Lisboa, em menos de um decennio, paſſou, de uma pequena cidade que era, a ſer o emporio, o centro coſmopolita, que contava em 1520 mais de 200:000 almas (1).

Franciſco de Hollanda não indagou as cauſas; apontou o eſtado de decadencia e condemnou-o. El-Rei D. João III mandára-o á Italia; chegado alli, achou-ſe rodeado de maravilhas e de *homens completos,* no ſentido mais nobre da palavra, homens cujos caracteres excediam em merecimento o valor das proprias creações geniaes (2).

(1) A unica cidade da Europa que talvez ſe podeſſe medir com Lisboa era Antuerpia.

(2) Vittoria Colonna dizia a Miguel Angelo: « ... as peſſoas, que não vos conhecem, eſtimam de vós o que tendes de menos perfeito, iſto é, as obras de voſſas mãos. »

O noſſo artiſta entrou no circulo dos poucos eleitos, que ſe reuniam nos clauſtros de S. Silveſtre em Monte-Cavallo; a convivencia com Miguel Angelo, Vittoria Colonna, e Lattantio Tolomei nas paleſtras ſemanaes, e o trato diario com artiſtas como Sebaſtiano d'el Piombo, Perino del Vaga, Baccio Bandinelli, Giulio Clovio, e outros; o eſtudo conſtante, á porfia, em trabalhos proprios e alheios (1) — o progreſſo viſivel, quaſi palpavel, nos eſtudos da arte, collocaram Franciſco de Hollanda em poucos annos n'uma altura de critica em que elle não podia vêr, fóra da Italia, ſenão pygmeus, ou, quando muito, ſatellites de ſegunda e terceira ordem. O que elle conta das ſuas converſas com Miguel Angelo, e das paleſtras em Monte-Cavallo, tem uma feição authentica, por uma certa ingenuidade da parte do narrador, e um ligeiro toque de amigavel ironia da parte dos outros interlocutores, incluſive da parte da Marcheſa de Pescara e do bom Arcebiſpo de Conſa.

Comtudo, o portuguez era bem viſto, e ſoube, ainda moço, grangear a amiſade de um homem como Miguel Angelo, que fechava a porta ao proprio Paulo III. A prova acha-ſe n'uma reliquia, cuja data é poſterior ao *ms.* dos *Dialogos,* e que damos pela primeira vez em Portugal, onde não foi ainda lembrada por ninguem:

«MOLTO MAGNIFICO SIGNORE.

Il grande dono che Dio ci concede dela vita non è ragion che noi lo perdiamo, ma da poi da rendergli per ciò inefabili grazie, è conveniente che noi lo recuperemo con ſaper di quelli che honorevolmente vivono, come è V. S. Et anchor che le

(1) Hollanda eſtudou, com incanſavel ardor, todos os monumentos mais notaveis da Italia; o riquiſſimo livro de deſenhos do Eſcurial é prova d'iſſo, e de que utiliſou bem o ſeu tempo. A *Academia,* de Madrid, fallou ha pouco d'eſſe livro, eſquecendo-lhe dizer que o ſnr. Cruzada Villaamil já deu ha *quatorze annos* noticia, extractos e gravuras d'eſſe precioſo *ms.* (*El Arte en España,* 1863, fol., vol. II, p. 113 e ſeguintes.)

continue fatichi e diffaggi del pafato me hanno tolto ogni estudio e recordatione non hanno potutto torme tutavia la buona memoria de la S. Voftra, e il domandar fempre novelle della fanità e vita fua, che a me pur fonno fi chare come a tutti gli foi più cari amichi; e penfo io che in tutte quele cofe che dal fommo Idio vengono a la S. V. che anchor in quele me fa a me infinita gracia e gli fonno io obligato. Et per non perder quefta amicitia, ho voluto fcriver quefta, acciò che mi facia intendere apieno come fi ritrova adeffo in quefti filici giorni de fua vecheza, ove io penfo che lui non fi exercita in manco lodevole opere dei buoni efempj de eroica vertù, che quele che fanno le fue mani de imortale lodi ne'l arte de la pittura. Et per il grande amore che io tengo a le cofe rare, maxime a a le de voftra fignoria del tempo che io fui in Roma gli prego che de fua mano mi faccia gracia di mandarme alcun defegno in memoria delle opere fue, anchora che più non fia che qualque linia o profilo come le dell'antico Apelle, acciochè me fia un vero fegno de la fanità de la S. V. et etiandio una ferma recordacione di noftra amicitia. Prego a V. S. mi refcriva et mi faccia intendere fe è pur vivo m. Lattantio Tolomei mio grande patrone et cariffimo amico voftro. Il fommo et immortale Dio conferve la S. V. molti anni acciochè da po' quefto noiofo corfo de la vita, le dia fua perfetta pace nel cielo. Mio patre Antonio d'Olanda fi racomanda a la S. V. con effo me enfieme. De Lixbona xv d'agofte 1553.

Voftro *Francefco d'Olanda.* » (1).

Por efta carta fe conhece que Francifco de Hollanda continuava nas melhores relações com o grande artifta, e que o

(1) Tirada do archivo Buonarotti por Gotti. (*Vita di Michelangelo*, 1875, 8.º, vol. 1, p. 246 e 247.)

proprio Antonio de Hollanda merecia ſer lembrado, ainda em 1553, ao florentino.

Foi decerto por intervenção de Hollanda que D. João III fez a Miguel Angelo a encommenda de uma Noſſa Senhora da Miſericordia (1); foi talvez feita pela meſma via outra encommenda de D. João III a Benvenuto Cellini (2). A encommenda de 70 ducados de ouro de tintas finiſſimas (3), feita ao agente Balthazar de Faria, em Roma, não podia ſer executada ſenão por um pintor perito, como Hollanda, aliás recebia a Rainha D. Catharina, em logar das tintas finiſſimas, que pedia, qualquer droga falſificada, como as havia então nos mercados. Aſſim vemos Franciſco de Hollanda fazendo na Italia o papel que Goes repreſentava em Flandres e na Allemanha; um, intermediario nas noſſas relações com a Renascença allemã; outro, com a Renaſcença italiana.

Os manuſcriptos de Hollanda ſão ainda hoje a unica fonte de conſulta para certos problemas nacionaes e internacionaes.

FIM.

(1) «Michael Angelo mente todo o poſſivel co'a couſa de Noſſa Senhora da Miſericordia. Parece-me que quer dinheiro. Eilho de dar por concluir coele.» Carta de Balthazar de Faria, achada na Torre do Tombo pelo ſnr. Ramos Coelho. (Coll. Moreira, Quadro 2.º)

(2) Vide o que dizemos a p. 152, nota 1.

(3) Vide a Carta da Rainha, de 13 (?) de Janeiro de 1545, citada pelo ſnr. Ramos Coelho.

# INDEX

PAG.

Introducção ..... v

Fontes ..... xviii

I — Intervenção de Portugal na ſcena Europêa (1499) ..... 1–12

II — Albrecht Dürer em Antuerpia. — Os ſeitores de Portugal .. 13–23

III — Alberto, Duque da Baviera, nas ſuas relações com a peninſula (1550–1579) ..... 24–31

IV — Dürer e a Feitoria portugueza (1520–1521) ..... 32–54

V — Influencia de Dürer na peninſula e eſpecialmente em Portugal:

*a)* Influencia practica e theorica de Dürer em Portugal. 55–64

*b)* Influencia de Dürer em Heſpanha ..... 64–77

Recapitulação:

— Influencia europêa de Dürer no ſeculo xvi ..... 79–84

Addenda:

I — Sobre as relações de Portugal com a côrte de Borgonha (ſec. xv e xvi):

*a)* A chronologia d'eſſas relações ..... 85–90

*b)* A embaixada em que veio Jean van-Eyck a Portugal. 91–92

*c)* Os retratos da Infanta D. Iſabel, Duqueza de Borgonha ..... 92–98

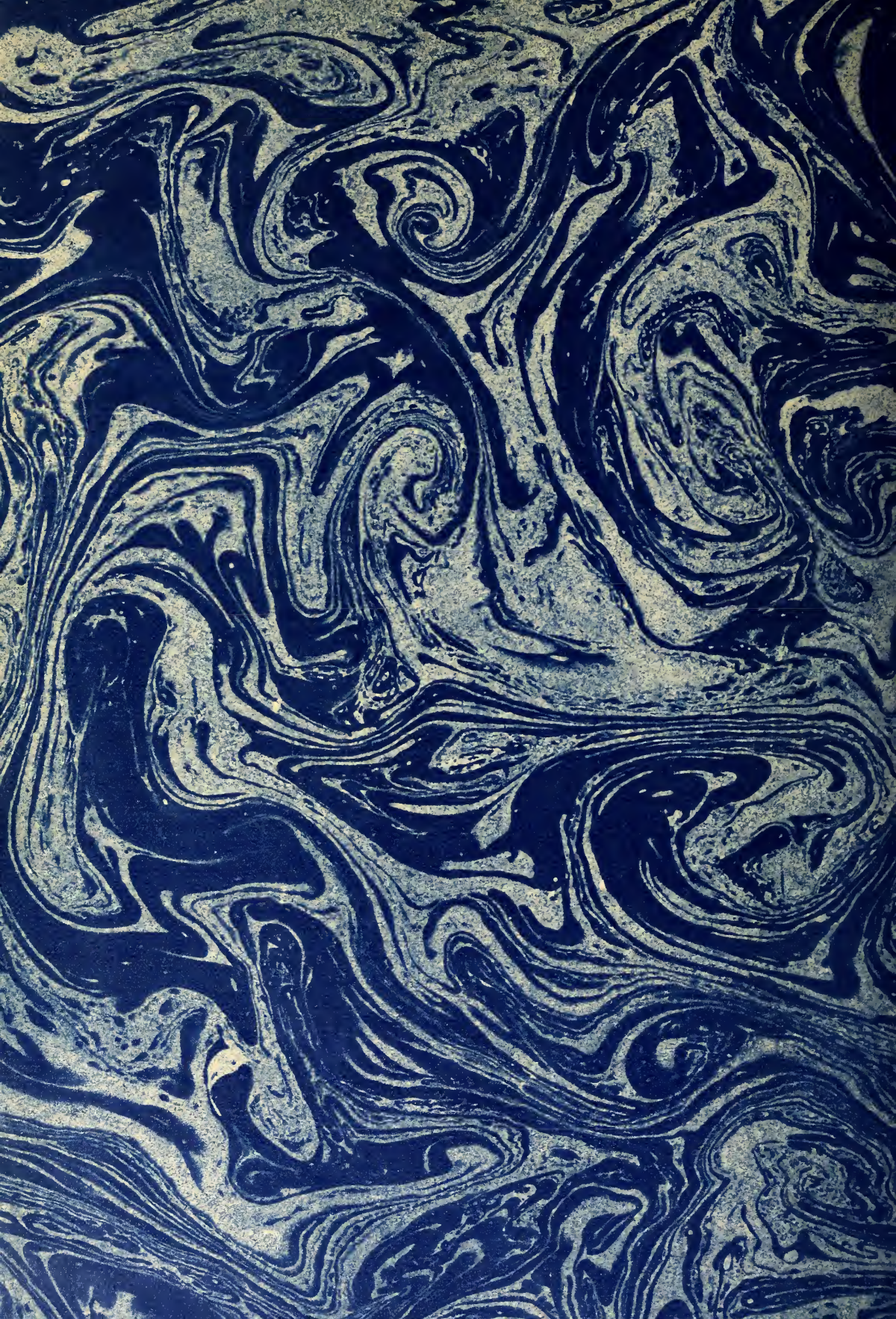
*d)* Vida da Infanta D. Iſabel, Duqueza de Borgonha .... 98–103

*e)* Os Martins, familia de artiſtas de Gand ..... 103–108

PAG.

II — Sobre as relações de Portugal com a Allemanha:
*a)* Damião de Goes e a Renaſcença allemã..... 109–119
Os Fugger..... 119–121
*b)* Emigração de allemães para a peninſula..... 121–125
III — Sobre o commercio de Portugal nos ſeculos xv e xvi:
*a)* A politica economica de El-Rei D. Manoel..... 126–136
*b)* Sobre o commercio oriental das eſpeciarias..... 136–142
*c)* A Feitoria de Portugal em Antuerpia..... 142
IV — Varia fórma:
*a)* Retrato de Carlos v, por Dürer..... 143–145
*b)* O retrato de Damião de Goes, por Dürer..... 145–150
*c)* Theſouros d'arte portuguezes, exiſtentes no extrangeiro..... 150–152
*d)* Os eſtudos d'arte em Portugal..... 152–156
*e)* Eſtiveram Petrus Chriſtus (ſec. xv), Cornelio Vroom e P. P. Rubens em Portugal?..... 156–162
V — Sobre as relações de Portugal com a Italia:
*a)* Franciſco de Hollanda..... 163–167

90-B34562



GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00014 0323